

Faculdade Meridional – IMED
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Escola de
Arquitetura e Urbanismo IMED (PPGARQ-IMED)

Paula Fogaça

**PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL: A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM
VERANÓPOLIS/RS – BRASIL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Meridional, na linha de pesquisa Morfologia, usos e apropriações das Edificações e dos Espaços construídos, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Sob orientação da Prof. Dra. Alina Gonçalves Santiago e coorientada pela Prof. Dra. Caliane Christie Oliveira de Almeida.

Passo Fundo
2019

CIP – Catalogação na Publicação

F655p FOGAÇA, Paula

Patrimônio e paisagem cultural: a imigração italiana em Veranópolis/RS –
Brasil / Paula Fogaça. – 2019.

272f. ;30 cm.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Meridional – IMED, Passo Fundo, 2019.

Orientadora: Prof. Dra. Alina Gonçalves Santiago.

Coorientadora: Prof. Dra. Caliane Christie Oliveira de Almeida.

1. Arquitetura – Veranópolis, RS. 2. Patrimônio cultural – Veranópolis, RS. 3.
Imigração italiana – Veranópolis, RS. I. Santiago, Alina Gonçalves, orientadora.
II. Almeida, Caliane Christie Oliveira de, coorientadora. III. Título.

CDU: 72(816-5)


Catalogação: Bibliotecária Angela Saadi Machado - CRB 10/1857

Autor/a: PAULA FOGAÇA

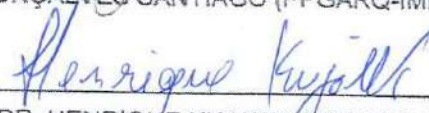
Título: PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL: A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VERANÓPOLIS/RS - BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Arquitetura – da IMED, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

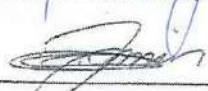
Passo Fundo, RS, 04 de fevereiro de 2019.




PROF.^a. DR.^a. ALINA GONÇALVES SANTIAGO (PPGARQ-IMED) – Presidente



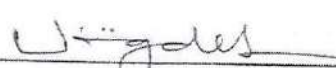
PROF. DR. HENRIQUE KUJAWA (PPGARQ-IMED) – Membro



PROF. DR. DIRCEU PICCINATO JÚNIOR (PPGARQ-IMED) – Membro



PROF. DR. DANIELE PARBUONO (Chongqing University of Arts and Sciences) – Membro



PROF.^a. DR.^a VIRGÍNIA GOMES DE LUCA (IPHAN-SC) – Membro

Caminhos Coloniais

As estradas se distendem pelos vales, pelos montes. Longas, pardas, vão cortando os rios e os horizontes. São Leopoldo. Novo Hamburgo. Alto da Linha Feliz. Eis Vicentina. Eis Caxias, dinâmica e genetriz.

Numa Concha, transbordante de cachos de uva e de mel, expande-se, industriosa, a antiga Dona Isabel. Os caminhos se desdobram em todas as direções, aproximando, ligando, cidades e corações.

Nova Trento, Garibaldi, cheias de pão e de vinho. Veranópolis, erguida em pleno céu como um ninho. Erechim, Antônio Prado. Nova Prata, Guaporé, centros de vida e trabalho, reservatórios de fé.

Da cepa dessas matrizes de aspecto próspero e lindo, outras vergônteas, felizes, aqui e ali vão surgindo. Os pomares vos acenam com os seus braços plurais. E tudo é verde, em contraste com o loiro dos trigais.

Onde era a selva, nas margens das estradas serpentinadas, surgem albergues, e adegas, e moinhos e oficinas. Multiplicam-se os vinhedos, entre restos de pinhais, porque pinhais propriamente, meu Deus, não existem mais.

Ora, em lugar dos pinheiros e dos cetos centenários, se elevam flechas e cruzeiros de igrejas e campanários. Nossa Senhora da Candelária, Santa Rita, São Gregório, São Francisco, Santa Clara, Santo Afonso de Ligório...

Todo um séquito glorioso de madonas e de santos, ao longo destes caminhos tem sua devoção. Mas, entre oráculo tantos, que descortina o viajante, é o frade casamenteiro, é Santo Antônio o campeão.

(Mansueto Bernardi) ¹.

¹ Mansueto Bernardi (Pagnano di Asolo, 20 de março de 1888 - Veranópolis, 9 de setembro de 1966) foi um escritor, poeta e político ítalo-brasileiro. Veio recém nascido para o Brasil com sua família, que se instalou em Lajeado, Veranópolis. De 1918 a 1930 foi fundador e diretor da Revista do Globo. Foi responsável pelo lançamento de nomes como Êrico Veríssimo. Participou no movimento que veio a culminar na Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas, de quem era amigo, à presidência do Brasil. Em 1931, foi nomeado diretor da Casa da Moeda tendo elaborado o projeto da criação do sistema monetário nacional, que tinha por base o cruzeiro. A casa que construiu em 1946, a *Vila Bernardi*, onde residiu nas últimas duas décadas de sua vida, com sua biblioteca de 3500 livros, é hoje ponto turístico da cidade de Veranópolis. Foi sepultado no Cemitério dos Imigrantes, na comunidade rural de Lajeado.

Dedico esta pesquisa ao André R. Benedeti pelo amor e incentivo.
E a todos os imigrantes que partiram (e que ainda partem) de sua terra natal para reconstruir
suas vidas em uma nova pátria.
Se un uomo è gentile con uno straniero, è un cittadino del mondo, e il suo cuore non è un'isola
separata dall'altra, ma un continente che li unisce.
Se um homem é gentil com um estrangeiro, ele se mostra um cidadão do mundo e seu coração
não é uma ilha separada do outro, mas um continente que os une.
(Francesco Bacone).

AGRADECIMENTOS

Deus.

Luciane Fracasso Lunardi pela dica em um dia fatídico fazendo compras.

Gisele Martins da Cunha juntamente com Secretaria de Turismo da Prefeitura de Veranópolis/RS pela oportunidade.

Aos membros da Rota Segredos da Maçã, por permitirem que eu pudesse participar e contribuir com pesquisas durante a estruturação da rota.

Aos moradores de Monte Bérico e Lajeadozinho que fizeram com que eu me apaixonasse profundamente por esta paisagem e por esta cultura a ponto de dedicar dois anos de minha vida a esta pesquisa e que contribuíram com entrevistas, permitiram o levantamento fotográfico e abriram gentilmente as portas de suas residências.

Agradeço em especial a família Fracasso; Dona Altânia, Letícia e Gustavo sempre gentis para responder quaisquer dúvidas.

Da mesma forma agradeço ao Claudior Simonetto pela atenção e carinho e a Dilvana Simonetto por sempre estar aberta para uma conversinha informal sobre Monte Bérico e Lajeadozinho e pelos empréstimos de livros.

Ao curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo IMED (PPGARQ-IMED) pela oportunidade de continuar os estudos.

À Prof. Dra. Alina Gonçalves Santiago pela orientação, pelo incentivo e por sua rica contribuição na elaboração e desenvolvimento desta pesquisa, serei eternamente grata.

Aos demais professores do PPGARQ-IMED que contribuíram para a minha formação como mestra em Arquitetura e Urbanismo em especial a coorientadora desta pesquisa a Prof. Dra. Caliane Christie Oliveira de Almeida.

Aos professores Dirceu Piccinato Junior, Daniele Parubono, Henrique Kujawa e Virginia Gomes de Luca, membros da banca examinadora que se dispuseram a contribuir com este trabalho.

Aos meus pais Paulo e Roveres e irmão Eduardo, pelo carinho e por entenderem a importância desta pesquisa na minha vida.

Às minhas avós Leonilda e Leonila.

Aos queridos colegas do mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo – IMED que fizeram parte desta caminhada em especial as colegas, Brunas Dal Agnol, Denise Moreira e Paola Pol Saraiva.

As queridas Aline Nidesberg por sua ajuda no Photoshop, Thais Silveira Wolffenbuttel por sua ajuda no AutoCAD e a Jaqueline Magri por sua revisão de texto.

Mara Faccini e a Rafaela Janice Zillmer da divisão de Terras Públicas do Estado pela ajuda e dedicação em encontrar os mapas necessários ao trabalho.

Aos funcionários da Casa da Cultura Frei Rovílio Costa pela ajuda no levantamento iconográfico do acervo fotográfico de Elígio Parise e demais documentos históricos.

As funcionárias da Biblioteca Pública Mansueto Bernardi, Sandra Benedetti, Márcia Maria Tedesco e Liane Paludo, pela ajuda em encontrar bibliografias pertinentes ao tema da pesquisa e mapas históricos.

Beatriz Paulus pela oportunidade de vivenciar a paisagem cultural pelo olhar antropológico.

A todos a que de alguma forma contribuíram com este trabalho. Obrigada!

RESUMO

FOGAÇA, Paula. **Patrimônio e Paisagem Cultural: A Imigração Italiana em Veranópolis/RS – Brasil**. Passo Fundo, 2019.

Reconhecendo a importância do patrimônio arquitetônico, étnico, artístico e da paisagem cultural, pode-se contribuir para a preservação da memória e identidade. Esta pesquisa colabora na compreensão do patrimônio e paisagem e cultural de imigração italiana e fomenta a discussão sobre a preservação cultural. O recorte geográfico abrange Monte Bérico e Lajeadozinho, pertencentes ao município de Veranópolis – RS, comunidades rurais que foram estruturadas às margens da antiga Estrada Geral da Vacaria, onde imigrantes italianos foram resignados quando chegaram ao território Brasileiro. Desse modo, tem-se como o objetivo principal analisar a paisagem cultural em Veranópolis e identificar sítios históricos de imigração italiana, visando à valorização da paisagem nas comunidades rurais estudadas. Constituem-se como objetivos específicos compreender o conceito de paisagem cultural; Entender o conceito de patrimônio cultural; Identificar os elementos que caracterizem a paisagem cultural de imigração italiana; Elaborar sugestões para incentivar a valorização da área estudada. Este documento está estruturado em seis partes, sendo eles a introdução, revisão bibliográfica, procedimentos metodológicos, objetos de estudo, resultados e análises e as considerações finais, seguido pelas referências bibliográficas, anexos e apêndices. Portanto, entender o processo de transformação da paisagem que é dinâmica e a relação da paisagem com a identidade cultural dos habitantes que vivem nestas regiões pode auxiliar em sugestões para a salvaguarda deste patrimônio.

Palavras chaves: Paisagem Cultural, Patrimônio Cultural, Sítios Históricos de Imigração Italiana.

ABSTRACT

FOGAÇA, Paula. Patrimony and Cultural Landscape: The Italian Immigration in Veranópolis / RS – Brazil. Passo Fundo, 2019.

Recognizing the importance of architectural, ethnic, artistic and cultural heritage, one can contribute to the preservation of memory and identity. This research collaborates in the understanding of the heritage and landscape and cultural of Italian immigration and foments the discussion on the cultural preservation. The geographic cliff includes Monte Berico and Lajeadozinho, belonging to the municipality of Veranópolis - RS, rural communities that were structured along the banks of the former General Estrada da Vacaria, where Italian immigrants were resigned when they arrived in the Brazilian territory. Thus, the main objective is to analyze the cultural landscape in Veranópolis and to identify historical sites of Italian immigration, aiming at the appreciation of the landscape in the rural communities studied. The specific objectives are to understand the concept of cultural landscape; Understand the concept of cultural heritage; Identify the elements that characterize the cultural landscape of Italian immigration; Elaborate suggestions to encourage the valuation of the area studied. This document is structured in six parts, including the introduction, bibliographic review, methodological procedures, objects of study, results and analyzes and the final considerations, followed by bibliographical references, appendices and annexes. Therefore, understanding the process of transformation of the landscape that is dynamic and the relationship of the landscape with the cultural identity of the inhabitants living in these regions can help in suggestions for the safeguard of this patrimony.

Key words: Cultural Landscape, Cultural Heritage, Historical Sites of Italian Immigration.

SOMMARIO

FOGAÇA, Paula. Patrimonio e paesaggio culturale: l'immigrazione italiana a Veranópolis / RS - Brasile. Passo Fundo, 2019.

Riconoscendo l'importanza del patrimonio architettonico, etnico, artistico e culturale, si può contribuire alla conservazione della memoria e dell'identità. Questa ricerca contribuisce alla comprensione del patrimonio e del paesaggio e l'immigrazione italiana culturale e incoraggia la discussione sulla conservazione culturale. Il ritaglio geografico copre Monte Berico e Lajeadozinho, appartenente al comune di Veranópolis - RS, le comunità rurali sono state strutturate le rive del vecchio generale Strada Vacaria, dove gli immigrati italiani erano rassegnati quando hanno raggiunto il territorio brasiliano. Quindi, ha come obiettivo principale quello di analizzare il panorama culturale in Veranópolis e identificare i siti storici di immigrazione italiana, finalizzato alla valorizzazione del paesaggio nelle comunità rurali studiati. Gli obiettivi specifici sono comprendere il concetto di paesaggio culturale; Comprendere il concetto di patrimonio culturale; Identificare gli elementi che caratterizzano il panorama culturale dell'immigrazione italiana; Suggerimenti elaborati per incoraggiare la valutazione dell'area studiata. Questo documento è diviso in sei parti, cioè l'introduzione, revisione della letteratura, procedure metodologiche, oggetti di studio e analisi dei risultati e considerazioni finali, seguite da riferimenti, allegati e appendici. Pertanto, per comprendere il processo di trasformazione del paesaggio che è dinamico e il rapporto del paesaggio con l'identità culturale delle persone che vivono in queste aree può aiutare con i suggerimenti per salvaguardare questo patrimonio.

Parole chiave: Paesaggio culturale, Patrimonio culturale, Siti storici dell'immigrazione italiana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista para o vale do Rio das Antas, Lajeadozinho – Veranópolis, 1920.	18
Figura 2 – Senhora na liteira (uma espécie de "cadeira portátil") com dois escravos, Bahia, 1860.	35
Figura 3 - Jean-Baptiste Debret de 1822 apresenta a dura rotina dos negros nos engenhos de cana-de-açúcar. O escravo participava de todo o processo desde a derrubada das florestas para o plantio da cana até a produção do açúcar.	36
Figura 4 - Charge em jornal alemão que retrata maus tratos sofridos na América.	37
Figura 5 – Cartaz que o governo brasileiro utilizava para promover a imigração.	39
Figura 6 - Rocco, Antônio. Os imigrantes. 1910.	40
Figura 7 - Regiões de procedência da imigração italiana no Brasil.	41
Figura 8 - Itália 1870 a 1920, origem da imigração e os principais portos.	41
Figura 9 - Ocupação de imigrantes no território gaúcho.	42
Figura 10 - Chegada dos imigrantes em São Sebastião do Caí meados de 1880.	43
Figura 11 – Primeiras edificações de Alfredo Chaves meados de 1902.	44
Figura 12 – Morada Kaigang.	44
Figura 13 - Caverna indígena de Veranópolis.	46
Figura 14 - Placa de identificação caverna.	46
Figura 15 - Anuário de Veranópolis 1972.	46
Figura 16 – Reportagem sobre a caverna.	47
Figura 17 - Roteiro da estrada Geral da Vacaria, o ponto azul localiza a cidade de Veranópolis.	48
Figura 18 – Mapas elaborados por Julio Oliveira de Almeida entre 1884 a 1887 a partir da estrada geral que passava pela região surgem às linhas e a divisão dos lotes.	49
Figura 19 - Construção do túnel do trilho de trem na cidade vizinha de Veranópolis, Bento Gonçalves.	50
Figura 20 - Mapa de localização de Veranópolis.	51
Figura 21 - Casa Zanetti, forno de pão e estrebaria.	51
Figura 22 - Organograma da metodologia de pesquisa.	54
Figura 23 – Fotografias Elígio Parise.	57
Figura 24 – Elígio Parise em seu ateliê.	58
Figura 25 - “Barracão de imigrantes” onde imigrantes aguardavam ser resignados para os lotes rurais.	63
Figura 26 - Malt Whisky Ltda. O prédio após ser barracão de imigrantes foi hospital e atualmente é fábrica de Whisky.	64
Figura 27 - Relação do perímetro urbano do município e as comunidades rurais estudadas.	64
Figura 28 – Colorida manualmente, carreteiros levando mercadorias da colônia meados de 1900.	65
Figura 29 - Encontro de Carreteiros em Alfredo Chaves meados de 1900.	65
Figura 30 - Mapa de Alfredo Chaves 1884 a 1887 e fotografia da balsa que ligava as duas colônias.	66
Figura 31 – Balsas carregando mercadorias com destino a Porto Alegre.	67

Figura 32 - Preparação das Balsas pela família Cavedon.....	67
Figura 33 - Casa de pasto 1900 - Monte Berico.....	68
Figura 34 - Casa de pasto 1890 – Lajeadozinho.	68
Figura 35 – Capela Nossa Senhora de Monte Bérico.....	69
Figura 36 - Capela São João Batista.....	69
Figura 37 – Comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadozinho marcadas no mapa da cidade.	70
Figura 38 - Travessia dos primeiros automóveis pela balsa– Veranópolis.	71
Figura 39 - Linha Thomas Flores e a nova estrada a RS 470.....	71
Figura 40 - Construção da Ponte Ernesto Dornelles 1945.	72
Figura 41 - Construção da Ponte Ernesto Dornelles 1945.	72
Figura 42 - Parreirais de uva, Veranópolis.....	73
Figura 43 - Pomar de maçã, Veranópolis.	73
Figura 44 – Vinicola Simonetto, Monte Bérico.	74
Figura 45 - Contraste de edificação centenária e construções contemporâneas.....	75
Figura 46 – Moradores jogam cartas no domingo à tarde no salão da igreja em Monte Bérico.	76
Figura 47 - Mapa de Veranópolis 1884 a 1887.	78
Figura 48 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.....	79
Figura 49 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad – Zoom Estrada Geral da Vacaria.	80
Figura 50 - Mapa da Colônia Alfredo Chaves 1897 transcrito em 1922.	81
Figura 51 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.....	81
Figura 52 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad. Zoom Estrada Geral	82
Figura 53 - Mapa do município de Alfredo Chaves copiado em 1929.	83
Figura 54 - Mapa do Município Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.....	84
Figura 55 - Certidão de compra de terras Marcelo Giordani.	85
Figura 56 - Casa Zanetti. Monte Bérico.	86
Figura 57 - Mapa município de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad. Zoom Thomas Flores.	87
Figura 58 - Mapa de Veranópolis 1972 transcrito em 1992.....	88
Figura 59 - Mapa do Município Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.....	89
Figura 60 - Mapa município de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad. Zoom Monte Bérico e Lajeadozinho.	90
Figura 61 - Evolução territorial: De colônia a município.....	91
Figura 62 - Evolução territorial: Sobreposições territoriais.	92
Figura 63 - Lajeadozinho Vale do Rio das Antas.	93
Figura 64 - Irmãos Samuel e Saul Rio Menor, 1960 – Próximo a Gruta (caverna indígena) Monte Bérico.	93
Figura 65 - Lajeadozinho, 1920.	94
Figura 66 - Monte Bérico, 2018.	94
Figura 67 - Anta Brasileira.	95
Figura 68 - Família Cavedon prepara balsas. Passo Velho. Meados de 1900.....	96

Figura 69 - Passo Velho. 2018.	96
Figura 70 – Capa do Jornal Deus e Pátria, 1905.	97
Figura 71 – Verso do Jornal Deus e Pátria, 1905.	98
Figura 72 - Sobreposição das edificações mapeadas no percurso Monte Bérico/ Lajeadozinho no mapa de Veranópolis de 1972 onde aparecem pela primeira vez os nomes das comunidades rurais no mapa do município.	98
Figura 73 - Capela Nossa Senhora de Monte Bérico. Monte Bérico.	100
Figura 74 - Salão comunitário de Monte Bérico este salão fica em frente à igreja e ao cemitério.	100
Figura 75 - Capela São João Batista. Lajeadozinho.	101
Figura 76 - Entorno: cemitério, capela, campanário e salão.	102
Figura 77 - Capela Nossa Senhor de Navegantes. Navegantes.	102
Figura 78 - Procissão de Navegantes.	103
Figura 79 - Padres chegando de balsa na colônia de Alfredo Chaves. Passo Velho.	103
Figura 80 - Capitel em Monte Bérico.	104
Figura 81 - Capitel na descida ao rio das Antas, a data do capitel é de 1921, segundo conhecimento local foi feito para abençoar a descida dos carreteiros.	104
Figura 82 - Capitel do Passo Velho, este capitel fica próximo ao rio das Antas.	105
Figura 83 - Casa Zanetti meados de 1900. Monte Bérico.	105
Figura 84 - Casa Anzanello 1890. Lajeadozinho.	106
Figura 85 - Ferreiros meados de 1900.	107
Figura 86 - Bigorna.	107
Figura 87 - Hotel Cavedon, meados de 1900, atual residência de Elza Rigon. Navegantes.	108
Figura 88 - Ferraria ao lado do antigo hotel Cavedon, atual depósito de Elza Rigon.	108
Figura 89 - Fundos da Ferraria ao lado do antigo hotel Cavedon, atual depósito de Elza Rigon	109
Figura 90 - Cooperativa Aurora. Lajeadozinho.	110
Figura 91 - Cooperativa Aurora.	111
Figura 92 - Esquema organização do lote.	112
Figura 93 - Casa Lunardi. Monte Bérico.	112
Figura 94 - Casa Lunardi. Monte Bérico.	113
Figura 95 - Casa Bavaresco. Lajeadozinho.	113
Figura 96 - Casa Bavaresco. Lajeadozinho.	114
Figura 97 - Casa dos lambrequins. Lajeadozinho.	114
Figura 98 - Casa dos lambrequins. Lajeadozinho.	115
Figura 99 - Casa Bin. Lajeadozinho.	115
Figura 100 - Casa Bin. Lajeadozinho.	116
Figura 101 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Altânea Maria Bragnolo Fracasso a respeito da Capela de Nossa Senhora de Monte Bérico.	117
Figura 102 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Celito Bortolli a respeito Capela São João Batista, comunidade Lajeadozinho.	118
Figura 103 - Nuvem de palavras da entrevista feita Elsa Rigoni a respeito Capela de Navegantes.	118

Figura 104 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Enio Zanetti a respeito da edificação Casa Zanetti.....	119
Figura 105 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Claudior Simonetto sobre a casa Anzanello.....	120
Figura 106 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Elza Rigon a respeito do Hotel Cavedon e da Ferraria.	120
Figura 107 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Celito Bortolli a respeito da Edificação Cooperativa Aurora LTDA.....	121
Figura 108 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Livia Maria Verardo Lunardi, sobre a Casa Lunardi.....	121
Figura 109 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Alzira Marta Bavaresco a respeito da edificação Casa Bavaresco.	122
Figura 110 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Marlene Facin a respeito da edificação Casa dos Lambrequins.....	122
Figura 111 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Sandra Marin a respeito da edificação Casa Bin.....	123
Figura 112 - Nuvem de palavras de todas as entrevistas feitas aos moradores de Monte Bérico e Lajeadozinho.	123
Figura 113 - Levantamento bens imateriais: Produção de alimento e cultivo.	125
Figura 114 - Família Bin fazendo marmelada.....	126
Figura 115 - Sovando a massa para o pão.	126
Figura 116 - Levantamento bens imateriais: Trabalho.....	127
Figura 117 - Documento imigrante italiano.	128
Figura 118 - Documento imigrante italiano.	129
Figura 119 - Marceneiros e Ferreiros concertam e produzem rodas de carroças.	129
Figura 120 - Ferramenta utilizada para talhar madeira.	130
Figura 121 - Detalhe do móvel feito com ferramenta rústica.....	130
Figura 122 - Móvel centenário, família Fracasso.....	131
Figura 123 - Fracisa móveis ltda.	131
Figura 124 - Levantamento bens imateriais: Religiosidade/ Vivência em comunidade.	132
Figura 125 - Festa da Família Ferro.	133
Figura 126 -Mari, proprietária da Casa do Tomate nos Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves, 40 km de distância de Monte Bérico e Lajeadozinho, conversa em dialeto Talian com o professor Dr. Daniele Parbuono da Università degli Studi di Perugia. Itália.	134
Figura 127 - Livros em Italiano.....	136
Figura 128 -- Livros em Italiano.	136
Figura 129 - Livros em Italiano.....	137
Figura 130 - Livros em Italiano.....	137
Figura 131 - Edificação na área rural de Vicenza.	138
Figura 132 - Casa Zanetti área rural de Veranópolis, Monte Bérico.....	139
Figura 133 - Fundos da Casa Zanetti fundação em arcos. Monte Bérico.....	140
Figura 134 - Edificações as margens de rio, fundações em arcos. Vicenza.	140
Figura 135 - Parede mista, pedras e tijolos. Vicenza.	141
Figura 136 - Parede mista, pedras e tijolos. Casa Bavaresco. Veranópolis.....	141

Figura 137 - Duomo Della Madonna de Monte Bérico. Vicenza.....	142
Figura 138 - Nossa Senhora de Monte Bérico, Monte Bérico, Veranópolis.....	142
Figura 139 - Duomo Della Madonna de Monte Bérico. Vicenza.....	143
Figura 140 - Nossa Senhora de Monte Bérico, Monte Bérico, Veranópolis.....	143
Figura 141 - Livreto de paisagem Bérica.	144
Figura 142 - Uvas em crescimento nos parreirais, Monte Bérico.	145
Figura 143 - Macieiras família Bortolli, Lajeadozinho.....	146
Figura 144 - Degustação de vinhos vinícola Simonetto. Monte Bérico.....	146
Figura 145 - Lançamento do Roteiro turístico Termas e Longevidade do qual Veranópolis faz parte, divulgação dos alimentos produzidos na região. Margs (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) – Porto Alegre.	147
Figura 146 - Passeios de Jeep e Rural que acontecem com agendamento e o café Reino da Longevidade.	148
Figura 147 - Festas de capela.	148
Figura 148 - Cascata Navegantes.	149
Figura 149 - Ossuário Cemitério dos Imigrantes.	150
Figura 150 - Convite Lançamento da Rota Segredos da Maçã.	150
Figura 151 - Idosos do programa turismo social em frente ao busto de José Bin, pioneiro no plantio de Maçãs no Brasil. Capela de Lajeadozinho.	152
Figura 152 - Convite feito a terceira idade do município de Veranópolis.	152
Figura 153 - Forma de tijolos artesanais.	155
Figura 154 - Colônia de Alfredo Chaves 1888.....	158
Figura 155 - Primeiros maquinários agrícolas. Veranópolis.....	158
Figura 156 - Família andando de carroça.	158
Figura 157 - Rio das Antas e Monte Belo.	159
Figura 158 - Passo Velho e a travessia por balsa.	159
Figura 159 - José Bin e esposa ao lado do primeiro pé de maçã do Brasil.	160
Figura 160 - Residência em Lajeadozinho.	160

LISTAS DE SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Atuaserra - Associação de Turismo da Serra Nordeste.

CEP - Convenção Europeia da Paisagem.

ICOM - Conselho Internacional de Museus.

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites / Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

ICROM - Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração da Propriedade Cultural.

INDL - Inventário Nacional da Diversidade Linguística

IPHAE - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MCTI - Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação

MEC - Ministério da Educação

MinC - Ministérios da Cultura

MJ - Ministério da Justiça

MPOG - Ministério do Planejamento e Gestão

PaRID - (Ricerca e Documentazione Internazionale per il Paesaggio).

PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico e Nacional.

Semtur – Secretária Municipal de turismo.

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	19
1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO	20
1.3 PERGUNTAS DE PESQUISA	21
1.4 OBJETIVOS	21
1.4.1 Objetivo Geral	21
1.4.2 Objetivos Específicos	21
1.5 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	22
1.5.1 Estrutura do trabalho	22
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	24
2.1 PATRIMÔNIO E CULTURA	24
2.2 AS CARTAS PATRIMONIAIS	27
2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL	28
2.4 PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL	28
2.5 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	30
2.6 PAISAGEM CULTURAL	32
2.7 IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL	35
2.8 DE ALFREDO CHAVES A VERANÓPOLIS	44
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	53
3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	53
3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	53
3.4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	54
3.5 PESQUISA DOCUMENTAL	55
3.6 O ACERVO DE ELÍGIO PARISE	56
3.7 ANÁLISE MORFOLÓGICA DA COLÔNIA DE ALFREDO CHAVES	58
3.8 PESQUISA DE CAMPO	59
3.8.1 Visita exploratória / Levantamento fotográfico	59
3.8.2 Fichas de inventários	59
3.8.3 Entrevistas	60
3.8.4 Levantamento de Bens Imateriais	61

3.9 VIAGEM DE ESTUDOS.....	62
4 OBJETOS DE ESTUDO	63
4.1 LINHA THOMAS FLORES: AS ORIGENS DE MONTE BÉRICO E LAJEADINHO..	63
5 RESULTADOS E ANÁLISES	77
5.1. ANÁLISE MORFOLÓGICA.....	77
5.2 O CARÁTER DA PAISAGEM	93
5.2.1 A Paisagem Natural	93
5.2.2 A Paisagem Cultural.....	97
5.2.3 Percepção dos Moradores de Monte Bérico e Lajeado a respeito das Edificações/Conjuntos/Paisagens.....	116
5.3 OS BENS IMATERIAIS.....	124
5.4 O NOVO E O VELHO MUNDO: COMPARATIVO DE PAISAGEM.....	138
5.5 PROPOSTA DE SALVA GUARDA DA PAISAGEM CULTURAL	144
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	153
6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
6.2 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	156
BIBLIOGRAFIA	162
ANEXOS	166
APÊNDICES.....	216

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 - Vista para o vale do Rio das Antas, Lajeadozinho – Veranópolis, 1920.



Fonte: Acervo Elgio Parise.

“Este singelo campo-santo alpestre formou-se em torno de uma cruz de lenho, na rudeza do chão, sem o desenho prévio de nenhum mestre, nem pretensiosos mausoléus mundanos.

Os primeiros colonos italianos o foram construindo devagar, entre orações e lágrimas, distante do fervedouro amargo resultante da sístole e da diástole do mar.

Recoberto de lajes funerárias. Surgiu no topo desta serrania, onde outrora ponteava a ramaria de incontáveis e verdes araucárias...”

(Mansueto Bernardi, Cemitério dos Imigrantes publicado em 1947) ².

² Mansueto Bernardi 1888-1966 compôs este poema em 1942, em homenagem aos imigrantes italianos sepultados na comunidade rural de Lajeadozinho – Veranópolis/RS. Seu amor pela paisagem cultural da comunidade rendeu o desejo de ser sepultado em Lajeadozinho, seu mausoléu tornou-se ponto turístico, mas o cemitério possui um segredo, Mansueto não está no mausoléu e sim enterrado na terra em uma lápide não marcada, pois assim ele quis. O poema Cemitério dos Imigrantes já foi traduzido para a língua Alemã e Italiana.

Desde o fim do Séc. XIX e começo do Séc. XX, a imigração de europeus para o Brasil gerou um novo processo de identidade cultural no país. O processo de imigração de europeus no Estado do Rio Grande do Sul é uma característica da formação do território gaúcho, o estabelecimento das colônias de imigração permitiu a formação de paisagens que culturalmente caracterizam a identidade dos lugares e representam relevante elemento da história.

Esta pesquisa se insere na temática patrimônio e paisagem cultural em regiões de imigração italiana. O mesmo se enquadra na linha de pesquisa Morfologia, usos e apropriações das edificações e dos espaços construídos por se tratar de uma análise do espaço construído, o processo que deu origem ao lugar e a relação homem-ambiente. Esta linha de pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Meridional - IMED (PPGARQ-IMED).

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Patrimônio e Paisagem Cultural dois conceitos com significados diferentes, porém complementares. Para compreender o conceito de Patrimônio Cultural é preciso resgatar conceitos de patrimônio e cultura ao longo da história, abordagem feita na revisão bibliográfica realizada na presente pesquisa.

Importante dizer sobre o tema paisagem cultural é que sua abordagem não significa necessariamente que é um tipo especial de paisagem como aborda Luca (2016). Para a autora, como todas as paisagens são importantes, não se considera que a paisagem cultural seja um tipo especial de paisagem, senão apenas uma maneira especial de vê-la na qual é enfatizada a interação entre o ser humano e a natureza.

Entretanto, a paisagem cultural pode ser considerada um patrimônio cultural, pois a paisagem cultural compreende bens materiais e imateriais que caracterizam o que é culturalmente significativo para cada comunidade, fortalecendo os vínculos de identidade e pertencimento estimulando a memória coletiva.

O termo “paisagem cultural” vai abarcar uma diversidade de manifestações dos tipos de interações entre a humanidade e seu meio-ambiente natural: de jardins projetados a paisagens urbanas, passando por campos agrícolas, rotas de peregrinação entre outras (CASTRIOTA, 2013, p.02).

Segundo Nunes, Santiago e Rebolo Squera (2007) ao estabelecer seus próprios valores e significados aos locais que ocupa, o ser humano inevitavelmente os transforma, imprime nos elementos nativos da localidade a sua marca, seja modificando-os ou criando novos elementos e introduzindo-os no ambiente original, o que, como consequência, cria novas relações e dinâmicas. A interação do homem e do ambiente natural resulta na criação da paisagem, um conjunto de características relacionadas entre si que conferem o diferencial de cada localidade.

Nesta pesquisa pretende-se analisar a paisagem de comunidades rurais habitadas por descendentes de imigrantes italianos e identificar nesta paisagem os elementos que a caracterizam como paisagem cultural. Além da preservação da herança da cultura da imigração, pretende também buscar o valor patrimonial da paisagem através da valorização dos indivíduos locais.

1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO

Desde a década de 1970 nota-se o interesse por parte de alguns pesquisadores em preservar a paisagem cultural de imigração italiana no Rio Grande do Sul, como por exemplo, a Coleção Imigração Italiana coordenada por Rovílio Costa e Luís A. de Boni. Esta coleção que começou em 1975 e terminou em 1983, consiste em sessenta livros sobre a imigração Italiana, compilando desde fotos, croquis de edificações até relatos de descendentes de imigrantes.

Como afirma Posenato (1983) não se pode medir o valor de um edifício ou conjunto, somente pela estética ou a idade, mas, sobretudo, pelo significado que estes elementos representam a uma determinada sociedade.

Esta pesquisa possibilita a compreensão da paisagem e o patrimônio cultural de imigração italiana iniciado por outros pesquisadores e fomenta a discussão sobre o resgate cultural das comunidades rurais de imigração italiana através da compreensão da valorização do indivíduo inserido na paisagem, considerando-o como o principal detentor de cultura e valor.

Por outro lado, pretende colaborar com um tema atual, uma vez que reconhecer a importância do patrimônio arquitetônico, étnico, cultural e artístico pode contribuir para a preservação da memória e identidades das comunidades. Neste sentido, entender o processo de transformação da paisagem que é dinâmica e a relação da paisagem com a identidade

cultural dos habitantes que vivem nestas regiões pode auxiliar na salvaguarda deste patrimônio.

1.3 PERGUNTAS DE PESQUISA

Frente a este cenário, esta pesquisa faz os seguintes questionamentos:

As comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadozinho podem ser consideradas como uma paisagem cultural?

Quais as características definem essa paisagem cultural?

Que elementos caracterizam a paisagem cultural de imigração italiana?

Diante destes questionamentos, torna-se essencial estudar a paisagem em questão investigando as características que atribuem a essas regiões de imigração italiana, certas características culturais, para que não aconteça a fragmentação e a deterioração da cultura hoje presente.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Desse modo, tem-se como o objetivo principal analisar a paisagem cultural em Veranópolis e identificar sítios históricos de imigração italiana, visando à valorização da paisagem nas comunidades rurais estudadas.

1.4.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos têm-se:

- A. Compreender o conceito de patrimônio cultural;
- B. Compreender o conceito de paisagem cultural;
- C. Identificar os elementos que caracterizem a paisagem cultural de imigração italiana;
- D. Elaborar sugestões para incentivar a valorização da área estudada.

1.5 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadozinho, localizados na cidade de Veranópolis na mesorregião nordeste do estado do Rio Grande do Sul.

A escolha do objeto de estudo se deu por estas comunidades estarem às margens da antiga Estrada Geral da Vacaria, esta estrada foi à primeira da região, e terminava na beira do Rio das Antas, de lá a travessia era feita por balseiros que amarravam toras de araucárias umas nas outras, ou improvisavam madeiras em cima de canoas, assim realizavam a travessia de pessoas, e mercadorias

Posteriormente, com a estruturação da Colônia Italiana de Alfredo Chaves (Veranópolis) a Estrada Geral da Vacaria foi chamada de Linha Thomas Flores, muitas famílias italianas resignadas à linha Thomas Flores aproveitaram o fato de a estrada ser a única ligação entre Alfredo Chaves (Veranópolis) e Dona Isabel (Bento Gonçalves) e fomentaram nesta a venda de produtos para os transeuntes, em sua maioria tropeiros e carreteiros, estabelecendo ali uma importante rota comercial.

Em 1952 foram inauguradas a RS 470 e a ponte Ernesto Dornelles, e assim a estrada que serpenteava pela mata caiu em desuso, porém às propriedades de imigrantes italianos continuam as margens da antiga estrada como testemunho de outra época. Esta paisagem é o foco desta pesquisa.

1.5.1 Estrutura do trabalho

Esta pesquisa está estruturada em seis capítulos, na *Introdução*, serão apresentados: *Apresentação do tema; Justificativa e relevância do estudo proposto; Perguntas de pesquisa; Objetivos* sendo estes o *Objetivo Geral e os Objetivos específicos; Delimitação do objeto de estudo e Estrutura do trabalho*.

Com o intuito de responder os objetivos específicos A e B que são compreender o conceito de patrimônio cultural e compreender o conceito de paisagem cultural será abordada *revisão bibliográfica* pertinente ao tema e um histórico da imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul contextualizando a região dos objetos de estudo da pesquisa.

No terceiro capítulo serão apresentados os *procedimentos de pesquisa*, sendo descritos todos os passos realizados até o fim do trabalho.

No quarto capítulo serão apresentados os *objetos de pesquisa*, o histórico da região mais aprofundado.

No quinto serão apresentados os *Resultados e análises*.

No Sexto capítulo serão apresentadas as *considerações finais* com a síntese dos resultados da pesquisa e uma recapitulação dos objetivos desta.

Por fim, são apresentadas as *referências bibliográficas* utilizadas na elaboração do trabalho e os *Anexos*.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 PATRIMÔNIO E CULTURA

A palavra patrimônio tem sua origem no direito romano, *Patrimonium*, exprime a ideia de direito paterno, Choay abre seu livro *A Alegoria do Patrimônio* com o resgate deste significado, revelando que a palavra patrimônio, na sua origem, está vinculada as estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. A pesquisadora ainda acrescenta que tal palavra é requalificada por diversos adjetivos (genéticos, natural, histórico, filosófico, etc.) que fazem do termo patrimônio um conceito em construção, de modo que hoje, esta palavra, segue uma trajetória diferente e ressonante (CHOAY, 1960, p. 11).

Patrimônio, esta bela e antiga palavra, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genéticos, natural, histórico etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante (CHOAY, 1925, p. 11).

Já a palavra cultura, segundo o dicionário etimológico vem originalmente da palavra *culturae* e surgiu a partir de outro termo latino: *colere*, que quer dizer “cultivar as plantas” ou “ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas”. Com o passar do tempo, foi feita uma analogia entre o cuidado na construção e tratamento do plantio, com o desenvolvimento das capacidades intelectuais e educacionais das pessoas.

A proteção da cultura, a começar com a cultura de plantio, permitiu o desenvolvimento da humanidade, pois ao abandonar a vida nômade e fixar raízes o ser humano pode desenvolver outras culturas, as ferramentas, as técnicas construtivas, as edificações e as artes. Assim os saberes em geral foram passados ao longo de gerações.

Esta herança de saberes transmitida hoje através da história faz refletir a importância do cuidado com o passado, pois o que já fomos e o que somos agora pode ser o reflexo do que seremos um dia.

Ainda sobre o termo cultura podemos acrescentar que dada à infinita possibilidade humana de simbolizar sua existência, a cultura ou as culturas são múltiplas e variadas: são inúmeras as maneiras de pensar, agir, de expressar anseios, temores e sentimentos em geral. O meio cultural é um sistema de significados já estabelecidos por outros, de maneira que, todas as diferenças existentes no comportamento modelado em sociedade resultam da maneira pela

qual são organizadas as relações entre os indivíduos. Em suma, a cultura é, portanto, um processo que caracteriza o ser humano como um ser de mutação, de projetos, que se faz à medida que transcende que transpõe sua própria existência.

Com o intuito de compreender o significado do conceito de patrimônio cultural fez-se necessário a análise das relações dos indivíduos com o patrimônio e a cultura ao longo da história.

Ao traçar uma linha de tempo nota-se que muitas civilizações demonstram cuidados e zelo com as suas edificações e sítios, essa proteção remonta a antiguidade como, por exemplo, a crença religiosa dos egípcios que os levaram a construir as pirâmides do Egito que são túmulos construídos em pedra para abrigar os corpos dos reis do Egito Antigo, os faraós. Há 123 pirâmides conhecidas, as três principais abrigam os corpos dos reis Quéops, Quéfren e Miquerinos, na península de Gizé. O conjunto arquitetônico é guardado pela Esfinge, com um corpo de leão e a cabeça de um faraó. As dimensões representam a importância e o poder do faraó na sociedade. Desta forma o patrimônio edificado hoje reconhecido pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como patrimônio mundial, possui por trás de sua paisagem cultural, um patrimônio cultural ligado a questões religiosas e a demonstração de poder da civilização.

Nos estudos ligados a arquitetura o conceito mais usual de proteção ao lugar é o conceito de *Genius Loci* que remonta ao Império Romano e era objeto de culto da religião romana, o *Genius loci* é um termo latino que significa o "espírito do lugar". Para os romanos o lugar possuía uma espécie de espírito no lugar habitado e frequentado pelo homem.

Segundo Gonçalves e Cunha (2015) o imperador Augusto aproveitou-se do costume religioso que já existia e salientou a importância dos templos levando este uso da cultura material a um alto investimento em construções e reformas, neste mesmo período surgiu o *De architectura*, de Vitruvius, um tratado sobre arquitetura de importância para os estudos sobre arquitetura romana por ser o único tratado deste tipo que chegou aos dias atuais. O tratado foi dedicado ao Imperador Augusto provavelmente em 27 a.C.

Posteriormente, *Genius Loci* tornou-se uma expressão na arquitetura para definir a interação entre identidade e o local. Aldo Rossi em seu livro *A Arquitetura da cidade* de 1966 utiliza o termo quando quer se referir ao local e o entorno do lote das futuras construções.

Segundo Choay (1960) ao montar a gênese do nascimento do patrimônio histórico deveríamos como certos historiadores, perceber a coleção de objetos de arte da antiguidade preservados pelo império romano. Pois, entre a morte de Alexandre e a cristianização do

império romano, o território Grego revela a elite culta de seus conquistadores um tesouro de edifícios públicos. Porém, a intenção dos colecionadores romanos não era a de conhecer as realizações de uma sociedade superior. Eram modelos, e serviam para suscitar uma arte de viver e um refinamento que só os gregos tinham.

Após a queda do império romano e a cristianização da Europa, houve muitas perdas de templos e edifícios históricos dadas às origens pagãs destes. Desta forma o papa Gregório I acolhe os edifícios restantes e dá ordens de preservá-los. A igreja Católica, sofrendo com a destruição e o vandalismo religioso da Reforma despertou nos ingleses a indignação, e as associações de antiquários ingleses levantam-se como guardiões dos monumentos religiosos, herança do período medieval (CHOAY, 1960, p. 93).

Durante a revolução francesa com medo da repetição do vandalismo dos reformados, Aubim-Lous Millin apresenta à Assembléia Nacional Constituinte um projeto com o objetivo de salvar objetos fadados a destruição e deles oferecer uma descrição. Contudo, o primeiro a teorizar sobre a preservação do patrimônio foi o arquiteto francês Viollet Le Duc. Para Viollet Le Duc, os edifícios de importância histórica poderiam sofrer intervenções e que com o conhecimento da edificação original poderia ocorrer à reconstrução do edifício. John Ruskin, arquiteto inglês, não concordava com a teoria de Viollet Le Duc e rebatia sua teoria de intervenção, alegando que não deveria ocorrer nenhuma modificação nos edifícios e que o papel da preservação seria apenas conservar a edificação.

Camilo Boitto personagem importante no começo das discussões patrimoniais escreveu uma carta de restauro onde demonstra preocupação com a descrição e fotografias em inventários. Segundo Boitto para bem restaurar, é necessário amar e entender o monumento, seja estátua, quadro ou edifício, sobre o qual se trabalha, questiona quais sociedades souberam amar e entender as belezas do passado e pergunta se na contemporaneidade ama-se e entendem-se os edifícios históricos.

Para Figueiredo (2013) no decorrer do século XX o acelerado processo de urbanização fez com que a cidade e seus arredores passassem a ser apreendidos como um tecido vivo, composto por construções e por pessoas, incorporando ambientes do passado que podem ser mantidos e, ao mesmo tempo, agregados à dinâmica espacial. Tais dinâmicas tornaram-se um nível específico da prática social na qual se vêem paisagens, arquiteturas, praças, ruas, formas de sociabilidade; um lugar não homogêneo e articulado, mas antes um mosaico muitas vezes sobreposto, que expressa tempos e modos diferenciados de viver.

Segundo Zanirato e Ribeiro (2006) essa compreensão implicou a valorização dos aspectos nos quais se plasma a cultura de um povo: as línguas, os instrumentos de

comunicação, as relações sociais, os ritos, as cerimônias, os comportamentos coletivos, os sistemas de valores e crenças que passaram a ser vistos como referências culturais dos grupos humanos, signos que definem as culturas e que necessitavam salvaguarda.

2.2 AS CARTAS PATRIMONIAIS

Em meados de 1930 as discussões sobre a preservação do patrimônio ganharam conceitos modernos, pois após a I guerra mundial aconteceram diversas restaurações e intervenções indevidas em edificações históricas, além disso, a demanda de reconstruções dos países europeus fomentou ainda mais as discussões sobre proteção patrimonial e assim surgiram as cartas patrimoniais. A primeira delas foi a cartas de Atenas.

A carta retrata as necessidades da época, na carta de Atenas existe uma divisão em dois itens o item A) intitulado Conclusões Gerais é onde se discutem as doutrinas, princípios gerais, a administração e legislação dos monumentos históricos, a valorização dos monumentos, os materiais de restauração, a deterioração dos monumentos, a técnica de restauração, a conservação dos monumentos e a colaboração internacional. O item B) intitulado Deliberação da conferência sobre a anastilose dos monumentos da acrópole, é dedicado ao aconselhamento da proteção e restauração da acrópole na cidade de Atenas (Escritório Internacional dos Museus Sociedades das Nações - Carta de Atenas de outubro de 1931).

Com o tempo algumas considerações da carta de Atenas tornaram-se ultrapassadas e em 1964 foi elaborada a Carta de Veneza.

A Carta de Veneza chamada Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios, aprovou em seu texto, definições em seu artigo primeiro sobre a noção de monumentos históricos sendo conjunto isolado ou sítio, e que se entendia como obras significativas as grandes criações, mas também as obras modestas com significado cultural. O artigo segundo menciona que a conservação e restauração dos monumentos constituem uma disciplina que exige colaboração de todas as ciências e técnicas para o estudo e a salvaguarda do patrimônio. A carta segue com normativas a respeito da finalidade, conservação e restauração dos patrimônios históricos. E por fim normativas sobre sítios monumentais, escavações, documentações e publicações (II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritórios - Carta de Veneza de maio de 1964).

Ao longo dos anos e das necessidades foram elaboradas mais de 40 cartas patrimoniais. Feitas por especialistas e organismos que trabalham com patrimônios culturais (IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015).

Em 1945, após a segunda guerra mundial, foi criada a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que se mantém até hoje como atuante na proteção do patrimônio arquitetônico e cultural. Dessa forma das muitas atividades ligadas a UNESCO surgem diversas instituições ligadas às proteções patrimoniais, como por exemplo, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS – International Council on Monuments and Sites), o ICROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração da Propriedade Cultural) e o ICOM (Conselho Internacional de Museus).

A noção de patrimônio cultural da UNESCO adquiriu significado plural. Abrangendo as artes clássicas e eruditas, a proteção das edificações históricas, sítios naturais, museus e os bens de natureza materiais e imateriais.

2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL

Segundo a Constituição Federal - Artigo 216 constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. No Artigo 216 constituem patrimônio cultural os bens materiais e imateriais de uma determinada sociedade, porém mais importante é compreender o que são bens materiais e imateriais de um determinado grupo, pois cada sociedade terá seus valores e saberes de acordo com suas crenças e de como se deu a sua trajetória assunto discutido no item 2.4 e 2.5 desta pesquisa.

2.4 PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL

O patrimônio cultural é um conjunto de todos os bens que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo.

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216).

Pode ser classificado em dois grupos: bens materiais e bens imateriais. Os bens materiais por sua vez, estão divididos em bens móveis e imóveis. Os bens móveis compreendem a produção pictórica, escultórica, mobiliário e objetos. Os bens imóveis não se restringem ao edifício isolado, mas também seu entorno - o que garante a visibilidade e ambiência da edificação. Estão incluídos neste grupo os núcleos históricos e os conjuntos urbanos e paisagísticos. Por bens imateriais entende-se toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical até sua memória oral (FIGUEIREDO, 2013, p.59).

Na história do patrimônio nota-se que a arquitetura dos edifícios, os objetos decorativos, o paisagismo ou até mesmo a ausência destes elementos, geralmente são um reflexo dos costumes, rotina ou do processo político em que se encontra determinada sociedade. Como elucida Nór (2010) lembrando que os bens culturais fazem parte do processo da história da humanidade.

Os bens culturais expressam os processos de produção e reprodução da vida, bem como os mecanismos que articulam esses processos à formação do patrimônio e da memória social de um povo.

Assim, o patrimônio cultural não reside numa coisa, mas consiste numa relação, – a relação da vida social com indícios do passado, pertinentes ao processo histórico. Deste modo, a ideia de patrimônio lida também com representações – que visam ser legítimas –, e seu sentido se dá quando faz o passado interagir com o presente, contribuindo para reforçar vínculos de pertencimento entre o indivíduo e seu grupo, entre este, o meio ambiente e a sociedade (NÒR, 2010, p. 58).

A cultura humana é que define e distingue o desenvolvimento e o atraso, a qualidade, a exigência, ou seja, a capacidade de aprender. Deixou de fazer sentido a oposição entre políticas públicas centradas no patrimônio histórico, por contrapondo à criação contemporânea. Obviamente que a complementaridade se faz necessária. Para tanto, basta um olhar para os grandes marcos da presença humana ao longo do tempo e perceber que há sempre uma simbiose de diversas influências, de diversas épocas, ligando Patrimônio material e imaterial, herança e criação (FIGUEIREDO, 2013, p.56).

Segundo Pinheiro (2006) no Brasil as noções preservacionistas começaram com a preocupação da evasão de obras de arte para o estrangeiro - manifestado nas primeiras décadas do século XX - até a atuação do SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em sua fase pioneira, com ênfase no movimento neocolonial da década de 1920. Em 1930, as iniciativas preservacionistas começam a alcançar resultados mais consistentes. O primeiro deles data de 1933, quando a cidade de Ouro Preto foi declarada monumento nacional, em reconhecimento ao seu rico passado histórico - palco da

Inconfidência Mineira - e ao seu opulento patrimônio edificado, a maior parte do qual era àquela altura atribuída ao gênio da arte colonial, Aleijadinho.

Nota-se que o país estava em sintonia com o resto do mundo, pois a primeira carta patrimonial data de 1931 e logo em 1933 uma cidade brasileira é considerada por inteira, monumento nacional.

Já em 1936 é criado o primeiro órgão nacional de preservação do patrimônio – o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) regulamentada pelo Decreto-lei 25/37, logo após criação do SPHAN encomendou-se um programa de proteção do patrimônio histórico e artístico brasileiro a Mário de Andrade.

Para Pinheiro (2006) quanto ao que podemos chamar de “cultura do patrimônio”, outro inconveniente é a associação imediata entre “patrimônio” e os conteúdos ideológicos que interessavam ao Estado Novo à época, tais como o estímulo ao sentimento de nacionalidade e a pretensão de amalgamar a nação em torno de uma identidade cultural “consentida”, como apontou Antônio Luís Dias de Andrade.

Porém no que diz respeito à seleção de bens culturais para tombamento, percebe-se que ainda é absolutamente predominante a noção de patrimônio como “obra de arte”, e que mesmo os exemplares arquitetônicos são encarados como “únicos”, “excepcionais” - como se depreende do Cap. I Art. 1, do Decreto-lei de 30 de novembro de 1937. Na prática, tais critérios privilegiavam a excepcionalidade e a representatividade dos bens culturais de alguns momentos específicos da história brasileira.

2.5 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Desde o começo das discussões patrimoniais nota-se uma tendência a valoração do patrimônio edificado e das artes clássicas ou eruditas, sendo assim necessária a realização de um aporte teórico acerca dos conceitos mais amplos no campo dos bens imateriais.

Para Garzedim (2011) nas últimas décadas, o conceito de patrimônio cultural, ao abarcar as referências materiais e também os bens simbólicos da sociedade, incorpora o conceito mais atual e amplo de paisagem. Ou seja, o de expressão física e material da relação homem x ambiente, construída socialmente e interpretada subjetivamente por meio de filtros culturais.

Segundo Abreu, et al (2003) as preocupações sobre os bens imateriais não surgiram da reflexão europeia e ocidental, mas da preservação oriunda de países asiáticos, nesses países

uma boa parte dos patrimônios é constituído de criações populares anônimas, não tão importantes em si por sua materialidade, mas pela cultura dos que construíram.

No mundo oriental, os objetos jamais foram vistos como os principais depositários da tradição cultural. A permanência no tempo das expressões materiais dessas tradições não é o aspecto mais importante, e sim o conhecimento necessário para reproduzi-las. Nesses países, em suma, mais relevante do que conservar um objeto como testemunho de um processo histórico e cultural passado é preservar e transmitir o saber que o produz, permitindo a vivência da tradição no presente. De acordo com essa concepção, as pessoas que detêm o conhecimento preservam e transmitem as tradições, tornando-se mais importantes do que as coisas que as corporificam (ABREU, et al., 2003, p. 51).

Abreu, et al (2003) lembra ainda que na década de 1950, o Japão instituiu a primeira legislação, de preservação de seu patrimônio cultural, não foi obras de arte e edificações seu alvo. Em vez disso, o país deu incentivo e apoio a pessoas e grupos que mantêm as tradições cênicas, plásticas ritualísticas e técnicas que compõem esse patrimônio. A autora compara as técnicas orientais com as técnicas ocidentais e constata que as estratégias ocidentais são totalmente diferentes. A teoria de que a os bens materiais e imateriais fazem parte da cultural e da sociedade vem da década de 1930 com Mário de Andrade.

No Brasil, a ideia de que o patrimônio não se compõe apenas de edifícios e obras de arte erudita, estando também presente no produto da alma popular, remonta aos anos 1930 e se encontrava no projeto que o poeta modernista Mário de Andrade elaborou para o serviço do patrimônio histórico e artístico nacional em 1936. Esse sentido amplo de patrimônio encontrava-se na definição andradiana de arte, como a “habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos”, pois para Mário, arte equivalia à cultura (ABREU, et al., 2003, p.54).

O projeto visionário de Mário de Andrade esperou setenta anos para ser colocado em prática, pois somente em 2000 a lei do patrimônio cultural imaterial foi aprovada.

Segundo Abreu, et al (2003) durante décadas predominou um tipo de atuação preservacionista voltada prioritariamente para os chamados bens de pedra e cal - igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos representativos de estilos arquitetônicos específicos - e essa realidade mudou em 2000 com a lei de aprovação do decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o inventário e o registro do denominado “patrimônio cultural imaterial ou intangível”. Deste decreto também surgiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), executado pelo Iphan.

Desta forma a fim de conceituar a cultura imaterial, os bens culturais imateriais passíveis de registro pelo Iphan são aqueles que detêm continuidade histórica, possuem relevância para a memória nacional e fazem parte das referências culturais de grupos

formadores da sociedade brasileira. As inscrições desses bens nos Livros de Registro atende ao que determina o Decreto 3.551/2000.

Para Nór (2010) deve-se evitar uma falsa dicotomia entre material e imaterial. Há, na verdade, uma razão de interdependência e complementaridade entre os patrimônios material e imaterial, bem como do sentido, dos valores e dos elementos contextuais que o patrimônio imaterial atribui aos objetos e lugares.

2.6 PAISAGEM CULTURAL

Segundo Casado (2010) na Idade Antiga, principalmente entre as civilizações de regadio (Egito, Mesopotâmia e China) a observação da paisagem é importante pelo conteúdo que fornece a respeito dos ciclos da natureza, especialmente os oportunos à agricultura, como o regime de cheias dos rios e os períodos lunares. Dessa forma, a apreensão da paisagem estava relacionada à possibilidade de produção, que através dela se manifestava, assumindo, a observação, a finalidade da análise, e não da visualidade puramente estética. Outra questão, pautada nos temores naturais e antrópicos, se impõe à paisagem primitiva e medieval. Nesse período, a natureza é entendida como um ambiente hostil e obscuro, do qual era preciso cautela.

Assim sendo a paisagem é formada por diferentes elementos que podem ser de domínio natural, social ou cultural e que se articulam uns com os outros. Está em constante processo de mudança, sendo adaptada conforme as atividades humanas podendo ser fruto do tempo que marcam com a cultura a paisagem e o lugar.

Para Casado (2010) a análise, para os pensadores gregos, dispensava qualquer interesse pelo sensível. O “*grau zero da paisagem*” revela que a natureza, enquanto processo, ou seja, enquanto totalidade, cujas partes não tenham sentido senão dentro do conjunto, é como ela deve ser compreendida. Do “*grau zero da paisagem*” à paisagem constituída, muitos artifícios e instrumentos interferiram, gerando uma ordem à percepção do mundo que permanece fortemente consolidada até a contemporaneidade. A paisagem consolida-se no imaginário social, e assim permanece. A forma simbólica “paisagem” se transmite quase imutavelmente, desde sua gênese, no Renascimento, até a contemporaneidade.

Desta forma a exemplo do que aconteceu na década de 1930 no pós-guerra, existe uma preocupação em preservar as paisagens, que com a intervenção humana transformaram-se em um lugar, com características culturais, e assim surgiu uma série de novas cartas e resoluções a respeito da paisagem cultural.

Segundo a UNESCO as paisagens culturais são bens culturais e representam as obras conjugadas do homem e da natureza a que se refere o artigo 1º da Convenção.

Ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas (UNESCO, Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial, 2012, parágrafo 47).

Na resolução da Europa, a UNESCO caracteriza a paisagem cultural pela maneira pela qual é percebida por um indivíduo, ou por uma comunidade, testemunhando, do passado ao presente, o relacionamento entre o homem e seu meio ambiente. “Possibilitando, a partir de sua observação, especificar culturas e locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições” (UNESCO, Recomendação Europa, 1995. p. 3).

A Convenção Europeia da Paisagem (CEP) designa paisagem como “uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos” (PORTUGAL, 2005, art. 1).

No Brasil em 2007, foram escritas duas cartas que trataram especificamente das Paisagens Culturais. A Primeira carta foi gerada em encontro realizado, na cidade de Bagé – RS que resultou na Carta de Bagé ou Carta das Paisagens Culturais. No mesmo ano aconteceu em Bonito, no Mato Grosso do Sul, Seminário Serra da Bodoquena/MS – Paisagem Cultural e Geoparque. A partir deste seminário surgiu a Carta da Serra da Bodoquena - Carta das Paisagens Culturais e Geoparques. A Carta de Bagé, no seu Artigo 2, definiu Paisagem Cultural como:

A Paisagem Cultural é o meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todos os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com homem, passíveis de leituras espaciais e temporais (Carta de Bagé, 2007).

Em 30 de Abril de 2009 a Portaria nº 127 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN institui a chancela de paisagem cultural estabelecendo em seu Art. 1º, que a Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.

Milton Santos em seu livro *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, (2007) define lugar como sendo a paisagem marcada pelas características da vivência humana.

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras, O que há num determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou marketing, técnicas que são diferentes segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção. Essas técnicas particulares, essas "técnicas industriais", são manejadas por grupos sociais portadores de técnicas socioculturais diversas e se dão sobre um território que, ele próprio, em sua constituição material, é diverso, do ponto de vista técnico. São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar (SANTOS, 2001, p.36).

Nór (2010) entende que a paisagem cultural trata da interação entre a natureza e a cultura, na medida em que abrange formas tradicionais de viver e de se relacionar com o meio ambiente. Sendo as paisagens culturais formadas por combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade, seu estabelecimento e seu caráter, através do tempo e do espaço.

Essa necessidade de “vida” desconstrói a ideia de paisagem cultural como uma cena congelada e demarca a força do conceito, na medida em que este implica em interação social e relaciona-se com o lugar. A paisagem cultural possui um caráter dinâmico, advindo da presença humana, em interação com os seus símbolos, testemunhos históricos, ambiente natural e processos de produção da vida. De certo modo, as noções de paisagem geográfica e de paisagem cultural parecem bastante similares, pois há muitas sobreposições e complementações (NÓR, 2010, p. 105).

Segundo IPHAN (2018) o Brasil é formado, como poucos países do mundo, por enorme diversidade de paisagens, costumes e lugares. Compõem a paisagem cultural o Sertanejo e a Caatinga, o Candango e o Cerrado, o Pantanal e o Boiadeiro, o Gaúcho e os Pampas, o pescador e os barcos tradicionais, as tradições da mata e as tribos indígenas. Outros tantos personagens e lugares formam o painel das riquezas culturais brasileiras, destacando-se a relação exemplar entre homem e natureza. Como relata Mansueto Bernardi a respeito da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

O que ocorreu com as estradas, ocorreu com quase tudo o mais. Tudo o que atualmente por aí se depara à nossa comovida admiração – os caminhos gerais e vicinais, as casas, as fontes, os pomares, os vinhedos, as pastagens e as plantações, as igrejas e as escolas, os estábulos e os celeiros, os animais domésticos e os utensílios agrários – tudo de certo modo, é espólio que recebemos de nossos ancestrais vanguardeiros. Mesmo o que nós, porventura, tenhamos acrescentado a esse patrimônio, esse ainda é um benefício que eles nos concederam, quando nos outorgaram o dom da vida (BERNARDI, 1961, p. 13).

Desta forma analisando os conceitos de Patrimônio e Paisagem cultural entende-se que existe uma relação entre a origem das civilizações e a cultura dos indivíduos, expressa por seus costumes e impressa na paisagem. O item 2.7 Imigração Italiana no Brasil, trás a contextualização histórica necessária para o entendimento do patrimônio e paisagem cultural de imigração italiana.

2.7 IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

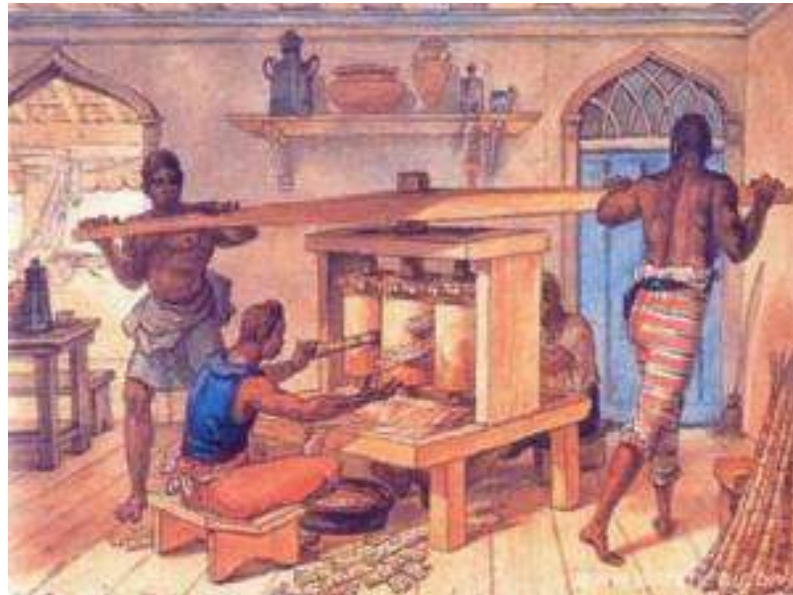
Posenato (1983) ao falar da imigração lembra que os interesses portugueses nunca foram o de criar uma nação, mas de colocar em funcionamento uma colônia exportadora. Para tanto, impuseram-se de fora para dentro algumas estruturas que possibilitassem um sistema de produção condizente com esse projeto que se baseou em latifúndio, monocultura e na escravidão, apesar da imensa extensão de terra, estas eram dadas a poucas pessoas escolhidas pela coroa e em função destes girava uma multidão de deserdados. As figuras 2 e 3 retratam momentos deste período histórico.

Figura 2 – Senhora na liteira (uma espécie de "cadeira portátil") com dois escravos, Bahia, 1860.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/04>.

Figura 3 - Jean-Baptiste Debret de 1822 apresenta a dura rotina dos negros nos engenhos de cana-de-açúcar. O escravo participava de todo o processo desde a derrubada das florestas para o plantio da cana até a produção do açúcar.



Fonte: Disponível em <https://escolaeducacao.com.br/brasil-colonial-de-jean-baptiste-debret>.

E então por motivos geopolíticos, fez-se no Rio Grande do Sul, no século XVIII, uma experiência de colonização baseada na pequena propriedade. Alguns milhares de açorianos foram trazidos para o sul, para ocupar as terras que eram disputadas com a Espanha. Por fim abandonaram-se os açorianos no litoral e ao longo do Jacuí.

Segundo Herédia (2001) a política brasileira de colonização começou efetivamente com a vinda de D. João VI para o Brasil onde o processo de colonização assumiu um caráter de inovação visto que a proposta de renovar as estruturas existentes, com mão de obra européia, era uma das metas de tornar o país independente. Pela proposta da colonização pretendia-se criar novas condições econômicas, políticas e sociais, formando uma mentalidade que permitisse ao país superar todos os obstáculos decorrentes de sua formação inicial, sustentada pelo tripé: latifúndio, monocultura e escravidão.

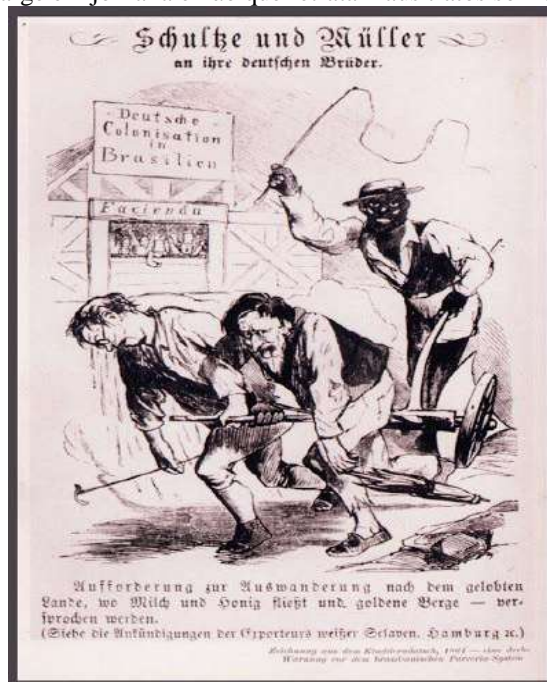
O movimento de colonização trazia em seu bojo uma série de objetivos que, interligados, mostravam a proposta do próprio movimento. Entre eles a formação de um grande exército pela necessidade de defesa do território onde eram visíveis as dificuldades de controle das fronteiras e consequentemente da própria hegemonia; a ocupação dos espaços vazios que propiciasse o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria, criando classes sociais intermediárias entre o senhor de terras e o escravo; a substituição da mão-de-obra escrava pela mão de obra livre, assalariada devido à expansão da causa abolicionista e à implantação do trabalho livre que desenvolveriam as cidades, estimulariam o comércio e fomentariam a criação de serviços de infraestrutura, gerando um desenvolvimento para o país. Além desses objetivos, havia a clara intenção de branquear a raça, uma política assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do império, garantindo que os colonos europeus que viessem colonizar o Brasil fossem brancos (HERÉDIA, 2001, p.2).

Após algumas tentativas mais ou menos frustradas, imigraram para o Rio Grande do Sul, a partir de 1824, colonos de origem alemã, a quem foram doados lotes rurais de 50 a 80 hectares. Com estes imigrantes foram sendo povoadas as margens dos grandes rios da baixada gaúcha, até o sopé da serra, no nordeste da província.

Esta tentativa pioneira de colonização era potencialmente revolucionária, pois se baseava em um modo de produção totalmente diferente do praticado no Brasil. Ao invés do latifúndio, da monocultura e da escravidão, partia-se agora para a pequena propriedade, a policultura e o trabalho livre familiar. Entre 1824 e 1914, entraram no Rio Grande do Sul cerca de 50 mil alemães, na grande maioria agricultores. Foram eles os grandes incentivadores da policultura gaúcha. A eles encontra-se unida, de alguma forma, também a industrialização do Estado (POSENATO, 1983, p.31).

Os imigrantes foram atraídos para o Sul do Brasil através de propagandas enganosas. Porém chegavam notícias de maus tratos ao imigrante e seu abandono a própria sorte. O Governo alemão então organizou a "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães" para auxiliar os imigrantes como mostra a charge abaixo na figura 4.

Figura 4 - Charge em jornal alemão que retrata maus tratos sofridos na América.



Fonte: Blog Angelina Wittmann. Disponível em <https://angelinawittmann.blogspot.com/2016/09/colonia-blumenau-blumenau-desde-1846-um.html>.

Os imigrantes italianos, em sua maioria, foram atraídos para território brasileiro para substituição da mão de obra escrava nas lavouras de café de São Paulo e Minas Gerais, porém longe das lavouras de café, o Rio Grande do Sul retomou a colonização em 1849, voltando a buscar colonos alemães. Mas este último projeto acabou fracassando, pois os alemães relutavam em partir para o Brasil, preferindo os Estados Unidos e a Argentina.

Em 1850 foi proibido o tráfico negreiro e no mesmo ano foi sancionada por Dom Pedro II a Lei de terras em setembro de 1850, a lei determinava parâmetros e normas sobre a posse, manutenção, uso e comercialização de terras no período do Segundo Reinado. A Lei de nº 601 traz nos parágrafos do artigo 3º o que se considerava como terras devolutas:

Art. 3º São terras devolutas:

1º - As que não se acharem aplicadas a algum uso público nacional, provincial ou municipal.

2º - As que não se acharem no domínio particular ou qualquer título legítimo, nem forem havidas por sesmarias, ou concessões do Governo Geral ou Provincial, não incursas em comissão por falta de cumprimento das condições de medição, confirmação e cultura.

3º - As que não se acharem dadas por sesmarias, ou outras concessões do Governo, que, apesar de incursas em comissão, forem revalidadas por essa lei.

4º - As que não se acharem ocupadas por posses, que, apesar de não se fundarem em título legal, forem legitimadas por esta Lei.

Com a aprovação da lei de terras estabeleceu-se a compra como única forma de obtenção de terras públicas, inviabilizando os sistemas de posse ou doação para transformar uma terra em propriedade privada. O governo imperial pretendia arrecadar mais impostos e taxas com a criação da necessidade de registro e demarcação de terras. Esses recursos tinham como destino o financiamento da imigração estrangeira, voltada para a geração de mão-de-obra, principalmente, para as lavouras de café, tornando assim as terras um bem comercial (fonte de lucro), tirando delas o caráter de status social derivado da simples posse.

Em 1870 o Rio Grande do Sul recebeu novamente terras do império, agora bem no coração da serra, próximo ao rio das Antas, e criaram-se as colônias de Dona Isabel e Conde D'eu. Interveio então o governo imperial, que tomou a si as duas novas colônias já criadas, às quais juntou mais outras duas: Fundos de Nova Palmira em 1875 e Silveira Martins em 1877. As quatro colônias, a partir de 1875 passaram a ser habitadas quase que exclusivamente por italianos (POSENATO, 1983, p. 32). Na figura 5 um exemplo de cartazes disseminados na Itália para atrair imigrantes para o Brasil.

Figura 5 – Cartaz que o governo brasileiro utilizava para promover a imigração.



Fonte: Família Fontana. Disponível em <https://www.familiafontanasc.com.br/imigracao>.

Os italianos chegados ao Brasil abandonavam a pátria e buscavam uma nova esperança ao deixar um país em meio a uma crise econômica e social. Na figura 6 pintura feita por Antônio Rocco, descreve os imigrantes desembarcando nos portos.

A unificação da Itália do capitalismo sobre estruturas arcaicas de um mundo semi feudal. O capitalismo, porém, não penetrou na Itália através da revolução e sim de um acordo entre as indústrias do norte e os latifundiários do sul. A elite se manteve no poder, cabendo então ao povo o ônus de financiamento do projeto de modernização do país. Elevaram-se os impostos, destruíram as alfândegas, houve anos de fracas colheitas, mas mesmo assim, devido à ocorrência dos produtos da América, os preços agrícolas sofriam um contínuo aviltamento. Pobres agricultores mini fundiários (mais de um terço das propriedades da região de Vicenza tinha menos de ¼ de hectare de extensão) foram obrigados a vender suas terras. Meeiros viram as exigências do patrão aumentarem. Houve um depauperamento no campo, com uma alimentação baseada quase que exclusivamente no milho, o que tornou endêmica a *pelagra*, uma doença surgida por avitaminose. Ficou insustentável a vida das populações rurais, que se colocavam uma alternativa: ou roubar ou morrer. A emigração serviu como válvula de escape a uma violenta convulsão social (POSENATO, 1983, p. 32).

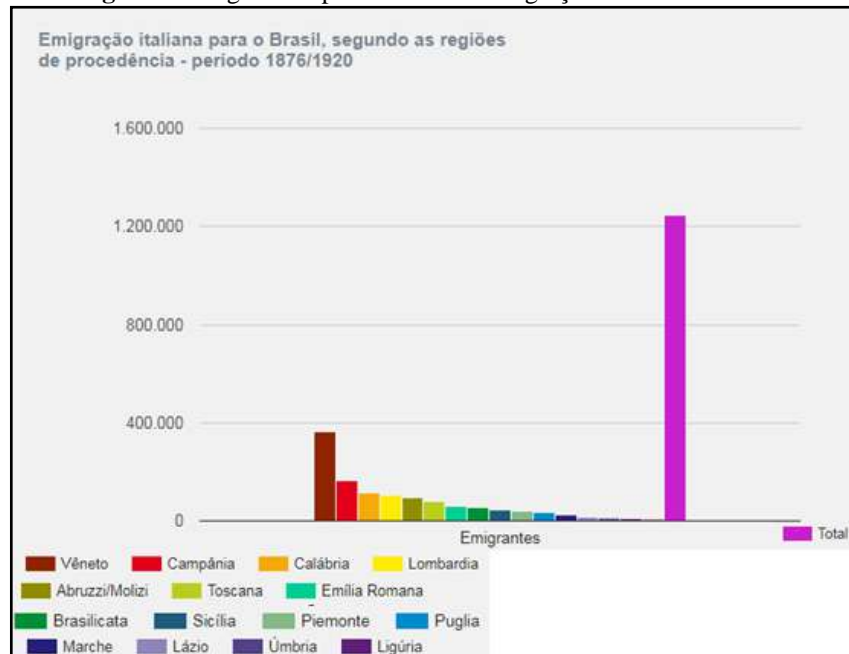
Figura 6 - Rocco, Antônio. Os imigrantes. 1910.



Fonte: Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em <http://mestresdahistoria.blogspot.com/2011/04/saiba-mais-sobre-imigracao-para-o.html>

Para Hutter (1987) os imigrantes italianos chegaram ao Brasil em números significativos por volta de 1870, tendo o fluxo aumentado na década de 1880. Tanto no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, quase que a totalidade dos imigrantes vieram para se tornar proprietários de terras, estabelecendo-se em pequenas linhas chamadas de colônias

Posenato (1983) afirma que entre 1875 e 1914, entraram no Rio Grande do Sul entre 80 a 100 mil italianos. No Brasil todo, entre 1875 e 1935, aportou mais de 1.5 milhões de peninsulares, 70% dos quais ficaram em São Paulo. Os que se destinavam ao Rio Grande do Sul provinham quase que exclusivamente do norte da Itália: 54% eram vênnetos, 33% lombardos, 7% trentinos e 4,5% friulanos. As terras não foram mais dadas elas eram vendidas, embora por preço módico. Seguindo o esquema da colonização alemã, o solo foi vendido em travessões ou linhas, ao longo das quais se situavam os lotes rurais tendo um tamanho que variava entre 15 e 35 hectares. Na figura 7 encontram-se representadas as regiões de procedência dos imigrantes italianos no Brasil. Na figura 8 encontram-se destacadas as regiões de origem dos imigrantes na Itália (de 1870 a 1920), a quantidade de imigrantes e os portos de embarques.

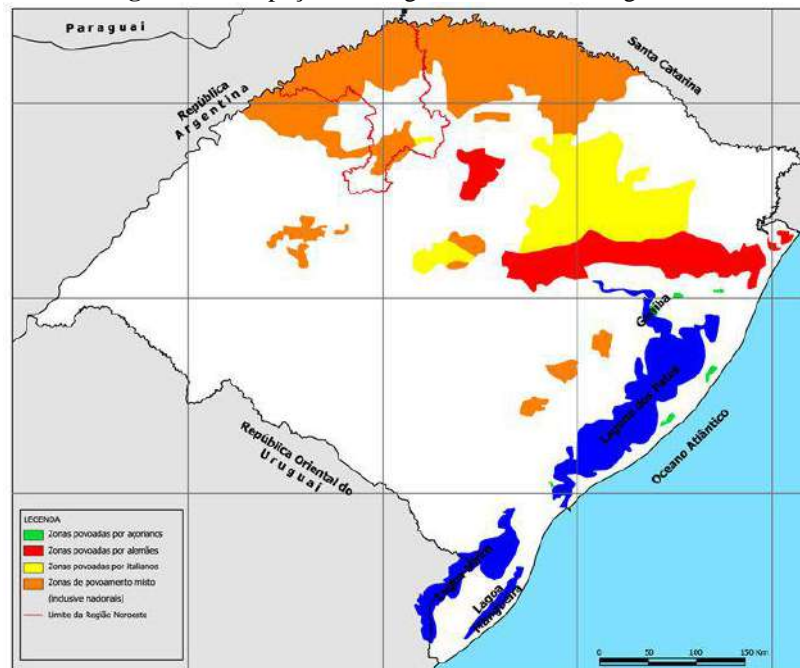
Figura 7 - Regiões de procedência da imigração italiana no Brasil.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000 Disponível em <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/regioes-de-origem>.

Figura 8 - Itália 1870 a 1920, origem da imigração e os principais portos.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000 Disponível em <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/regioes-de-origem>.

A figura 9 mostra a ocupação dos imigrantes no território gaúcho. Destacam-se as zonas povoadas pelos italianos na mesorregião nordeste do estado do Rio Grande do Sul em amarelo, em vermelho os alemães, em verde os açorianos e em laranja a ocupação mista.

Figura 9 - Ocupação de imigrantes no território gaúcho.

Fonte: Bernardes, 1997. Adaptações: Sidnei Luís BohnGass, Roberto Verdumet e Jussara Mantelli, disponível em <http://journals.openedition.org/confins/8879>.

Antes de se estabelecerem nas colônias as jornadas eram difíceis, muitos consideravam um milagre ter chegado ao destino final, abaixo relato de Gustavo Guertler.

Antes de se dirigirem a um alojamento provisório, onde permaneceriam à espera de um lote de terras, antes mesmo de conhecerem qualquer outro lugar ou de pensarem no penoso trabalho que teriam pela frente, os imigrantes que chegaram à colônia Dona Isabel, no final do rigoroso inverno de 1888, escolheram rápido o destino: a igreja. Queriam, desesperadamente, rezar.

Se havia alguma explicação para estarem vivos, esta só poderia ser divina. Passaram por uma viagem de quarenta dias no navio a vapor superlotado, sujeitos a doenças e pestes, com comida escassa, degradantes condições de higiene e escutando o som dos homens mortos lançados ao mar, enrolados em panos. De Gênova, na Itália, até o Brasil, enfrentaram as águas tormentosas do estreito de Gibraltar. Avistando o Oceano Atlântico com a esperança de escapar da roda do capitalismo que acelerava sua rotação na Europa. E o desembarque no porto de Rio Grande não significava o fim do sofrimento.

De lá, quem suportou as agruras continuou a viagem pelo Rio Jacuí em direção ao cais do porto de São Sebastião do Caí. Em terras, a romaria prosseguiu em cargueiros de mulas, de carroças ou a pé. O trajeto culminou na estrada Buarque de Macedo, a principal da Serra, que as famílias venceram carregando seus filhos às costas e passando a noite sob a proteção das copas das árvores. Todo esse esforço para encontrar uma colônia cercada de florestas densas que impunham terror, em paragens montanhosas, a setecentos metros a nível do mar (GUERTLER, 2001, p. 27).

Figura 10 - Chegada dos imigrantes em São Sebastião do Caí meados de 1880.



Fonte: Autor desconhecido. Cedida pelo Museu e arquivo histórico de São Sebastião do Caí. Disponível em: <http://estradariobrancohistoria.blogspot.com.br/2013/07/a-chegada-dos-imigrantes-italianos-ao.html>

Segundo Sarate (2104) oficialmente, o processo de colonização italiana na serra gaúcha no estado do Rio Grande do Sul iniciou-se em 1875 com a chegada de imigrantes no distrito de Nova Milano, hoje distrito do município de Farroupilha. A figura 10 mostra a chegada dos imigrantes em São Sebastião do Caí, a 40 km de Nova Milano. A partir de então, o Governo Imperial passou a coordenar a chegada dos novos moradores que se estabeleciam nas colônias de Caxias (atual município de Caxias do Sul), Conde D’Eu (atual município de Garibaldi) e Dona Isabel (atual município de Bento Gonçalves).

Para Farina (1992) assim que a colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves) estava literalmente ocupada, de forma espontânea alguns imigrantes começaram a atravessar o Rio das Antas em busca de terras para agricultura. O governo imperial então providenciou a fundação de mais uma colônia, depois denominada Alfredo Chaves (atual Veranópolis).

A colônia Alfredo Chaves atual Veranópolis, é o município onde se localiza os objetos de estudos da presente pesquisa, as comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadozinho. A figura 11 ilustra as primeiras edificações da sede da colônia de Alfredo Chaves.

Figura 11 – Primeiras edificações de Alfredo Chaves meados de 1902.



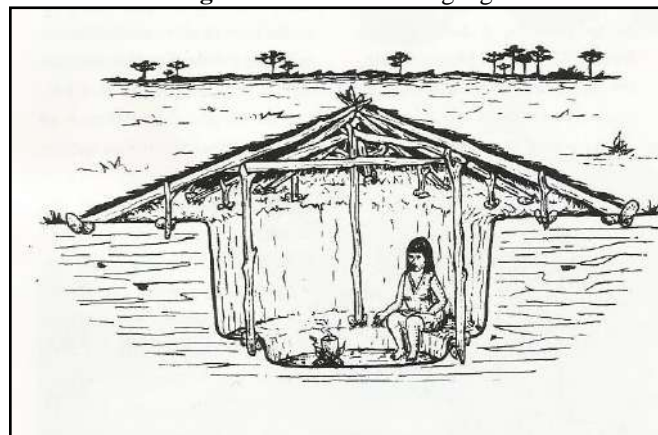
Fonte: Acervo Elígio Parise.

2.8 DE ALFREDO CHAVES A VERANÓPOLIS

Ainda que o foco da pesquisa seja a paisagem cultural de imigração italiana, a sociedade anterior a esta não pode ser negligenciada, como contextualizado na revisão bibliográfica a paisagem cultural é formada, entre outros, pela ação humana no território. Desta forma é necessário mencionar na presente pesquisa a presença dos nativos em todo o território hoje ocupado por descendentes de imigrantes italianos.

Segundo Cunha (2012) os kaingang habitavam o Planalto Meridional Brasileiro três mil anos antes da chegada dos europeus. Estes povos eram conhecidos como Proto-Kaingang, povos da tradição Taquara ou Povo das Casas Subterrâneas. Para se proteger do inverno rigoroso que castigava as elevadas regiões do Sul do Brasil, chamados Campos de Cima da Serra, os Xokleng construía suas casas de forma enterrada, mantendo-as, assim, protegidas dos ventos fortes e gelados que cortam o planalto como mostra a figura 12.

Figura 12 – Morada Kaingang.



Fonte: Histórias Gaúchas. Disponível em <http://historiasgaucha.blogspot.com/2015/07/a-tradicao-taquara.html>.

Os historiadores Serafim Leite, Aurélio Porto, Jorge Cafrunie Fidelis e Dalcin Barbosa narram que por volta de 1630 índios da região eram escravizados e conduzidos até o porto de Estrela através do rio das Antas e Taquari e transportados a São Paulo (ver abaixo, nas figuras 13 e 14 os vestígios da população indígena em Veranópolis). Segundo os mesmos historiadores, em janeiro de 1635, o Pe. Francisco Ximenes, da redução de Santa Teresa, atual Passo Fundo, passou pela região com objetivos de combater os traficantes e catequizar os gentios.

Pretendia, inclusive, fundar uma redução. Desistiu, no entanto, pelos motivos que ele próprio deixou escrito: “impossível fundar redução nessa terra fragosíssima, de caminhos infernais, onde não existe campo para quatro vacas, assim como base nenhuma para comida” (FARINA, 1991, p.21).

Devido às características vernaculares das construções indígenas, pouco restou dos bens materiais da civilização Kaingang na região da antiga colônia, hoje Veranópolis na contemporaneidade. Sabe-se que durante o processo da ocupação por imigrantes procurou-se destruir ou minimizar o patrimônio anterior substituindo-o pelo novo, como forma de dominação e expulsão do território. Porém, os bens imateriais da cultura indígena estão presentes na região até os dias de hoje como a tradição da colheita do pinhão (fruto do pinheiro araucária), a tradição do chimarrão, o cultivo de plantas medicinais e a presença sazonal dos indígenas as margens da RS 470 para a venda de artesanato.

Desta forma este é um vestígio do que restou das origens indígenas no município. Segundo o Anuário de Veranópolis do ano de 1972 (figuras 15 e 16), foram removidas duas mil toneladas de material da caverna indígena e enviado aos Estados Unidos para estudo. Os estudos concluíram que a caverna data de 5.000 anos a.C. e que foi habitada por diferentes civilizações. Tendo 28 metros de largura e 67 metros de profundidade, a caverna localiza-se em uma das comunidades objetos de estudo da presente pesquisa a comunidade rural de Monte Bérico.

Desta forma este é um parêntese do que restou das origens indígenas no município. Segundo o Anuário de Veranópolis do ano de 1972 (figuras 15 e 16), foram removidas duas mil toneladas de material da caverna indígena e enviado aos Estados Unidos para estudo. Os estudos concluíram que a caverna data de 5.000 anos a.C. e que foi habitada por diferentes civilizações. Tendo 28 metros de largura e 67 metros de profundidade, a caverna localiza-se em uma das comunidades objetos de estudo da presente pesquisa a comunidade rural de Monte Bérico.

Figura 13 - Caverna indígena de Veranópolis.



Fonte: Fogaça, 2018

Figura 14 - Placa de identificação caverna.



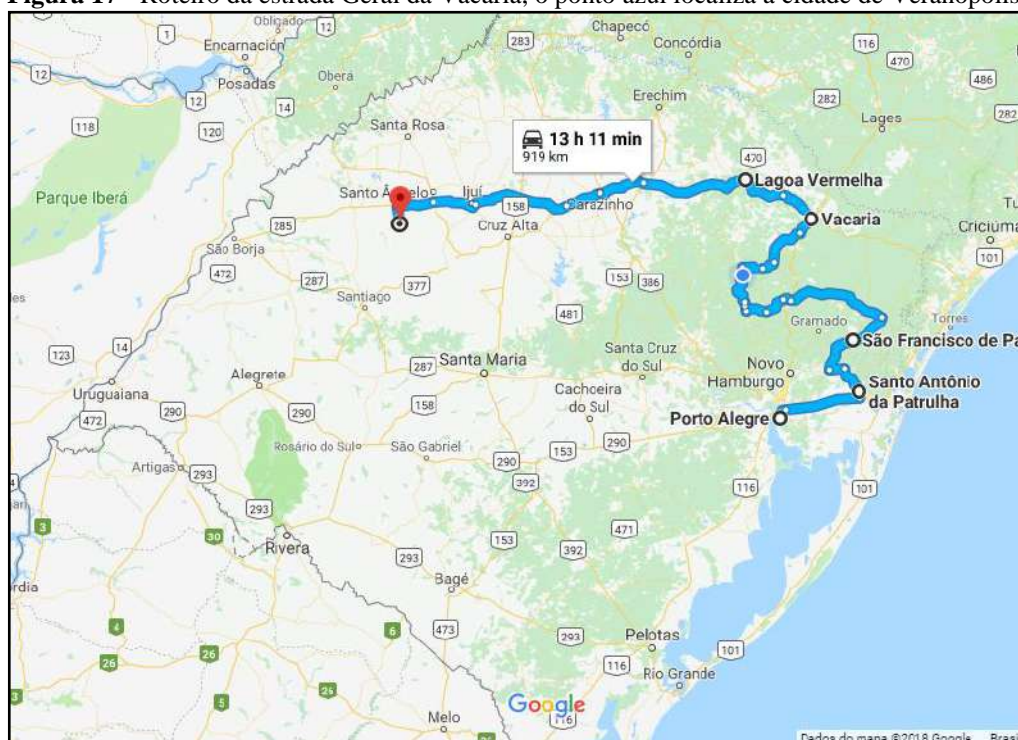
Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 15 - Anuário de Veranópolis 1972.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 17 - Roteiro da estrada Geral da Vacaria, o ponto azul localiza a cidade de Veranópolis.



Fonte: Google maps disponível em <https://www.google.com.br/maps>.

A partir da década de 1840 desenvolve-se um trabalho ordenado pelo Império, com o auxílio de missionários para o aldeamento dos índios da região norte e nordeste do estado. Surge então o começo das disputas territoriais que foram criadas pela chegada dos “colonos” (termo pejorativo que denominava os imigrantes) e o parcelamento das terras previamente ocupadas pelos nativos como descreve Henrique Kujawa.

O esforço de aldeamento durante o século XIX e no início do século XX não evitou a permanência de intensos conflitos entre indígenas e colonizadores. Inúmeros são os relatos de conflitos em São Paulo e Santa Catarina, bem como as denúncias feitas no XVI Congresso Internacional de Americanistas, ocorrido em setembro de 1908 em Viena, de massacres contra os índios Kaingang no Sul do Brasil. No mesmo período, ocorre um debate na imprensa paulista e carioca, bem como na Revista do Museu Paulista entre defensores da tese de que os indígenas resistentes ao projeto de colonização deveriam ser eliminados e de outro a necessidade de uma política laica capaz de proteger as populações indígenas (KUJAWA, 2015, p.74).

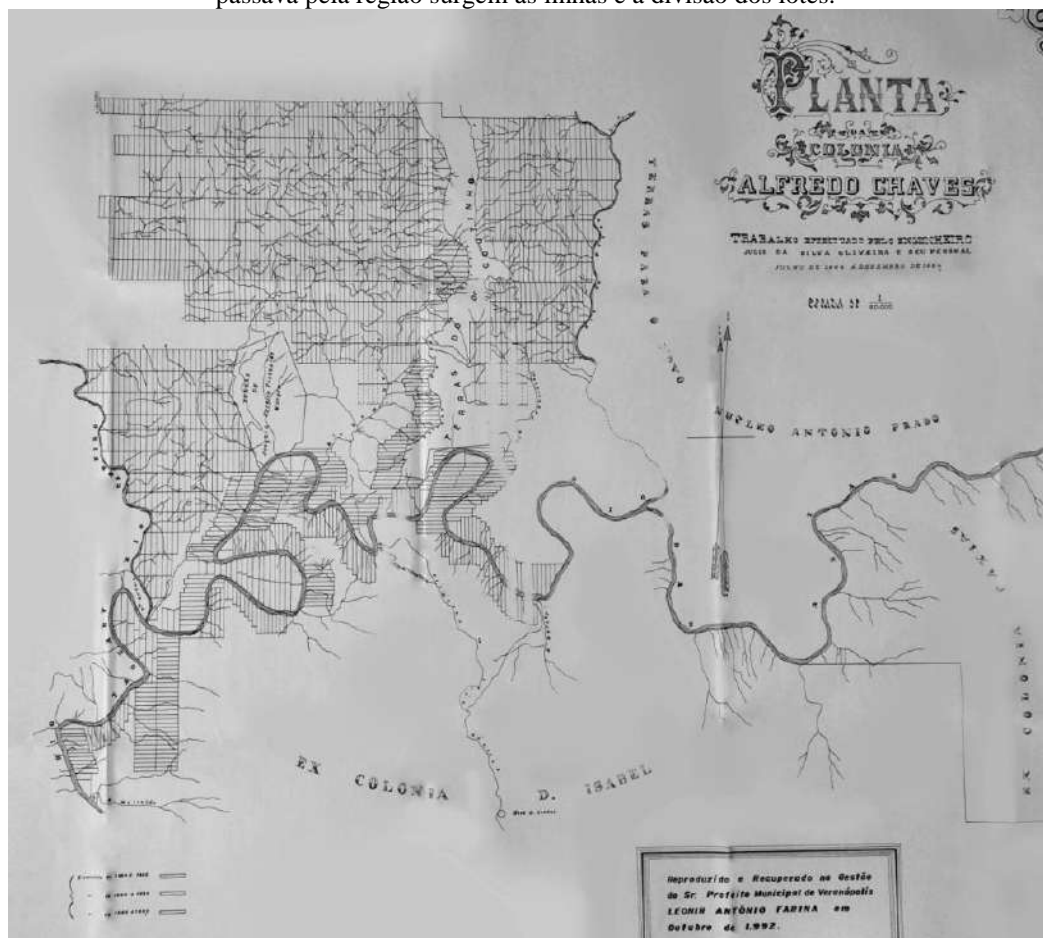
Com novas estradas abrindo caminhos pela mata, os índios da região serrana acabaram aceitando o aldeamento, pois devido à nova campanha de imigração do governo novos povoados estavam sendo formados e a paisagem rapidamente foi transformada, a mata virou vila, pois a roda do capitalismo que estimulou a saída dos imigrantes Italianos de sua terra natal estava rodando no Brasil também.

Farina (1992) relata que a partir da estrada geral da vacaria foram traçadas linhas de dois em dois quilômetros e à medida que as linhas foram ocupadas, nasciam os primeiros povoados: Paese Nuovo, Monte Vêneto, Capoeiras, Bela Vista, Lajeadozinho, Monte Bérico entre outros o autor afirma:

Plantam-se roças, constroem-se toscas habitações, trabalham-se madeiras, forjam-se instrumentos de trabalho, surgem capitéis, capelas, salões comunitários, cooperativas. Enfim, independentemente do autoritarismo do governo Imperial, os colonos imigrantes vão construindo a história com as próprias mãos (FARINA, 1991, p.25).

Alfredo Chaves provém do município de Lagoa Vermelha, sendo dele distrito até 1898. O primeiro mapa da Colônia de Alfredo Chaves foi efetuado por Julio da Silva Oliveira e ajudantes em julho de 1884 a dezembro 1887, pelo mapa da figura 18, identifica-se o relato de Farina (1992) no centro a estrada geral da Vacaria e ao longo da estrada, linhas (novas ruas) e as margens destas, os lotes aos quais os imigrantes italianos foram resignados.

Figura 18 – Mapas elaborados por Julio Oliveira de Almeida entre 1884 a 1887 a partir da estrada geral que passava pela região surgem às linhas e a divisão dos lotes.



Fonte: Biblioteca Mansueto Bernardi

Em 1898, conforme Decreto nº 124 - B Alfredo Chaves foi emancipada e passou à categoria de Vila. Por existir outro município com o nome de “Alfredo Chaves”, foi oficializado em 1944 o nome Veranópolis: Cidade de Veraneio. Apelido que ganhou por ser destino de férias de verão, pois, a presença do trem na cidade vizinha, Bento Gonçalves, e das inúmeras pequenas estações que aproximavam as grandes cidades das cidades do interior, seduziam os visitantes que permaneciam nesta região em contato com a natureza, o Rio das Antas e atividades peculiares às propriedades rurais, hotéis e pousadas. Na figura 19, destaca-se registro da construção de túnel do trilho de trem como registro das ampliações de transporte necessárias na época.

Figura 19 - Construção do túnel do trilho de trem na cidade vizinha de Veranópolis, Bento Gonçalves.



Fonte: Acervo Elégio Parise

Veranópolis conta com uma população de 24.885 habitantes conforme estimativa do IBGE em 01 de julho de 2016. Tendo a indústria de transformação como a base econômica com 69,43% do PIB seguido por produção animal e extração vegetal com 9,64% do PIB. Na figura 20 a localização do município de Veranópolis no estado do Rio Grande do Sul e a localização do Estado no mapa do Brasil.

Figura 20 - Mapa de localização de Veranópolis.



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu - Image: RioGrandedoSul
MesoMicroMunicip.svg.

As áreas rurais de Veranópolis ainda se mantêm na mesma organização de linhas, herança da organização das políticas de colonização do governo imperial. Estas comunidades rurais detêm aspectos peculiares, ou seja, permanecem edificações residenciais e comerciais com características vernaculares italianas adaptadas ao Brasil, a figura 21 mostra um exemplo desta paisagem.

Figura 21 - Casa Zanetti, forno de pão e estrebaria.



Fonte: Fogaça, 2018.

Estes símbolos da cultura de imigrantes italianos e a mescla da mata nativa com a produção agrícola conformam uma paisagem única, que será esmiuçada no capítulo 3 Procedimentos Metodológicos e capítulo 4 Objetos de estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

As análises realizadas nesta dissertação referem-se à paisagem e patrimônio cultural de duas comunidades rurais habitadas por descendentes de imigrantes italianos pertencentes à cidade de Veranópolis - RS. De forma geral, os dados foram analisados a partir de três variáveis principais: Se as comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadozinho podem ser consideradas como uma paisagem cultural; Quais as características definem essa paisagem cultural e que elementos caracterizam a paisagem cultural de imigração italiana.

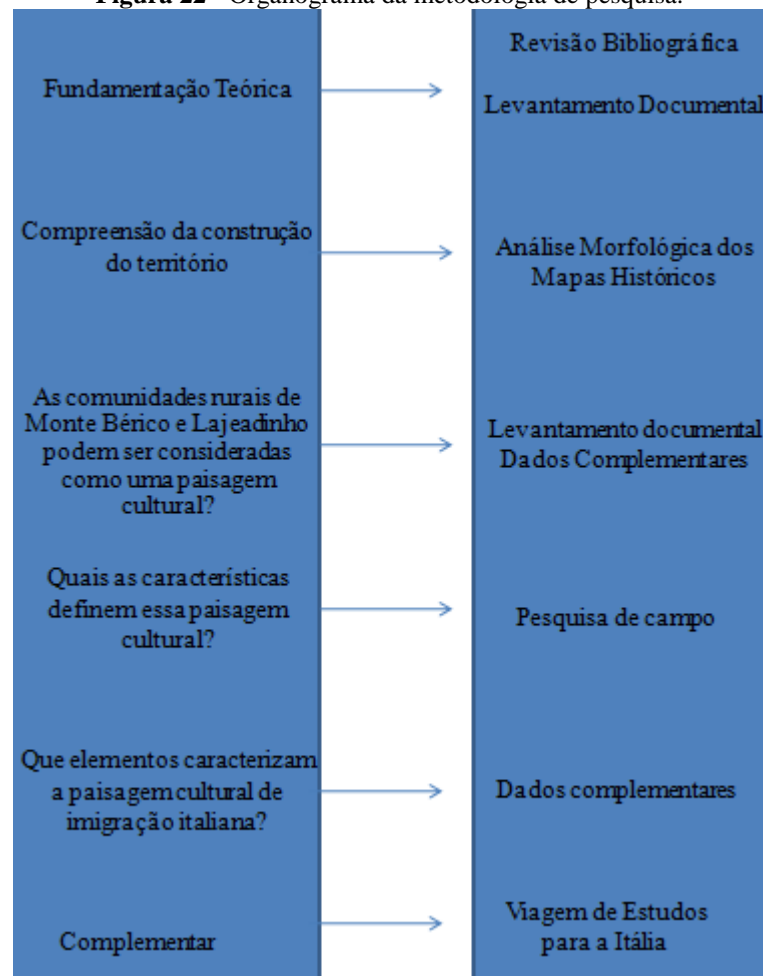
Para isso, a pesquisa baseou-se principalmente em dados primários levantados em arquivos públicos, além de análise de documentos referentes ao objeto de estudo. Também foram utilizados dados complementares, coletados através de entrevistas semiestruturadas aos habitantes das comunidades e fichas de inventário para análise da paisagem.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa possui natureza qualitativa exploratória. A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (SILVA, 2005).

3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Para alcançar os objetivos optou-se por uma abordagem multimétodos de coleta de dados e análises, que podem ser visualizados no organograma da figura 22, que mostra a síntese metodológica da pesquisa para alcançar os objetivos elencados.

Figura 22 - Organograma da metodologia de pesquisa.

Fonte: Fogaça, 2018.

A seguir as quatro etapas de pesquisa serão detalhadas.

3.4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica foi construída a fim de reunir informações relacionadas ao tema de estudo e aos métodos científicos de pesquisa.

Nesta etapa buscou-se assimilar conhecimentos a respeito do patrimônio e cultura para compreender o conceito de patrimônio cultural, paisagem cultural e contextualização histórica da imigração italiana. A revisão bibliográfica teve como base o Art. 216 da Constituição Federal Brasileira que constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Nesta abordagem do patrimônio cultural buscou compreender o conceito de paisagem cultural.

Desta forma, buscou-se como critério de busca periódicos qualificados pelo sistema Qualis CAPES, artigos de eventos importantes pertinentes ao tema e autores consagrados nos assuntos relacionados a esta pesquisa.

A Revisão Bibliográfica deste trabalho foi considerada de caráter contínuo, pois em todas as etapas do trabalho buscaram-se fontes confiáveis para validar as metodologias que estavam sendo realizadas.

Além disso, foram feitas leituras das cartas patrimoniais e as normas da ABNT. E para realizar revisão bibliográfica voltada ao município buscou-se diversos autores locais e regionais, nos temas de patrimônio cultural, paisagem cultural e imigração italiana sendo este último tema recorrente nos livros de autores da região dos objetos de estudos.

3.5 PESQUISA DOCUMENTAL

Esta etapa relaciona-se principalmente ao objetivo geral que é analisar a paisagem cultural em Veranópolis e identificar sítios históricos de imigração italiana, visando à valorização da paisagem nas comunidades rurais estudadas.

Segundo Nór (2010) não há possibilidade de compreender um fato social senão por meio da história, pois cada tempo engendra seus conceitos e não o contrário, devendo a história ser considerada como critério de verdade, e não a prática. Ao conferir à prática o papel de confirmar ou não as teorias, incorre-se numa indesejável postura positivista. A história dos homens está na forma em que estes produzem sua existência.

Desta forma, foram realizados levantamento e análise de documentos oficiais como documento de compra de terras por imigrantes italianos e também buscou-se mapas oficiais da estruturação da colônia Alfredo Chaves, com o objetivo de fazer uma análise morfológica para compreender a construção do território.

Foram então localizados no Arquivo de Terras Públicas do Estado, sede em Porto Alegre a 161 km da antiga colônia de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, dois mapas oficiais, o primeiro mapa de 1891 transcrito em 1921, original desenhado em papel manteiga e pela sua idade estava em péssimo estado de conservação. O segundo mapa encontrado era de 1921 transcrito em 1929, porém o mapa original tinha sido perdido e a secretaria do estado usava uma cópia como mapa oficial.

O terceiro documento encontrado no Arquivo de Terras Públicas foi à quitação da dívida da compra de terras com o Estado, de um imigrante italiano, na comunidade de Monte Bérico, umas das comunidades objeto de estudo desta pesquisa.

Na Biblioteca Pública de Veranópolis foi encontrado um mapa de 1984, o mapa mais antigo do município, sendo o original exposto na casa da cultura Frei Rovílio Costa. E por fim na prefeitura de Veranópolis, encontrou – se o mapa de 1972 a última versão do mapa da colônia. No total foram encontrados quatro mapas, tendo sido considerado um número texto.

Após a busca pelos mapas e documentos oficiais, buscaram-se reportagens e imagem que fizessem referência as comunidades estudadas.

Nas visitas a Casa da Cultura/ Museu Histórico Municipal de Veranópolis foi encontrado um jornal original de 21 de junho 1905, redigido em Português e Italiano.

O jornal apresentado como Jornal religioso, histórico, econômico e literário, chamado Deus e Pátria, traz um retrato da época da estruturação do município. O seu primeiro artigo é uma breve apresentação do jornal e uma espécie de benção, escrito por padre Fidelis de La Motie - Servolex. O segundo artigo é um histórico do município de Alfredo Chaves onde é feito um relato da estruturação da cidade, assinado por João Ávila. A terceira parte do jornal é importante para a presente pesquisa, pois o autor do texto assina Eduardo Duarte, em Lajeadozinho no ano de 1905. Nota-se então que apesar das localidades de Monte Bérico e Lajeadozinho aparecerem nos mapas somente em 1972, desde meados de 1900 os moradores já se organizavam em comunidades distintas e se autodenominaram Monte Bérico e Lajeadozinho, a descrição da paisagem feita por imigrante italiano será apresentada no capítulo resultados e análises.

O segundo documento encontrado é o anuário de Veranópolis volume III, já citada na revisão bibliográfica, que descreve a descoberta da caverna indígena de Monte Bérico, que já era conhecida dos moradores locais, porém no ano de 1972 foi feita a investigação da data da caverna e se ela teria realmente sido habitada por indígenas.

E por fim foi feito levantamento iconográfico do Acervo de Elígio Parise, que está sob os cuidados da casa da cultura Frei Rovílio Costa.

3.6 O ACERVO DE ELÍGIO PARISE

Cabe neste item uma explicação deste grande personagem do município de Veranópolis. Eligio Parise (1931-2013) foi um entusiasta da fotografia e dedicou 60 anos de vida a registrar os acontecimentos à sua volta. Além de retratar os anos em que viveu, Parise comprava/coleccionava fotografias que lhe pareciam interessantes. Algumas destas fotografias retratadas na figura 23 serviram para ilustrar as atividades e o cotidiano dos imigrantes italianos e a evolução do município de Veranópolis na presente pesquisa.

Figura 23 – Fotografias Elégio Parise.



Fonte: Fogaça, 2018.

Segundo Frizon (2015) Elégio Parise organizou um compartimento em seu ateliê, que servia de arquivo geral em que guardava todo e qualquer trabalho produzido por ele, e outros que passou a adquirir por motivos que julgava bom guardar que um dia iriam ser vistos e apreciados.

Para Frizon (2015) o Acervo fotográfico de Elégio Parise constitui um processo que foi apresentado inicialmente no governo municipal do Prefeito Elcio Siviero e foi passando durante diversos anos pela Câmara Municipal de Vereadores.

O projeto montado pela dirigente cultural Maria Salete Martinelli após diversos caminhos, finalmente teve seu lugar de merecimento, pois foi acordado entre Câmara de Vereadores e Família Parise, um valor de 240 mil reais. O acervo fotográfico constitui um material de valor inestimável e de grande interesse para o município devido a sua representatividade para o desenvolvimento cultural da cidade e região.

Segundo Frizon (2015) o acervo fotográfico, é composto por 659.106 negativos flexíveis, 178 negativos de vidro, 13.326 fotografias, 1.201 dispositivos slides e cromos, além de câmeras de madeira, câmeras de médio formato, câmeras de 35 milímetros e outras câmeras e objetos que representam a evolução da técnica fotográfica.

Ainda sobre Elégio Parise este destacou o município diversas vezes em reportagens por seu famoso acervo, suas fotografias estampam diversos livros de autores locais e regionais, sua vida virou livro: Elégio Parise Vida, paixão e arte pela fotografia, escrito por Antônio Frizon. Além disso, o acervo recentemente está sendo utilizada no meio científico por pesquisadores, e embasa a pesquisa iconográfica do presente trabalho.

Figura 24– Elégio Parise em seu ateliê.



Fonte: Clic RBS, Memória Rodrigo Lopes, disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/12/29/veranopolis-eternizada-pelas-lentes-de-eligio-parise/?topo=35,1,1,,,35>.

3.7 ANÁLISE MORFOLÓGICA DA COLÔNIA DE ALFREDO CHAVES

Para Santos (2001) a configuração espacial é um dado técnico, enquanto o espaço geográfico é um dado social. Deste modo objetiva-se nesta etapa fazer uma investigação da estruturação da colônia de Alfredo Chaves e analisar a evolução do espaço, através dos mapas encontrados.

Importante citar nesta etapa a dificuldade de poder materializar os mapas de forma que servissem a este trabalho, pois objetivo após localizar os mapas, era a de copiá-los e fazer uma sobreposição dos mapas para observar a evolução do território.

Porém já no primeiro passo para a concretização desta intenção apareceram às primeiras dificuldades, os mapas não podem ser emprestados para cópias/ plotagens etc... Nem no Arquivo de Terras Públicas nem na Biblioteca Pública Mansueto Bernardi, sendo assim os mapas que tinham escala 1:50.000 precisaram ser fotografados em pequenos pedaços

e depois agrupados formando uma imagem no programa Photoshop, devido a idade de alguns mapas a qualidade da imagem ficou ruim e ainda com o mesmo programa procurou-se fazer uma limpeza de sujeiras para que fosse possível uma melhor visualização dos mapas.

Após a etapa de montagem dos mapas, começou a etapa transcrever os mapas para o programa AutoCad, com o intuito de fazer uma sobreposição dos mapas, e visualizar a ocupação do território e uma análise da evolução territorial.

3.8 PESQUISA DE CAMPO

3.8.1 Visita exploratória / Levantamento fotográfico

A pesquisa de campo foi realizada em cinco etapas: visita exploratória, levantamento fotográfico, mapeamento de edificações/fichas de inventário, entrevistas e levantamento de bens imateriais. A visita exploratória teve como objetivo fazer um registro dos bens de natureza material e os bens de natureza imaterial na paisagem estudada, nesta etapa também se deu o levantamento fotográfico.

3.8.2 Fichas de inventários

A visita exploratória evidenciou o grande número de edificações históricas às margens da estrada que conecta Monte Bérico e Lajeadozinho. O mapeamento foi chamado de Bens Materiais Monte Bérico/Lajeadozinho. Nesta etapa se deu a terceira parte da pesquisa de campo sintetizada no Mapeamento de edificações/paisagem. Elencou-se um registro de 13 propriedades rurais com características de imigração italiana, que para o diagnóstico destas edificações demanda a realização de fichas de inventário. Destas 13 edificações foram aplicadas em um primeiro momento 5 fichas de inventário do IPHAE - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, disponíveis no anexo 1 da presente pesquisa.

Estas fichas de inventário do IPHAE se mostraram insuficientes para a análise da paisagem, pois é uma ficha de inventário destinada a inventariar o edifício como obra arquitetônica única, sendo muito difícil utilizar esta ficha para a análise de determinadas paisagens culturais. Como por exemplo, um conjunto de propriedade rural em que no lote existe uma casa centenária, galinheiro, estrebaria, forno de pão e muro de taipa (muro feito de pedras encaixadas) ou o conjunto da sede das comunidades rurais, onde existem a igreja, o salão da igreja e o cemitério.

Buscou-se então vários modelos de fichas de inventário, com o intuito de construir uma ficha que se possa analisar melhor a paisagem, a ficha mais completa encontrada foi a Ficha de Inventário de Paisagem Cultural do ICOMOS. A Ficha de Inventário de Paisagem Cultural do Fuerte Barragán na Argentina e do Parque Pereyra Iraola também na Argentina serviram como modelos, disponíveis no anexo 2 deste trabalho.

Optou-se por ter a fichas de inventário de paisagem cultural do ICOMOS como referência, porém, a ficha utilizada pela autora foi mais sucinta, pois a ficha de inventário do Icomos possuía categorias complexas de forte relevância para a análise da paisagem como por exemplo o item características ecogeográficas, neste item constava por exemplo a descrição do solo, da vegetação, da fauna, topografia e geología assim como o ecossistema da região. Porém, não se fez necessário este dado para esta etapa da pesquisa, pois objetiva-se fazer apenas um inventariado destas paisagens. Vale ressaltar que para fins de tombamento, é importante o maior número de informações possíveis. Também como estratégia de análise da paisagem foi estabelecido o croqui in loco, pois não era possível fazer as medidas em algumas edificações, ou por perigo de desabamento ou porque os donos não teriam a oportunidade de abrir a residência e as medidas seriam apenas externas. Assim esta estratégia facilita a compreensão do sítio/paisagem/conjunto analisado.

Desta forma a ficha criada para esta pesquisa foi organizada na forma de itens, facilitando a forma da visualização de todas as instâncias observadas, a exemplo da ficha de inventário utilizada e cedida pela historiadora Gladis Pipi no município de Gramado/RS, disponível no anexo 3 da presente pesquisa.

Sendo assim, foi possível a realização da inventariação desenvolvida pela pesquisadora, porém dos 13 sítios/paisagem/conjunto mapeados, apenas 11 foram inventariados, por motivo de falecimento dos proprietários de duas propriedades.

3.8.3 Entrevistas

Com o intuito de complementar a pesquisa de campo, foi efetuada entrevistas com alguns moradores vinculados a paisagem/edificações onde foram aplicadas as fichas de inventário.

Segundo Manzini (2004) uma entrevista, conforme sua finalidade pode ser conduzida com uma orientação diretiva. Fala-se, então, em entrevista estruturada, que se assemelha ao questionário porque se desenvolve com base em perguntas e respostas. Entrevistas estruturadas devem ser cuidadosamente planejadas e as perguntas elaboradas em íntima

conexão com os objetivos visados. A metodologia utilizada para a pesquisa foi à entrevista semiestruturada de sondagem que visa à coleta de dados. Foi utilizada a entrevista semiestruturada com o intuito de deixar os moradores confortáveis durante a conversa, sem uma estrutura rígida.

Com o objetivo de avaliar o grau de importância das edificações históricas/paisagens foram feitas três perguntas aos proprietários/ pessoas ligadas a edificações, a saber:

O que essa Edificação/ conjunto/paisagem significa para o senhor (a)?

O que essa Edificação/ conjunto/ paisagem significa para sua família?

Existe interesse em manter a edificação/ conjunto/ paisagem?

Os entrevistados tiveram liberdade para decorrer sobre o assunto. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de forma qualitativa interpretativa.

Os indivíduos foram entrevistados a respeito das edificações/conjunto/ paisagem onde as fichas de inventários foram aplicadas e através do aplicativo *Word Cloud* foi possível fazer uma nuvem de palavras de cada entrevista, e desta forma perceber o que era mais importante para cada morador, pois o aplicativo evidencia as palavras mais repetidas e enfatizadas pelo entrevistado. E por fim foi feito uma nuvem de palavras mesclando as entrevistas realizadas aos moradores de Monte Bérico e Lajeadozinho, para compreender o que era mais importante a todos.

3.8.4 Levantamento de Bens Imateriais

Após todas as etapas da pesquisa de campo, somado a revisão bibliográfica, ficou evidenciado que esta pesquisa não estaria completa sem o levantamento dos bens imateriais, pois entende-se que a paisagem cultural é a marca que o ser humano deixa em determinado lugar, e ele o faz em determinada ação ou atividade do seu cotidiano, essas ações, podem ser o trabalho rural ou as festas religiosas.

Os bens de natureza imaterial foram separados em quatro categorias de saberes:

A- Produção de alimentos/cultivo.

B- Trabalho.

C- Religiosidade/ Vivência em comunidade.

D- Dialeto Talian, falado nas áreas rurais estudadas.

Após o levantamento dos bens imateriais, um item de cada categoria foi escolhido para ser descrito por um morador da região.

Na categoria produção de alimentos/cultivo, foi escolhida a produção da chimia, espécie de geleia, produzida no *fogolaro* (fogão primitivo, onde a panela fica pendurada em cima do fogo no chão). Pois para fazer a chimia é necessário, cuidar de todo o processo produtivo das frutas para depois aplicar o conhecimento do saber da produção da chimia.

Na categoria Trabalho foi escolhida a profissão de marceneiro, pois o ofício se mantém até a contemporaneidade em algumas famílias de imigrantes italianos.

Na categoria Religiosidade/Vivência em comunidade, foi escolhida uma pessoa responsável pela diretoria de umas das capelas das comunidades estudadas, para que se entenda a estrutura das comunidades e a participação da população nas festas religiosas.

E por fim na categoria Dialeto Talian, foi feita visita nos salões da igreja, onde é costume os moradores irem para jogar cartas ou outros jogos, e observar se os moradores das comunidades conversam em dialeto. Além disso, foi selecionada uma família que sempre viveu na comunidade para falar sobre o assunto.

O critério de escolha dos entrevistados para falar sobre os bens imateriais foi à mesma usada para escolher os entrevistados sobre as edificações/paisagens, desta forma os indivíduos que tinham ligação com cada categoria acima mencionado foram convidados a dividir seu conhecimento através das entrevistas.

3.9 VIAGEM DE ESTUDOS

Como etapa complementar da pesquisa realizou-se em junho de 2018 viagem de estudos a Itália, foi possível assim uma vivência na paisagem Bérica na região do Vêneto, e visitas a cidade de Verona e Vicenza, origem dos imigrantes italianos que fixaram raízes em Monte Bérico e Lajeadozinho.

Esta viagem também rendeu a oportunidade de apresentar a presente pesquisa na Universidade Degli Studi Di Perugia em Perugia – Itália no seminário intitulado *Brasile: Questioni di spazio: Patrimoni, paesaggi e territorio*. Apresentado juntamente com as colegas mestrandas Bruna Dal Agnol, Denise Moreira e com o professor Dr. Henrique Kujawa.

4 OBJETOS DE ESTUDO

4.1 LINHA THOMAS FLORES: AS ORIGENS DE MONTE BÉRICO E LAJEADINHO

Como já mencionado anteriormente neste documento, porém sendo oportuno retomar esta colocação para a contextualização dos objetos de estudo, a Estrada Geral da Vacaria foi o começo da ocupação do território na região nordeste do estado, também foi fundamental na estruturação da colônia italiana Alfredo Chaves, pois a estrada foi o eixo estruturador da colônia, a partir da estrada geral foram desenhadas linhas (estradas) e ao longo dessas linhas se estabeleciam lotes de 15 a 35 hectares, que eram destinados aos imigrantes.

Os imigrantes italianos, quando chegavam à colônia eram resignados ao “barracão de imigrantes italianos” que se localizava no perímetro urbano da colônia (figuras 25 e 26). Após se dirigiam aos lotes de terra do qual iriam se tornar proprietários (Figura 27), estes procuraram rapidamente se instalar em suas propriedades e dela tirar seu sustento e produtos para comercialização, pois todo o subsídio oferecido pelo governo Brasileiro (enxadas, sementes, ferramentas etc.) deveria ser pago junto com o valor do lote adquirido.

Figura 25 - “Barracão de imigrantes” onde imigrantes aguardavam ser resignados para os lotes rurais.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 26 - Malt Whisky Ltda. O prédio após ser barracão de imigrantes foi hospital e atualmente é fábrica de Whisky.



Fonte: Malt Whisky Ltda disponível em <http://maltwhisky.com.br/site/unidade-veranopolis>.

Figura 27 - Relação do perímetro urbano do município e as comunidades rurais estudadas.



Fonte: Google maps disponível em <https://www.google.com.br/maps/>

A estrada Geral da Vacaria foi posteriormente renomeada (na parte onde passava no perímetro da vila) e foi chamada de Linha Thomas Flores. Até a década de 1940 a estrada que passava pela linha Thomas Flores que mais tarde se tornaria as localidades de Monte Bérico e

Lajeadozinho era a principal ligação entre a colônia de Alfredo Chaves (Veranópolis) e a colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves) onde os carreteiros e tropeiros passavam antes de atravessar o Rio das Antas com mulas e gado como mostram as figuras 28 e 29.

Figura 28 – Colorida manualmente, carreteiros levando mercadorias da colônia meados de 1900.



Fonte: Acervo Eligio Parise.

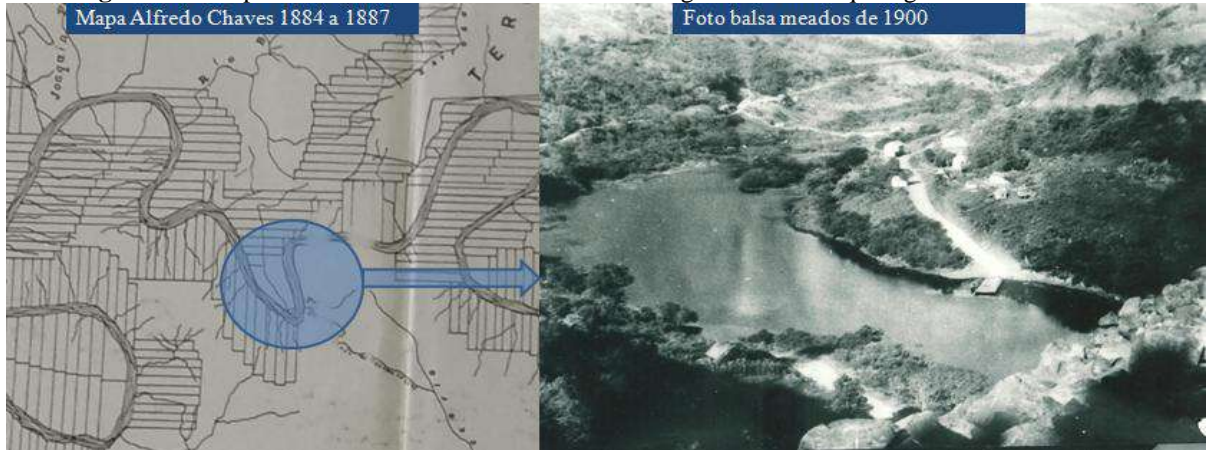
Figura 29 - Encontro de Carreteiros em Alfredo Chaves meados de 1900.



Fonte: Acervo Eligio Parise.

A linha Thomas Flores terminava em uma espécie de porto, que ligava a Colônia de Alfredo Chaves a Colônia Dona Isabel, na encosta do Rio das Antas, os balseiros faziam a travessia de pessoas e mercadorias como mostra a figura 30.

Figura 30 - Mapa de Alfredo Chaves 1884 a 1887 e fotografia da balsa que ligava as duas colônias.



Fonte: Mapa Biblioteca Mansueto Bernardi e foto acervo Elgío Parise adaptado pela autora.

Além da travessia em direção a Dona Isabel, os balseiros também levavam mercadorias até a capital, descendo o Rio das Antas, desembocando no Rio Taquari e chegando à Capital Porto Alegre como mostra as figuras 31 e 32.

Segundo Guertler (2001) esta era uma profissão perigosa, e mesmo no abismo econômico e social em que muitos imigrantes se encontravam, recusavam: Balseiro. Eles eram responsáveis pela condução do material a capital. Enfeixavam centenas de dúzias de tábuas, criando uma espécie de balsa, a balsa era feita do próprio material que seria vendido. A madeira geralmente da árvore Araucária.

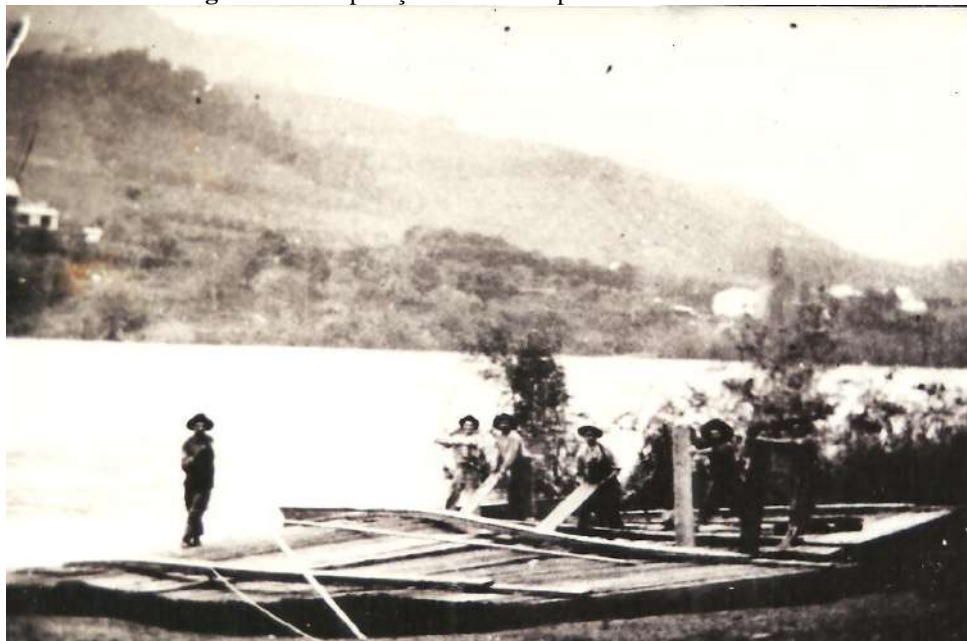
Para Guertler (2001) o risco estava justamente nas técnicas de transporte. Os balseiros precisavam aguardar enchentes. Quando uma se aproximava, levavam as balsas e as pilhas de árvores flutuantes. Com a precariedade das estradas, não havia alternativa. Todos os anos, durante esse trajeto, as águas tragavam dezenas de vidas até que a madeira chegasse ao seu destino.

Figura 31 – Balsas carregando mercadorias com destino a Porto Alegre.



Fonte: Acervo Eligio Parise.

Figura 32 - Preparação das Balsas pela família Cavedon.



Fonte: Acervo Eligio Parise.

Abaixo relato de Gustavo Gurtler da primeira viagem de Paco Sanches como Balseiro.

Prendeu-se a uma balsa de trinta e três metros de comprimento e sete metros de largura. A condução dependia de quatro pessoas: um proeiro, responsável pela ponta da frente da balsa, um prático, que fazia gestos e dois remadores. A figura do prático era a mais importante, pois guia os remadores. No centro da balsa, os quatro trabalhadores montaram uma cabana para se protegerem da chuva. Abriram um buraco na madeira e encheram de terra. O fogão estava pronto. Os quatro homens seguiram rio abaixo. Navegavam somente durante o dia, demoraram 15 dias para entregar o carregamento na capital. (GUERTLER, 2001, p. 48).

Esta pratica rendeu até um ditado popular da região, “o dinheiro desce de rio e volta de mulas”. Uma forma de associar como o dinheiro é facilmente gasto, mas demora a retornar para os bolsos.

Desta forma, alguns imigrantes aproveitaram o movimento dos transportes na linha Thomas Flores, para oferecerem produtos aos que por ali passavam, e assim logo surgiram os primeiros estabelecimentos comerciais. Os mais famosos eram as casas de pasto, espécie de estalagem, onde eram oferecidos pouso e comida aos carreteiros/tropeiros/balseiros e descanso aos animais (figuras 33 e 34).

Figura 33 - Casa de pasto 1900 - Monte Berico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 34- Casa de pasto 1890 – Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Apesar de a linha Thomas Flores ser uma única estrada, a população de imigrantes italianos organizou-se conforme as primeiras capelas foram construídas. Em 1901 foi construída a capela em Honra a Nossa Senhora de Monte Bérico, e em 1910 foi construída a capela de São João Batista, porém a comunidade ficou conhecida como Lajeado (apelido antigo devido ao riacho de mesmo nome que fica na região). Somente em 1972, as duas comunidades são marcadas na atualização do mapa do município (figuras 35, 36 e 37).

Figura 35 – Capela Nossa Senhora de Monte Bérico.



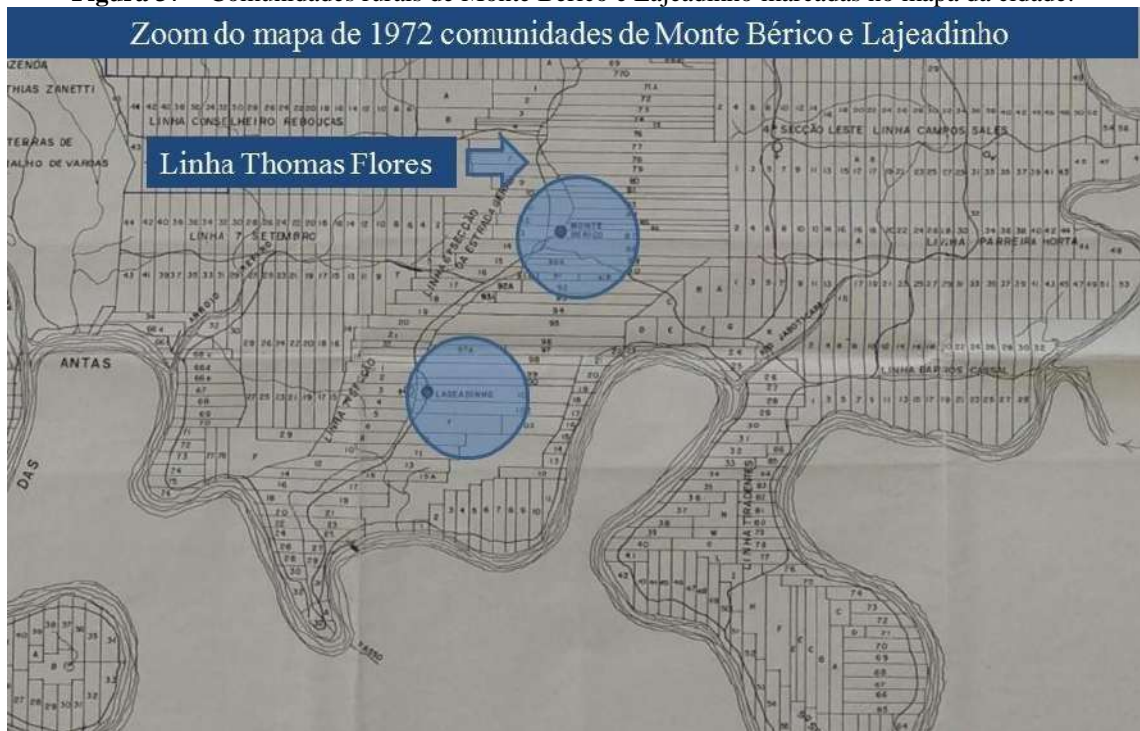
Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 36 - Capela São João Batista.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 37 – Comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadozinho marcadas no mapa da cidade.



Fonte: Prefeitura de Veranópolis adaptado pela autora.

Para Nobre (2010) com o urbanismo rodoviarista que surgiu a partir do primeiro pós-guerra e com a influência das ideias de Henry Ford de que a produção em massa levaria o consumo em massa, levaram a expansão da indústria automotiva nos Estados Unidos e no mundo. Esse ramo industrial tornou-se um dos principais eixos do desenvolvimento econômico de países capitalistas no séc. XX.

Segundo Tunes (2010) com o advento da modernidade, as cidades começaram a ser planejadas priorizando as redes viárias para os automóveis e o transporte privado se consolidou como principal meio de locomoção. Abaixo primeiros automóveis chegando ao município através da balsa, ou seja, nem existiam na época estradas adequadas para a utilização dos automóveis, porém eles já estavam chegando à sede da colônia (Figura 38).

Figura 38 - Travessia dos primeiros automóveis pela balsa– Veranópolis.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Desta forma, no Brasil, aconteceram melhores conexões intermunicipais, foram construídas pontes, rodovias estaduais e federais. Com a construção da nova via de ligação de Veranópolis a Bento Gonçalves - RS 470 (figura 39) e da ponte Ernesto Dornelles, no período de 1942 a 1952 (figuras 40 e 41) foi delineado novo trajeto.

Figura 39 - Linha Thomas Flores e a nova estrada a RS 470.



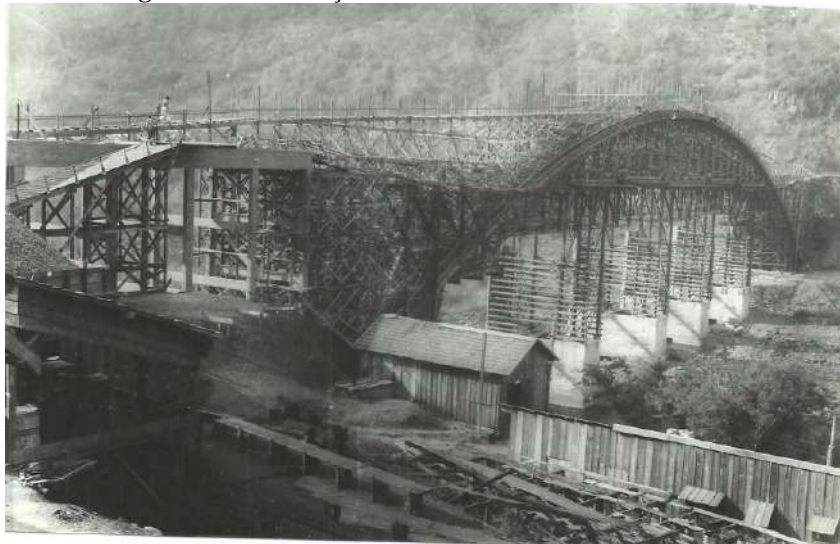
Fonte: Google maps, imagem de satélite disponível em <https://www.google.com.br/maps>.

Figura 40 - Construção da Ponte Ernesto Dornelles 1945.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 41 - Construção da Ponte Ernesto Dornelles 1945.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Por consequência, a travessia por balsas e as estradas que serpenteavam pelas matas caíram em desuso, e as localidades que surgiram as margens da antiga estrada ficaram fora da nova rota.

Com a evolução dos transportes, vimos desaparecer do cenário da colonização italiana, vários personagens que deram expressiva contribuição ao desenvolvimento de Alfredo Chaves e região. Citam-se tropeiros, os vaqueanos, os muladeiros, os balseiros e os carreteiros (FARINA, 1992, p.119).

Com a inauguração da ponte Ernesto Dornelles em 1952, muitos estabelecimentos comerciais mudaram-se para as margens da RS 470, outros fecharam seus negócios, porém a

maioria das famílias das comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho continuaram com as atividades rurais conforme ilustram as figuras 42 e 43.

Figura 42 - Parreirais de uva, Veranópolis.



Fonte: Fogaça, 2018

Figura 43 - Pomar de maçã, Veranópolis.



Fonte: Fogaça, 2018

Atualmente, os moradores das comunidades rurais, trabalham com agricultura e alguns exploram a atividade vitivinícola. Em Monte Bérico existe a vinícola Simonetto (figura 44) e em Lajeadozinho a vinícola Antônio Bin. Ambas trabalham recebendo turistas.

Figura 44 – Vinicola Simonetto, Monte Bérico.



Fonte: Site vinícola Simonetto disponível em <http://www.vinicolasimonetto.com.br/>.

Também são percebidas algumas agroindústrias nas comunidades, há uma diminuição da produção agrícola nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho, causando uma mudança na paisagem que era baseada na policultura. Nota-se uma transformação na paisagem tradicional da imigração italiana, como ausência de plantações tradicionais e criações de animais, o abandono de casas de moradia permanente e um foco nas construções de casas de finais de semana destinadas somente ao lazer.

A paisagem é dinâmica, observa-se ao longo da antiga linha Thomas Flores construções de diferentes estilos e décadas e a modificação do cultivo, sendo assim, a paisagem está em constante transformação, assim como a cultura, pois a cultura não é estática e evolui conforme a necessidade do indivíduo como mostra a figura 45, as construções contemporâneas em contraste com edificação centenária.

Figura 45 - Contraste de edificação centenária e construções contemporâneas.



Fonte: Fogaça, 2018.

Segundo Delphim (2009) o tempo encarrega-se de revelar aspectos desconhecidos, não registrados pelo processo que resulta no tombamento. Um bem cultural pode ser avaliado segundo cada diferente visão, por critérios objetivos ou subjetivos: pelo valor de mercado; pelo valor da matéria prima com a qual foi fabricada; pelo valor religioso, ideológico ou cultural; pelo significado que assume dentro de contextos mais amplos.

As vivências em comunidade nas comunidades estudadas estão ligadas pela identidade cultural (figura 46), seja pela religiosidade, pelas festas típicas, pela lida na terra, pela ajuda entre vizinhos, ou pelas práticas herdadas de seus ancestrais italianos como o dialeto Talian ainda muito falado nas duas comunidades rurais.

Figura 46 – Moradores jogam cartas no domingo à tarde no salão da igreja em Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Desta forma é necessário compreender as transformações sócio-espaciais que acontecem ao longo da história e trabalhar com a sensibilização das comunidades. Para que aconteça a salvaguarda destes patrimônios nos sítios históricos de imigração italiana. Sendo que o objetivo da salvaguarda não está somente na preservação dos bens materiais, mas também na preservação dos bens imateriais.

5 RESULTADOS E ANÁLISES

5.1. ANÁLISE MORFOLÓGICA

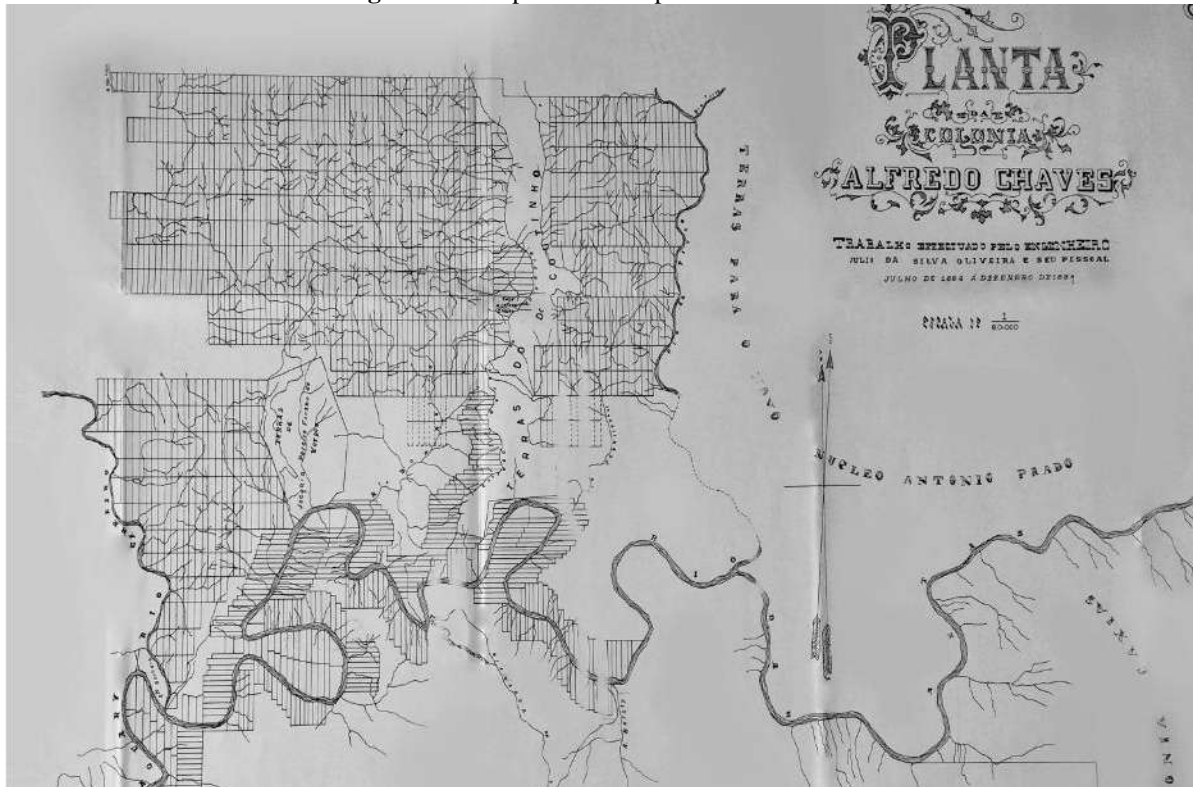
Segundo Furlan e Decicino (2018) um mapa é o plano onde se descrevem os fenômenos naturais e da humanidade. Esses fenômenos são representados por sinais específicos, de acordo com os princípios da cartografia, que é a ciência de compor cartas geográficas ou mapas. Desta forma, procurou-se nesta etapa realizar uma análise morfológica dos mapas históricos da antiga colônia de Alfredo Chaves, entendendo-se por morfologia o estudo da forma, da configuração e da aparência externa da matéria.

Para Moço (2011) os mapas são a mais antiga representação do pensamento geográfico. Registros que mostram que eles existiam na Grécia antiga e no Império Romano, entre outras civilizações da Antiguidade. Os primeiros eram feitos de madeira, esculpidos ou pintados, ou desenhados sobre a pele de animais. Suas funções incluíam conhecer as áreas dominadas e as possibilidades de ampliação das fronteiras, demarcarem territórios de caça e representar a visão de mundo que esses povos tinham. A cartografia nunca foi uma ciência neutra, que representa exatamente o espaço ou a realidade. Por trás de todo mapa, há um interesse (político, econômico, pessoal), um objetivo (ampliar o território, melhorar a área agrícola etc.) e um conceito (o direito sobre determinada região, o uso do solo etc.).

Desta forma é possível constatar que os mapas têm uma função social, por isso refletem as inovações técnicas da sociedade, pois segundo Pont e Haupt (2010) a forma urbana é um elemento de análise multivariável, que pode ser medido e discutido através de um conjunto de indicadores de regulação da forma.

Elencou-se 4 mapas históricos da colônia Alfredo Chaves para análise da evolução do território, os mapas foram fotografados em pedaços pois eram documentos oficiais e não podem ser emprestados para plotagens, posteriormente foram agrupados formando as imagens dos mapas em programa Photoshop e então foram redesenhados no programa AutoCad. O primeiro mapa data de 1884 a 1887 e chama a atenção pela data em si, sendo que o engenheiro Júlio da Silva Oliveira quando assina o mapa justifica que o mesmo foi feito por ele e seu pessoal a partir de julho de 1884 a dezembro de 1887, sendo assim obteve dois anos e meio para medir e mapear a área da colônia, a figura 47 mostra o mapa original.

Figura 47 - Mapa de Veranópolis 1884 a 1887.



Fonte: Biblioteca Mansueto Bernardi.

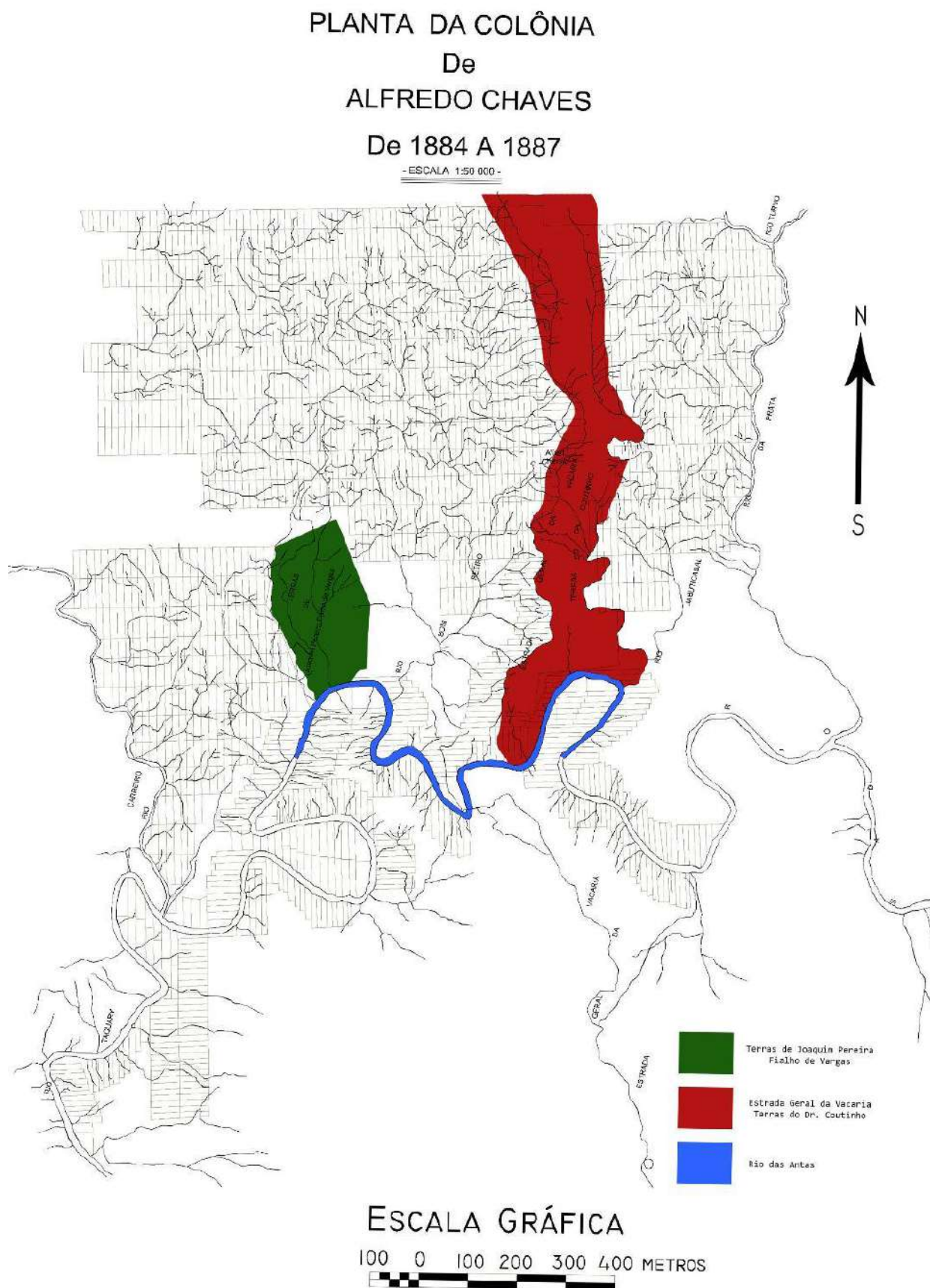
No primeiro desenho do território de Alfredo Chaves, nota-se a estrada Geral da Vacaria como sendo a estrada estruturadora da colônia, a estrada termina no Rio das Antas e continua do outro lado do rio em território da Colônia Dona Isabel (atual Bento Gonçalves).

A partir dela saem às estradas, conhecidas como linhas, pois as estradas que seguiam serpenteando o território agora eram demonstradas no mapa em linhas retas, ainda não possuem neste primeiro desenho, numerações, e ao longo das linhas a divisão dos lotes, que eram vendidos aos imigrantes italianos.

Segundo Posenato (1983) os lotes rurais variavam entre 15 e 35 hectares e solteiros não eram favorecidos, o governo fazia questão de favorecer casais constituídos há pouco tendo a média de 2 a 3 filhos. A sede é colocada ao centro da colônia ao lado da Estrada Geral da Vacaria.

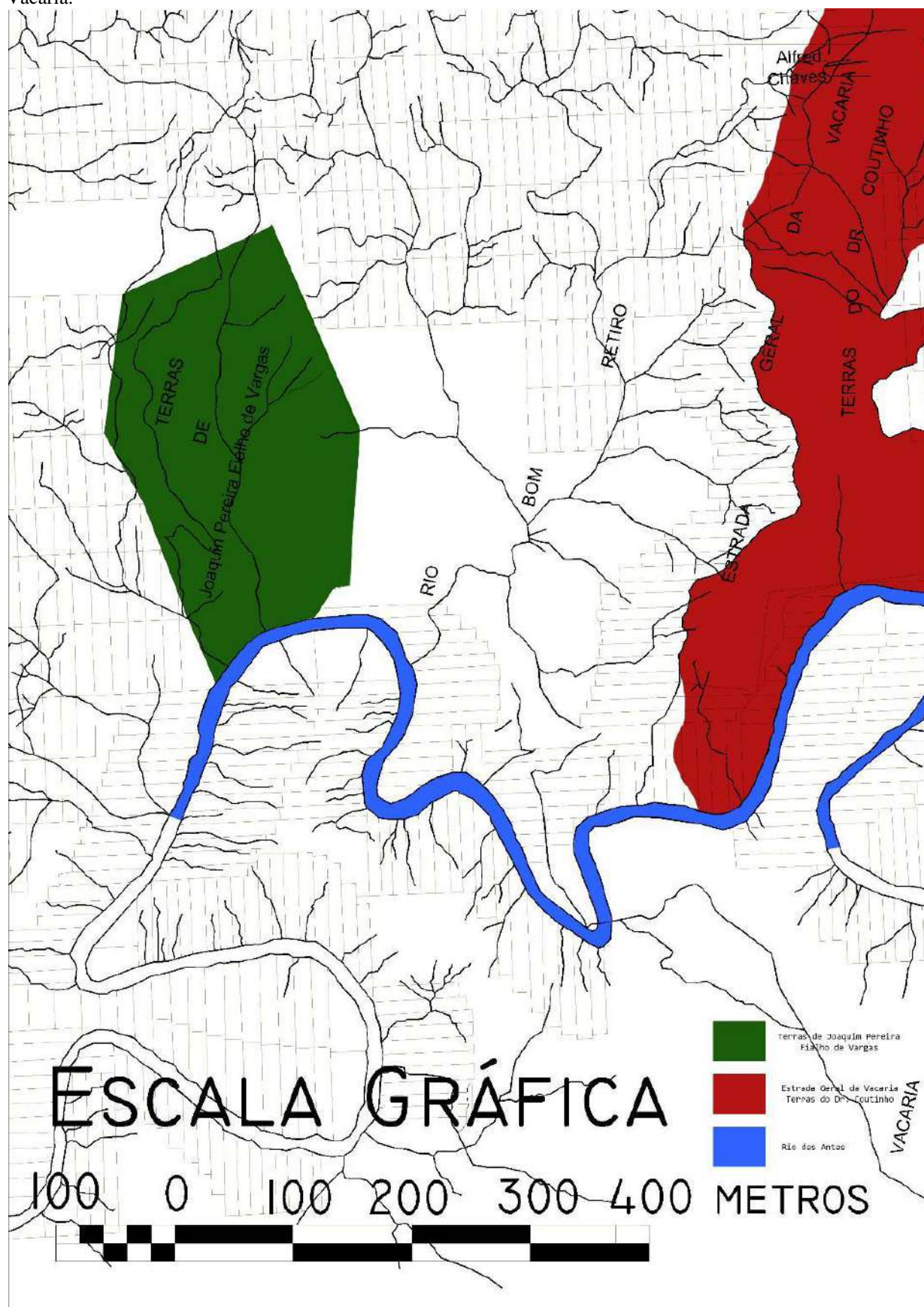
Nota-se também a presença de grandes proprietários de terras na região, herança da primeira colonização do governo imperial baseado no latifúndio, monocultura e escravidão. Ao longo de toda a Estrada Geral da Vacaria, terras não loteadas identificadas como terras de Dr. Coutinho, da mesma forma ao lado esquerdo do mapa na área não loteada se lê Terras de Joaquim Pereira Fialho de Vargas, como pode-se visualizar nas figuras 48 e 49.

Figura 48 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.



Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Figura 49 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad – Zoom Estrada Geral da Vacaria.

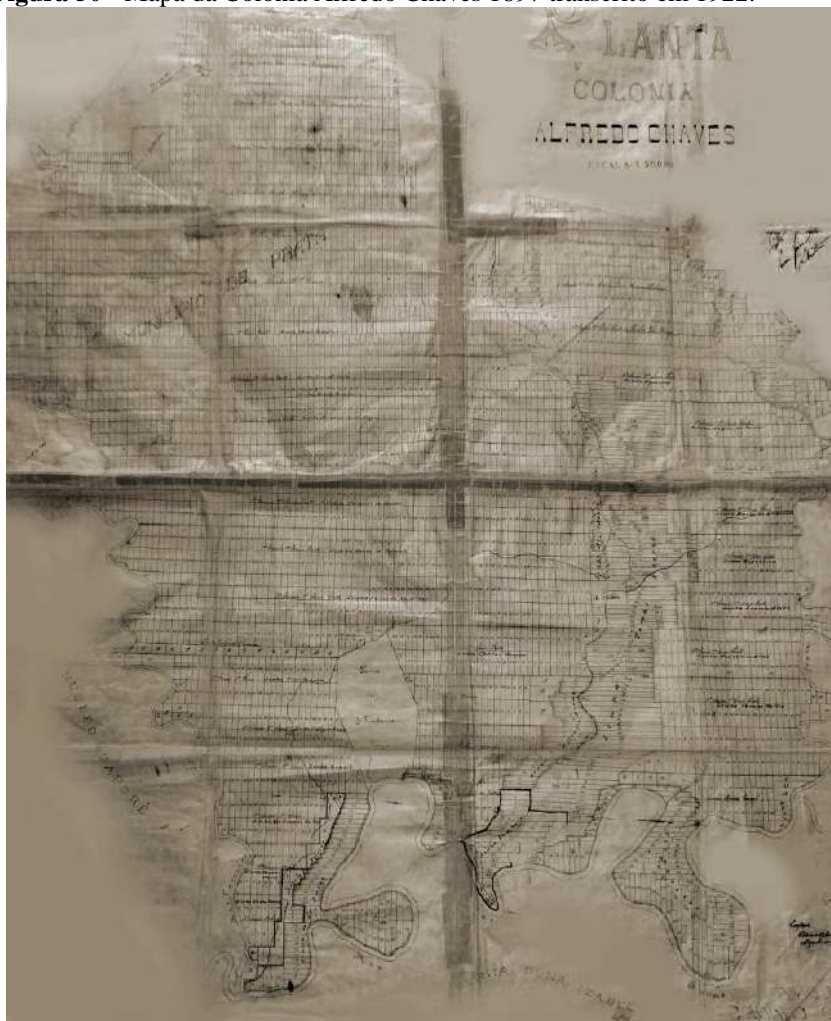


Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

O segundo mapa encontrado no arquivo de terras públicas do Estado com sede em Porto Alegre possui peculiaridades, é o único mapa original, datado de 1897 e transcrito em 1922, em papel manteiga, feito com caneta nanquim e pela idade do documento e falta de recursos para se proteger um documento desta idade, o documento estava em péssimo estado de conservação, como mostra a figura 50.

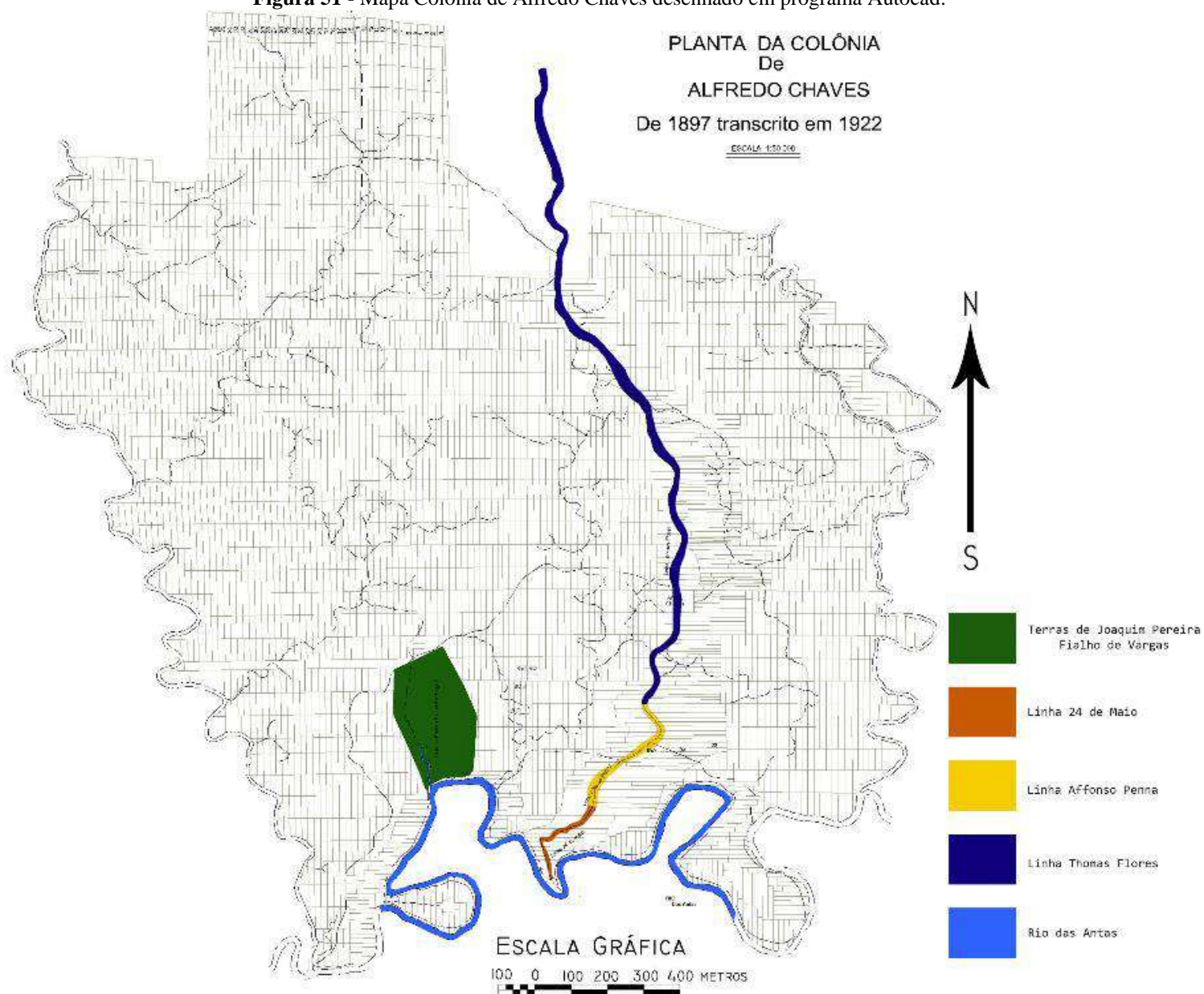
Posteriormente no mapa de 1897 as terras não loteadas que pertenciam a Dr. Coutinho aparecem já loteadas e divididas em pequenas linhas, as linhas no mapa de 1897 aparecem enumeradas e o tamanho da colônia aumenta consideravelmente em 10 anos. O nome Estrada Geral da Vacaria desaparece e transforma-se na parte em que cruza a Colônia em Linha Thomas Flores, depois próximo ao começo da serra chama-se Linha Affonso Pena e por último no final da serra nas margens do Rio das Antas chama-se Linha 24 de Maio. As terras não loteadas a esquerda do mapa continuam em propriedade de Joaquim Pereira Fialho de Vargas (figura 50, 51 e 52).

Figura 50 - Mapa da Colônia Alfredo Chaves 1897 transcrito em 1922.



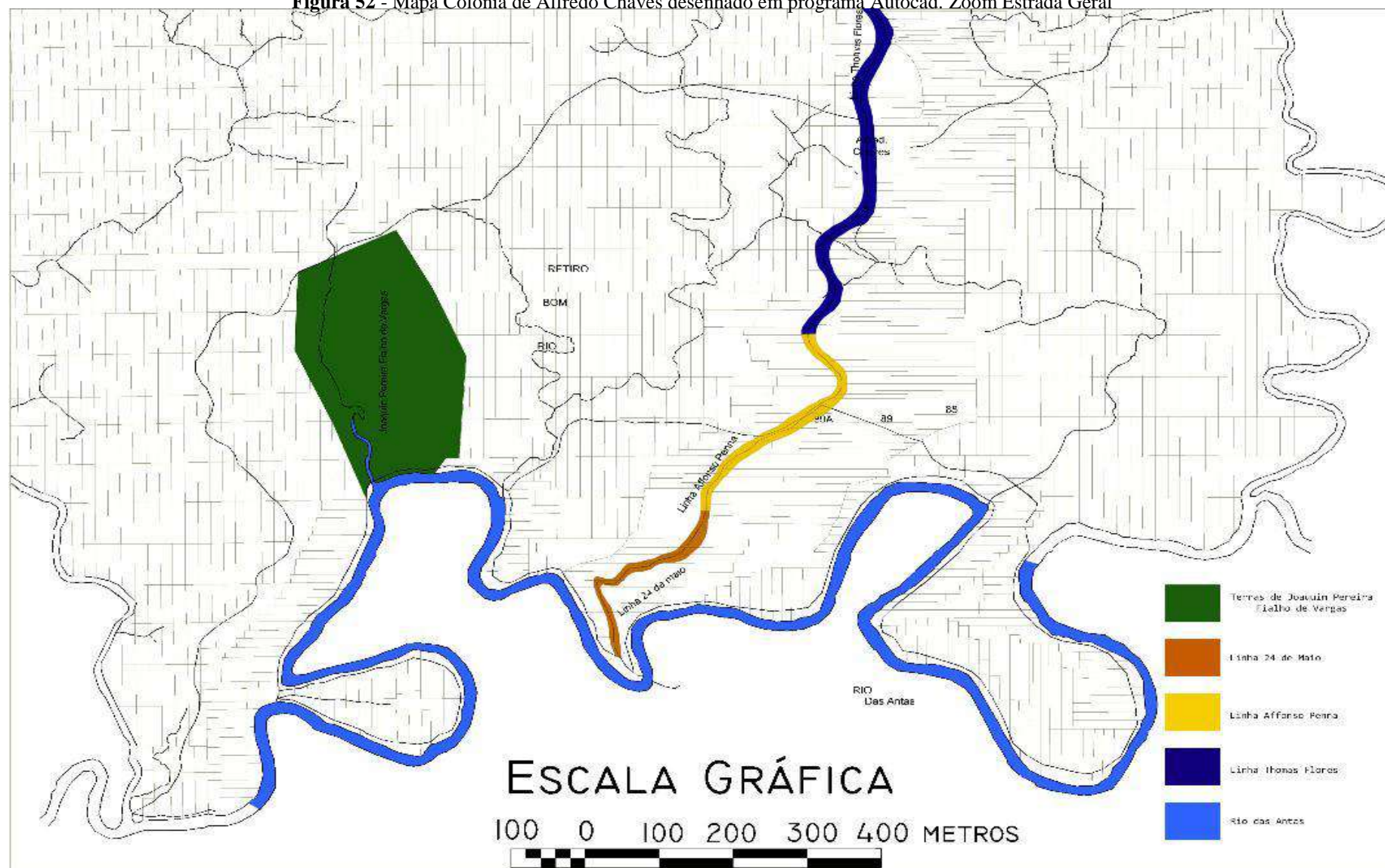
Fonte: Arquivo de Terras Públicas do Estado.

Figura 51 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.



Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Figura 52 - Mapa Colônia de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad. Zoom Estrada Geral

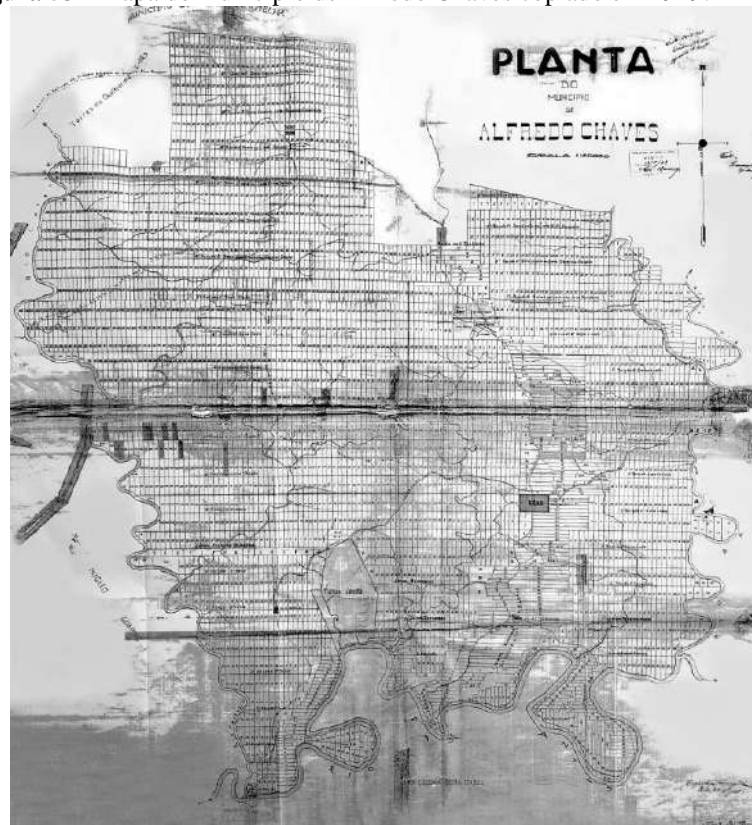


Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

No mapa de 1929 as mudanças são significativas. A primeira delas é o título do mapa, pois os dois mapas anteriores são chamados de mapas da colônia, e neste mapa o título é: Mapa do município de Alfredo Chaves, Alfredo Chaves após se tornar município passou por um período de estagnação, pois após 32 anos se manteve praticamente do mesmo tamanho de 1897. Sabe-se então que a Estrada Geral da Vacaria anteriormente dividida em três linhas é chamada somente de Linha Thomas Flores. As terras de Joaquim Pereira Fialho de Vargas são vendidas a Mathias Zanetti.

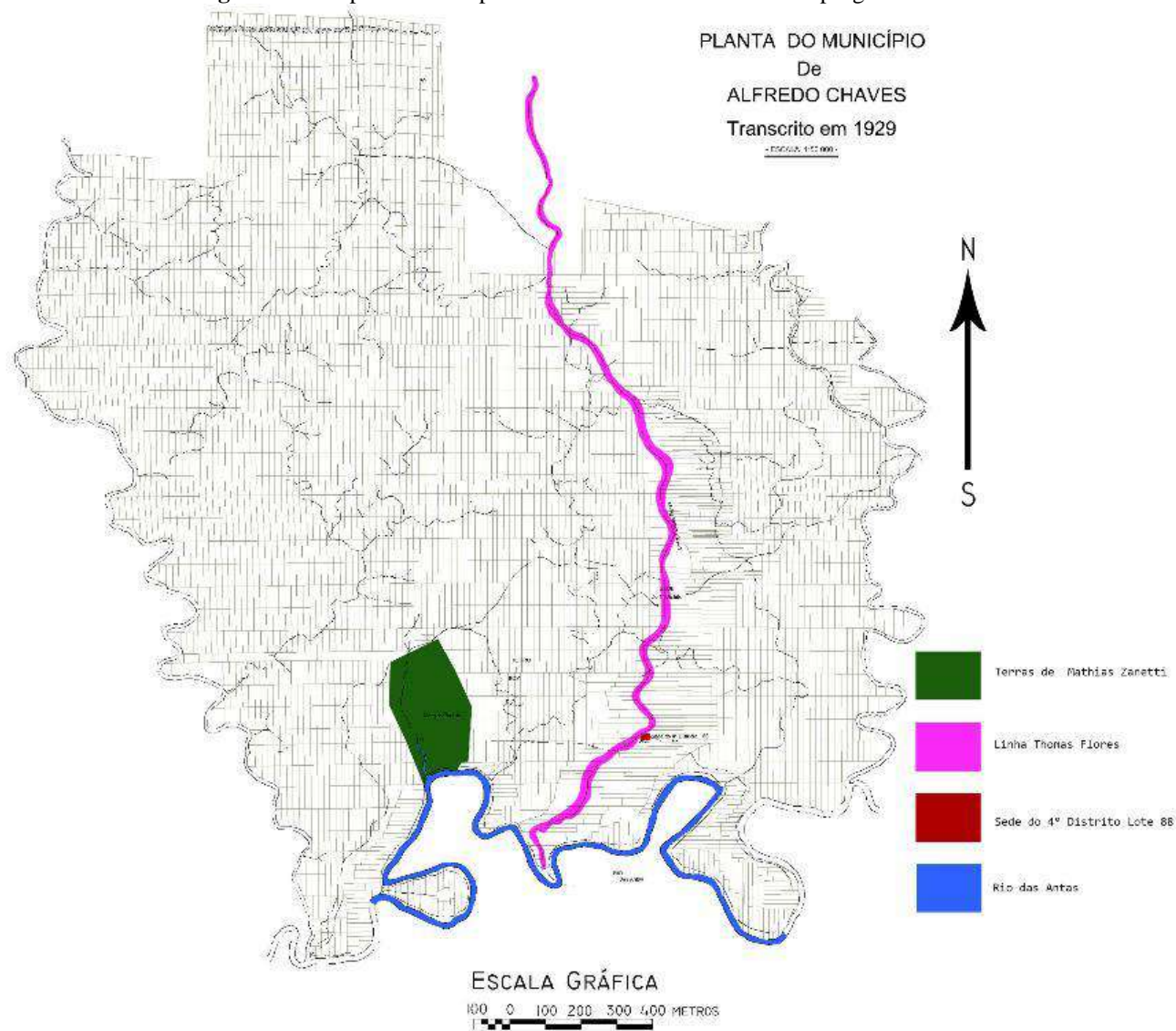
No lote 88 da linha Thomas Flores é sinalizado à sede do 4º distrito do município. Através de pesquisa de campo, durante o levantamento fotográfico e as entrevistas, ficou-se sabendo que o construtor da casa hoje conhecida como Casa Zanetti, umas das edificações mapeadas como bens materiais para a presente pesquisa foi um imigrante italiano que se chamava Marcelo Giordani, o primeiro morador do lote 88. No arquivo de terras públicas do Estado, através do mapa de 1929, e com os dados levantados na pesquisa de campo, foi possível acessar o documento de quitação da compra de terras dos imigrantes italianos, desta forma foi possível fazer uma estimativa da data das construções das edificações ao longo da Linha Thomas Flores (figuras 53, 54 e 55).

Figura 53 - Mapa do município de Alfredo Chaves copiado em 1929.

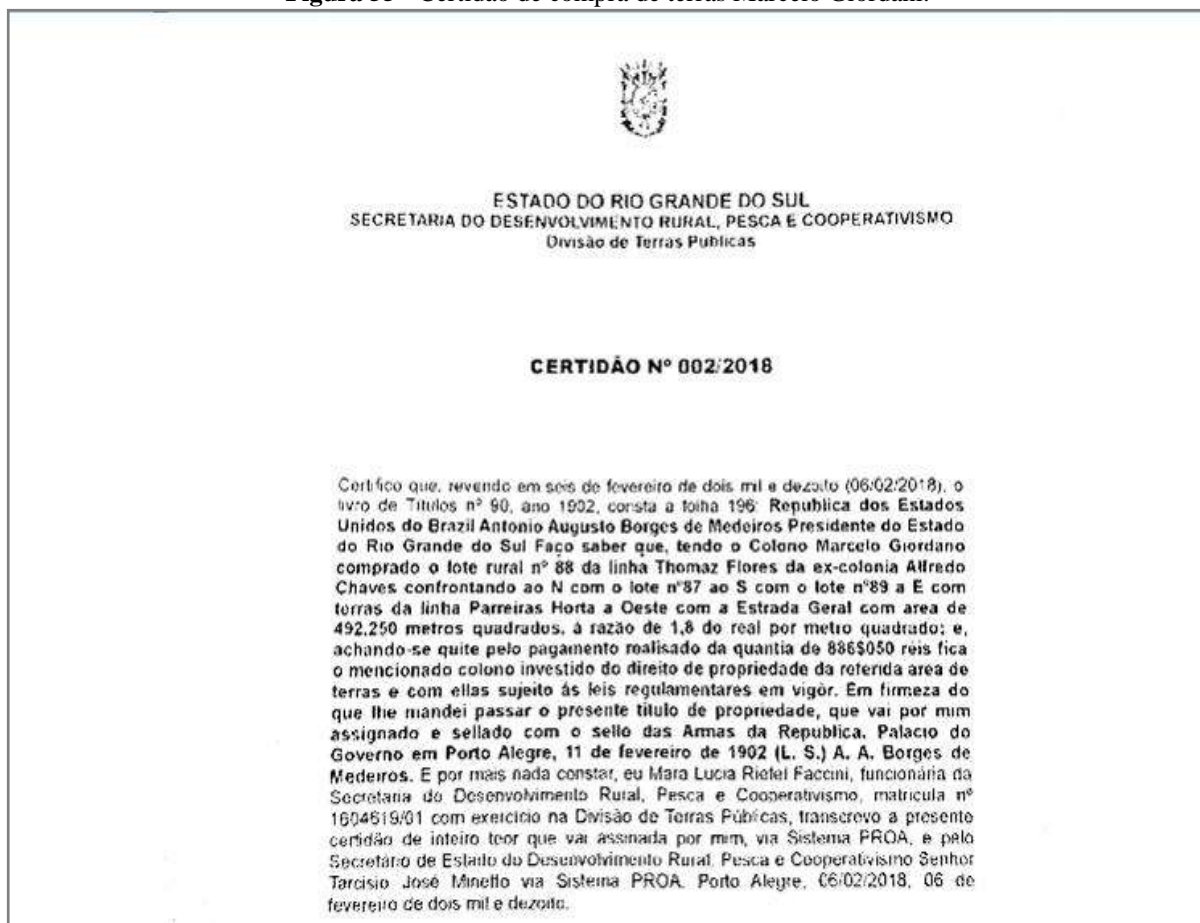


Fonte: Arquivo de Terras Públicas do Estado.

Figura 54 - Mapa do Município Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.



Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Figura 55 - Certidão de compra de terras Marcelo Giordani.

Fonte: Arquivo de Terras Públicas do Estado.

A seguir certificado de quitação da compra de lote rural: “Certifico que revendo em seis de fevereiro de dois mil e dezoito o livro de Títulos nº90, ano 1902, consta a folha 196: Republica dos Estados Unidos do Brazil, Antônio Augusto Borges de Medeiros Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Faço saber que tendo o colono Marcelo Giordano comprado o lote rural nº 88 da linha Thomaz Flores da Ex colônia Alfredo Chaves confrontando ao N com o lote nº87 e as S com o lote nº89 a E com terras da linha Pereira Horta a Oeste com a Estrada Geral com área de 492, 250 metros quadrados, á razão de 1,8 do real por metro quadrado: e, achando-se quite pelo pagamento realizado da quantia de 886\$050 réis fica o mencionado colono investido do direito de propriedade da referida área de terras e com elas sujeito ás leis regulamentares em vigor. Em firmeza do que lhe mandei passar o presente título de propriedade, que vai por mim assignado e sellado com o sello das Armas da república. Palácio do Governo de Porto Alegre, 11 de fevereiro de 1902 (l.A.) A.A.Borges de Medeiros.”

Nota-se a importância de algumas edificações mapeadas na presente pesquisa, pois o lote 88 quitado em 1902 por Marcelo Giordani está sinalizado no mapa de 1929 como sede do quarto distrito da colônia, era comum que os municípios que devido ao seu histórico de

colônia tivessem grande extensão, então para controlar melhor o território, eram de acordo com a importância de cada região escolhidos distritos.

A edificação construída por Marcelo Giordani e posteriormente vendida à família Zanetti, que está no lote 88 e foi sede do 4º distrito do município é um ícone da arquitetura de imigração Italiana do qual os moradores locais expressam um carinho especial (figuras 56 e 57).

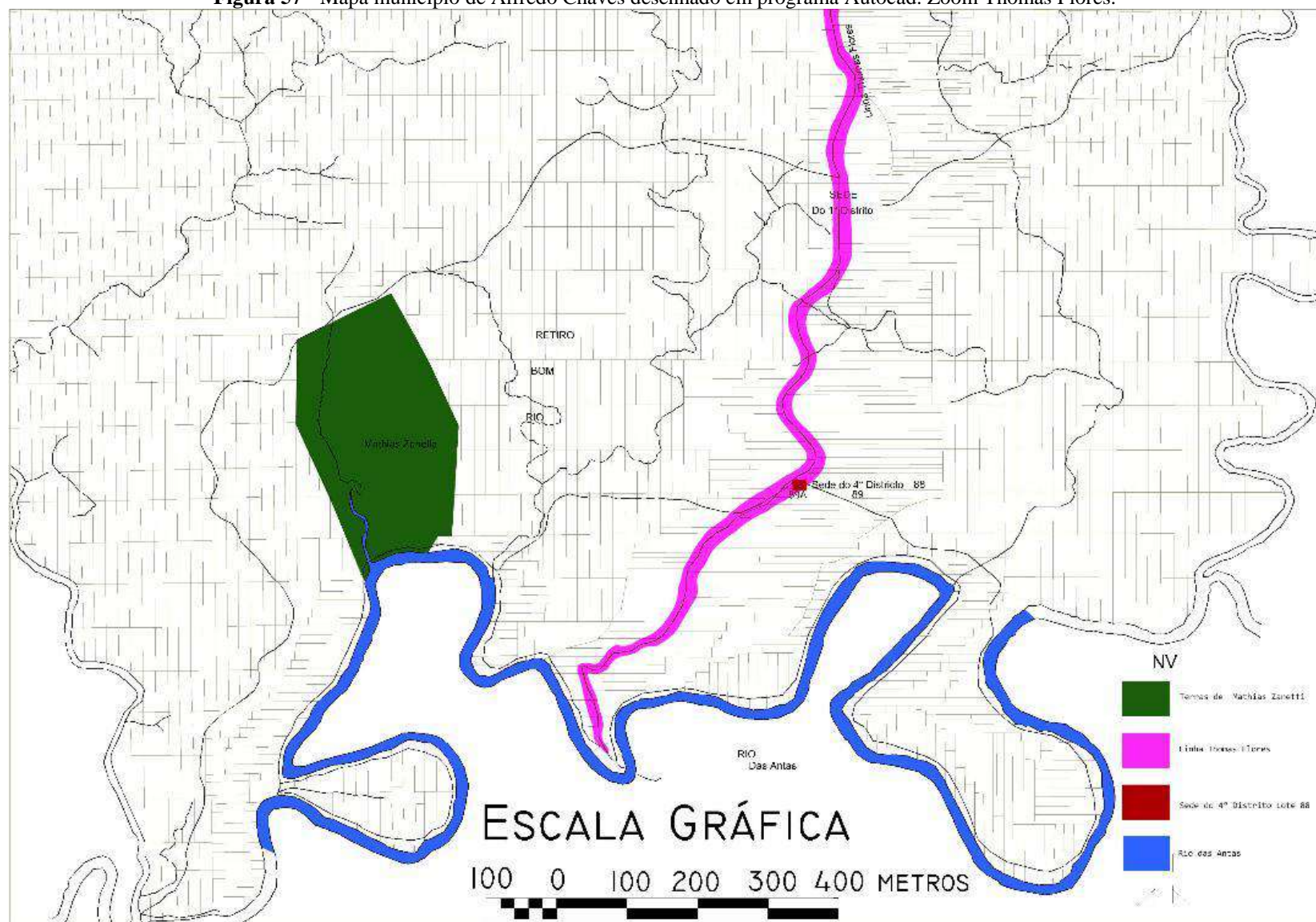
Figura 56 - Casa Zanetti. Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

A nomenclatura distrito é usada nos mapas oficiais até 1929, as nomenclaturas utilizadas em relação aos distritos e comunidades rurais é devido ao fato de o distrito de Monte Berico, nos mapas históricos ser sede do 4º distrito da colônia. Após, esta referência, Monte Berico é tratado como uma comunidade rural ou localidade.

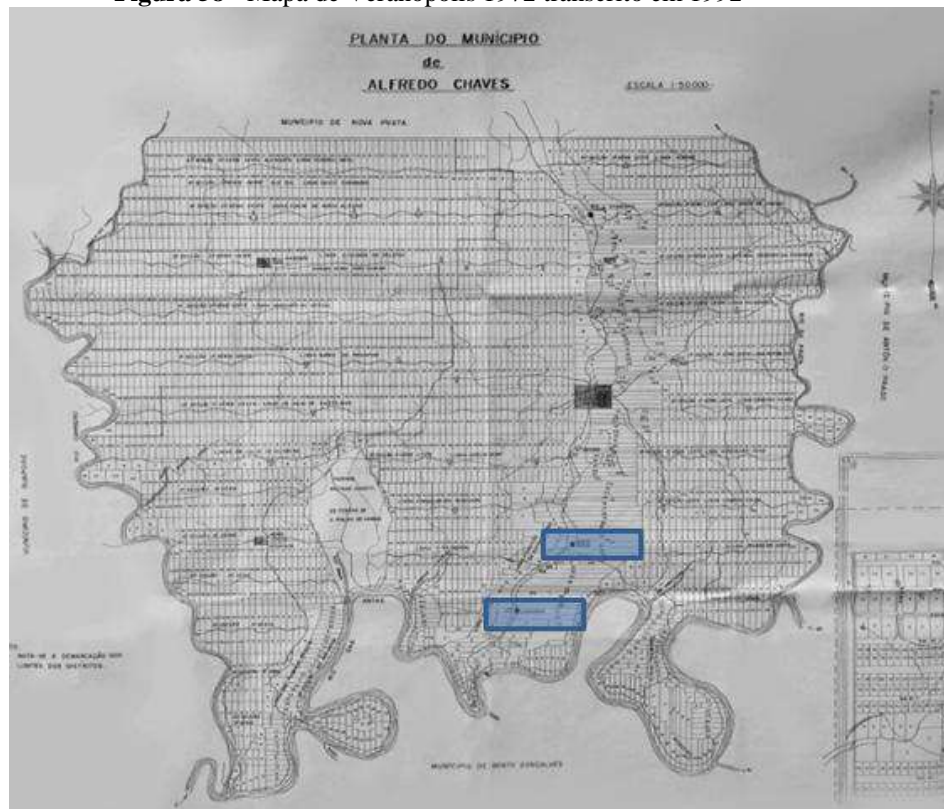
Figura 57 - Mapa município de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad. Zoom Thomas Flores.



Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018

O lote 88 está localizado na comunidade rural de Monte Bérico, apesar das duas comunidades rurais da linha Thomas Flores sempre se dividirem em Monte Bérico e Lajeadinho, construindo inclusive capelas separadas, o nome dos objetos de estudo da presente pesquisa só aparecem oficialmente em 1972, em uma atualização do desenho do município elaborado pelo setor de topografia da prefeitura de Veranópolis, como mostra figura 58.

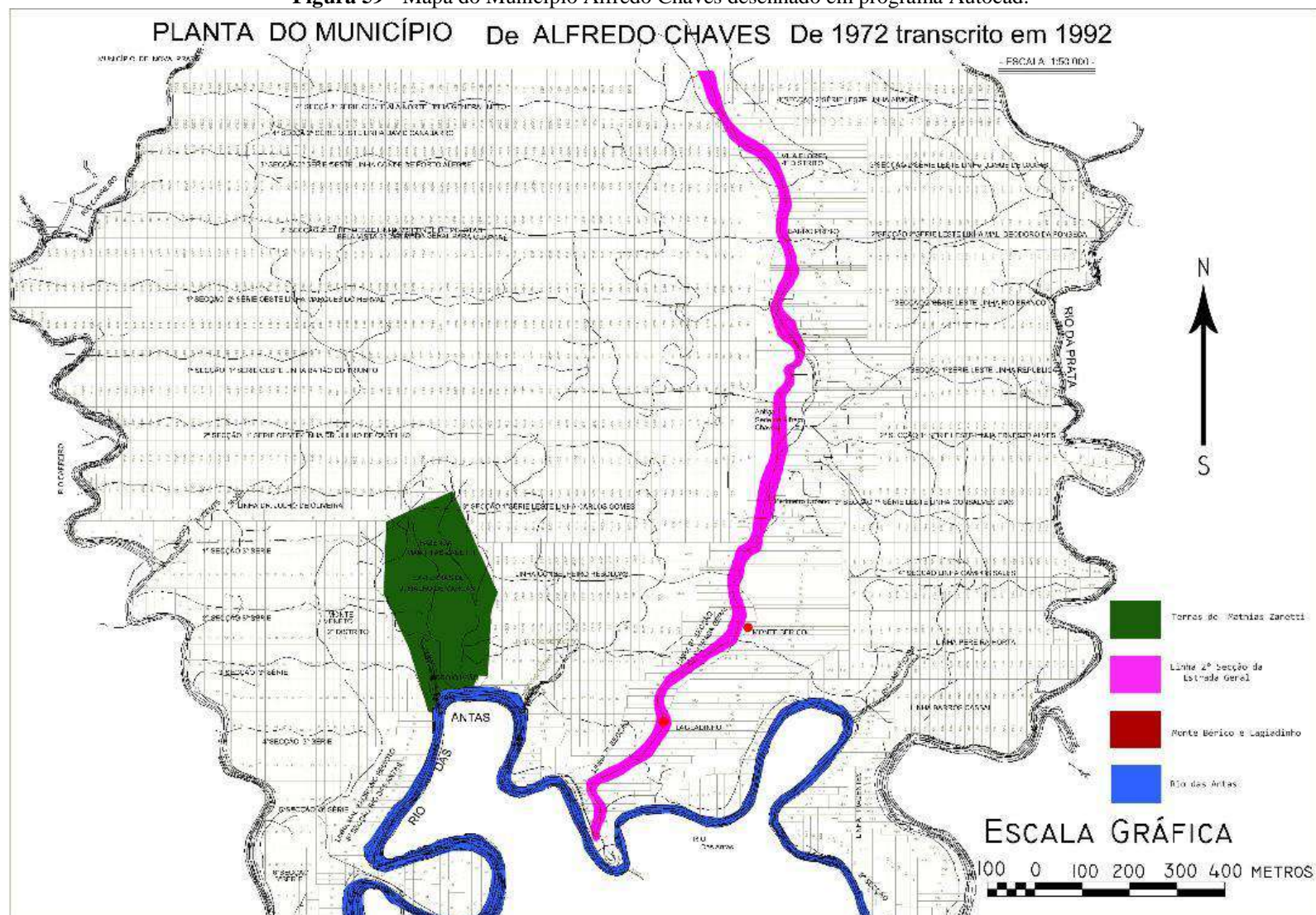
Figura 58 - Mapa de Veranópolis 1972 transcrito em 1992



Fonte: Prefeitura de Veranópolis – Setor de Topografia.

O mapa de 1972, transcrito em 1992 intitula-se município de Alfredo Chaves, embora em 1944 tenha se tornado Veranópolis. O município cresce em extensão de terra, mas ao mesmo tempo perde território, pois ao norte do mapa, perde a área que é descrita no mapa como sede do segundo distrito, este território se tornou o município de Nova Prata. Também a sede do quarto distrito que era em Monte Bérico no lote 88 da linha Thomas Flores foi transferida para a comunidade de Vila Flores (figuras 59 e 60).

Figura 59 - Mapa do Município Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad.



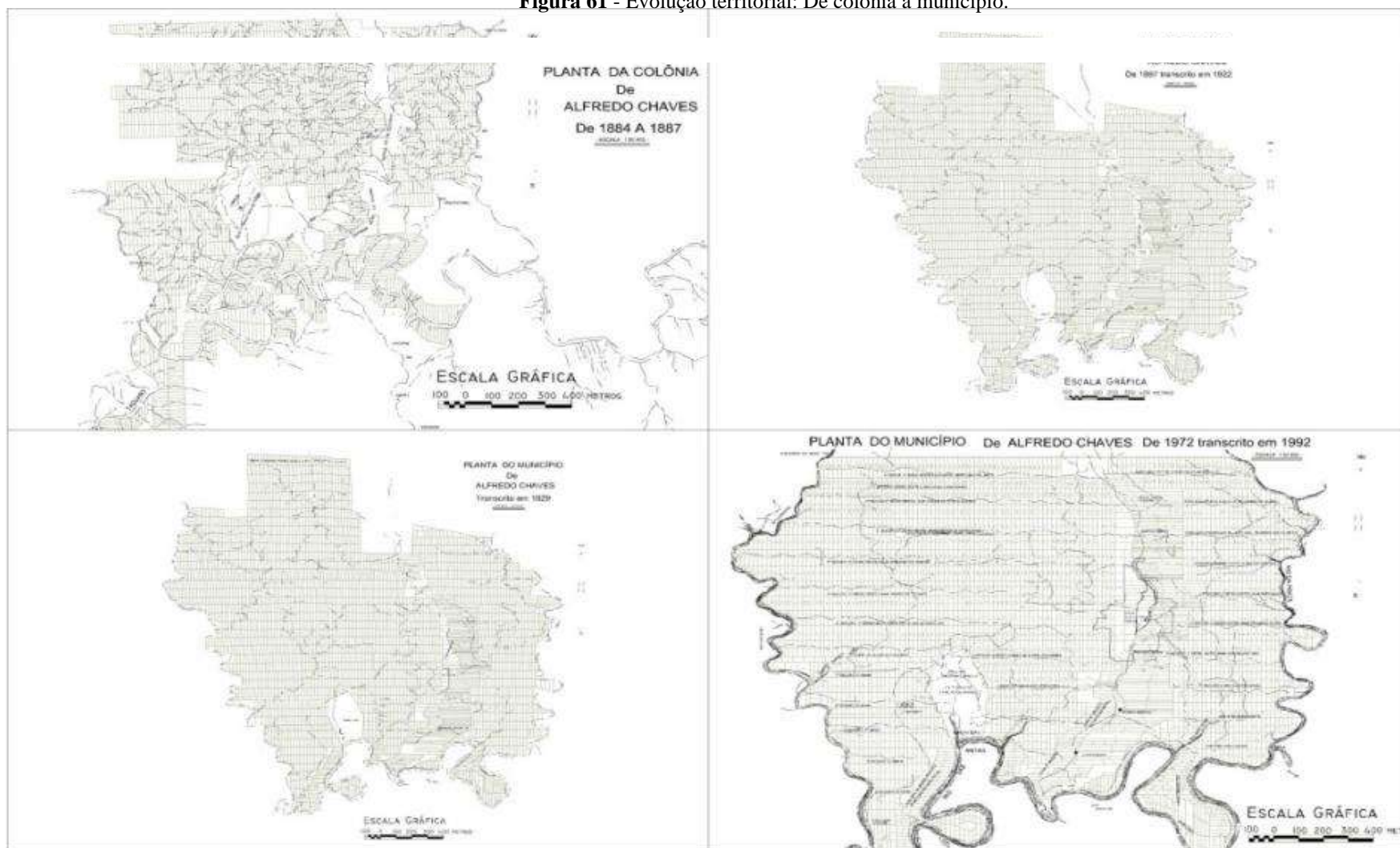
Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Figura 60 - Mapa município de Alfredo Chaves desenhado em programa Autocad. Zoom Monte Bérico e Lajeadoinho.



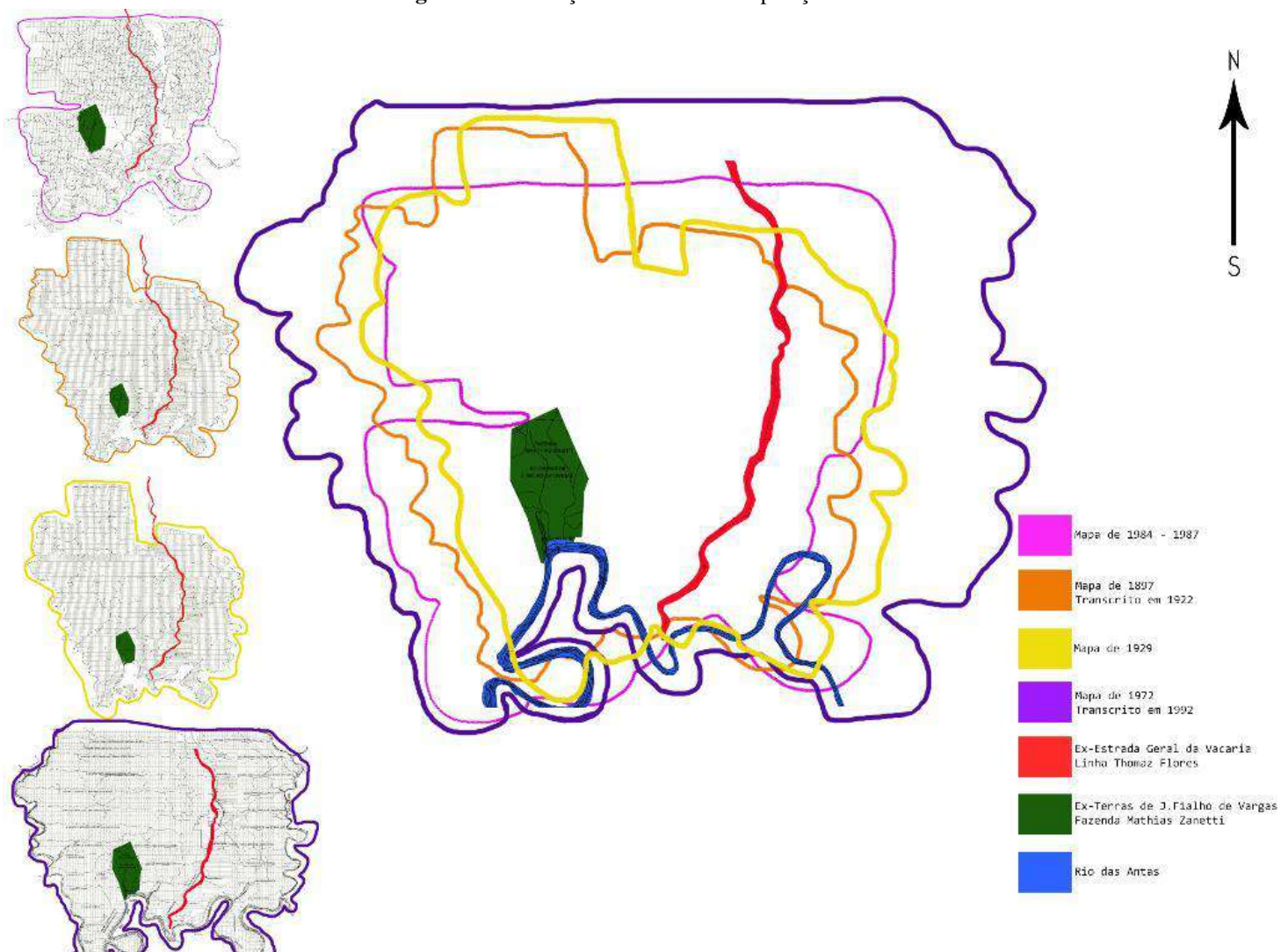
Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Figura 61 - Evolução territorial: De colônia a município.



Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Figura 62 - Evolução territorial: Sobreposições territoriais.



Fonte: Adaptado por Fogaça, 2018.

Nota-se a grande empreitada que foi a elaboração da colônia, evoluiu como um ser vivo, a expansão do território é notável. Nesta anedota de perda e ganho de terras, a grande colônia de Alfredo Chaves, transformou-se em cinco municípios. Alfredo Chaves tornou-se Veranópolis, o distrito de Monte Vêneto tornou-se o município de Cotiporã, os distritos ao norte do mapa tornaram-se os municípios de Nova Prata e Fagundes Varela e o distrito de Vila Flores tornou-se o município de Vila Flores como mostra a evolução territorial da figura 61 e 62.

Monte Bérico que outrora segundo o mapa de 1929 fora o quarto distrito do município, em função do movimento na linha Thomas Flores em direção ao Passo Velho, onde acontecia à travessia do Rio das Antas (sendo desta forma candidata a emancipação a exemplo de outros distritos), devido a vários fatores, inclusive a criação da RS 470 e da Ponte Ernesto Dornelles, perdeu forças como rota comercial. Posenato (1983) chama este movimento de aldeias de apoio às carretas.

Dentre as aldeias surgidas sob critérios espontâneos da imigração italiana, e sem a presença da arquitetura oficial ou da sociedade brasileira da época, e ainda preservadas praticamente em seu perfil autêntico, cito Borgheto, em Garibaldi, e Lajeadozinho, em Veranópolis. Em ambas, as edificações relativamente esparsas, desenvolveram-se axialmente, margeando a estrada das antigas carretas, principalmente em função das quais se desenvolveram e também se estagnaram, com o desaparecimento delas (POSENATO, 1983, p.175).

As comunidades rurais nas margens da linha Thomas Flores entraram em um período de estagnação, as famílias que continuaram nas comunidades voltaram-se a agricultura, atividade que predomina em Monte Bérico e Lajeadozinho até a contemporaneidade, atividades que moldam a paisagem e será analisado no item 5.2 Caráter da paisagem.

5.2 O CARÁTER DA PAISAGEM

Segundo Luca e Santiago (2015) o caráter da paisagem resulta da combinação particular dos atributos definidores do padrão de paisagem por meio dos elementos que distinguem uma paisagem da outra, cujo arranjo é modelado pelas ações culturais e naturais de cada local. Desta forma seguem nos itens 5.2.1 Paisagem Natural e no item 5.2.2 Paisagem Cultural a contextualização do caráter da paisagem dos objetos de estudo da pesquisa.

5.2.1 A Paisagem Natural

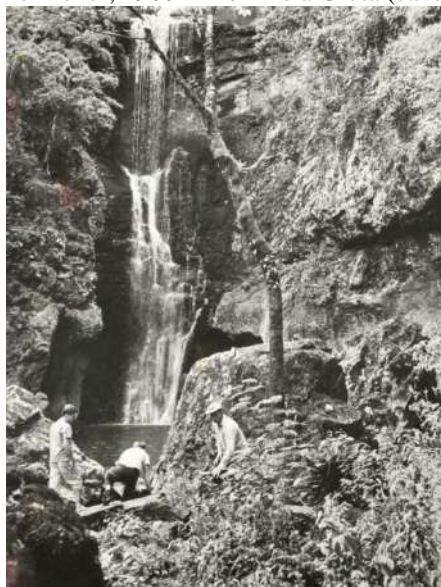
Monte Bérico e Lajeadozinho localizam-se acima do vale do Rio das Antas as comunidades estão cercadas por montanhas, riachos e cachoeiras (figuras 63 e 64).

Figura 63 - Lajeadozinho Vale do Rio das Antas.



Fonte: Fogaça, 2018.

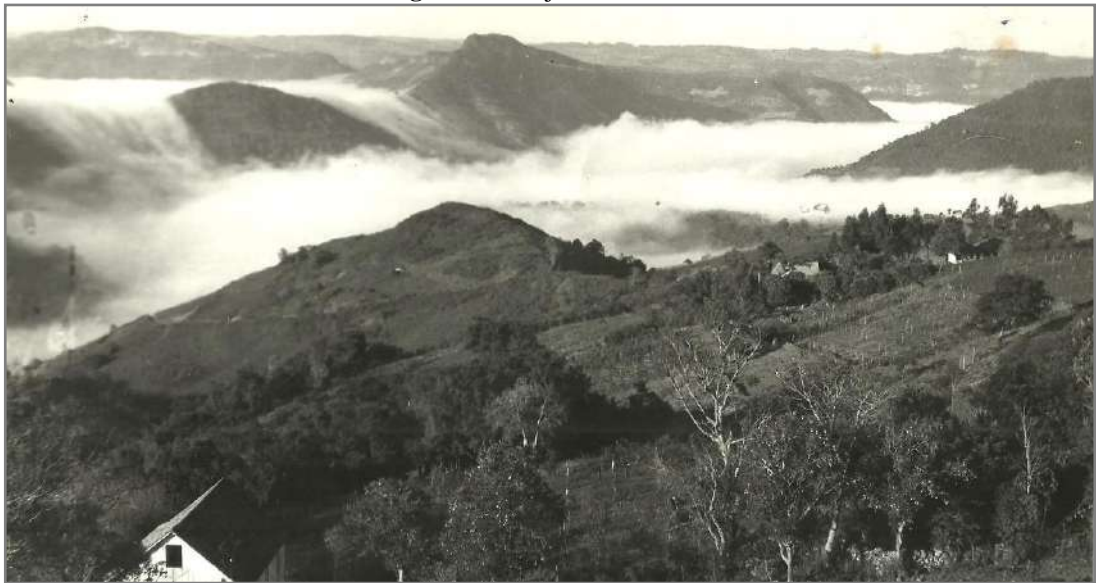
Figura 64 - Irmãos Samuel e Saul Rio Menor, 1960 – Próximo a Gruta (caverna indígena) Monte Bérico.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

A paisagem natural das comunidades sofreu grandes transformações ao longo do tempo. Pois o vale do Rio das Antas era uma imensa floresta de mata fechada onde predominava a presença dos pinheiros araucárias. Porém durante a estruturação da colônia as florestas viraram lotes rurais. Abaixo na figura 65 área rural em Lajeadozinho em 1920, nota-se a ausência de floresta, ao lado direito da imagem parreirais de uva e na imagem 66 atual situação das montanhas, protegidas por leis ambientais como áreas de preservação permanente.

Figura 65 - Lajeadozinho, 1920.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 66 - Monte Bérico, 2018.



Fonte: Fogaça, 2018.

Além da mudança na flora, as próprias montanhas sofreram interferências ao longo dos anos, pois houve a construção de muitas estradas rurais além da construção da RS 470 e da ponte Ernesto Dornelles, desta forma a topografia foi modificada ao longo dos anos. Houve também a construção da barragem Monte Claro, que utiliza o Rio das Antas como força motriz, iniciou as operações em 29 de dezembro de 2004, esta foi uma nova mudança na paisagem, sendo que as comunidades que viviam nas margens do rio precisaram ser removidas e o nível da água subiu consideravelmente.

Como mencionado anteriormente, a estrada que conecta as comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho que é conhecida a linha Thomas Flores também conhecida como Estrada Geral da Vacaria acaba no rio das Antas. O rio das Antas é um rio que banha o Estado do Rio Grande do Sul. Tem suas nascentes no município de São José dos Ausentes, no extremo leste do Planalto dos Campos Gerais. Nas proximidades do município de Bento Gonçalves, o rio das Antas recebe as águas do rio Carreiro e passa a se chamar Rio Taquari.

O rio das Antas percorre um percurso total de 390 quilômetros, seu nome é uma homenagem ao maior mamífero da América do Sul, a anta (*Tapirus terrestris*). A anta é encontrada próxima a rios e florestas úmidas, mais encontrada nas áreas próximas aos rios Paraná e Paraguai, na bacia do rio da Prata e na bacia do rio Amazonas, podendo medir 2 metros de comprimento e chegar a 300 kg (figura 67).

Figura 67 - Anta Brasileira.



Fonte: Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=antas+animal&safe=strict&source=lnms&tbm>

O Rio das Antas é o limite entre os municípios de Veranópolis e Bento Gonçalves, segundo Lynch (1960) os limites são os elementos não lineares não usados ou não

considerados pelos habitantes como vias. São fronteiras entre duas partes, interrupções na continuidade, costas marítimas ou fluviais.

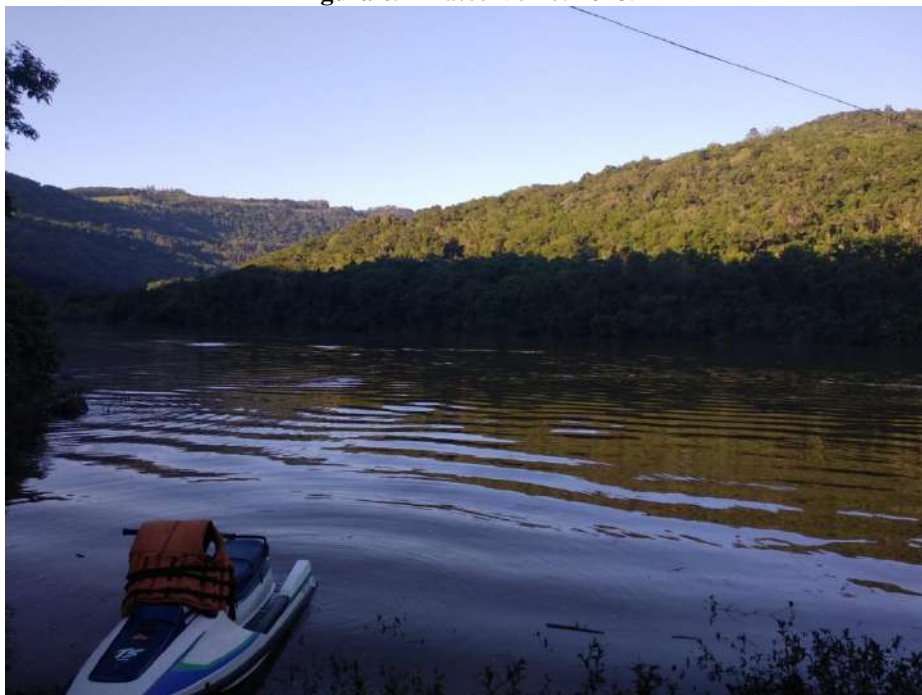
Na figura 68 meados de 1900, membros da família Cavedon preparam balsas no rio das Antas para seguir até Porto Alegre com mercadorias e madeira. Na figura 69, imagem atual do mesmo ponto de vista onde a foto foi batida.

Figura 68 - Família Cavedon prepara balsas. Passo Velho. Meados de 1900.



Fonte: Acervo Eligio Parise,

Figura 69 - Passo Velho. 2018.



Fonte: Fogaça, 2018.

5.2.2 A Paisagem Cultural

Chegamos, enfim, à margem do rio e em breve a balsa deslizava no dorso das águas, transportando-nos para o outro lado. E principiamos a subir. Agora já se vê, a cada momento, casas e roças, lavouras e plantações.

Pés de café contornados por longos rosários de contas de coral; laranjeiras que contrastam o verde das folhas com o amarelo das frutas, bananeiras vergadas, gigantescas plantas de milho, louros e cedros seculares. Tudo atestando finalmente a uberdade do solo.

E La embaixo, muito abaixo, rouqueja ainda, de embate pelas cachoeiras, a grande caudal da serra. Chegamos, enfim, ao alto, ao cimo do monte. Em um quase platô. Respiramos a plenos pulmões.

Vimos uma igreja – princesa submissa – tendo junto de si, guardando-a, alteroso campanário, que lembra o Adamastor de que nos fala o lusitano cantor.

E os sons de seu bronze, ora alegres e festivos, ora doloridos, plangentes, cortam densas camadas de ar, lembrando que alguma coisa existe além da vil matéria.

E o nosso espírito divaga pelo infinito afora, pelo incognoscível da subjetividade, talvez em procura do dedo invisível de um Deus Todo Poderoso, cheio de grandeza e perdão, de amor e doçura, criador do céu e da terra...

E que o som daquele sino nos atraía misteriosamente para a crença de alguma coisa inacessível aos sentidos materiais que não sabíamos definir nem explicar, mas para a qual éramos impulsionados, irresistivelmente, inexplicavelmente.

E a chuva, fina, fria, cruel e penetrante como a ponta de agudos punhais continuava a cair. Lajeadinho, 1905 (DUARTE, 1905. p. 4).

Este poema, que também é uma descrição da comunidade de Lajeadinho em 1905, foi encontrado na etapa de pesquisa documental, em um Jornal de 1905, intitulado Deus e Pátria, escrito em português e italiano (figuras 70 e 71). Este poema é a síntese do que podemos contextualizar como a paisagem cultural das comunidades rurais de Monte Bérico e Lajeadinho até a contemporaneidade. Pois descreve a policultura, típica dos lotes rurais de imigrantes italianos, e coloca a ênfase na fé, na religiosidade, citando a igreja de Lajeadinho, como princesa submissa no topo do monte, a qual possuía misteriosos sinos que os seduziam.

Figura 70 – Capa do Jornal Deus e Pátria, 1905.



Fonte: Casa da Cultura Rovílio Costa.

Figura 71 – Verso do Jornal Deus e Pátria, 1905.



Fonte: Casa da Cultura Rovílio Costa.

As visitas exploratórias tiveram como objetivo selecionar as propriedades características dos sítios históricos rurais de imigração italiana e fazer um registro dos bens de natureza material e os bens de natureza imaterial na paisagem estudada, nesta etapa também se deu o levantamento fotográfico (figura 72).

Figura 72 - Sobreposição das edificações mapeadas no percurso Monte Bérico/ Lajeadozinho no mapa de Veranópolis de 1972 onde aparecem pela primeira vez os nomes das comunidades rurais no mapa do município.

Edificações mapeadas como Bens Materiais Monte Bérico/Lajeadozinho



Fonte: Fogaça, 2018.

Os bens materiais foram mapeados e constatou-se que 13 edificações/conjuntos seriam inventariados. Destas 13 edificações mapeadas foi possível fazer 11 fichas de inventário, as fichas de inventário aplicadas a estas edificações encontram-se no anexo da presente pesquisa.

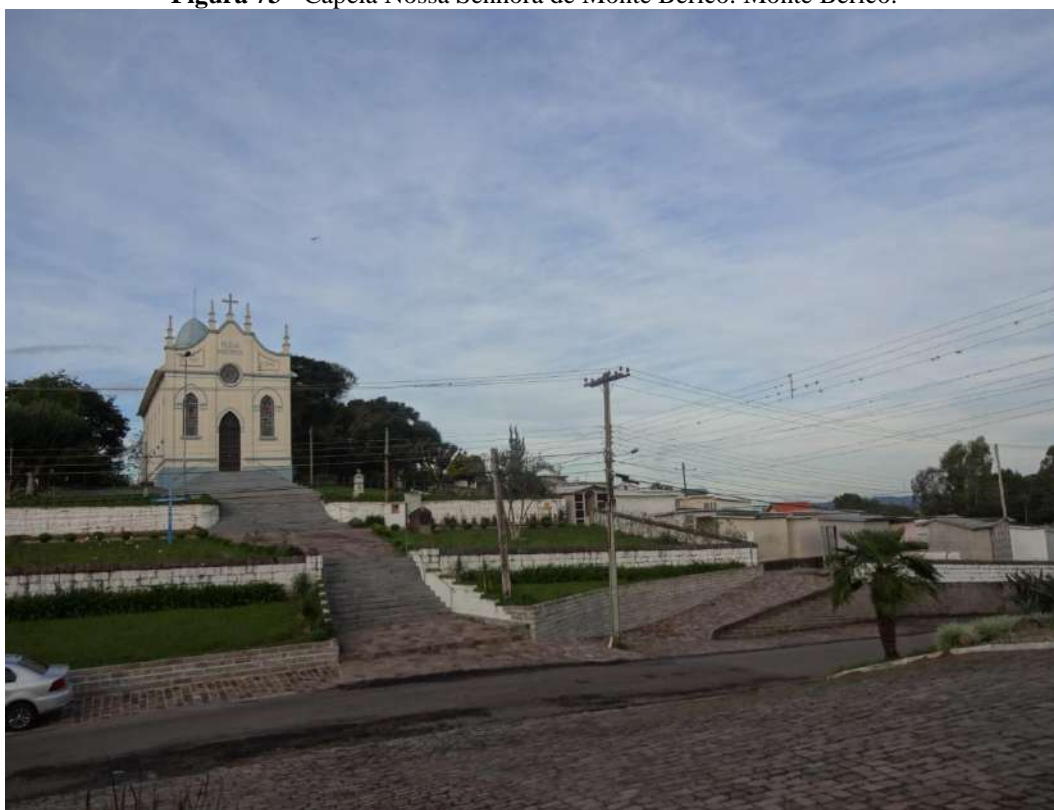
As primeiras propriedades inventariadas foram as de cunho religioso. Pois segundo Posenato (1983) examinar a cultura rural da imigração italiana com mentalidade irreligiosa constitui um contra senso que só pode conduzir a conclusões distorcidas.

Em 1901 a comunidade de Monte Bérico, construía espaçosa e imponente capela, introduzindo a imagem de “La Madonna de Monte Bérico”, trazida diretamente da Itália nos braços da matriarca da família Fracasso. O Quadro só tinha metade do corpo da santa e baseada na imagem foi feita escultura em madeira, posteriormente se descobriu que aos pés da santa, homens rezavam pedindo proteção. O terreno foi doado pela família Fracasso por que o terreno era em topografia acentuada e o Duomo de “La Madonna de Monte Bérico” em Vicenza fica no topo do monte, desta forma a capela de Monte Bérico foi uma homenagem. Segundo o conhecimento popular da região os sinos “abrem” os temporais da comunidade, foram abençoados para proteger as plantações. A primeira construção data de 1901, da qual ainda resta à fachada o restante era de madeira e posteriormente foi substituída por paredes de alvenaria a segunda reforma data de 1949.

A capela Nossa Senhora de Monte Bérico possui jardins no seu entorno onde está localizada a cruz de ferro que data do mesmo da construção da capela, 1901. Também consta o monumento em homenagem ao cemitério da aparição de nossa senhora de Monte Bérico. E Placa fixada em bloco de basalto em homenagem aos primeiros Imigrantes que se estabeleceram em Monte Bérico.

O cemitério localizado a leste da fachada principal foi bastante descaracterizado, sendo que as cruzes de ferro que se localizavam no terreno foram substituídas por mausoléus, do outro lado da rua em frente à capela localiza-se o salão comunitário, sendo dividido em uma parte onde os homens se encontram nos finais de semana e que possui um bar e um ginásio onde ocorrem reuniões, festas e bailes (figuras 73 e 74).

Figura 73 - Capela Nossa Senhora de Monte Bérico. Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 74 - Salão comunitário de Monte Bérico este salão fica em frente à igreja e ao cemitério.



Fonte: Prefeitura de Veranópolis disponível em <http://www.veranopolis.rs.gov.br>

Em Lajeadozinho a comunidade inaugurou em 1910 a capela São João Batista, é famosa por ter sido abençoada por Don Batista Scalabrini conhecido como sendo o apóstolo dos imigrantes. Está em perfeito estado de conservação, ao lado da igreja fica o Cemitério dos

Imigrantes, o cemitério passou por muitas descaracterizações e muitas obras do escultor e marmorista José Soncini se perderam. Neste Cemitério está enterrado o poeta Mansueto Bernardi

Mansueto Bernardi 1888-1966 compôs um poema em 1942, em homenagem aos imigrantes italianos sepultados na comunidade rural de Lajeadozinho – Veranópolis/RS. Chamado Cemitério dos Imigrantes. Como anteriormente mencionado em nota de rodapé seu amor pela paisagem cultural da comunidade rendeu o desejo de ser sepultado em Lajeadozinho, seu mausoléu tornou-se ponto turístico, mas o cemitério possui um segredo, Mansueto não está no mausoléu e sim enterrado na terra em uma lápide não marcada, pois assim ele quis. O poema Cemitério dos Imigrantes já foi traduzido para a língua Alemã e Italiana.

A Capela São João Batista possui um conjunto arquitetônico típico de comunidades de áreas rurais, no conjunto existe capela, cemitério e salão comunitário, sendo que o salão é dividido em uma parte onde os homens se encontram nos finais de semana e que possui um bar e um ginásio onde ocorrem reuniões, festas e bailes.

Nos jardins da capela existe o memorial aos primeiros imigrantes, a cruz missionária e ainda o busto de José Bin, o primeiro a plantar um pé de maçã no Brasil, o que deu a Veranópolis o título de Berço nacional da Maçã. Nos fundos da capela existe um mirante, neste mirante é possível ver as montanhas e os pomares de maçã das propriedades próximas a igreja (figuras 75 e 76).

Figura 75 - Capela São João Batista. Lajeadozinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 76 - Entorno: cemitério, capela, campanário e salão.



Fonte: Fogaça, 2018.

A última capela inventariada é a capela de navegantes construída em madeira, localiza-se as margens do Rio das Antas, é famosa pela festa de navegantes, no mês fevereiro embarcações seguem a santa por um trecho do rio (figuras 77 e 78).

Figura 77 - Capela Nossa Senhor de Navegantes. Navegantes.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 78 - Procissão de Navegantes.



Fonte: Prefeitura de Veranópolis disponível em <http://www.veranopolis.rs.gov.br>.

Nota-se também a quantidade de capitéis ao longo da estrada, pois a grande maioria dos imigrantes era católica e ao chegar aos lotes rurais da colônia de Alfredo Chaves não existiam igrejas próximas. Desta forma até as capelas ficarem prontas era comum a construção de capitéis (80, 81 e 82) onde os imigrantes se reuniam para rezarem juntos. De tempos em tempos, passava algum padre para rezar missas, realizar casamentos e batizados como mostra a figuras 79.

Figura 79 - Padres chegando de balsa na colônia de Alfredo Chaves. Passo Velho



Fonte: Acervo Eligio Parise.

Figura 80 - Capitel em Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 81 - Capitel na descida ao rio das Antas, a data do capitel é de 1921, segundo conhecimento local foi feito para abençoar a descida dos carreteiros.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 82 - Capitel do Passo Velho, este capitel fica próximo ao rio das Antas.



Fonte: Fogaça, 2018.

A descrição das edificações/conjunto/paisagem a seguir são casas de pastos, antigos hotéis e ferraria, estas edificações segundo Posenato (1983) proviam o apoio aos carreteiros e seus equipamentos e animais de tiro, a meio caminho entre núcleos principais.

As edificações que desempenharam um papel muito importante quando a linha Thomas Flores, a antiga Estrada da Vacaria era a única rota comercial da região, são as casas de pasto (figuras 83 e 84) outras edificações que tiveram uma função importante eram os hotéis e as ferrarias (figuras 87, 88 e 89).

Figura 83 - Casa Zanetti meados de 1900. Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

A Casa Zanetti está no imaginário local dos moradores de Monte Bérico e Lajeadozinho, pois mencionam a casa como a casa da emboscada de Paco, além das características arquitetônicas marcantes a casa foi palco de um sangrento embate. Pois Francisco Sanches Filho (Paco), que era balseiro no rio das Antas, tornou-se cabo eleitoral do presidente Borges de Medeiros, tendo apoio das autoridades para cometer excessos com os eleitores opositores do governo. Posteriormente em acordo com o delegado da cidade, começou a cometer grandes assaltos, porém a parceria virou inimizade, que teve um fim no estabelecimento de Zanetti.

Durante dois minutos, o policial ficou apreensivo com o silêncio. Pensou que Paco estava prestes a matá-lo. As mãos tremiam e mal conseguiam apontar o revólver direito se o adversário aparecesse a sua frente. Mas a interrupção no tiroteio aconteceu porque Paco estava preocupado em fugir. Ferido e sangrando muito, ele pulou de um barranco de cinco metros de altura. Caiu nas terras que ficavam atrás do estabelecimento de Zanetti, onde havia um chiqueiro. Correu dois quilômetros até chegar à localidade de Lajeadozinho (GUERTLER, 2001, p. 88).

Paco conseguiu escapar deste embate morrendo algum tempo depois em outra emboscada feita pela polícia.

Figura 84 - Casa Anzanello 1890. Lajeadozinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

As ferrarias e marcenarias eram muito importantes como apoio aos carreteiros, pois estes devido ao péssimo estado de conservação das estradas da época necessitavam de constantes reparos nas carroças e nas ferraduras dos animais (figuras 85 e 86).

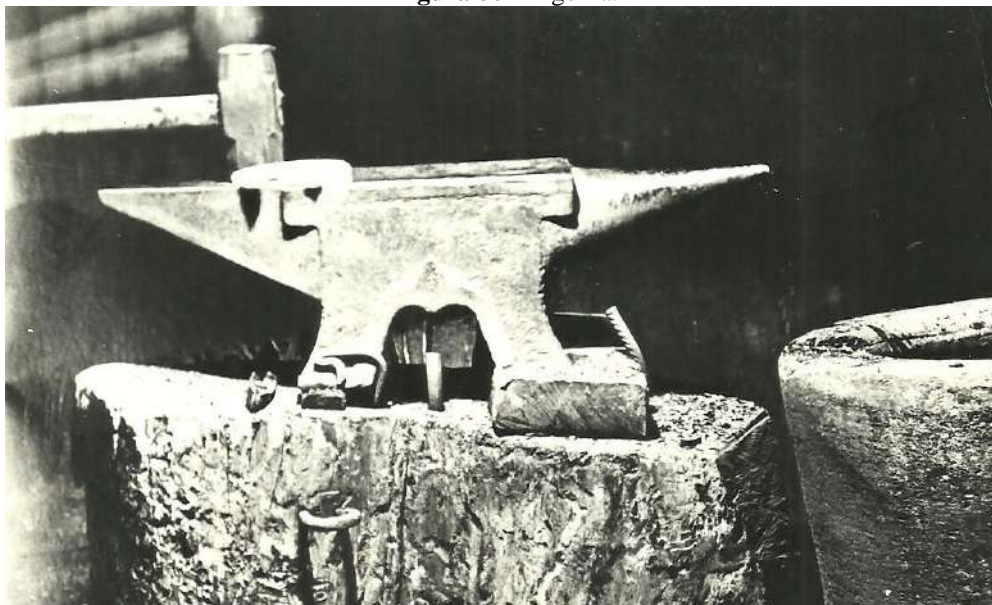
A ferraria da família Cavedon fica ao lado do Hotel Cavedon, as duas edificações são propriedades de Elza Rigoni. O hotel atualmente funciona como residência e a ferraria como depósito (figuras 87, 88 e 89).

Figura 85 - Ferreiros meados de 1900.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 86 - Bigorna.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 87 - Hotel Cavedon, meados de 1900, atual residência de Elza Rigon. Navegantes.



Fonte: Fogaça, 2018

Figura 88 - Ferraria ao lado do antigo hotel Cavedon, atual depósito de Elza Rigon.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 89 - Fundos da Ferraria ao lado do antigo hotel Cavedon, atual depósito de Elza Rigon



Fonte: Fogaça, 2018.

A última edificação que faz parte da arqueologia industrial da região é a cooperativa Aurora. Cabendo aqui uma breve conceituação do que foi considerado pela pesquisadora como arqueologia industrial, pois segundo Rosa (2011) a construção do conceito de patrimônio industrial operou-se por meio da resignificação e reapropriação dos vestígios da produção industrial de modo que estes, antes vistos como traços pouco importantes de atividades econômicas, passaram a ser dotados de valor de “patrimônio”. A mudança do olhar sobre os vestígios industriais emergiu a partir do confronto com o seu desaparecimento na Europa na segunda metade do século XX. A devastação da Segunda Guerra Mundial e o fenômeno da desindustrialização provocavam, por um lado, a obliteração e, por outro, a valorização das marcas da industrialização européia.

Também cabe a discussão do que é arqueologia industrial e o que é manufatura, pois a manufatura em si utiliza pessoas para fazer um trabalho revezado e as fábricas usam a maquinofatura assim se utiliza poucas pessoas para operar máquinas. Após o entendimento destes conceitos, considerou-se arqueologia industrial, a cooperativa de vinhos Aurora, por no momento da instalação da cooperativa já se utilizar máquinas para a produção de vinhos, ou seja, o vinho não era mais produzido através da pisa das uvas, e sim máquinas, estas inovações nos maquinários da época são atribuídos em Veranópolis a Fiorindo Dalla Coletta, Segundo texto divulgado na 10ª Semana do Museu de Veranópolis no site da prefeitura de Veranópolis, Dalla Coletta, apelidado de "O Inventor", nasceu na Província de Treviso, na

Itália, em 1865. Chegou a Veranópolis com 19 anos de idade, acompanhado de seus pais, no ano de 1885. Entre seus inventos merecem destaque a torneira para barris e a bomba hidráulica. Seu invento mais significativo foi o aprimoramento das ELASTIC FLUID TURBINES - Turbinas Fluidas Elásticas - tidas como as precursoras das atuais turbinas dos aviões a jato, como dos jatos comerciais que hoje são muito utilizadas.

Desta forma após o sucesso da cooperativa Aurora em Bento Gonçalves, os associados da cooperativa entenderam que com o aumento da produção vitivinícola de Veranópolis seria interessante implementar uma sede na área de Lajeado. No entanto, a cooperativa faliu gerando desgosto aos sócios da região (Figuras 90 e 91).

Figura 90 - Cooperativa Aurora. Lajeado.



Fonte: Fogaça, 2018.

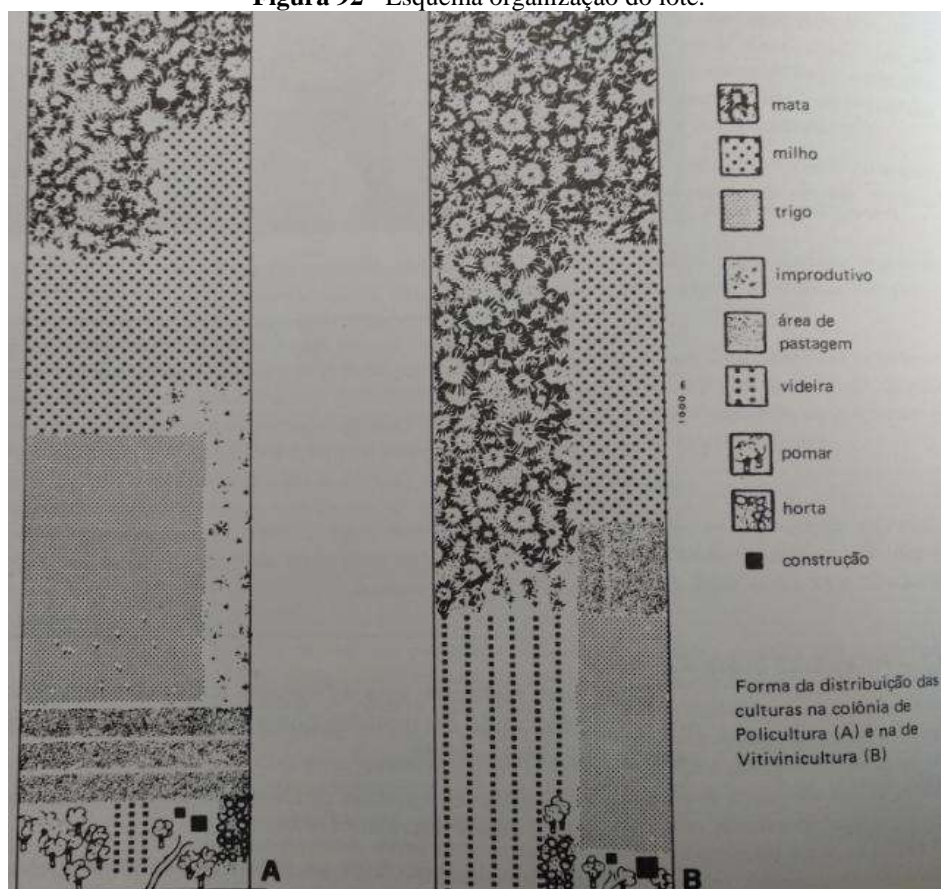
Figura 91 - Cooperativa Aurora.

Fonte: Fogaça, 2018.

As edificações citadas anteriormente eram estabelecimentos comerciais e também residências. Porém é importante demonstrar as casas de cunho exclusivo residencial nos lotes rurais de imigração italiana.

Segundo Posenato (1983) os lotes rurais de imigração italiana organizavam-se em elementos arquitetônicos, sendo estes a casa residencial com a cozinha separada ou não, as instalações domésticas de apoio, como os fornos de pães, por exemplo, e edificações complementares como, por exemplo, galpões. Geralmente as casas possuíam pátios de tamanhos variados que possuíam diversas funções, era onde ficavam os galináceos durante o dia, onde secavam os cereais e também era destinado atividades de lazer, como por exemplo, almoços em família. Também possuía espaços cercados para os animais, podendo ser de madeira ou de muro de taipas (pedras encaixadas) e espaços para culturas permanentes como pomares e também áreas de rodízios de culturas como as plantações de milho, também existia uma área de reserva, em alguma porção do lote a mata nativa era mantida para fornecer lenha de boa qualidade. A figura 92 mostra esquema da organização do lote, feito por Barreta (1975) e citado por Posenato (1983).

Figura 92 - Esquema organização do lote.



Fonte: Posenato (1983).

A seguir imagens das edificações residenciais nos lotes rurais de imigração italiana (figura 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100).

Figura 93 - Casa Lunardi. Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 94 - Casa Lunardi. Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 95 - Casa Bavaresco. Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 96 - Casa Bavaresco. Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 97 - Casa dos lambrequins. Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 98 - Casa dos lambrequins. Lajeadoinho.



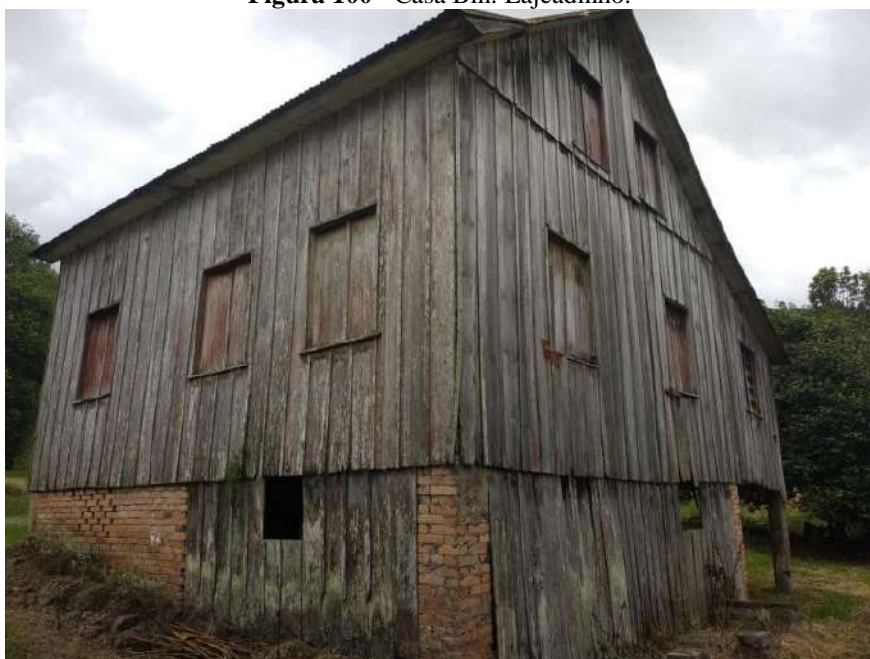
Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 99 - Casa Bin. Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 100 - Casa Bin. Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

Após a demonstração do caráter da paisagem, torna-se importante saber a percepção dos moradores a respeito da mesma, desta forma o sub item 5.2.3 Percepção dos Moradores de Monte Bérico e Lajeadoinho a respeito das Edificações/Conjuntos/Paisagens elucidada sobre o vínculo dos moradores com a paisagem cultural estudada.

5.2.3 Percepção dos Moradores de Monte Bérico e Lajeadoinho a respeito das Edificações/Conjuntos/Paisagens.

Com o intuito de completar a pesquisa de campo, foram efetuadas entrevistas com alguns moradores vinculados as edificações/paisagem/conjunto onde foram aplicadas as fichas de inventário.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi à entrevista semiestruturada de sondagem que visa à coleta de dados. Com o objetivo de avaliar o grau de importância das edificações históricas foram feitas três perguntas aos proprietários ou pessoas conectadas de alguma forma com a paisagem, a saber:

O que essa Edificação/ conjunto/paisagem significa para o senhor (a)?

O que essa Edificação/ conjunto/ paisagem significa para sua família?

moradores possuem diferentes níveis de sentimento de pertencimento e ligação com a paisagem/edificações/conjuntos dos quais possuem contato, pois na nuvem de palavras a respeito das edificações de cunho religioso, nota-se a predominância de palavras como comunidade, família, festa, Itália, dinheiro, reformada, padres e filhos. Nas nuvens de palavras a respeito das casas de pastos, do hotel/ferraria Cavedon e da cooperativa Aurora (figuras 104, 105, 106 e 107) nota-se palavras como história, casa, derrubar, importante, vizinhos, madeira, cupim, rio, mato, longe, dívida, sócios, anos e velha.

Figura 104 - Nuvem de palavras da entrevista feita a Enio Zanetti a respeito da edificação Casa Zanetti



Fonte: Aplicativo Word Cloud, montagem Fogaça, 2018.

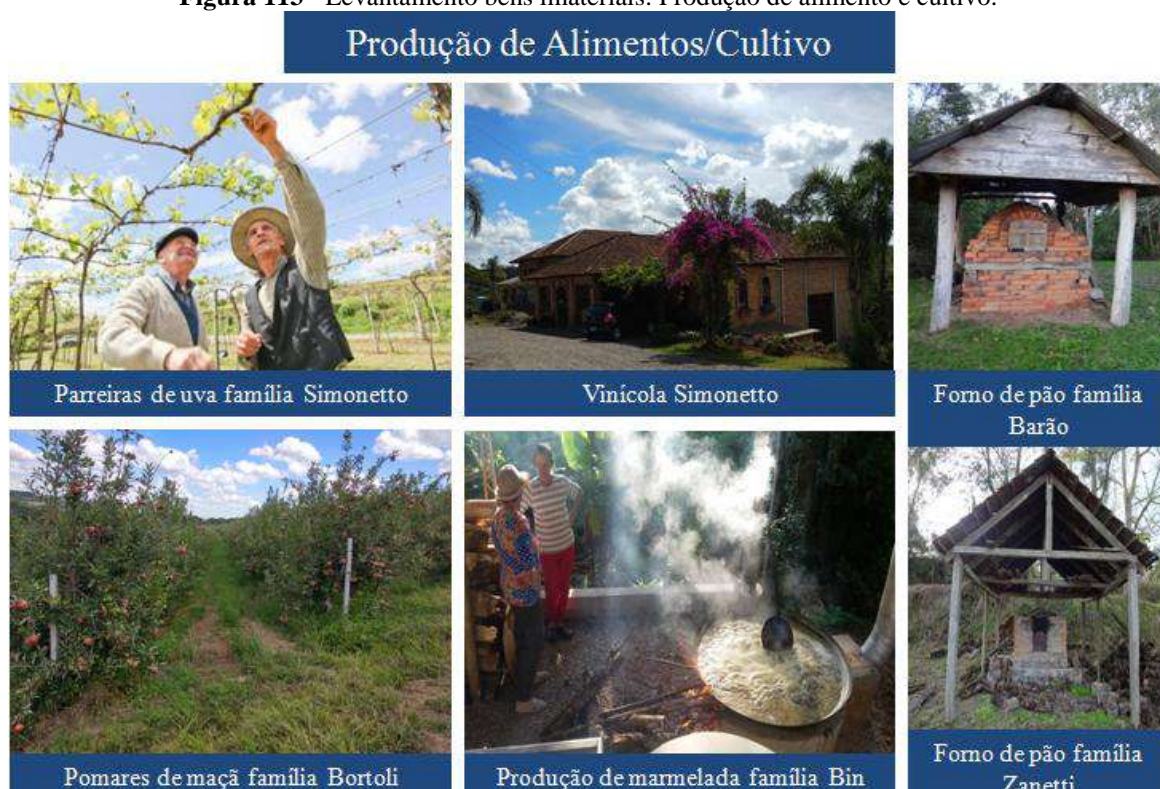
Nas entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo foi possível verificar a percepção dos moradores sobre seus valores e a memória coletiva dos indivíduos, e da necessidade da manutenção da paisagem cultural e do estilo de vida da população. Pois analisando as nuvens, palavras como ajudava, centenária, filhos, família, vizinhos, padres e festa, trazem a tona a ligação das pessoas a fé, núcleo familiar e vivência em comunidade. Palavras como rio, barcos, mato, madeira, estrada velha, pedra, taipa e cupim contextualizam a paisagem.

Essas palavras reforçam o senso de comunidade, de família, da descendência italiana, a importância do trabalho e apresentam alguns referenciais da paisagem cultural e construída que os moradores acham importantes. Também aparecem palavras como cooperativa, ceran, dívida, velha, estrutura perigosa e dinheiro, sendo importante refletir sobre as dificuldades que os moradores passaram ao longo do tempo, são palavras que reafirmam os diferentes níveis de pertencimento dos moradores com a paisagem/conjunto/edificações.

Pois ao mesmo tempo em que os moradores locais possuem uma ligação muito forte e desprendem cuidados e se dedicam as edificações de cunho religioso o mesmo não acontece com os casarões centenários, que em sua maioria são utilizados como depósitos.

5.3 OS BENS IMATERIAIS

Os bens de natureza imaterial após visita exploratória foram separados em quatro categorias de saberes culturais: 1) Produção de alimentos/cultivo, 2) Trabalho, 3) Religiosidade/ vivência em comunidade e o 4) Dialeto Talian (figuras 113, 116 e 124).

Figura 113 - Levantamento bens imateriais: Produção de alimento e cultivo.

Fonte: Fogaça, 2018.

Após o levantamento dos bens imateriais, foi elencado um item de cada categoria de saberes imateriais para ser descrito por um morador das comunidades estudadas. Pois presumindo que a paisagem cultural é fruto da intervenção do homem na paisagem em que está inserido, os bens imateriais, não poderiam ser negligenciados (figuras 114 e 115).

Desta Forma na categoria produção de alimentos/cultivo, foi escolhida a produção de chimia (geleia feita com todos os pedaços da fruta) para ser descrita, pois para se obter o produto final chimia, é necessário uma cadeia de saberes que começa com o plantio das frutas como explica Sandra Marin³.

“Tudo é plantado aqui, o figo, o pêssego, a goiaba, a laranja. A chimia de laranja é muito boa, as faço em tacho no fogo de chão, faço figada, goiabada e chimia. Aí para fazer tem que ser a lenha boa, fico uma manhã inteira fazendo. Eu prefiro figada com a casca, por que fervendo as frutas se desmancham. Mas algumas pessoas tiram a casca. A chimia que mais faço é figada, a receita seria 20 quilos de figo limpo já picadinho e 10 quilos de açúcar e um balde de água que equivale a 15 litros de água, fico mexendo com a *mescolona* (colher de madeira comprida) o ponto da chimia é parecido como ponto do brigadeiro, está pronto

³Entrevista cedida por Sandra Marin, familiar de José Bin, o pioneiro no plantio de maçãs no Brasil. Moradora de Lajeadozinho.

quando se vê o fundo do tacho (panela grande). Para querer fechar os potes de vidro, é preciso cozinhar em banho Maria, eu coloco a chimia já fervendo dentro do pote enrolo com o pano e coloco de ponta cabeça, então ele fica vedado, e não vem mofo, assim dura mais de anos.”

Figura 114 - Família Bin fazendo marmelada.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 115 - Sovando a massa para o pão.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 116 - Levantamento bens imateriais: Trabalho.

Fonte: Fogaça, 2018.

Para a categoria trabalho foi elencada a profissão de marceneiro. Como elucidado Gustavo Fracasso⁴ sobre a profissão do primeiro descendente italiano que originou sua família e que trouxe consigo o ofício da marcenaria sendo este o ofício da família até os dias de hoje.

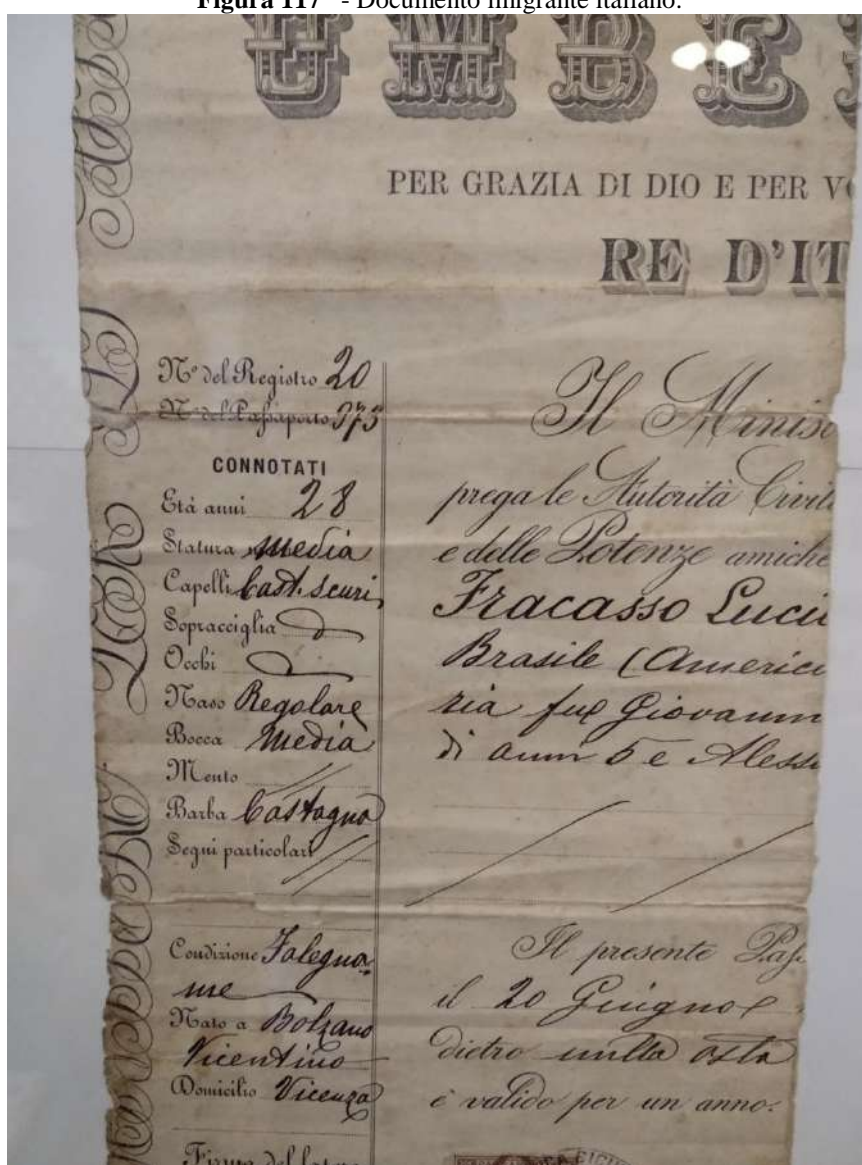
“A nossa família Fracasso sempre trabalhou com madeira, lá na Itália o nosso avô fazia móveis para um castelo, quando vieram para o Brasil começaram a trabalhar com carroças com tração animal, com a madeira da época, então a família foi evoluindo e com o surgimento da rodovia começou a fazer carrocerias de madeira para caminhões, então o meu pai parou com a fábrica de carrocerias e eu e meu irmão começamos a produzir móveis de madeiras. Então desde meu bisavô sempre trabalhamos com madeira, desde meus 12 anos eu e meu irmão Marcelo, estávamos sempre junto aprendendo. Conforme a mudança de hábitos da época a família foi se adaptando e mudando o foco da empresa conforme a necessidade. Gostaríamos que a próxima geração trabalhasse, torcemos para que eles possam continuar trabalhando com madeira. Além dos móveis os imigrantes também sabiam fazer portas,

⁴Entrevista cedida por Gustavo Fracasso, proprietário junto com seu irmão Marcelo da marcenaria Fracisa em Monte Bérico, sua irmã e cunhado Leticia Ana Fracasso e Júnior Zago são proprietários do Café Reino da Longevidade e Gustavo faz passeios de jeep e rural sob agendamento nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho.

janelas e construir casas, até os dias de hoje ainda utilizamos ferramentas para dar acabamentos da época dos primeiros imigrantes, usamos ainda as mesmas técnicas que eles utilizavam.”

Gustavo mostra ainda fotos dos documentos de seus ancestrais imigrantes italianos, que estão expostos no café Reino da Longevidade, de Letícia Ana Fracasso e Júnior Zago, na comunidade Rural de Monte Bérico, entre eles a quitação das terras compradas no Brasil pelo imigrante e documentos com dados como a profissão *falegname* (marceneiro/carpinteiro em italiano) e a origem do imigrante Vicenza (figuras 117, 118 e 119).

Figura 117 - Documento imigrante italiano.



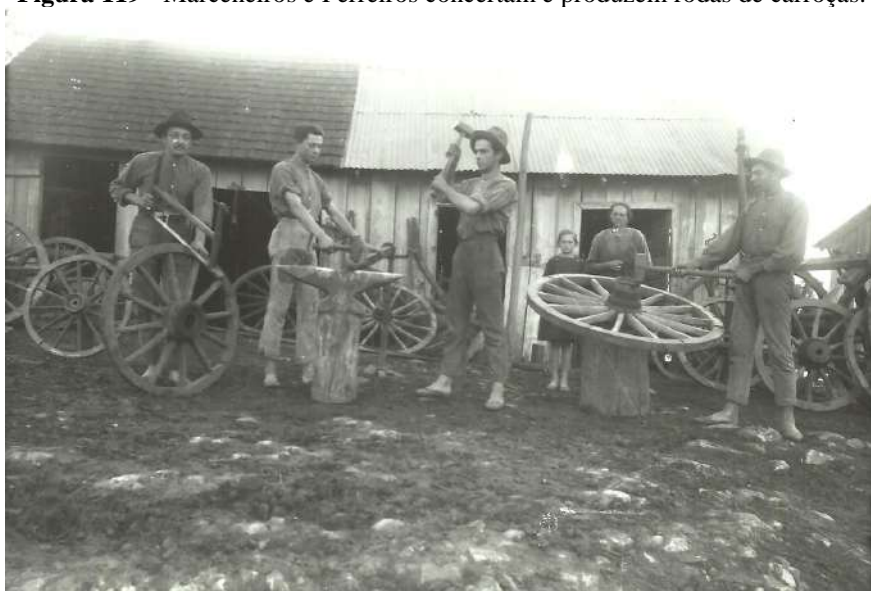
Fonte: Família Fracasso.

Figura 118 - Documento imigrante italiano.



Fonte: Família Fracasso.

Figura 119 - Marceneiros e Ferreiros concertam e produzem rodas de carroças.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Gustavo Fracasso mostra ainda que utiliza as ferramentas e técnicas de meados de 1900 uma espécie de machadinha para desenhar entalhes na lateral dos móveis (figura 120 e 121).

Figura 120 - Ferramenta utilizada para talhar madeira.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 121 - Detalhe do móvel feito com ferramenta rústica.



Fonte: Fogaça, 2018.

A família expõe no café Reino da Longevidade o primeiro móvel feito pela família Fracasso em meados de 1900, a seguir o móvel centenário da família e a atual marcenaria de Gustavo e Marcelo Fracasso (figuras 122 e 123).

Figura 122 - Móvel centenário, família Fracasso.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 123 - Fracisa móveis Ltda.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 124 - Levantamento bens imateriais: Religiosidade/ Vivência em comunidade.

Fonte: Fogaça, 2018.

Para entender como funciona a organização das capelas e das festas de comunidades rurais, foi feita entrevista com o presidente da diretoria da Capela de Lajeadozinho, São João Batista, Ivar Bissotto⁵.

“A paróquia é dona de tudo, da capela, salão e cemitério, mas a diretoria que cuida, a diretoria que administra, na diretoria existe um presidente, um tesoureiro e dois assessores. A cada dois anos, dois entram e dois saem, nunca se troca a equipe inteira. É feito reuniões três ou quatro vezes por ano com toda a comunidade e várias vezes por ano da diretoria. O bar da capela abre todas as quartas-feiras de noite, sextas-feiras de noite, sábados de noite e domingo o dia todo, os homens jogam cartas no domingo, são quatro famílias que cuidam do bar durante o ano todo. A comunidade também faz festas e o lucro da festa volta para a sociedade, pois os membros da capela são associados, neste caso se escolhe os festeiros, alguns chamam de fabriqueiros e também tem o clube de mães Flor da Maçã, que toma a frente na maioria das festas, mas de modo geral todo mundo ajuda e colabora. Em Lajeadozinho é feito o café colonial, a festa da lasanha, a festa de São João Batista e a festa da sociedade. Porém os associados também podem fazer festas particulares na sociedade, eles podem contratar tudo de fora e usar só o salão, mas também podem contratar a equipe da comunidade, aí nós colocamos um lucro em cima, cobramos por pessoa. Por exemplo, vamos fazer o casamento

⁵Entrevista cedida por Ivar Bissoto, presidente da sociedade da capela São João Batista, morador de Lajeadozinho.

da filha do Celito, aí o lucro volta para o caixa da sociedade”. Na imagem 125 segue exemplo de festas que acontecem na capela.

Figura 125 - Festa da Família Ferro.



Fonte: Folha de Boa Vista, Minha Rua Falada. Disponível em <https://folhabv.com.br/coluna/Minha-Rua-Falada-21-06-2017/4250>.

E por fim a última categoria de bens imateriais é o Talian. O Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, assinado pelos Ministérios da Cultura (MinC), Educação (MEC), Planejamento e Gestão (MPOG), Justiça (MJ), Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI) permitiu a constituição de uma política específica para a salvaguarda da diversidade linguística brasileira, coerente com a natureza transversal das línguas, que participam de várias dimensões da vida social. Desta forma, o Iphan e o MinC reconhecem seis línguas indígenas e uma língua de imigração como Referência Cultural Brasileira, de acordo com o Decreto nº 7.387/2010. A língua Asurini, que pertence ao tronco Tupi, da família linguística Tupi-Guarani, cujos falantes habitam a Terra Indígena Trocará, localizada às margens do rio Tocantins, em Tucuruí (PA); a língua Guarani Mbya, identificada como uma das três variedades modernas da língua Guarani, da família Tupi-Guarani, tronco linguístico Tupi; e as línguas Nahukuá, Matipu, Kuikuro e Kalapalo, de família linguística Karib e falada na região do Alto Xingu (MT). Além dessas, é reconhecida a língua Talian, uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil onde houve ocupação italiana, desde o século XIX, nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo (IPHAN, 2018).

O Talian é um dialeto e assim é denominado porque é a forma como uma língua é realizada em uma região específica, configurando-se, então, como uma variedade linguística. Ele é falado principalmente pelos imigrantes italianos e seus descendentes no sul do Brasil e consiste na mistura do italiano gramatical com palavras do português brasileiro. A história do Talian é curiosa: na Itália do século XIX era comum o uso de dialetos, pois o italiano ainda não possuía o *status* de língua oficial. Sendo assim, cada região do país representava uma comunidade linguística, cuja comunicação era específica. Quando italianos de diferentes partes da Itália vieram ao Brasil, embora provenientes de uma mesma pátria, não falavam todos a mesma língua. O Talian é o dialeto da região do Vêneto (Figura 126).

Figura 126 -Mari, proprietária da Casa do Tomate nos Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves, 40 km de distância de Monte Bérico e Lajeadozinho, conversa em dialeto Talian com o professor Dr. Daniele Parbuono da Università degli Studi di Perugia. Itália.



Fonte: Fogaça, 2018.

E por fim na categoria dialeto Talian, foi selecionada uma família que sempre morou na comunidade de Monte Bérico para falar sobre o assunto.

Claudionor Simonetto⁶

“Eu falo no Talian, falo seguidamente no Talian com as pessoas que tenho oportunidade de falar eu falo, até com a própria sogra, faz parte da cultura da gente da nossa

⁶Entrevista cedida por Claudionor Simonetto, proprietário da vinícola Simonetto, morador de Monte Bérico.

história, o meu filho Cristian não fala tanto quanto a gente, a Dilvana (esposa de Claudionor) não fala tanto também, mas o Cristian está falando mais, por que ele percebe que é importante, mas eu sou o que mais fala, falo com mais frequência, até no domingo tem os programas na rádio em Talian e de vez em quando vamos lá. Os mais antigos, falam muito. Os mais novos não falam, quem não teve a oportunidade de estudar também fala mais em Talian. Mas entre a minha geração e meu filho se perdeu muito. Quando fui para a Itália conversei com um parente de lá em italiano e nós conversamos bem em Talian e ele me disse que era para nós cuidar para não perder esse dialeto por que na Itália o dialeto tinha sido perdido, eu achava que o dialeto lá era uma coisa viva, presente, mas não era”.

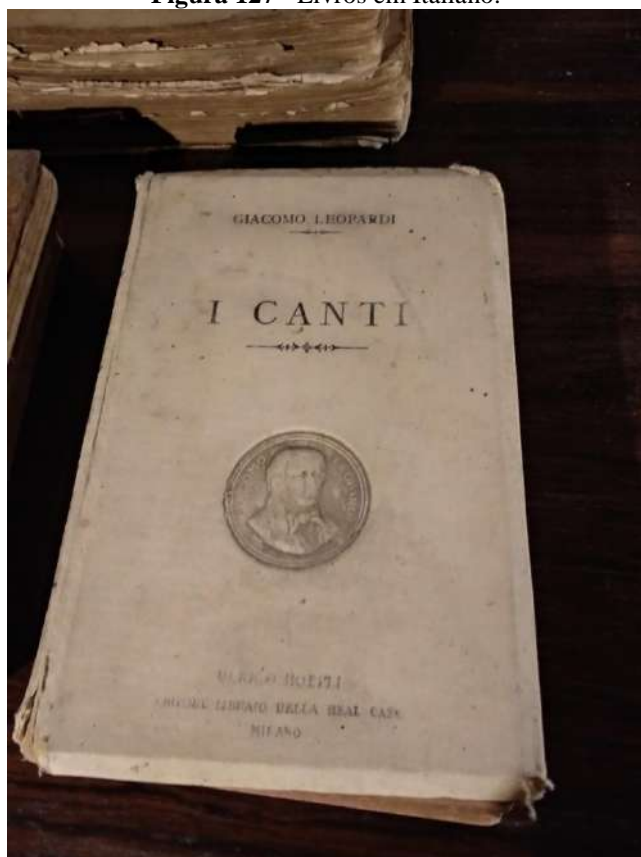
Dilvana Simonetto⁷

“Quando os imigrantes vieram da Itália, o país não estava unificado, então cada região tinha um dialeto, depois com a unificação os dialetos foram se perdendo. Mas quem conviveu com os avós, matem o dialeto, nas escolas do município existia antigamente aula de Talian, mas não sei se tem ainda, eu tenho livros escrito em italiano na minha casa desde sempre, desde a minha infância, tenho até livros de elaboração de vinhos. A maioria das pessoas que nasceu, e viveu aqui percebe o valor do dialeto, mas como existem agora muitas pessoas que vêm de fora o dialeto acaba se perdendo e também o dialeto se perdeu depois da segunda guerra, que o dialeto foi proibido com o nacionalismo quem falava em dialeto ficava estigmatizado, era colono, atrasado, ignorante... Também na época da alfabetização e as vezes até nos cursos superiores, as pessoas eram ridicularizadas por possuírem sotaques e falar o Talian. Eu fiz o curso de Talian que o município ofereceu para os professores, foram 30 professores que fizeram o curso, o professor é o Luzatto. Mas se tivesse uma campanha muito forte para os jovens hoje em dia talvez se mantivesse o dialeto, por que quando a geração do Claudionor não tiver mais entre nós, não vai ter continuidade, por que não adianta compreender sem conseguir falar, sem falar tu não reproduz, eu fui para Veneza e lá no Vêneto me comuniquei bem, pediram de qual região da Itália eu era.”

A seguir livros da Família de Dilvana, meados de 1900, com a capa em madeira, todos escritos em italiano (figuras 127, 128, 129 e 130).

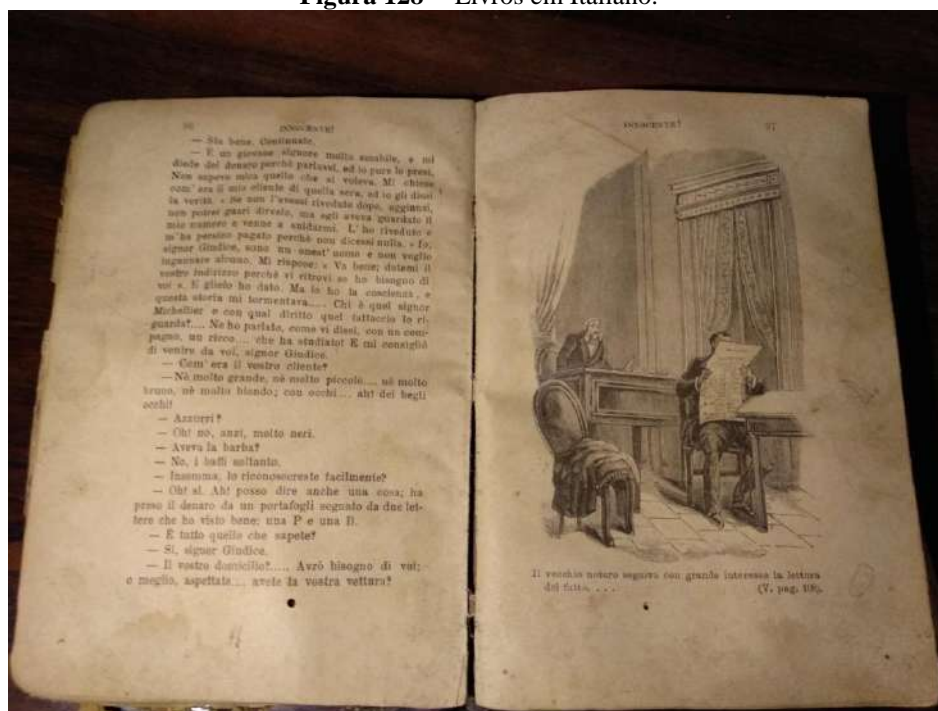
⁷Entrevista cedida por Dilvana Simonetto, proprietária da vinícola Simonetto e ex diretora da escola estadual de ensino fundamental Don Matheus Pascuali uma das poucas escolas em áreas rurais que restaram no Estado, moradora de Monte Bérico.

Figura 127 - Livros em Italiano.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 128 -- Livros em Italiano.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 129 - Livros em Italiano.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 130 - Livros em Italiano.



Fonte: Fogaça, 2018.

5.4 O NOVO E O VELHO MUNDO: COMPARATIVO DE PAISAGEM

Como etapa complementar da pesquisa realizou-se em julho de 2016 e junho de 2018 viagem a Itália, foi possível visitar a cidade de Verona e Vicenza, origem dos imigrantes italianos que fixaram raízes em Monte Bérico e Lajeadozinho e assim ter uma vivência na paisagem Bérica na região do Vêneto.

Na imagem 131 a edificação está localizada na região rural de Vicenza. Itália e a imagem 132 a edificação está localizada na área rural de Veranópolis. Monte Bérico – RS. Brasil. Porém notam-se algumas semelhanças entre as duas edificações a primeira está na altura, e no formato da edificação, também nas sequências das janelas e no beiral.

Figura 131 - Edificação na área rural de Vicenza.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 132 - Casa Zanetti área rural de Veranópolis, Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Os fundos da casa Zanetti, foi construído em forma de arcos, pois um lado do terreno é úmido e está em cima de uma pequena área de alagamento (figura 133). Apesar de um dos arcos ter sido tampado a técnica construtiva da casa Zanetti é muito semelhante à técnica vivenciada no perímetro urbano de Vicenza, onde as edificações estavam as margens de rios (figura 134). A construção mista, de pedra e tijolos, é outra semelhança recorrente (figuras 135 e 136).

Figura 133 - Fundos da Casa Zanetti fundação em arcos. Monte Bérico



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 134 - Edificações as margens de rio, fundações em arcos. Vicenza.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 135 - Parede mista, pedras e tijolos. Vicenza.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 136 - Parede mista, pedras e tijolos. Casa Bavaresco. Veranópolis.



Fonte: Fogaça, 2018.

A seguir comparativo de paisagem do Duomo Della Madonna de Monte Bérico em Vicenza, com a capela em honra a Nossa Senhora de Monte Bérico, Monte Bérico, Veranópolis.

Figura 137 - Duomo Della Madonna de Monte Bérico. Vicenza.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 138 - Nossa Senhora de Monte Bérico, Monte Bérico, Veranópolis.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 139 - Duomo Della Madonna de Monte Bérico. Vicenza.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 140 - Nossa Senhora de Monte Bérico, Monte Bérico, Veranópolis.



Fonte: Fogaça, 2018.

O comparativo mais contrastante é o Duomo Della Madonna de Monte Bérico e a capela de Nossa Senhora de Monte Bérico. Sendo possível ver o esforço dos imigrantes em tentar fazer a melhor homenagem possível ao famoso Duomo de Vicenza. A capela foi construída em um terreno de declive acentuado, assim como o Duomo. Construíram a capela com um pequeno Duomo azul, e mantiveram as cores do Duomo Della Madonna de Monte Bérico, Branco e Azul (figuras 137, 138, 139 e 140).

5.5 PROPOSTA DE SALVA GUARDA DA PAISAGEM CULTURAL

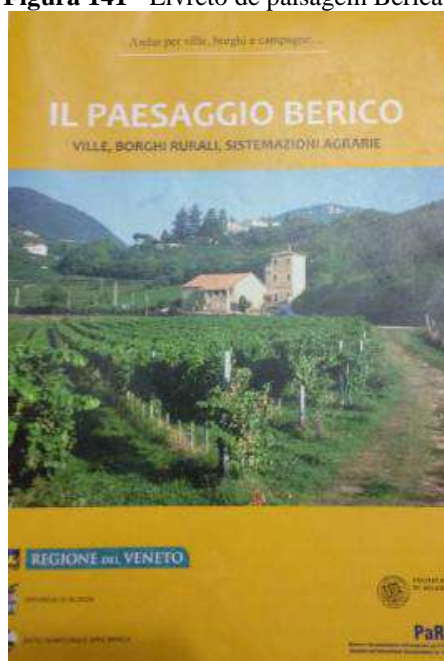
Sabe-se que a proteção desses sítios históricos de imigração italiana, assim como a proteção de qualquer outro sítio histórico é um desafio na atualidade.

A falta de afetividade pelos lugares e pelo que representam é um caminho reto para a pobreza cultural. As pessoas ficam desorientadas quando não conseguem mais entender a linguagem espacial que vivem no cotidiano e que lhes diz que, neste presente particular, há passados respeitáveis e futuros esperançosos. Ficam perigosamente desorientadas: perdem um dos mais importantes parâmetros morais (SANTOS, 1985, p. 61).

Pois a paisagem é dinâmica e os indivíduos que habitam nela também. Desta forma é necessário procurar soluções para que a paisagem se modifique conforme a necessidade, porém preserve a história e a memória, através da valorização dos bens edificados e sobre tudo a valorização dos indivíduos.

A proposta de salva guarda teve como base o livreto do caráter da paisagem Bérica, chamado *Il Paesaggio Bérico: Ville, Borghi Rurali, Sistemazioni Agrarie*. Este livreto foi adquirido em Vicenza na etapa complementar viagem de estudos. O mesmo é uma parceria entre a Regione Del Veneto, a Provincia di Vicenza, o Patto Territoriale Area Bérica, o Politecnico di Milano e o PaRID (Ricerca e Documentazione Internazionale per il Paesaggio) (Figura 141).

Figura 141 - Livreto de paisagem Bérica.



Fonte: Fogaça, 2018.

Segue abaixo as diretrizes de salva guarda da paisagem cultural:

A) Os produtos típicos produzidos nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadoinho.

Esta diretriz objetiva a valorização dos produtos da região, sendo estes os produtos in natura, como as frutas, as verduras e os cereais (figuras 142 e 143).

Figura 142 - Uvas em crescimento nos parreirais, Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 143 - Macieiras família Bortolli, Lajeadoinho.



Fonte: Fogaça, 2018.

E os produtos manufaturados. Como os vinhos, tortas e bolachas oriundas de agroindústrias e vinícolas da região (figuras 144 e 145).

Figura 144 - Degustação de vinhos vinícola Simonetto. Monte Bérico.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 145 - Lançamento do Roteiro turístico Termas e Longevidade do qual Veranópolis faz parte, divulgação dos alimentos produzidos na região. Margs (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) – Porto Alegre.



Fonte: Fogaça, 2018.

Desta forma os indivíduos poderiam vivenciar a paisagem não só vislumbrando este belo caminho histórico, mas também valorizando a produção local e incentivando a continuidade da produção destes produtos típicos, funcionando como uma constante manutenção dos saberes imateriais.

B) Divulgação dos serviços disponíveis na região

Da mesma maneira que objetiva-se a continuidade da produção de produtos típicos da região, a divulgação dos serviços oferecidos nas comunidades faria com que se mantivessem os serviços nas comunidades rurais e as pessoas se deslocariam até as comunidades para a obtenção dos mesmos. Podendo ser estes o serviço de marcenaria, de antiquário, de cafés, de passeios de Jeep, trilhas guiadas, festas das comunidades, como por exemplo, a janta italiana de Monte Bérico, a festa da lasanha em Lajeadozinho, a festa de Navegantes, passeios turísticos entre outros (figuras 146 e 147).

Figura 146 - Passeios de Jeep e Rural que acontecem com agendamento e o café Reino da Longevidade.



Fonte: Página Reino da Longevidade disponível em https://www.facebook.com/pg/reinodalongevidade/photos/?ref=page_internal.

Figura 147 - Festas de capela.



Fonte: Prefeitura de Veranópolis Disponível em https://www.google.com.br/search?q=turismo+social+veranopolis&safe=strict&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjLz8SGoJvfAhUDfpAKHRuACiMQ_AUIDigB&biw=1366&bih=577#imgrc=We4P2v5Oz-NmmM.

C) Histórico da Ocupação

Utilizando os mapas históricos feitos na presente pesquisa, juntamente com o acervo de Elígio Parise e os artefatos e documentos históricos dos moradores das comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho, realizar resgate histórico para que toda a comunidade se sinta pertencente ao território. Sendo assim é necessário elaborar um plano de pesquisa, registro, arquivo e publicidade das ações desenvolvidas na região ao longo dos anos, tendo como base o acervo histórico e técnico pré-existente, visando novos programas, projetos, atividades e ações em desenvolvimento.

D) Caráter da paisagem

Esta etapa tenciona a valorização da paisagem natural da região (figuras 148) e da paisagem cultural com suas edificações típicas, os sistemas agrários, a arqueologia industrial e as edificações de cunho religioso (figura 149).

O primeiro passo para a valorização do caráter da paisagem, a exemplo de Vicenza, seria fazer parceria com instituições educacionais, no caso Vicenza fez parceria com o Politecnico di Milano, e estruturar um núcleo de pesquisa sobre o caráter da paisagem. O segundo passo é manter a relação entre moradores locais e pesquisadores. E por fim, realizar publicações dos dados obtidos, em formato de livro ou através de outros meios de divulgação.

Figura 148 - Cascata Navegantes.



Fonte: Fogaça, 2018.

Figura 149 - Ossuário Cemitério dos Imigrantes.

Fonte: Fogaça, 2018.

E) Turismo

Instigar o turismo rural através do resgate dos antigos caminhos históricos. Sendo que a Rota turística Segredos da Maçã, foi estruturada entre as comunidades de Monte Bérico e Lajeadinho e terá lançamento em 18 de dezembro de 2018.

Desta forma é importante mencionar que devido o aumento da circulação de pessoas nas comunidades rurais, a paisagem sofrerá modificações novamente, necessitando uma atenção especial e um trabalho de educação ambiental e patrimonial com os moradores locais (figura 150).

Figura 150 - Convite Lançamento da Rota Segredos da Maçã.





A Prefeitura de Veranópolis, através da Secretaria de Turismo e Cultura, SEBRAE/RS e empreendedores convidam Vossa Senhoria para

**LANÇAMENTO DA
ROTA SEGREDOS DA MAÇÃ**

18 de dezembro (terça-feira) às 17h30min
Capela São João Batista
Comunidade de Lajeadinho - Veranópolis/RS

Programação: Apresentação Cultural, Toque dos Sinos, Solenidade, Degustação dos produtos locais e Conversa com os empreendedores da Rota Segredos da Maçã

Histórias, sabores e encantos do
Berço Nacional da Maçã

Confirme sua presença até dia 12/12/2018:
(54) 3441-2232 / 3441-5953 / turismoveranopolis@gmail.com



Fonte: Secretaria de Turismo e Cultura, Prefeitura de Veranópolis.

F) Educação patrimonial.

Esta diretriz busca a preservação e a valorização do patrimônio material e imaterial. Desta forma, importante mencionar que já acontecem no município de Veranópolis alguns programas com este intuito como, por exemplo, o projeto Pulando Janelas, que completa 12 anos em 2018. Este projeto busca a valorização do patrimônio material e imaterial, do turismo e do patrimônio ambiental. O projeto surgiu dentro do roteiro turístico Termas e Longevidade do qual faziam parte os municípios de Nova Prata, Fagundes Varela, Cotiporã, Protásio Alves, Vila Flores, Vista Alegre do Prata e Veranópolis em parceria com a Atuaserra (Associação de Turismo da Serra Nordeste) e o foco do projeto são os alunos da rede escolar dos municípios. Dentro do projeto vários assuntos já foram trabalhados como, por exemplo, gastronomia típica, antigos ofícios, prédios históricos, artesanato e nome de ruas.

Da mesma forma em 2018 segundo o site da prefeitura de Veranópolis, o município, Terra da Longevidade recebe da Organização Mundial da Saúde (OMS) o título de “Cidade Amiga do Idoso”. Primeira cidade no Brasil a receber esse título. O projeto que levou a essa conquista foi desenvolvido pelo Conselho Municipal do Idoso de Veranópolis, contou com apoio de uma comissão técnica e da Prefeitura Municipal, sendo coordenado pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil. O caminho para se tornar uma cidade mais amiga do idoso — e, desta maneira, de todas as idades — começou a ser trilhado em julho de 2016, quando a Prefeitura de Veranópolis encaminhou à OMS uma carta-compromisso com o plano de ações oriundo do diagnóstico da população idosa da cidade, onde foram ouvidos 836 veranenses com mais de 60 anos. Após a análise do projeto pela metodologia da OMS, o título de Cidade Amiga do Idoso foi concedido no final de 2016. O título possibilita um importante avanço no desenvolvimento de uma cidade ainda mais agradável para todos os habitantes, principalmente para 15,3% da população que tem mais de 60 anos.

Desta forma segundo Gisele Martins da Cunha turismóloga da prefeitura de Veranópolis, a partir da pesquisa qualitativa e quantitativa feita com os idosos, cada secretaria do município elaborou um projeto de melhoria e adaptabilidade em cima da demanda da pesquisa com a terceira idade. Então a Secretaria de Turismo e Cultura, criou o projeto chamado Veranópolis Terra da Longevidade, Cidade Amiga do Idoso, este projeto tem várias ações uma das ações é o turismo social, que tem como objetivo oferecer para as pessoas idosas, acima dos 60 anos, passeios turísticos na região, em 2017 uma média de 100 idosos passearam no perímetro urbano. E em 2018 com o lançamento da Rota Segredos da Maçã, os idosos foram levados a Monte Bérico e Lajeadozinho, foram 88 pessoas que conheceram o

roteiro e os empreendimentos. A CPFL Energia, maior grupo privado do setor elétrico brasileiro, apoiou o projeto que habilitou a cidade a conquistar o título.

Aproveitando o gancho destes projetos, novas formas de valorização do patrimônio histórico poderiam ser fomentadas, nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho, como por exemplo, curso de Talian (dialeto Vêneto) para os jovens, cursos de economias criativas, empreendedorismo e trabalhos contínuos de resgate histórico com os moradores da região (figuras 151 e 152).

Figura 151 - Idosos do programa turismo social em frente ao busto de José Bin, pioneiro no plantio de Maças no Brasil. Capela de Lajeadozinho.



Fonte: Site da prefeitura de Veranópolis disponível em <https://www.google.com.br/search?q=turismo+social+veranopolis&safe>.

Figura 152 - Convite feito a terceira idade do município de Veranópolis.



Fonte: Site da prefeitura de Veranópolis disponível em <https://www.google.com.br/search?q=turismo+social+veranopolis&safe>.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a paisagem cultural em Veranópolis e identificar sítios históricos de imigração italiana, visando à valorização da paisagem nas comunidades rurais estudadas. Para que este objetivo fosse alcançado, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa de campo e viagem de estudos.

A revisão bibliográfica permitiu um aporte teórico para que fosse possível compreender conceitos complexos como patrimônio e cultura, uma revisão das cartas patrimoniais, do patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial, paisagens culturais, buscando-se conceitos no Brasil e no mundo. Além disso, foram realizadas pesquisas bibliográficas a respeito da imigração italiana no Brasil e a contextualização da imigração no Estado do Rio Grande do Sul. Cumprindo assim o objetivo específico A que tencionava compreender o conceito de patrimônio cultural e o objetivo específico B que era compreender o conceito de paisagem cultural.

Desta forma a pesquisa documental veio ao encontro da revisão bibliográfica, dando embasamento para o entendimento da ocupação do território, sendo possível encontrar mapas históricos e compreender como se deu a ocupação do mesmo. Da mesma forma através de documento histórico como o certificado de compra de terras de imigrante italiano e reportagens antigas com descrições da paisagem da época foi possível fazer um resgate histórico e compreender a estruturação da colônia Alfredo Chaves e a importância das Comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho para o município atual Veranópolis. Nesta etapa aconteceram muitas dificuldades em acessar os documentos e também na qualidade dos mesmos, pois a maioria dos documentos históricos não estava armazenados como deveriam e isso ameaça a integridade dos documentos.

Na pesquisa de campo, com as visitas exploratórias, foram em primeiro lugar mapeados 13 bens edificados para realizar fichas de inventário, com o intuito de valorização dos bens materiais das comunidades rurais. Dos 13 bens edificados apenas 11 foram inventariados, pois os donos de duas edificações faleceram durante a pesquisa e desta forma não foi possível acessar as propriedades. Mostrando assim uma das fragilidades das comunidades, pois as famílias que habitam hoje em dia as comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho tem número de filhos reduzidos e os descendentes de imigrantes italianos estão idosos e eventualmente não estarão mais presentes nas comunidades, desta forma é necessário

a salva guarda da paisagem cultural e do patrimônio cultural para que estas estejam presentes na memória coletiva das comunidades.

O objetivo da inventariação como foi dito anteriormente era a valorização dos bens edificados de imigração italiana, porém a partir das entrevistas com os moradores locais, notou-se que a cultura da imigração italiana, não necessariamente está estampada nos casarões centenários, pois existia um rol de saberes imateriais que precisavam ser registrados. Desta forma se deu a etapa de registro de bens imateriais, sendo divididos em 4 categorias de saberes e depois esmiuçados por um indivíduo que tivesse ligação com as comunidades estudadas. Sendo assim foi possível compreender que a paisagem cultural é fruto da ação do homem no território, e que o cotidiano do trabalho no campo, a cultura e costumes fazem parte da paisagem tanto quanto os bens edificados.

Por fim como etapa complementar realizou-se viagem de estudos a Itália, sendo realizada visita exploratória na paisagem Bérica, na região de Vicenza, origem dos imigrantes Italianos de Monte Bérico e Lajeadozinho. Foi possível assim compreender que a arquitetura de imigração italiana no Brasil é uma adaptação da arquitetura vernacular da Itália, as construções em Vicenza são feitas em pedra e tijolo, construídas em altura e aglutinadas devido à falta de espaço/terreno que os italianos viviam. No Brasil sofrem adaptabilidades, a primeira delas é distribuir as edificações no terreno, pois havia bastante áreas nos lotes adquiridos pelos imigrantes italianos. A segunda adaptabilidade foi às construções em madeira, sendo que era o material disponível na região. A terceira adaptação foi à fabricação de tijolos artesanais, pois quando chegaram ao território não existiam ainda olarias na região, desta forma os imigrantes precisaram fazer tijolos, colocavam porcos para pisotear o barro e a mistura de terra com esterco era transferida para formas de madeira e colocada no sol para secar (Figura 153). Estas etapas permitiram a realização do objetivo específico C que buscava identificar os elementos que caracterizem a paisagem cultural de imigração italiana.

Figura 153 - Forma de tijolos artesanais.



Fonte: Retratos da Colônia tomo 2.

O objetivo específico D almejava a elaboração de sugestões para incentivar a valorização da área estudada. A partir das análises e dos resultados encontrados foram elaborados diretrizes para uma proposta de salva guarda da paisagem cultural de Monte Bérico e Lajeadozinho. Sendo elas as diretrizes abaixo:

- A) A valorização dos produtos típicos produzidos nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho, sendo estes os produtos in natura, como as frutas, as verduras e os cereais e os produtos manufaturados, como os vinhos, tortas e bolachas oriundas de agroindústrias e vinícolas da região.
- B) A divulgação dos serviços disponíveis na região, pois a divulgação dos serviços oferecidos nas comunidades faria com que se mantivessem os serviços nas comunidades rurais e as pessoas se deslocariam até as comunidades para a obtenção dos mesmos.
- C) O resgate histórico da ocupação do território envolvendo os moradores da região.
- D) Mapeamento do caráter da paisagem, sendo ela a paisagem natural e a paisagem cultural.
- E) Instigar o turismo rural através do resgate dos antigos caminhos históricos.
- F) Educação patrimonial aproveitando o gancho de projetos já fomentados no município, procurando assim, novas formas de valorização do patrimônio histórico nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho, como por exemplo, curso de Talian

(dialeto Vêneto) para os jovens, cursos de economias criativas, empreendedorismo e trabalhos contínuos de resgate histórico com os moradores da região.

Conclui-se que o objetivo geral que tinha como meta analisar a paisagem cultural em Veranópolis e identificar sítios históricos de imigração italiana, visando à valorização da paisagem nas comunidades rurais estudadas foi alcançado. Entretanto, entende-se que Monte Bérico e Lajeadozinho são muitos mais que sítios históricos de imigração italiana, a região foi antes de tudo um vale com densas florestas. O território foi habitado por indígenas, posteriormente, indivíduos oriundos de São Paulo e Minas Gerais vieram até a região para sequestrar os indígenas e torná-los escravos, se deslocando por picadas no meio do mato e pelo rio das Antas. O governo imperial abriu então as primeiras estradas, entre elas a estrada Geral da Vacaria. As margens destas surgiram grandes latifundiários os quais foram substituídos pela empreitada da estruturação das colônias de imigrantes, expulsando de vez os indígenas que habitavam a região. Dessa forma a Estrada Geral virou Linha Thomas Flores e então os primeiros imigrantes se estabeleceram, a floresta deixou de existir e a policultura dominou a paisagem por um grande período. Na contemporaneidade, além do núcleo de imigrantes diversas outras etnias habitam o território, as florestas novamente aparecem nas montanhas, protegidas por leis ambientais. Agora as comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho se voltam ao turismo, sendo que esta atividade pode funcionar como salva guarda da cultura das comunidades, mas deverá ser assistida e controlada, para que não interfira na dinâmica a ponto de dismantelar a cultura local.

6.2 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O presente trabalho abre um grande leque de possibilidades para serem trabalhados em futuras pesquisas. A seguir sugestões de temas.

A) Ampliação do estudo da imigração italiana na região.

É necessário a ampliação do estudo da imigração italiana da região, pois frente a um pensamento antropológico nota-se a romantização da imigração italiana.

Considero que os atuais descendentes de italianos souberam negociar, no mercado de bens simbólicos locais, uma imagem positiva de si mesmos mediante alguns mecanismos particulares: utilizaram sua ascensão econômica como fato promovedor da categorização do imigrante italiano como empreendedor, trabalhador e civilizador. Alguns de seus valores ideais também se tornaram ideários genéricos, tais como a religiosidade e a valorização da família como instituição primordial e mantenedora de uma determinada estrutura moral. Além disso, para as gerações atuais, as sagas migrantistas transformaram-se em exemplo a ser seguido, guiando ações. É pelo olhar atual sobre o passado que o mito de origem familiar e grupal é traçado. Essas sagas, em sua maioria, são leituras ideais sobre os pioneiros, e a sua riqueza reside justamente aí. Em termos identitários, é relevante que os elementos positivos sejam constantemente atualizados, e se eles não existirem, que sejam agregados pela força coletiva das reconstruções sobre o passado (ZANINI, 2007).

Desta forma, se faz necessário a ampliação da pesquisa dos bens materiais e imateriais da imigração italiana para que não se perca a memória referencial, prevenindo assim a construção de falsos históricos na memória coletiva da sociedade.

B) O impacto da colônia de Alfredo Chaves na região em 1887.

A construção da Colônia Alfredo Chaves, teve um grande impacto na Serra Nordeste do Estado do Rio Grande do sul, faz-se necessário um estudo da abrangência do impacto da estruturação da colônia. Pois os imigrantes que chegavam ao território traziam conhecimentos de tecnologias que não eram utilizados ainda na região. Como por exemplo, as técnicas construtivas, a arqueologia industrial, as técnicas agrárias, novas culturas de plantio, novos costumes religiosos e uma nova língua. Dessa forma é necessário investigar o impacto social da estruturação das colônias italianas no território.

C) Pesquisas de comparações de paisagem, utilizando o acervo de Eligio Parise.

O acervo de Elígio Parise é um rico instrumento para diversas pesquisas, entre elas a comparação das paisagens, é crucial que este acervo esteja voltado à pesquisa científica tendo assim o devido reconhecimento. A seguir algumas imagens de paisagens e atividades do cotidiano que estão disponíveis no acervo (figuras 154, 155, 156, 157, 158, 159 e 160).

Figura 154 - Colônia de Alfredo Chaves 1888.



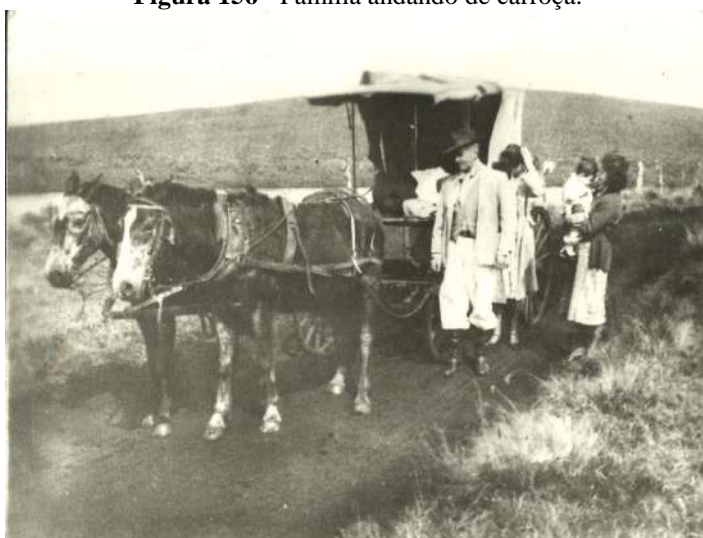
Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 155 - Primeiros maquinários agrícolas. Veranópolis.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 156 - Família andando de carroça.



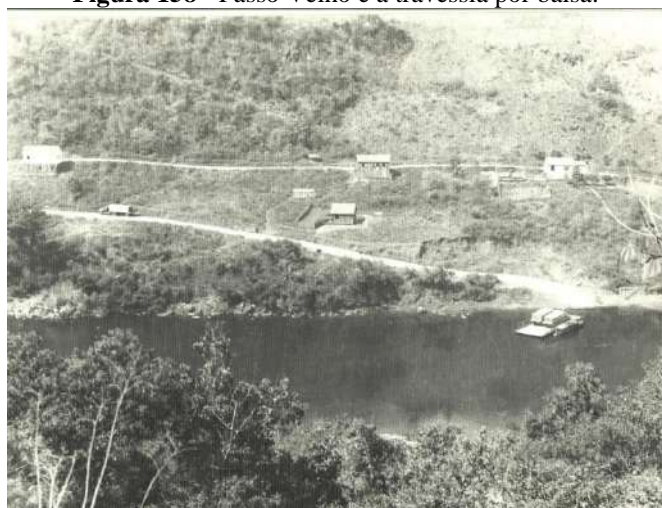
Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 157 - Rio das Antas e Monte Belo.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 158 - Passo Velho e a travessia por balsa.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 159 - José Bin e esposa ao lado do primeiro pé de maçã do Brasil.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 160 - Residência em Lajeadozinho.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

D) Estudos de impacto do turismo em comunidades rurais.

A tendência natural é acontecer um aumento da movimentação das pessoas em Monte Bérico e Lajeadozinho devido à rota Segredos da Maçã, faz-se necessário um estudo aprofundado do impacto que esta atividade trará para as comunidades rurais. A rota pode ser positiva e bem sucedida, a exemplo do roteiro turístico Caminhos de Pedra de Bento Gonçalves cidade vizinha a Veranópolis, que segundo a Atuaserra (Associação de Turismo da Serra Nordeste) em um percurso de 10 km gerou 250 postos de trabalho fixo mantendo as famílias na área rural incluindo os jovens. Contudo, o movimento de pessoas tem um lado negativo, como a ameaça dos costumes locais e problemas ambientais, resultando assim na última sugestão para trabalhos futuros.

E) Estudos da relação entre turismo e sustentabilidade.

Utilizando o exemplo anterior o roteiro Caminhos de Pedra, antiga linha Palmira, área rural de imigração italiana de Bento Gonçalves. O projeto tinha o intuito de valorizar a cultura local, através do restauro das casas de pedra dos imigrantes italianos, sendo bem sucedido na proposta, recebeu segundo Jornal Semanário de janeiro a outubro de 2015 67.082 visitantes e segundo a Secretaria Municipal de Turismo (Semtur) em 2017 o roteiro recebeu 95.308 visitantes. Porém apesar do sucesso o roteiro enfrenta problemas de infraestrutura e ambientais, ligados a destinação de lixo por exemplo.

Desta forma é necessário trabalho sobre o impacto do turismo e a sustentabilidade, com foco na educação ambiental e patrimonial nas comunidades de Monte Bérico e Lajeadozinho.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina et al (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

Anuário de Veranópolis, Volume III. Do ano de 1972.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Retratos da Colônia tomo 1**. Caxias do Sul, 2013.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Retratos da Colônia tomo 2**. Caxias do Sul, 2013.

BERNARDI, Mansueto. **Obras Completas: Colônias e Colonizadores**. Porto Alegre. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Livraria Sulina, 1982.

BERNARDI, Mansueto. **Terra Convalescente**. Porto Alegre. Editora Est Sulina, 1980.

CASADO, Tatiana Caniçali. **Cidade-Paisagem Novas Perspectivas Sobre a Preservação da Paisagem Urbana no Brasil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração Intervenção Urbana e Arquitetura da Cidade: teoria e projeto. 2010.

CASTRIOTA, Leonardo. **Paisagem cultural: Novas perspectivas para o patrimônio**. 162.02 ano 14, nov. 2013.

Carta de Bagé. Bagé, 2007.

Chancela de Paisagem Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional– IPHAN portaria nº 127, de 30 de abril de 2009.

CHOAY, Françoise 1925. **A Alegoria do Patrimônio**. 4ª edição – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

Convenção Europeia da Paisagem (CEP), Art. 1. Portugal, 2005.

Constituição Federal Art. 216. 1988.

COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**, edição EST. Porto Alegre, 1998.

CURY, Isabelle. **Cartas Patrimoniais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: IPHAN.(org.) 2000.

DA CUNHA, Lauro Pereira. **Índios Xokleng e colonos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (séc. XIX)**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

Decreto-Lei N° 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>

Decreto nº 124 – B. Emancipação Veranópolis, 1898.

Decreto Nº 3.551, de 04 de Agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>

Decreto-lei 25/37 Regulamenta o funcionamento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Paisagens do Sul**, IPHAN, 2009.

FARINA, Geraldo. **História de Veranópolis**, 1992. Direitos autorais adquiridos pela Prefeitura de Veranópolis.

FIGUEIREDO, Lauro César. **Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.1, jan./abr. 2013.

FRIZON, Antônio. **Elígio Parise Vida, paixão e arte pela fotografia.** Exclamação, Porto Alegre – 2015.

FURLAN, Adriana e DECICINO, Ronaldo. **Mapas: Evolução das cartas aprimorou representação do mundo.** Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/mapas-evolucao-das-cartas-aprimorou-representacao-do-mundo.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; CORRÊA, Elyane Lins (Org.). **Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio.** Salvador: Edufba, 2011.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques CUNHA, Macsuelber de Cássio Barros da. **Reflexões sobre a arquitetura religiosa romana: a construção de templos segundo o *De architectura*, de Vitruvius.** *Romanitas*– Revista de Estudos Grecolatinos, n. 5, p. 20-38, 2015. ISSN: 2318-9304.

GUERTLER, Gustavo. **Paco, uma história escrita com chumbo.** Caxias do Sul. Maneco Livraria e Editora. 2001.

HERÉDIA, Vania. **A imigração européia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul**, Revista Scripta Nova. *revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Universidad de Barcelona [issn 1138-9788] Migración y cambio social número extraordinario dedicado Al III coloquio internacional de geocrítica (actas del coloquio), nº 94 (10), 1 de agosto de 2001.

HUTTER, Lucy Maffei. **Imigração italiana: Aspectos gerais do processo migratório**, Revista Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 1987.

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas Patrimoniais.** 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17575&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>>. Acesso em: 07 março 2018.

KUJAWA, Henrique Aniceto. **Conflitos envolvendo indígenas e agricultores no Rio Grande do Sul: dilemas de políticas públicas contraditórias**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 1, p. xx-xx, jan/abr 2015.

Lei de Terras nº 601 setembro de 1850.

MANOVICH, Lev. **O que é visualização?** Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 8 Nº1 – Janeiro a Junho de 2011 ISSN 1984-6924 DOI 10.5007/1984-6924.2011v8n1p146 Universidade da Califórnia (San Diego, EUA).

LUCA, Virgínia Gomes de. **O Patrimônio Arquitetônico e a Paisagem Cultural em Sítios Históricos Rurais de Imigração Italiana**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis 2007.

LUCA, Virgínia Gomes de. **Cárater da Paisagem: Foto-grafia do Antigo Caminho dos Imigrantes Italianos no Sul de Santa Catarina**. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau deDoutor em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, 2016.

LUCA, Virginia Gomes de; SANTIAGO, Alina Gonçalves. **Avaliação do Caráter da Paisagem: Abordagens Europeias**. Paisagem e ambiente: ensaios - n. 36 - São Paulo – 2015.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros-Depto de Educação Especial, Programa de Pós-Graduação em Educação, Unesp, Marília** Apoio: CNPQ II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos A pesquisa qualitativa em debate 25, 26 e 27 de Março de 2004 Universidade Sagrado Coração ANAIS.

MOÇO, Anderson. **A história dos mapas e sua função social**. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/347/a-historia-dos-mapas-e-sua-funcao-social>>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

NOBRE, Eduardo Alberto Cusce. **A prioridade urbanística da obra a partir da questão do transporte de passageiros da Região Metropolitana de São Paulo e de sua compreensão no processo histórico de atuação pública. Ampliação da Marginal Tietê: demanda real ou rodoviarismo requentado?** Revista AU, nº 191, 2010.

NÓR, Soraya. **Paisagem e Lugar como Referências Culturais Ribeirão da Ilha – Florianópolis**. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Geografia. Florianópolis, 2010.

NUNES, Caroline P.; SANTIAGO, Alina G.; REBOLLO SQUERA, Jorge H. **Turismo, Espaço e Paisagem – Leituras do Ambiente Urbano**. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 24 - São Paulo – 2007.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Origens da Noção de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Risco, Artigos e Ensaios, revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo eesc-usp. 2006.

PONT, M. B.; HAUPT, P. **Spacematrix: space, density and urban form**, 2010.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. EST/EDUCS. Porto Alegre. 1983.

RIBEIRO, Wagner Costa; ZANIRATO, Silvia Helena. **Patrimônio cultural: A percepção da natureza como um bem não renovável**. Rev. Bras. Hist. vol.26 no. 51. São Paulo Jan./June, 2006.

ROSA, carolina lucena. **O Patrimônio Industrial: A construção de uma nova tipologia de patrimônio** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **Preservar não é tomar, renovar não é pôr tudo abaixo**. GT - Estudos Urbanos: Representação e políticas públicas, Rio de Janeiro, julho de 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**, 4. ed. 2. reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. -(Coleção Milton Santos; 1) 2007.

SARATE, João Alberto Rubim. **A figura do habitante sob a perspectiva da economia do Território**: Tese (Doutorado em administração) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Université Joseph Fourier – Grenoble - França, em regime de cotutela. Porto Alegre, dezembro de 2014.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

TUNES, Daniela de Almeida. **Avaliando o grau de mobilidade em centros históricos segundo a percepção do pedestre: o caso da área central de Pelotas/RS**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-ENANPARQ, 1, 2010, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: ANPARQ, 2010.

UNESCO, **Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial**, 2012.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana**. ISSN 0104-9313 *On-line version* ISSN 1678-4944. Mana vol.13 no. 2 Rio de Janeiro Oct, 2007.

ANEXOS 1

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultura

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Veranópolis

Ficha Nº: 1

Localidade: Monte Bérico

Denominação do bem: Capela Nossa Senhora de Monte Bérico

Endereço/Localização: Área rural

Proprietário: Igreja Católica

Uso Original e atual: Templo Religioso

Latitude: -28,9968879

Longitude: -515594156

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Nenhuma

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis: Quadro do século XVIII trazido por uma família de imigrantes com a imagem de “La Madonna de Monte Bérico”.

Valores estabelecidos ao bem:

1. Cruz de ferro localizada em frente á fachada principal está no sítio junto à igreja desde a inauguração da capela em 1901.
2. Monumento em homenagem ao cemitério da aparição de nossa senhora de Monte Bérico.
3. Placa fixada em bloco de basalto em homenagem aos primeiros Imigrantes que se estabeleceram em Monte Bérico.

Observações:

1901 a comunidade de Monte Bérico, construía espaçosa e imponente capela, introduzindo a imagem de “La Madonna de Monte Bérico”, trazida diretamente da Itália nos braços da matriarca da família Fracasso. O Quadro só tinha metade do corpo da santa e baseada na imagem foi feito escultura em madeira, posteriormente se descobriu que aos pés da santa, homens resavam pedindo a proteção das lavouras. O terreno foi doado pela família Fracasso por que o terreno era em topografia acentuada e as capelas de “La Madonna de Monte Bérico” ficam preferencialmente no topo dos montes. Segundo o conhecimento popular da região os sinos “abrem” os temporais da comunidade, foram abençoados para proteger as plantações.

Foto(s):



Fachada Oeste



Fachada Norte

Foto(s):



Responsável: Paula Fogaça

Data: 09/06/2017

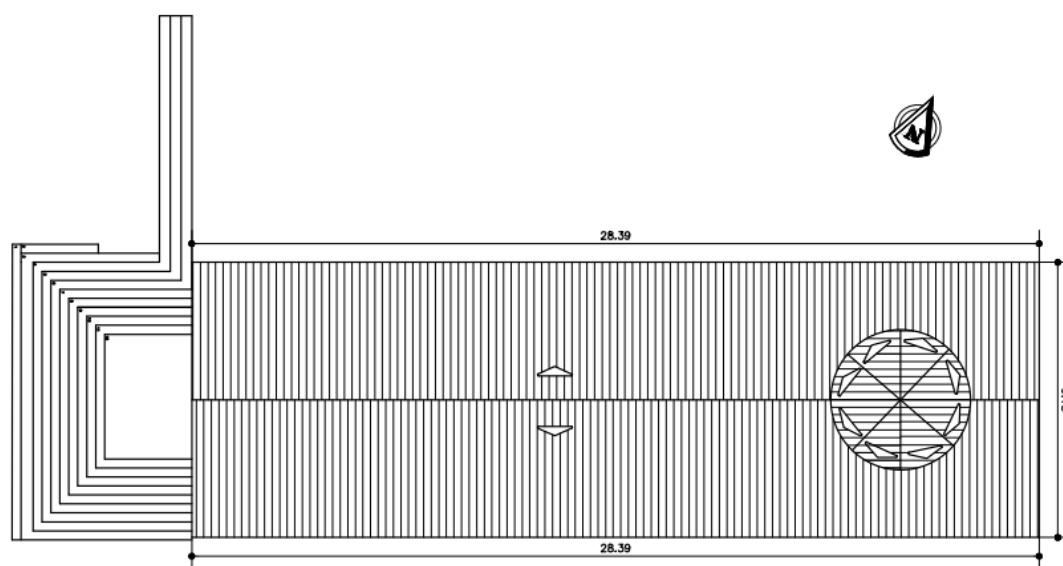
Imagens complementares (entorno edificações)



FICHA COMPLEMENTAR.

Análise Arquitetônica

Na primeira construção de 1901 a fachada oeste, onde é o acesso principal, foi feita com tijolos de barro pisado por porcos, o restante da edificação feita de madeira, da primeira construção só resta à fachada oeste, nova construção data de 1949. O trio de sinos veio da Itália. O imigrante Italiano patriarca da família Fracasso fabricava os móveis em um castelo da Itália e trouxe técnicas construtivas de móveis, portas, janelas e carroças para a localidade, montou marcenaria e fabricou as janelas e portas para a capela. A capela passou por muitas reformas, e a igreja e o cemitério sofreram descaracterização, e muita arte sacra se perdeu, porém no ano de 2015 a igreja passou por uma reforma, a restauradora Rosalva da cidade de Pará especializada em restauros de igrejas resgatou a pintura de escaiola e revitalizou os vitrais.

Situação:**FICHA COMPLEMENTAR.****Localização:**

Localização N. S. Monte Bérico
Escala 1:250



SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Veranópolis

Ficha Nº: 2

Localidade: Monte Bérico

Denominação do bem: Casa Zanetti

Endereço/Localização: Área Rural

Proprietário: Enio Zanetti

Uso Original e atual: Mercado e Residencia (não está sendo usada atualmente)

Latitude: -28,9968879

Longitude: -51,5594156

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Nenhum

Proteção Proposta: Inventário

Valores estabelecidos ao bem

Forno de Pão com cobertura de telha e madeira, Estrebaria feita de madeira de pinheiro araucária.

Observações:

Casa Zanetti é uma edificação muito famosa na cidade, foi o primeiro mercado da cidade, também funcionou ali posto de gasolina e consultório odontológico. Foi comprada da família Jordani, depois virou residência e mercado, o primeiro da cidade, mas também era posto de gasolina. Foi também palco de uma emboscada feita a Paco o bandoleiro, um fora da lei conhecido por todos na região, na ocasião ele matou dois policiais e fugiu pelos fundos da casa Zanetti.

Foto(s): Fachada Oeste



Fachada Norte



Foto(s):



Fachada Leste



Fachada Sul



Entorno Imediato (Forno e Estrebaria)

Responsável: Paula Fogaça

Data: 10/06/2017

Imagens complementares (entorno, edificações)



Imagens complementares (entorno, edificações)



FICHA COMPLEMENTAR.

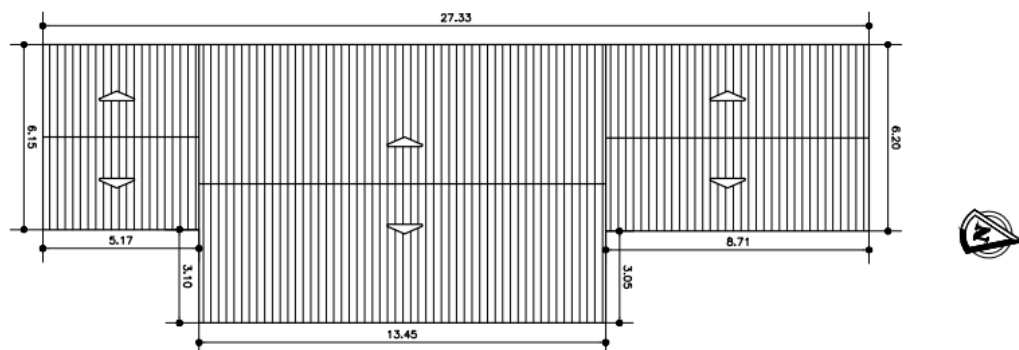
Análise Arquitetônica

Porão de pedra, primeiro e segundo andar feito com tijolos artesanais com barro pisado por porcos, a casa de madeira anexa foi na verdade a primeira construção.

Situação



Localização:



Casa Zanetti

Escala 1:250

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultura

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Veranópolis

Ficha Nº: 3

Localidade: Lajeadozinho

Denominação do bem: Casa Bavaresco

Endereço/Localização: Área Rural

Proprietário: Alzira Marta Bavaresco

Uso Original e atual: Residência

Latitude: -29.015614

Longitude:- 51.581292

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Nenhuma

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Observações:

A família Cavedon construiu a edificação, vendeu a Persinio Colau Melo, os atuais proprietários adquiraram a casa do filho de Persínio Colau Melo a proprietária acredita que a casa tenha em torno de 110 anos.

Foto(s):



Fachada Leste



Fachada Sul

Foto(s):



Fachada Oeste

Responsável: Paula Fogaça

Data: 11/06/2017

Imagens complementares (entorno, edificações)



FICHA COMPLEMENTAR.

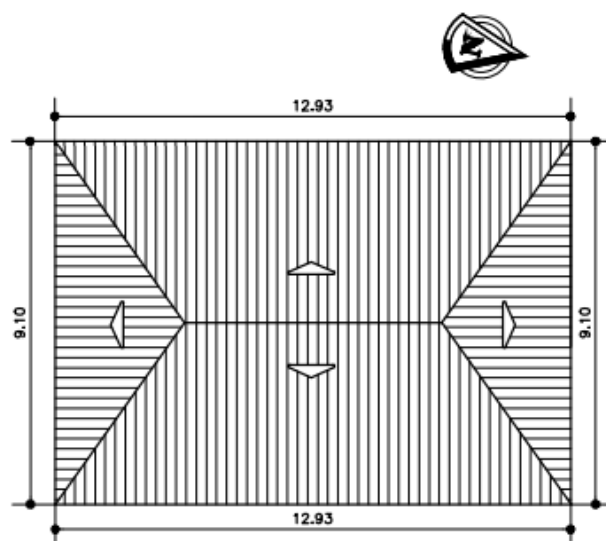
Análise Arquitetônica

Porão e primeiro andar feito de pedras encaixadas, segundo pavimento era feito de tijolos de barros artesanais, segundo andar foi removido e o telhado recolocado.

Situação



Localização:



Casa Bavaresco

Escala 1:250



M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Veranópolis

Ficha Nº: 4

Localidade: Lajeadozinho

Denominação do bem: Cooperativa Aurora LTDA

Endereço/Localização: Área Rural

Proprietário:

Uso Original e atual: Cooperativa vitivinícola (não está sendo usada atualmente)

Latitude: - 29.016561

Longitude: -51.580489

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Nenhuma

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis: Sem dados suficientes para afirmar

Valores estabelecidos ao bem:

Sem dados suficientes para afirmar

Observações:

Após o sucesso da cooperativa Aurora em Bento Gonçalves, os envolvidos na cooperativa entenderam que com o movimento dos carreteiros e a produção vitivinícola de Veranópolis seria interessante implementar uma sede na área de Lajeadozinho, caminhos dos tropeiros e carroceiros, que já levavam o produto em direção a Porto Alegre. No entanto, a cooperativa faliu gerando desgosto aos sócios da região.

Foto(s):



Fachada Leste



Fachada Sul

Foto(s):



Responsável: Paula Fogaça

Data: 11/06/2017

Imagens complementares (entorno, edificações)



FICHA COMPLEMENTAR.

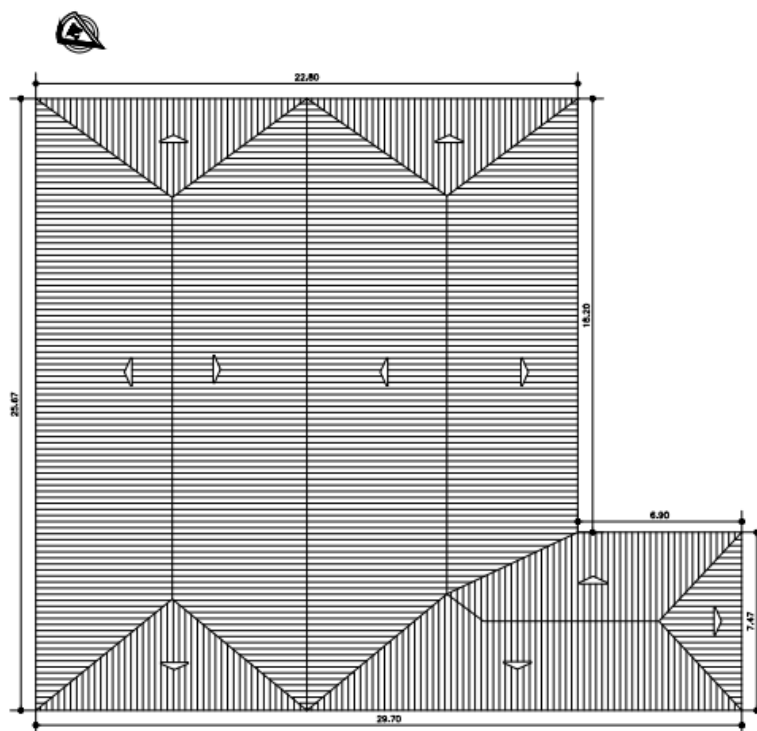
Análise Arquitetônica

De tijolo cozido, possui um pé direito alto para guardar as pipas, que poderiam ter até 6 metros de altura. Estrutura do telhado de madeira e telhas de cerâmica (não foi possível fazer análise mais aprofundada).

Situação



Localização



Cooperativa Aurora LTDA

Escala 1:250



M

BENS EDIFICADOS

INVENTARIO

Município: Veranópolis

Ficha Nº: 5

Localidade: Lajeadozinho

Denominação do bem: Capela São João Batista

Endereço/Localização:

Proprietário: Igreja Católica

Uso Original e atual: Templo Religioso

Latitude: -29.021465

Longitude: -51.582269

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Nenhuma

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis: Sem informações

Valores estabelecidos ao bem:

1. Memorial aos primeiros imigrantes
2. Cruz missionária
3. Busto de Antônio Bim, o primeiro a plantar um pé de maçã no Brasil, o que deu a Veranópolis o título de Berço nacional da Maçã.

Observações:

Construída em 1910 é famosa por ter sido abençoada por Don Batista Scalabrini conhecido como sendo o apóstolo dos imigrantes. Está em perfeito estado de conservação, ao lado da igreja fica o cemitério do Imigrante, o cemitério passou por muitas descaracterizações e muitas obras do escultor e marmorista José Soncini se perdeu. Ainda hoje a capela possui um bar e a venda dos produtos rende o dinheiro da manutenção da igreja.

Foto(s):



Fachada Leste



Fachada Norte

Foto(s):



Fachada Oeste



Entorno Imediato (Cemitério dos Imigrantes, Memórial dos Imigrantes)

Responsável: Paula Fogaça

Data: 11/06/2017

Imagens complementares (entorno edificações)



FICHA COMPLEMENTAR.

Análise Arquitetônica

Tijolos feitos artesanalmente pelos moradores da localidade.

Situação



ANEXOS 2



CIIC INTERNATIONAL COMMITTEE ON CULTURAL ROUTES
 CIIC COMITÉ INTERNACIONAL DE ITINERARIOS CULTURALES
 CIIC COMITÉ INTERNATIONAL DES ITINÉRAIRES CULTURELS

INVENTARIO DE FORTIFICACIONES
 DEL CAMINO REAL INTERCONTINENTAL

DENOMINACIÓN	PAÍS
Fuerte Barragán.	Argentina.

1. LOCALIZACIÓN POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

- **Municipio:** El Fuerte se encuentra ubicado en el Partido de Ensenada
- **Provincia:** Buenos Aires

2. EMPLAZAMIENTO GEOGRÁFICO.

- **Localización:** Coordenadas geográficas, UTM
- **Altitud:** (Sobre el nivel del mar)
- **Entorno:** Paisajístico, Industrial, Urbano (ciudad populosa, población media, pueblo, aldea, complejo aislado, etc.), Natural (marítimo, fluvial, lacustre, terrestre, mixto, etc.). **Definir las características del mismo.**

El emplazamiento original era costero, sobre la ensenada de Barragán. Con el proceso de cierre de la ensenada por acumulación de sedimentos fluviales, en la actualidad se encuentra en las proximidades del Río de la Plata y en un borde de la planta urbana de la ciudad de Ensenada.

Se trata de una faja de bañado existente entre la orilla del Río de la Plata y la barranca, paralela a la costa del estuario. Zona anegadiza y cubierta con matorral de juncos y un monte de ceibos y talas, con presencia de formación selvática.

- **Accesos:**

Ingreso a través de la Avenida Almirante Brown, que comunica la ciudad de Ensenada con la localidad de Punta Lara.

3. DESCRIPCIÓN ARQUITECTÓNICA.

Tipología: (Torre, Casa-Fuerte, Castillo, Fortaleza abaluartada, Baluarte, Muralla, Batería de costa, Batería de campaña, Reducto, Torreón, Hornabeque, Cuartel, Polvorín, Trocha, Línea defensiva y de observación, etc.)

Debido a las condiciones naturales nació como batería costera. El conjunto edilicio consta de una serie de edificios construidos en épocas diferentes, según requerimientos funcionales y concepciones arquitectónicas y técnicas correspondientes a los periodos de construcción. En sus inicio fue una batería defensiva precaria, contaba con una comandancia, almacenes de pólvora y otro de pertrechos. Al momento de comenzar la construcción incluía troneras para 8 piezas de artillerías y dos garitas para centinelas y un patio de armas.

Planta:

Los edificios con mayor valor histórico y arquitectónico son:

- Comandancia: planta rectangular, con galería.
- Batería: consiste en un muro, con planta hexagonal abierta hacia uno de sus lados en correspondencia con la plaza de armas, con troneras para cañones. Hacia el Este y Oeste se encuentran dos garitas de vigilancia.

Elementos constructivos:

- Comandancia: muros portantes y tabiques divisorios.
- Batería: muro construido de 1,70 mts de altura, con garitas de vigilancia cubiertas con cupulines

Materiales de construcción:

- Comandancia: muros y tabiques en mampostería de ladrillo revocado, cubierta de chapa. El agregado de galerías en sus tres lados consiste en una estructura de madera, cubierta de chapa y cielorraso de madera.
- Batería: muro de ladrillos (traídos aparentemente de Cádiz) asentados en mortero de tierra y conchilla, aparente revoque sobre lado exterior, el interior con piso de tierra, las garitas de igual material que el muro y cubiertas con cupulines de mampostería.

4. PRINCIPALES DATOS HISTÓRICOS.

— **Epoca de construcción:** (Año o período y observaciones que se estimen necesarias)
La ocupación del área de la ensenada de Barragán se remonta al siglo XVII, cuando Hernandarias hizo merced de las tierras aledañas a Bartolomé López, quien las vendió en 1629 a Gutiérrez Barragán. Un siglo mas tarde el Gobernador de Buenos Aires Bruno Mauricio de Zabala, dirigió una carta al rey donde informaba sobre el descubrimiento de una ensenada y puerto, situación aprovechada para la instalación de una batería precaria para controlar el contrabando portugués hacia el año 1736. El edificio de la antigua comandancia data de fin de siglo XVIII, con modificaciones y ampliaciones correspondientes al XIX.

En el año 1800 se inicio la construcción de la batería definitiva.

- **Constructor:** (Nombre del Ingeniero militar, Maestro cantero, etc., y, en su caso, datos de interés)

El proyecto se debe al Ing. Antonio María Durante y al Comandante de Artillería Francisco Javier de Reyna.

- **Principales etapas de construcción y, en su caso, de reconstrucción:**

1736: instalación de batería precaria

1765, 1771, 1782: reconstrucciones por las crecidas del río

1800: inicio de la construcción de la batería definitiva

1825: se reparan techos y azoteas de almacenes y cocina de batería.

1855: reconstrucción de instalaciones para sitio de cuarentena de pasajeros y tripulantes de los buques que arribaban desde Montevideo con fiebre amarilla

1911: Manuel María Oliver, procedió a la restauración y apertura al público

1916: se afectaron los terrenos para la instalación del Parque y Escuela de Aerostación y Aviación de la Armada, se construyó una pista de aterrizaje y hangar

- **Artífices de las distintas etapas antedichas de construcción y reconstrucción** (Nombres de los mismos y, en su caso, datos de interés)

Cuando se decide la disposición de defensas se hacen conforme al proyecto preparado hacia 1730 por el **Ing. Militar Domingo Petrarca** tras un cuidadoso reconocimiento de la zona. (Batería Santiago).

En 1761 el Gob. Pedro Cevallos estructuró un plan de posiciones estratégicas en el área del Río de la Plata, el reacondicionamiento de las defensas de Buenos Aires y la construcción de baterías en la Ensenada, el **Ing. Juan Francisco de Sobrecasas** dirigió las obras.

Debido a nuevas situaciones bélicas, como la guerra entre Gran Bretaña y Estados Unidos, determinaron la instalación de defensas sobre el Río de la Plata, que incluyó la reparación general de la Batería de Ensenada, terminada a principios de 1782 bajo la dirección del Ing. Militar **Joaquín Antonio de Mosquera**.

El deterioro sufrido luego del ataque hizo que se elaborara un proyecto para el traslado de la batería un poco más alejado de la costa, a cargo del **Ing. en jefe Carlos Cabrer** aunque no hay constancia de su realización.

En 1796 el cuartel y los almacenes estaban demasiado deteriorados, el **Ing. José García Martínez de Cáceres** arbitro las reparaciones necesarias y en julio de 1797 se le encomienda al **Ing. Mosquera** un estudio para reconstruir las destruidas defensas.

El virrey el Marqués de Aviles (año 1800) solicita un informe al **Ing. militar Antonio Maria Durante** y al **Comandante de Artillería Francisco Javier de Reyna** del cual se desprende que la batería se arruinaba al ser el terreno barrido reiteradamente por el río. Entonces el **Ing. militar Antonio Maria Durante** prepara un nuevo proyecto emplazando la batería a una mayor altitud (entre los Arroyos del Pueblo y del Piloto y junto a la Comandancia y almacenes), En enero de 1801 se habilitó una batería provisional de tepes y en julio concluyeron las obras definitivas que comprendían la comandancia reconstruida (aun existente) y los almacenes general y de pólvora que encuadraban un patio de armas, cerrado

este ultimo en un costado, por la batería cuya solidez de ejecución subsiste hasta la actualidad. (de Paula pag 34-38)

En 1825 en un marco de acciones relativas al puerto de la Ensenada el **Ing. Santiago Bevans** procedió a la reparación de techos y azoteas de los almacenes y cocina de la batería, 30 años mas tarde el **Ing. Pedro Benoit** se encargo de la reconstrucción de las instalaciones (habilitadas en 1857) como sitio de cuarentena (informe técnico pag 3)

– Historia

1618: primer concesión de “suertes de bañado” por el Gobernador Hernandarias a Bartolomé López.

1629: éstos últimos fueron adquiridos por Antonio Gutiérrez Barragán quien formó en ellos la Estancia de la Ballena. Hacia 1700 formaban un establecimiento dedicado a la cría de yeguas, mulares ovinos y vacunos. Otro aspecto importante fue la explotación de yacimientos de conchilla, pero la actividad mas trascendental fue la actividad portuaria.

1680: fundación de la Colonia del Sacramento por efectivos lusobrasileños, frente a la ciudad de Buenos Aires, marcó el comienzo de un conflicto que duró casi 148 años.

1735-1737: se decide la instalación de una batería precaria conforme al plano preparado en 1730 por el ingeniero Domingo Petrarca.

1765, 1771, 1782: reconstrucciones por las crecidas del río.

1783: plano del proyecto de traslado de la batería.

1800: inicio de la construcción de la batería definitiva. Proyecto Ing. Antonio María Durante y al Comandante de artillería Francisco Javier de Reyna.

1801: se habilita la nueva batería.

1806: Santiago de Liniers, al frente de la batería, rechaza el intento de desembarco de las tropas británicas al mando de Gral. Berersford.

1807: desembarca la segunda invasión inglesa.

1820: el Gobernador Sarratea suprimió la Comandancia Militar de la Ensenada.

1825: el Ing. Santiago Bevans procedió a la reparación de techos.

1855: se le encarga a Pedro Benoit la reconstrucción de las instalaciones.

1857: se habilita el sitio para albergar los enfermos de fiebre amarilla.

1860: el Gobierno dispone el cese de actividades sanitarias.

1890: aprox. las instalaciones serían utilizadas como escuela de primeras letras, para pasar luego por un periodo de desocupación, abandono y deterioro.

1911: con la gestión de Manuel María Oliver, preocupado por la conservación de monumentos históricos, se procedió a la restauración y apertura al público.

1916: por Decreto se afectaron los terrenos del antiguo fuerte para la instalación del Parque y Escuela de Aerostación y Aviación de la Armada, se construyó para tal fin una pista de aterrizaje y hangar. Más tarde la base fue dada de baja, sólo se afectó la pista para prácticas de vuelo de los cadetes de la Escuela Río Santiago.

1925: con la habilitación de la Base en Punta Indio las instalaciones del Fuerte fueron utilizadas como aeródromo auxiliar hasta 1974.

1942: El Fuerte Barragán fue declarado Monumento Histórico Nacional por decreto n°120.411 y Monumento Histórico Provincial por Ley n°11.242/92

1965: se habilitó el viejo edificio de la Comandancia como Museo Histórico

1969: pasó a ser Museo Naval.

1985: Museo Histórico “Fuerte de la Ensenada de Barragán” dependiente de la Municipalidad de Ensenada

- **Función dentro del sistema defensivo:** (Defensa bocana de río, de canal de puerto, montaña, selva, etc. y su relación con otras fortificaciones)

Batería defensiva del puerto natural de la Ensenada de Barragán. Formaba parte de un sistema defensivo de la costa del Virreinato del Río de la Plata

- **Valoración histórica y cultural:** (Valor geoestratégico: Significación para la protección de una ciudad portuaria o de interior, o para la defensa de vías de comunicación, etc; vinculación con acontecimientos históricos; valor local, regional y, en su caso, universal)

Uno de los escasos testimonios del sistema defensivo del período español en el actual territorio argentino.

El Fuerte tuvo un valor significativo durante las jornadas de las invasiones inglesas. El 24 de Junio de 1806 Santiago de Liniers, al frente de la batería, rechazó el intento de desembarco de las tropas británicas al mando del General Berersford, en tanto que la segunda invasión logró desembarcar en la ensenada el 28 de Junio de 1807. Conjuntamente con estos sucesos la guardia y la comandancia, siempre mantuvieron funciones para el control del movimiento mercantil y portuario.

5. CONSERVACIÓN

- **Estado de conservación del bien** (Bueno, regular, malo. Especificar)

El conjunto en la actualidad está formado por un grupo de edificios correspondientes a varios periodos, levantados según las necesidades de los usos, que presentan características y formas constructivas distintas, y a su vez valores históricos y arquitectónicos de diferentes grados.

BATERIA: En general el estado de conservación puede definirse como **malo**, el grado de deterioro pone en riesgo la integridad y estabilidad de la estructura. Se observan:

- Grietas y fisuras en diferentes sectores de la estructura muraria, ocasionadas por diversas causas, en algunos casos presión mecánica generada por la presencia de vegetales, mientras que otras pueden atribuirse a los asentamientos diferenciales de la estructura.
- Deterioro o falta de mampuestos: debido a la falta de revoques se desprotegió la mampostería que se encuentra afectada por la rotura o desgaste de mampuestos, observándose roturas de ladrillos por acción mecánica como desgaste por erosión hídrica y eólica, y deterioro general de las juntas que provoca el desprendimiento de ladrillos, atentando contra la estabilidad de la estructura.
- Presencia de vegetales y microorganismos
- Paso de sales existentes en el terreno que se cristalizan y producen fracturas y roturas de ladrillos.
- Construcciones posteriores a la original que se empotran sobre ésta provocan grietas debido a los asentamientos diferenciales.

- **MUSEO:** incluye a la antigua comandancia, construida a fines del siglo XVIII, ampliada una vez desafectada su función original, a mediados del siglo XIX, lo que evidencia la diferencia de espesores en los muros. El estado de conservación es regular, ya que se observan deterioros aunque no patologías graves, a saber:
 - Humedad ascendente: causada por la ausencia o ineficiencia de capa aisladora, obteniendo el desprendimiento de la pintura y el deterioro de los revoques.
 - Humedad descendente: el edificio cuenta con canaletas embutidas sobre sus lados más largos, las cuales no han tenido el mantenimiento correspondiente y también en la ampliación realizada es notoria la incidencia en el paso de humedad en la unión entre la estructura de mampostería y la otra, más actual, de hormigón.
 - Fisuras en revoques: por los desagües verticales embutidos en el muro.
 - Deterioro en parantes de madera en la galería, que ponen en riesgo la eficiencia estructural.
 - Deterioro de pisos: estado regular, se han detectado faltantes.

- **Autenticidad del bien** (De sus formas, materiales y técnicas constructivas. En su caso, superposiciones de formas, materiales y técnicas constructivas)

- **Integridad del bien** (Pérdidas parciales, reconstrucción, etc.)

En la situación actual, el edificio es producto de la superposición de al menos tres momentos históricos: la construcción original, la ampliación y modificación de mediados del siglo XIX y la ampliación del siglo XX, que no presenta valor arquitectónico en sí misma, no agrega valor al edificio y atenta contra la lectura de las dos instancias anteriores. Con respecto a la Batería se ha reconstruido la parte superior de los muros en el sector que abría hacia el río, incluyendo las troneras. Acción encarada aparentemente con la intención de permitir una idea más concreta de cómo era la antigua batería, distinguiéndose claramente de los restos originales

por el tipo de ladrillo utilizado y porque se encuentra terminada con revoque bolseado, esta reconstrucción atenta contra la autenticidad de materiales y mano de obra. La Comandancia, actual Museo, construida a fines del siglo XVIII, ampliada una vez desafectada su función original para alojar el dispensario, se evidencia una intervención, a mediados del siglo XIX, por la diferencia de espesores en los muros, como también por los revoques con buñas, el tipo de carpintería, las claves sobre los vanos, la ornamentación, signos que marcan que el aspecto del edificio corresponde al s.XIX. En el exterior cuenta con una galería que abre hacia la antigua plaza de armas, con la cubierta más baja que el pabellón, haciendo tope con el cielorraso y en algunos casos rebajando las claves antes mencionadas, todo hace suponer que fue una intervención posterior.

La suma de intervenciones mencionadas ponen en riesgo la autenticidad de diseño, materiales y ejecución del conjunto. Si bien el edificio está localizado en su emplazamiento original, las modificaciones del entorno atentan contra la autenticidad de implantación.

- **Integridad del entorno** (Grado de conservación o, en su caso, destrucción total o parcial, alteraciones sustantivas o leves, etc. Especificar.)

Se ha producido una sustancial modificación del medio natural, lo cual es irreversible y puede en si ser considerado como un valor, ya que la presencia de formación selvática en la proximidad del conjunto testimonia el proceso natural de modificación del paisaje y la situación resultante.

- **Agresiones:** (Naturales o causadas por el hombre; degradación ambiental, etc.)

Agresiones naturales sufridas a lo largo de su existencia nos podemos referir a las continuas crecidas del río, que le provocaron un deterioro constante y debido a ello fue reconstruida en varias ocasiones (1765, 1771, 1782)

- **Propuestas de actuación:** (Incluye la protección del entorno)

|

Si bien se han realizado algunos estudios, particularmente de tipo histórico, y propuestas para la rehabilitación del sitio, no existen proyectos ni políticas concretos para llevarlos a cabo.

6. PROTECCIÓN JURÍDICA, ADMINISTRATIVA Y SOCIAL

- **Protección Jurídica del bien :** (Según la legislación aplicable a escala internacional, nacional, regional y local. Según el tipo específico de legislación aplicable, por ejemplo: patrimonial, urbanística, natural o de medio ambiente, otra, etc. En su caso, Plan o Planes de Protección existentes que incidan sobre el bien)

El sitio está declarado Monumento Histórico a nivel nacional y provincial. A escala local, está incluido en una ordenanza de preservación del patrimonio. No existen planes de protección especiales que incidan sobre el bien. No existe protección del entorno.

- **Protección jurídica del entorno** (Según la legislación aplicable a escala internacional, nacional, regional y local. Según el tipo específico de legislación aplicable, por ejemplo: patrimonial, urbanística, natural o de medio ambiente, otra, etc. En su caso, Plan o Planes de Protección existentes que incidan sobre el entorno)

Inexistente.

- **En su caso, declaración protectora:** (Monumento, Conjunto, Sitio, Bien de Interés Cultural, etc. de ámbito Local, Nacional, Patrimonio Mundial, etc.) **Señalar también los casos en los que no existe declaración protectora.**

Monumento Histórico Nacional, Decreto N°

Monumento Histórico Provincial, Ley N°

- **Administración responsable:** (Local, regional, nacional, mundial). **Especificar el contenido y alcance de la correspondiente competencia evaluando, en lo posible, el grado de responsabilidad demostrado en el ejercicio práctico de tal competencia.**
- **Grado de implicación social de la población en la protección del bien** (Alto, medio, bajo. Especificar)

Bajo. Si bien es conocido por la comunidad local y constituye un referente de su identidad cultural, no hay participación concreta de la comunidad.

7. INFORMACIÓN ESPECÍFICA ACTUAL

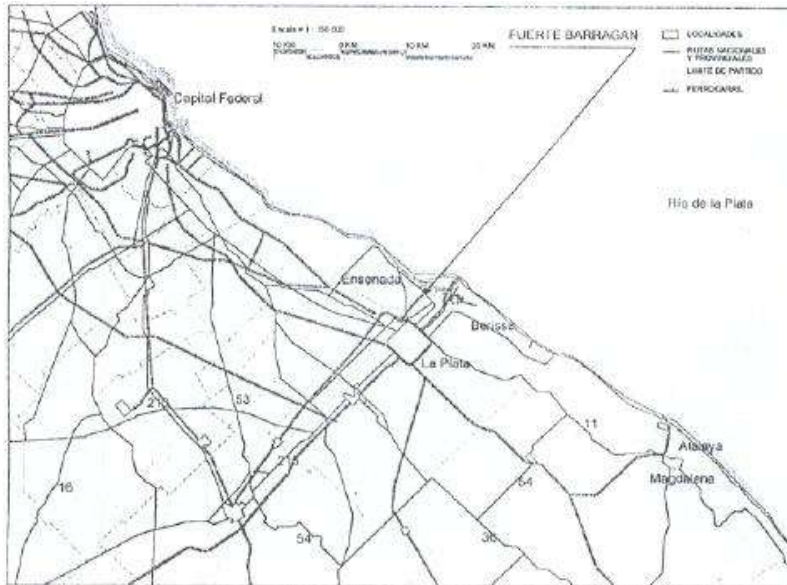
- **Propietario:**

La propiedad pertenece a la Marina, cedido en usufructo a la Municipalidad de Ensenada.

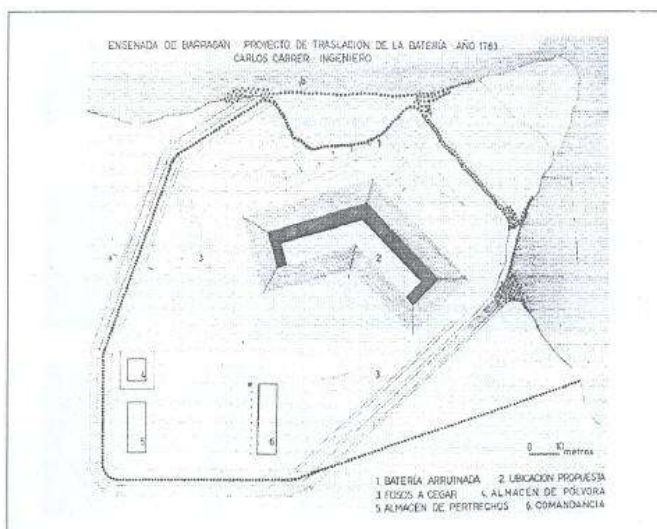
- **Uso** (Militar, museo, sitio histórico, vivienda, u otros; Especificar):

Museo histórico.

PLANO DE UBICACIÓN

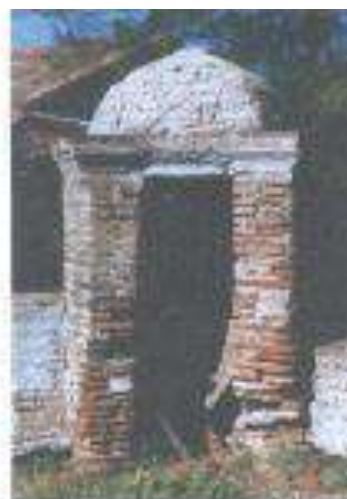


PLANO DE LA PLANTA



Fuente: de PAULA Alberto S. J, 1987: *La Ciudad de La Plata sus tierras y su arquitectura*. Buenos Aires, Editado por El banco de la Provincia de Buenos Aires.

FOTOGRAFÍAS (Incluir relación de las mismas en este apartado y adjuntarlas como anexos)



Autor de las fotografías: Arqs: Alfredo Conti y Graciela Molinari.



ICOMOS

CIIC INTERNATIONAL COMMITTEE ON CULTURAL ROUTES
CIIC COMITÉ INTERNACIONAL DE ITINERARIOS CULTURALES
CIIC COMITÉ INTERNATIONAL DES ITINÉRAIRES CULTURELS

FICHA DE INVENTARIO
De

PAISAJE CULTURAL

DENOMINACIÓN: Parque Pereyra Iraola.

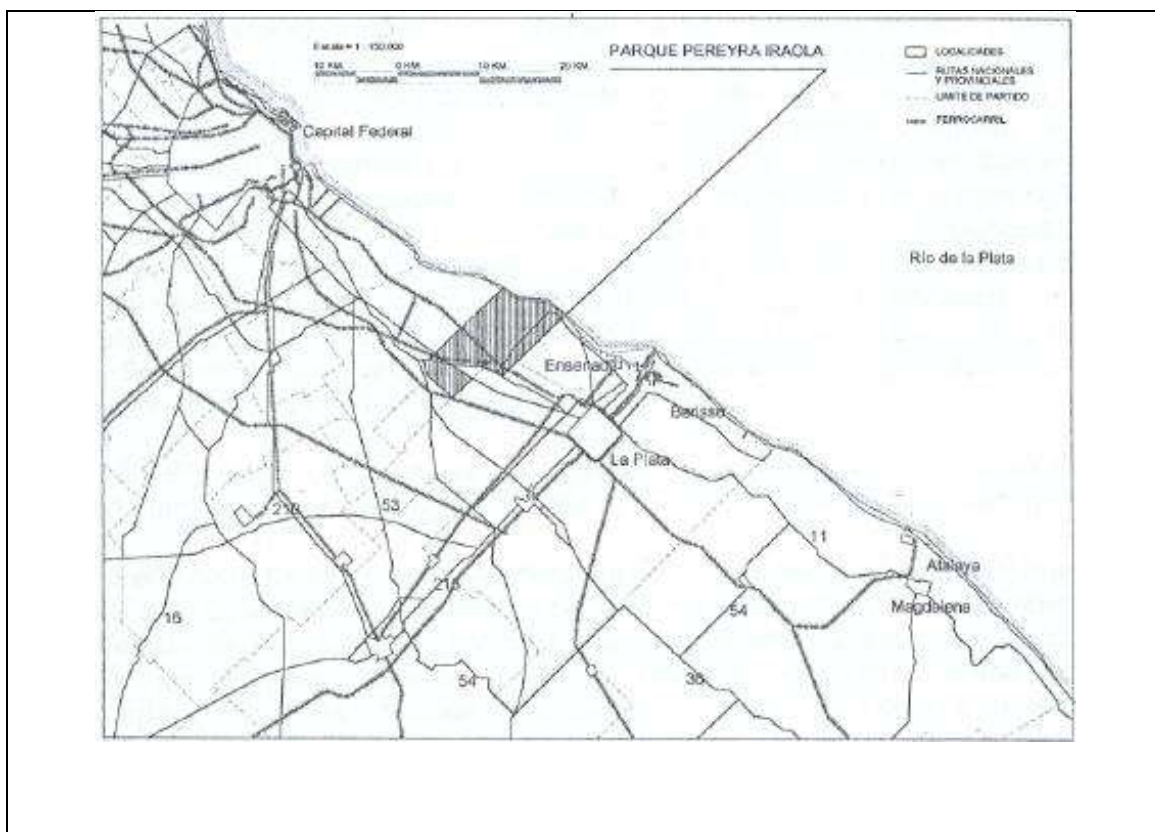
PAÍS: Argentina.

LOCALIZACIÓN POLÍTICO - ADMINISTRATIVA

(Municipio, Comarca, Provincia, Comunidad o Región, Estado, etc.)

El Parque Pereyra Iraola se emplaza en la Provincia de Buenos Aires, en jurisdicción del partido de Berazategui. Dista 40 Km. de la Ciudad de Buenos Aires y 20 Km. de La Plata. Limita al Sudeste con el partido de La Plata, al Sudoeste y Sur con el de Florencio Varela y al Norte con el Río de La Plata.

CROQUIS DE UBICACIÓN



POSICIÓN GEOGRÁFICA

Latitud:

Longitud:

Altitud:

CONDICIONES AMBIENTALES

(temperatura, clima, humedad, exposición solar, vientos dominantes, etc.)

La región se sitúa sobre un retazo de La Pampa Ondulada, cuya barranca festonea el litoral del Río de La Plata, delimitando tierras altas, lomadas y planicies. El clima es templado húmedo, con medidas de 23° y 9° C en el mes más cálido y mas frío respectivamente. El promedio de lluvias es de 900 mm anuales.

SI RESULTA NECESARIO, USAR HOJAS ADICIONALES PARA AMPLIAR CADA EPIGRAFE

CARACTERÍSTICAS ECOGEOGRÁFICAS

Suelo:

Vegetación: (precisar especies autóctonas y, en su caso, especies en peligro, en situación vulnerable, etc.)

Debido a sus aspectos geomorfológicos el Parque Pereyra Iraola plantea sectores bien diferenciados, conjuntamente se imprimen en él, una serie de arterias que contribuyen a

esta sectorización.

La vegetación constituye un elemento que define y cualifica las diferentes áreas, y es precisamente la diversidad de los ejemplares, la que proporciona al parque un valor sin precedentes.

Su geomorfología plantea dos situaciones:

LA BAJA TERRAZA: Comprende el sector definido por las vías de Quilmes del F.C.N. Gral Roca y el Río de La Plata, se extiende de noroeste a sudeste bordeando el Río de La Plata y su altura no supera los 5m sobre el nivel del mar, presenta complejos de vegetación hidrófila que incluyen bosquecillos, selva marginal, pajonales y praderas húmedas. El sector de mayor importancia, es considerado desde 1958 Reserva Natural con una extensión de 30 has, ampliando posteriormente su alcance a 430 has en 1994. Dentro de este relicto, se detectan los siguientes ambientes: 1) **Selva Marginal:** sus principales componentes son el mantojo (*Pouteria Salicifolia*), chalchal (*Allophylus edulis*), lecheron (*Sebastiania brasiliensis*), laurel del monte (*Ocotea acutifolia*) y otras especies nativas que deben competir con especies foráneas invasoras como el ligustro (*Ligustrum lucidum*). El estrato arbustivo ésta compuesto por malva del monte (*Pavonea malvacea*), flor de espiga chica (*Acalypha gracilis*), coronillo (*Scutia buxifolia*) y cornetillo (*Diodiabrasiliensis*). El estrato herbáceo, compuesto por materiales en descomposición, hongos y musgos 2) **Saucedales:** constituidos por comunidades de sauces (*Salís alba*, *S babilónica*) y ocasionalmente por el nativo sauce criollo (*S humboldtiana*). **Pajonal:** formado por una gramínea (*Zizianopsis bonariensis*) y una ciperacea (*Scirpus giganteus*). El estrato arbóreo, se compone de seibos (*Erithrina cristagalli*). 4) **Bañados:** en los que se desarrolla el camalote del bañado (*Pontederia cortdata*), la saeta (*Sagitaria*) y el duraznillo blanco (*Solanum glaucophyllum*). 5) **Pastizales:** compuestos por flechillas (*Stipa*) carrizos (*Paspalum* y *Bromus*) y otras gramíneas.

LA ALTA TERRAZA: que continua a la anterior hacia occidente, cuya altura supera a la del llano marginal. La presencia de dos vías de circulación definen tres sectores:

El comprendido entre el camino Gral Belgrano y la Ruta Nacional N°2, con buena aptitud agrícola, aquí observamos la presencia de lotes hortícolas, florícolas y grandes áreas de pastizales donde aun perduran antiguas especies nativas pampeanas. Se observan en este sitio las siguientes especies platanos (*Platanus acerifolia*), cipreses (*Cupressus macrocarpa*) y acacias (*Acacias melanoxylon*), también se observa la presencia de arbustos tales como cydonias (*Cydonia Japónica*). Existen además explotaciones forestales de Eucaliptus en especial las especies globulus, camaldulensis, tereticornis, polyanthemus y saligna. Sobre los límites del área se observan grupos de robles (*Quercus robur*), cipreses (*Cupressus*), acer (*Acer*) etc y arbustos como corona de novia (*espiraea*) y dracena (*dracaena*).

El sector definido por el Camino Gral Belgrano. Ruta 1 y las vías de Temperley del F.C.N. Gral. Roca, coincidentes con el *Camino Real*. Este fragmento contiene al parque de la Estancia Santa Rosa y es producto de un tratamiento paisajista deliberado de carácter histórico, posee especies que acompañan y jerarquizan el proyecto como las que a continuación se detallan:

Abedul (Betula alba), Abeto (Abies nordmanniana), Acacia australiana o Abeto negro (Acacia melanoxylon), Acacia blanca (Robinia pseudoacacia), Acacia negra (Gleditzia triacanthos), Acacia decurrens, Acacia cultriformis, Acer (Acer negundo), Sicomoro (Acer pseudo platanus), Agaribay (Schinus molle), Álamo plateado (Populus alba argentea), Álamo de Canadá (Populus canadensis), Álamo de Carolina (Populus angulata), Álamo negro (Populus nigra), Álamo Criollo (Populus nigra variedad pyramidalis), Álamo temblon (Populus tremula no se constato tal variedad), Álamo Mussolini (A M), Alcanforero (cinnamomum camphora), Alcornoque (Quercus suber), Alaurite (Alaurite montana), Anacahuita (Eugenia australis), Aliso (Alnus glutinosa), Pino Paraná o Pino Brasil (Araucaria Brasilensis), Pino Araucano, Pino de Chile o Pino Neuquen (Araucaria imbrica) y Araucaria bidwilli Arbol del cielo (Ailanthus altissima), Avellano (Corilus avellana), Brachychiton (Brachychiton populnem Sterculia platanifolia), Callistemun (Callistemon coccinea), Casuarina (Casuarina sticta), Castaño de Indias (Aesculus hippocastanum), Castaño de Europa (Castanea savita), Catalpa (Catalpa speciosa), Cedro deodara (Cedrus deodara), Cedro deodara aurea (Cedrus deodara aurea), Cedro de Atlas azul (Cedrus atlántica glauca), Ceibo (Eritrina craita-galli), Celtis (Celtis australis), Tala (Celtis tala o espinosa), Cephalotaxus (Cephalotaxus drupacea), Cerezo (Prunus cerazus), Cina-cina (Parkinsonia aculeata), Cipres calvo (Taxodium distichum), Cipres lambertiana (Cupressus macrocarpa, Cupressus lisitanica, Cupressus funebris, Cupressus pyramidal stricta y cupressus sempervirens variedad stricta), Ciruelo (Prunus domestica), Criptomera (Cryptomeria japónica), Damasco (Prunus armeniana), Durazno (Prunus persica), Encina (Quercus ilex), Enebro (Juniperos sabina postrata, Juniperus virginiana), Espinillo (Acacia famesiana), Eucalyptus (rostrata, glóbulos, tereticomis,rudi, robusta, viminal, botriodes, polianthema, hemipholia, sideroxylon variedad rosea, seeana, blakelyi, etc), Evonymus (Evonymus japonico), Fresno (Fraxinus excelsior y americano), Gingko Biloba, Granado común (Punica granatum), Granado de Flor, Grevillea (Grevillea robusta), Guayabo (Feijoa sellowiana), Higuera (Ficus carica), Jacaranda (Jacaranda acutifolia), Kaki (Diospyros-kaki), Kinoto, Lagerstroemia (Lagerstroemias indica) Laurel (Laurus nobilis), Laurel rosa (Nerium oleander), Laurel cerezo (Prunus laurus cerasus), Ligustrina (Ligustrumsinense), Ligustro (Ligustrum lucidum), Ligustro variegado (Ligustrum lucidum tricolor), Liquidambar (Liquidambar styraciflua), Lila (Syringa vulgaris), Lima (Citrus aurantifolia), Limonero (Citrus limonium), Maclura (Aurantiaca variedad pomifera), Mandarin (Citrus nobilis), Manzano (Malus pumilla), Membrillo (Cydonia vulgaris), Magnolia fuscata, Magnolia grandiflora, Mimbre (Salís amygdalina), Mimbre japonés, Morera negra y blanca (Morus nigra y alba), Naranja (Citrus sinensis), Níspero italiano o europeo (Mespilus germánica), Níspero japonés (Eriobotrya japónica), Nogal americano (Junglans nigra), Nogal europeo (Junglans regia), Olivo (Olea europea), Olmo (Ulmus campestri), Ombú (Phytolacca dioica), Osmanthus o Acebuch (Olea fragans), Osmanthus (Mata-Osmanthus ilicifolios), Palmeras (Phoenix canariensis, Phoenix padulosa, Chamaerops humilis, Coco australis, Arecastrum romanzofianum, Washingtonia filifera), Palo borracho (Chorisia insignis), Palta o Aguacate (Persea Grátisima), Paraíso (Melia azedarach), Peral (Pirus Comunis), Pezuña de vaca (Bahuinia candicans), Pino de alepo (Pinus halepensis), Pino radiata (Pinus insignis), Pino marítimo (Pinus pinaster), Pino piñonero (Pinus pinea),

Pino canariensis, Pino excelsa, Platano (Platanus acerifolia), Pomelo (Citrus paradisi), Prunus pissardii, Quebracho colorado (Schinopsis balansae), Roble europeo (Quercus robur pedunculata), Roble norteamericano (Quercus americana rubra), Sauce comun (Salix babilónica), Sauce mimbre (Salix viminalis), Sofora péndula (Sophora japónica pendula), Tilo (Tilia platyphyllos), Tipa común (Tipuana tipu), Tulipanero (Liriodendron tulipifera), Thuya orientalis y compacta, Viburnum (Viburnum).

Finalmente el situado entre las vías Quilmes y Temperley del F.C.N. Gral Roca y Camino Centenario o *Camino Real*. Al igual que el anterior posee el valor agregado, es resultado de un plan paisajístico preconcebido. Este se refiere al parque diseñado de la Estancia San Juan que desde 1870 poseía ya un almácigo de mas de seis mil semillas. Un libro titulado “De Buenos Aires al gran Chaco” de Jules Huret describe el parque y menciona especies como: Sauces, Palmeras y Cocoteros, Magnolias y Cipreses, Olmos, Eucaliptos y Castaños, cañas de Bambú, Álamos plateados, Acacias, Abetos y Helechos, además cuenta que existían parterres de geranios, enredaderas y rosas.

También encontramos ejemplares finos raros y sobresalientes por sus condiciones ornamentales, como lo es el llamado Árbol de Cristal (Agathis Australis)

Fauna: (precisar especies autóctonas y, en su caso, especies en peligro, en situación vulnerable, etc.)

Si bien el conocimiento de su fauna es aun insuficiente, se sabe que la zona baja se constituye en “ambiente” para varias especies de aves que encuentran allí condiciones naturales de nidificación, lo que hace suponer que el parque Pereyra Iraola está “auxiliando” a otros ecosistemas amenazados por polución.

Topografía y geología.

El plano confeccionado por el agrimensor German Khur (1883) refleja con detalle la topografía del terreno, dividido en una parte alta, cuyo limite coincide aproximadamente con la vía del ferrocarril a la Ensenada, y otra parte baja, de bañados, cruzada por varios cursos de agua. La topografía y paisaje natural y cultural del territorio legado por Leonardo Pereyra pasó , desde fin del siglo XIX hasta el momento de la expropiación en 1949, importantes modificaciones e impactos por construcción y ensanche de rutas y vías férreas, loteos de carácter residencial, etc., que redujeron sensiblemente la superficie inicial.

Ecosistema (s):

Degradación ambiental (Alta, media, baja, inexistente)

La situación es heterogénea, ya que se observan sectores con alta degradación y otros mejor conservados. Las principales causas relacionadas a la degradación ambiental derivan de un desmesurado e incontrolado crecimiento de la mancha urbana, la que ha provocado un enorme impacto sobre el medio natural y cultural.

El Parque ha ido disminuyendo progresivamente el área destinada al uso público, como consecuencia de las cesiones, transferencias, donaciones, expropiaciones y demás acciones depredatorias.

Las principales consecuencias degradantes del medio son:

- Actividades extractivas o de explotación
- Contaminantes
- Deforestación
- Usos incompatibles

Por lo expuesto la degradación ambiental puede considerarse media

ENTORNO PAISAJISTICO

Natural (marítimo, fluvial, lacustre, terrestre, mixto, jardín.). Definir las características y valores del mismo.

Urbano (descripción del entorno con accesos, construcciones, instalaciones y servicios)

Industrial (descripción del entorno con accesos, construcciones, instalaciones y servicios)

Otro(s)

Grado de Protección del Entorno paisajístico:

En Abril de 1958, mediante el Decreto 5421, se crea la Reserva Natural con una extensión original de 30 has, ampliadas a 430 has a partir de Agosto de 1994. Este relicto conforma parte de una franja de tierras de aproximadamente 1800m de ancho por 9300m de largo que se extiende desde las vías del FC. Gral. Roca hasta las orillas del Río de La Plata.

A continuación se detalla una nomina de instrumentos legales posteriores a la ampliación de 1994 que inciden en la protección del Parque y su entorno:

Ley nº 11.544. Declara reserva natural Provincial a las reservas del Río de La Plata, por Decreto nº 2727 del 20 de Septiembre de 1994.

Ley nº 12.241. Declara Patrimonio Cultural y Monumento Histórico de la Provincia, el Casco de la Estancia San Juan del Parque Pereyra por Decreto nº 5198 del 30 de Diciembre de 1998.

Ley nº 1.466. Se crea la comisión Bicameral del Parque Pereyra.

De aquí en adelante surgirían una serie de leyes modificatorias: Ley nº 12.513 modificatoria de la ley nº 12.466, Decreto nº 1.480/00 del 23 de Octubre de 2000. Ley nº 12.814 sustituye algunos artículos y modifica la ley nº 11.544, 19 de Diciembre de 2001. Ley nº 12.905 modifica la ley nº 10.907 (ley de reservas naturales)

Decreto nº 1561/02

TIPO DE PAISAJE CULTURAL Y CARACTERÍSTICAS.

Tipo de paisaje cultural:

Diseñado x

Evolutivo fósil o continuo

Asociativo

- **En paisajes diseñados como jardines históricos, botánicos u otros, detallar características del diseño, tipos de plantas, elementos decorativos, escultóricos, hidráulicos, edificaciones.**

Pueden distinguirse dos ejemplos de parques diseñados, por un lado el perteneciente a la ex estancia San Juan que fue obra de Leonardo Pereyra y por otro el situado en la ex

Estancia Santa Rosa

El parque de la Estancia San Juan, si bien en su creación trabajaron varias personas, el parquista principal fue el paisajista Carlos Vereecke, quien había venido al país convocado por Carlos Lezama para realizar el hoy llamado Parque Lezama. El diseño del parque se corresponde con la definición del estilo inglés, con formas basadas en la observación de la Naturaleza y en los principios de la pintura: *“Los objetivos del arte del paisaje se basaban en la sorpresa, la variedad, la simulación y la consecución de idílicas perspectivas. El manejo de los sinuosos contornos naturales con arreglo a la serpenteante” línea de Belleza” de Hogarth y la articulación de la luz y la sombra como lo haría un pintor...”*

La arboleda puede observarse dispuesta en núcleos, montes, grupos, avenidas, macizos arbóreos y arbustivos, cercos vivos, ejemplares aislados, etc, distribuidos en función del recorrido vial conjugando el colorido y textura de las distintas especies con amplios espacios abiertos y los elementos construidos.

Centrando la atención en la ex Estancia Santa Rosa, la superficie que se define en dos de sus lados por los Caminos Gral. Belgrano y Centenario o *Camino Real*, es la de mayor valor paisajístico dado que fue proyectada bajo los lineamientos que dieron origen a los modelos franceses decimonónicos. El rasgo sobresaliente de estos diseños es el sistema de recorridos que constituye el elemento al cual se subordina el resto de la composición. Este sistema era considerado apropiado para terrenos ondulados, en tanto que el de líneas rectas se propiciaba para áreas planas o regularmente inclinadas.

El Parque de la ex estancia Santa rosa puede enmarcarse dentro de estos conceptos ya que en el reconocemos la predominancia de caminos curvos, las avenidas forestadas con especie de fuerte carácter para reforzar los ejes jerárquicos, los arroyos que confluyen y facilitan la presencia del lago y su isla interior, los planos que permiten observar los distintos planos paisajistas, etc. La forma predominante en el plano original es el círculo, que se encuadra de manera reiterada en diferentes dimensiones. En el trazado actual, parcial en relación con el primigenio, este ha perdurado vinculado al edificio principal al que enlaza de manera tangencial oponiéndole una rotonda hacia la entrada principal, mientras hacia su espalda se desarrolla otra circunferencia de menor porte, alrededor de la cual un alineamiento de palmeras de alto fuste acompaña el perímetro curvilíneo del camino. Convergen también en este punto dos avenidas rectilíneas, aquella que atraviesa las figuras arriñonadas que se extienden hacia los laterales, en dirección contraria al arroyo Pereyra, bordeada de cipreses y aquella que culmina en la rotonda de acceso acompañada por alineamientos de plátanos de gran porte, en los que la caducidad de su follaje otorga en las diferentes estaciones imágenes de calidad paisajística relevante.

- **En paisajes evolutivos fósiles detallar componentes arqueológicos, edificios u otros elementos de factura humana, vestigios de antiguas producciones**

agrícolas u otras sobre el medio natural., usos de la tierra, etc.-----

- **En los paisajes evolutivos continuos detallar formas de agricultura u otras producciones tradicionales y sus efectos sobre el paisaje, usos de la tierra, persistencia de instrumentos tradicionales de producción, transporte, almacenamiento, edificios aislados o conjuntos domésticos, industriales u otros, sistemas hidráulicos, energéticos.-----**

En los paisajes asociativos describir los componentes naturales(montañas, ríos, cavernas u otros) del paisaje que puedan asociarse a creencias, cultos o ritos tradicionales o ancestrales así como los elementos construidos por el hombre que forman parte del sistema, tales como monumentos conmemorativos, hitos, señales, edificaciones o conjuntos como santuarios u otros.

IMPORTANCIA HISTÓRICO CULTURAL

Principales etapas históricas (Primeros habitantes, Etapa(s) de colonización -en su caso- siglos recientes, últimos años)

Se pueden distinguir las siguientes etapas históricas:

Etapas 1580-1850 consolidación del territorio del futuro establecimiento San Juan de Leonardo Pereyra:

El marco territorial del establecimiento. Las Conchitas, luego San Juan, tal como fue comprado por Simón José Pereyra en 1850 se consolidó a través de un largo proceso histórico iniciado en 1580 con el reparto de “suertes principales” realizado por Juan de Garay. Dicho marco territorial con una superficie de cuatro leguas y media cuadradas comprendía, barranca de por medio, un área de tierras altas originada en las “suertes” referidas y una de tierras bajas provenientes de una “merced de bañado” otorgada por el Gobernador Don Esteban Dávila en 1629.

En el área comprendida entre Magdalena y Wilde, Juan de Garay concedió treinta suertes de estancias todas con frente en la Barranca del Río de La Plata. Entre ellas dos interesan particularmente a nuestro estudio las adjudicadas a Don Cristóbal Altamirano y a Don Antón de Higuera que tenían como deslinde el denominado Mojón del Tala, ubicado sobre la Barranca que dividía “las tierras altas” de los bañados contiguos –estos últimos con frente a la ribera del Río Grande- tal como se denominaba en ese entonces al Río de La Plata.

Hacia el año 1600, el capitán Antón Higuera de Santana permutó la Suerte de su

propiedad con el capitán francisco Muñoz. Ambas suertes pasaron con el tiempo a ser propiedad de Pedro Ximenez, tal como lo consigna el plano sobre la situación de varias suertes y mercedes en el partido de Quilmes: “la de Altamirano sobre la que se asentaría el casco de San Juan tomando el nombre de Pedro Ximenez; la de Anton de Higuera designada como “El Pato”. “La merced de bañado”, por su parte hace irrupción en la documentación oficial en 1635, al serle adjudicada a Jerónimo de Benavides por el Gobernador Pedro Esteban Davila. A partir de 1770, el dominio sobre estos bañados es reconocido a su sucesor Don Bernardo Ximenez y Benavidez.

Se inicia un complejo y continuado proceso de traslaciones dominiales y mensuras, finalmente en marzo de 1840, el agrimensor Feliciano Chiclana mide parte de la merced para el heredero Faustino Ximenez, a la sazón propietario de la estancia que dará origen a San Juan. La anexión de tierras altas y bañados -originadas, pues, en suertes principales y una merced de bañado- se había ya producido, lo demuestra el hecho de que al efectuarse la transferencia de la estancia “Las Conchitas” el 21 de Junio de 1850, se “...*formaliza un contrato de venta de estos terrenos- refiriéndose a los bañados- con todos los demás de tierra alta...*”. La transferencia mencionada formalizó, pues, la venta del establecimiento efectuada por Doña Juana Rita Pinto de Ximenez –viuda de Pedro Capdevila- a favor de Simón Pereyra. La posesión del bien se efectivizó con fecha 11 de Junio de 1850, pero la escrituración definitiva se demoró por casi treinta años- ya fallecido Don Simón, dejando como único heredero a su hijo Leonardo- la escrituración tuvo lugar el 6 de Mayo de 1878.

Periodo 1850 – 1899 La estancia “SAN JUAN”:

Simón Pereyra, hijo de Leonardo Pereyra de Castro y de Maria Mauricia Arguibel, había nacido en 1801. Se dedicó a la compra de propiedades, saladeros y campos así como al importación y exportación. Se casó con Ciriaca Iraola y a su muerte, acaecida en 1852, quedó como único heredero de su fortuna su hijo Leonardo Pereyra Iraola, quien con el tiempo se consagró como el gran transformador de la Estancia “San Juan”. El medio

siglo siguiente a la compra correspondió, pues, a la formación del clásico establecimiento San Juan y su casco quedaría situado entre la vía y el **Camino Real**. Una de las más importantes acciones encaradas por Leonardo fue la formación del ganado Shorthorn de su estancia, para lo cual adquirió cerca de Liverpool, en 1857, al toro Defiance y a la vaca Coral, iniciando una de las actividades que caracterizarían y harían de San Juan una Estancia modelo. La otra acción destacable es la formación del parque de la estancia. En este aspecto San Juan representa un patrimonio forestal sin precedentes, que surge como ejemplo inmediato al referirse a una obra de arte de este género. Es necesario recordar las características fitogeográficas de la pampa, la inmensa llanura desprovista de árboles, para valorar en su real magnitud este parque. En él se encuentran por ejemplo, las primeras semillas de eucaliptus recibidas por Sarmiento de Australia, convertidas hoy en magníficos ejemplares de más de un siglo. Si bien es factible que en su creación hayan trabajado varias personas, el parquista principal fue el Belga CARLOS VEREECKE.

El diseño del Parque San Juan se corresponde con la definición del estilo inglés, con formas basadas en la observación de la naturaleza y en los principios de la pintura, donde “*los objetivos del arte del paisaje se basaban en la sorpresa, la variedad, la simulación, y*

la consecución de idílicas perspectivas. (Fig III 7) El manejo de los sinuosos contornos naturales con arreglo a la serpenteante línea de belleza de hogarth y la articulación de luz y sombra como lo haría un pintor... Como resultado, la arboleda puede observarse dispuesta en núcleos, montes, grupos, avenidas, macizos arbóreos y arbustivos, cercos vivos, ejemplares aislados, etc., distribuidos en función del recorrido vial, conjugando el colorido y la textura de las distintas especies con los amplios espacios abiertos y los elementos contruidos. Además del parque Leonardo Pereyra procedió a la realización de mejoras edilicias. El edificio principal fue modificado y ampliado. Entre los nuevos edificios contruidos merece citarse la magnífica capilla, próxima a la casa principal, proyectada por el arquitecto Ernesto Bunge.

Leonardo Pereyra se casó con su prima María Antonia Iraola. A su muerte acaecida en 1899, la estancia San Juan fue dividida en sus seis hijos. El mayor, Leonardo Pereyra Iraola, recibió en herencia el sector en que se hallaba el casco y el parque iniciado por su padre unas décadas atrás, formándose el establecimiento que continuaría ostentando el nombre original de la estancia. Los sectores heredados por su hermano Martín y sus cuatro hermanas darían origen a nuevas estancias: Santa Rosa, Abril, Las Hermanas.

Periodo 1899-1949. La estancia SANTA ROSA:

El tercer periodo corresponde al desarrollo de la estancia Santa Rosa, de Martín Pereyra Iraola. Su ubicación la destaca con los atributos propios de una mejor accesibilidad. San Juan, por el contrario carecería de estos beneficios con la excepción de dos pequeñas fracciones. La ubicación de Santa Rosa según el agrimensor Perrone era: por una extremidad, esta sobre el andén de la estación Villa Elisa del F.C.N.G.R. y por la otra en toda su extensión sobre el Río de La Plata. Desde las últimas décadas del S XIX hasta el momento de su expropiación, importantes modificaciones e impactos por construcción y ensanches de rutas y vías férreas, loteos de carácter residencial, etc. han modificado sustancialmente el paisaje y redujeron sensiblemente la superficie inicial. Martín Pereyra Iraola, a la muerte de su padre decide introducir mejoras a su propiedad, entre ellas la construcción del parque de la nueva estancia en 1904, se trata de una composición paisajística que lo vinculan con los modelos franceses decimonónicos. Esta época determinó el mayor brillo de éstos establecimientos, conjuntamente con la estancia de referencia para la cual se recurre al artista, al profesional y especialista en parques, surgen además otros establecimientos.

A partir de 1918 se inicia la construcción de una serie de mejoras edilicias que incluían la morada principal y sus dependencias. Los edificios de Santa Rosa no fueron contruidos simultáneamente, sino que abarcan el lapso que va entre 1918 y los años 40, tal es el caso de la cabaña y la capilla.

Periodo 1949-1985. Expropiación de las estancias y creación del parque público:

En su mensaje el congreso de la Nación del día 7 de Enero de 1948, el presidente Juan Domingo Perón anuncio la expropiación de parte de las estancias de la familia Pereyra Iraola, con el fundamento de salvar ese tesoro forestal y artístico estratégicamente situado entre Buenos Aires y La Plata, a la vez que realizar una vasta obra cultural, social, científica y turística. La superficie total expropiada hacia 1964 era de 10.248 has y su

importancia queda puesta de manifiesto en los motivos que fundamentaron su expropiación mediante el decreto del 28 de Enero de 1949. Este señala que el Área constituye *“La riqueza forestal de mas alto valor de la zona del Gran Buenos Aires”* cuya posible desaparición a raíz de subdivisiones ocasionaría un *“desequilibrio climático que redundaría en serios perjuicios para las pequeñas explotaciones agrícolas de la zona”*. Tan aguda percepción de la necesidad de constituir una reserva natural de esas características, sin embargo no tuvo correlato en las acciones políticas posteriores; así desde 1958 en adelante, el parque fue objeto de un sistemático proceso de degradación cuanti-cualitativa por concesión indiscriminada de porciones de su territorio original.

Alejado progresivamente de sus objetivos primarios, sus atributos de reserva forestal, pulmón verde, barrera natural y parque recreativo se han resentido al afectar edificios y tierras a usos no previstos, incompatibles y no planificados.

Actualidad

Desde 1985 se formo una comisión Multidisciplinaria para obtener el asesoramiento en relación al establecimiento de objetivos y métodos para lograr la efectiva recuperación del parque Pereyra Iraola, esta comisión después de desarrollar su labor recomendó llevar a cabo las acciones necesarias con el objeto de retrotraer al Ministerio de Asuntos Agrarios y a las funciones originalmente asignadas el total de la superficie prevista para el Parque Pereyra Iraola. La situación expuesta sugiere que la política de recuperación que se intenta aun no ha podido quebrar definitivamente la inercia en, materia de desprendimientos que se observa desde el año 1961, prácticamente sin solución de continuidad

IMPORTANCIA HISTÓRICO-NATURAL.

El Parque Pereyra Iraola constituye un ámbito único en la Provincia de Buenos Aires, si se considera su ubicación en la mayor conurbación del país, su extensión y su patrimonio cultural. Su valor histórico se fundamenta como testimonio de uno de los establecimientos rurales mejor organizados y más importantes de la Argentina. Desde el punto de vista ecológico, cumple las funciones de una gran reserva como moderador climático, sustento de ecosistemas amenazados por la contaminación, compensador del caótico tejido urbano y única recarga local de agua subterránea existente en el sur del gran conurbano bonaerense.-

Formación geológica

CONSERVACION ELEMENTOS PATRIMONIALES EXISTENTES

Elementos culturales (enumeración, descripción, precisión de declaraciones específicas de haberlas, otros detalles de interés para su catalogación e identificación).

Como elementos de valor cultural pueden incluirse por un lado los dos parques que testimonian intervenciones paisajísticas deliberadas: el Parque **San Juan** que se corresponde con la definición del estilo inglés, con formas basadas en la observación de la naturaleza y en los principios de la pintura; y el parque diseñado de la ex estancia **Santa Rosa**; proyectado bajo los lineamientos que dieron origen a los modelos franceses decimonónicos.

Por otra parte, encontramos un rico patrimonio arquitectónico, el cual no ha sido valorado en su real magnitud y consecuentemente ha llevado a que en la actualidad se encuentren inmuebles desocupados, modificados y afectados a usos que no ponen en valor su significación, desaprovechándose el rico potencial didáctico y cultural implícito en los mismos.

Con respecto a los componentes edilicios de mayor relevancia que formaban parte de la Estancia San Juan pueden mencionarse dos obras: El Edificio principal en el cual **Leonardo Pereyra** realizó algunas mejoras, y La Capilla: **construcción posterior a la casa principal, proyectada por el Arq. Ernesto Bunge**

En el caso de la ex estancia Santa Rosa, encontramos un grupo de edificios de valor, testimonio tangible de las funciones y actividades que caracterizaban un determinado tipo de asentamiento rural, "la estancia". Es posible clasificar a los inmuebles a partir de su pertenencia a un conjunto o bien a su condición de aislados. En el primer caso se encuentran aquellos correspondientes al sector casco, quizás los de mayor valor arquitectónico y lingüístico. En su mayoría poseen reminiscencias pintoresquitas, la utilización de tejas y los muros blancos les otorgan un carácter neocolonial. Corresponden a este conjunto: **casa principal, capilla "Santa Elena", cancha de pelota y dependencias, casa de planchado, cochera principal, cochera chica.**

El conjunto de dependencias próximo al anterior está compuesto por cuatro edificios. En su mayoría consisten en edificios de mampostería portante y cubierta de chapa ondulada, característica que permite encuadrarlos como edificios utilitarios, uno de ellos de raigambre inglesa; en general se han alterado sus características volumétricas originales. Pertenecen al conjunto: **galpón, boxes y comedor de personal, galpón, carpintería y herrería, pabellón de sanitarios.**

El conjunto cabaña y dependencias está conformado por un edificio principal que podría relacionarse con el pintoresquismo de raíz inglesa y tres menores. Algunos de éstos últimos, en función de nuevos usos que se les han asignado, presentan tal grado de modificaciones y deterioro que, en una primera aproximación, resulta difícil reconocerlos

como parte del patrimonio original de la estancia. Ellos son: **cabaña, cocina, carnicería, saladero.**

Finalmente, existen edificios aislados que se encuentran diseminados en la totalidad del área que ocupara el establecimiento Santa Rosa y corresponden principalmente a los puestos. En su mayoría se materializan en mampostería de ladrillos y cubierta de chapa ondulada, salvo los puestos “San Roque” que originalmente se había construido en madera y el puesto Esther que presenta cubierta de tejas francesas resuelto con un lenguaje pintoresquita. Los edificios aislados son: **Casa de Mayordomo, “Santa Teresita”; Puesto San Roque, Puesto Santa Rosa Puesto Esther.**

Elementos naturales de importancia patrimonial (enumeración, descripción, precisión de declaraciones específicas de haberlas, otros detalles de interés para su catalogación e identificación).

Un elemento natural considerado de carácter patrimonial lo constituye la “selva marginal” o “selva en galería”, la que se desarrolla en una faja de 1800m de ancho desde las vías del ferrocarril hasta el Río de la Plata. Posee innumerables especies vegetales. Gran parte de su superficie está declarada a partir de 1958 Reserva Natural

ESTADO DE CONSERVACION (Buena, regular, mala. Especificar)

Debido a una cuestión exclusivamente operativa y en función de una descripción mas ordenada es preciso diferenciar los aspectos paisajísticos por una parte y los arquitectónicos por otra. Asimismo estas observaciones hacen referencia al estado de conservación de la ex estancia Santa Rosa, para la que fue posible obtener información más precisa dado que se trata de la superficie otorgada al uso publico.

ASPECTO PAISAJISTICO: Mas allá del lógico desarrollo de las numerosas especies, el aspecto paisajístico dista mucho de aquel existente en el momento de la expropiación. El uso intensivo y a veces descuidado de área parquizada y la carencia de una accionar planificado sobre ella, han ido transformando la imagen rica y variada en otra caracterizada por la persistencia de las especies mas resistentes y la multiplicación de las invasoras. A este hecho se suman problemas sanitarios, como por ejemplo los hongos que producen la putrefacción de los troncos, que se convierte en nocivo por la intensidad que adquiere al tapizar completamente los ejemplares arbóreos.

Los fuegos en lugares indebidos y la inmadurez o aun decrepitud de algunos ejemplares conducen a su muerte y posterior caída durante las tormentas. Estos árboles secos no son reemplazados por otros de la misma especie, sino que permanecen vacíos los lugares que aquellos ocupaban y por lo tanto se desvirtúa la imagen paisajística original.

Simultáneamente se han abierto cantidad de caminos o sendas nuevas que no respetan el trazado del proyecto y lo desdibujan, mientras que el mantenimiento de los originarios es deficitario. Son numerosas también las agresiones de carácter visual producidas por carteles publicitarios o quioscos que se instalan sin respeto obstaculizando visuales relevantes o rompen la armonía del conjunto con colores estridentes o soluciones constructivas desacordes.

Otro aspecto que contribuye al deterioro del parque se da a partir de una creciente presión por el uso recreativo de los habitantes de la región metropolitana los cuales sufren las consecuencias de muy poca oferta al respecto.

ASPECTO ARQUITECTÓNICO: La gran mayoría de los inmuebles que componían la estancia Santa Rosa se hallan aun en pie y permiten apreciar, mas allá de los desajustes, la variedad de funciones, tipos de edificios, sistemas constructivos y lenguajes arquitectónicos propios de un establecimiento rural de la magnitud de Santa Rosa.

Los desajustes observados pueden ser clasificados del modo que a continuación se detalla:

- a) **Funcionales:** La mayoría de los edificios han sido afectados a usos diferentes de los originales, siendo algunos de ellos incompatibles con sus características físicas, o alejados de la posibilidad de disfrute por parte de los visitantes del parque.
- b) **Morfológicos:** El agregado de partes, producto de las nuevas necesidades, incide negativamente en la lectura tipológica y formal de algunos inmuebles. Se trata de aditamentos sin un estudio de integración con lo existente y sin valor en si mismos, que agreden y desfiguran las fisonomías originales. Cabe destacar que en la mayoría de los casos se trata de intervenciones reversibles.
- c) **De conservación:** La falta de mantenimiento adecuado, la carencia de recaudos en un medio caracterizado por la alta humedad, la falta de reparación a tiempo, se cuentan entre los factores que han influido para que muchos de los edificios presenten un avanzado grado de deterioro.
- d) **Paisajísticos:** La afectación del parque al uso publico supuso la aparición de nuevos requerimientos funcionales. En algunos casos esto se resolvió mediante la construcción de nuevos edificios que por lo general, a partir de su fisonomía o técnicas constructivas no se integran armónicamente al paisaje o a los edificios existentes.

TITULARIDAD Y SITUACION ACTUAL (Propiedad de, abandonada, etc. Especificar)

La titularidad del Parque Pereyra Iraola se encuentra en manos del Gobierno de la Provincia de Buenos Aires (Ministerio de Asuntos Agrarios). El Arq. Andrés Aleman actualmente ocupa el cargo de Director Provincial del Programa de Recuperación Integral del Parque.

AUTENTICIDAD

INTEGRIDAD (Pérdidas parciales, reconstrucción, etc.)

Más allá de las alteraciones reseñadas, el Parque presenta condiciones aceptables de autenticidad e integridad.

PROTECCION JURIDICA Y ADMINISTRACION RESPONSABLE (Local, regional, nacional, mundial)

En Abril de 1958, mediante el Decreto 5421, se crea la Reserva Natural con una extensión original de 30 has, ampliadas a 430 has a partir de Agosto de 1994. Este relicto conforma parte de una franja de tierras de aproximadamente 1800m de ancho por 9300m de largo que se extiende desde las vías del FC. Gral. Roca hasta las orillas del Río de La Plata.

A continuación se detalla una nomina de instrumentos legales posteriores a la ampliación de 1994 que inciden en la protección del Parque y su entorno:

Ley nº 11.544. Declara reserva natural Provincial a las reservas del Río de La Plata, por Decreto nº 2727 del 20 de Septiembre de 1994.

Ley nº 12.241. Declara Patrimonio Cultural y Monumento Histórico de la Provincia, el Casco de la Estancia San Juan del Parque Pereyra por Decreto nº 5198 del 30 de Diciembre de 1998.

Ley nº 1.466. Se crea la comisión Bicameral del Parque Pereyra.

De aquí en adelante surgirían una serie de leyes modificatorias: Ley nº 12.513 modificatoria de la ley nº 12.466, Decreto nº 1.480/00 del 23 de Octubre de 2000. Ley nº 12.814 sustituye algunos artículos y modifica la ley nº 11.544, 19 de Diciembre de 2001. Ley nº 12.905 modifica la ley nº 10.907 (ley de reservas naturales)

Decreto nº 1561/02

La administración responsable, en la actualidad se encuentra en manos del Ministerio de Asuntos Agrarios. El Arquitecto Alemán desempeña el cargo de Director Provincial del programa de recuperación Integral del parque.

PROTECCION SOCIAL (Alta, media, baja)

Si bien el ocio activo ha cambiado en el transcurso de las ultimas décadas, la estabilidad

psíquica que produce el contacto con la naturaleza perdura inherente al ser humano, es así que la sociedad en su conjunto necesita distraerse, relajarse, disfrutar o liberarse de presiones y obligaciones cotidianas. Por estas circunstancias existe una actitud medianamente proteccionista del patrimonio natural del parque. Contrariamente respecto a los valores culturales patrimoniales, llámense edificios o parques diseñados se observa

en general un desconocimiento social de su importancia histórica- arquitectónica y su potencial didáctico, hecho que desencadena un profundo desinterés y consecuentemente la protección social del bien resulta baja.

PLANIFICACIÓN (Especifique, si existen, los planes territoriales y/o de desarrollo que puedan incidir en el paisaje cultural)

USO ACTUAL

El objetivo de su creación fue destinar el área completa a parque público. Contrariamente, desde la expropiación, el "Parque Provincial" ha ido ocupándose paulatinamente con actividades extrañas a su función y en algunos casos hasta incompatibles con la misma. La gravedad del fenómeno es revelada por el hecho de que de las 10.000 has. Expropiadas en 1949 solo se hallan afectadas al uso publico unas 800. Hacia 1985, las áreas destinadas al uso publico recreativo con libre acceso en el sector Santa Rosa habían decrecido en un 64% aproximadamente (solo 800 has de aquellas 2200 que contabilizaba el sector administrativamente delimitado en 1959); unas 500 hectáreas permanecían bajo la órbita del Ministerio de Asuntos Agrarios, destinadas a usos específicos (E.C.A.S., E.B.A.S., Selva Marginal, Vivero y Arboretum, Reserva Forestal) otras 1215 Ha conservaban el destino de explotación hortícola, florícola y granjera que se les confiriera en 1954; casi 8000 has estaban en manos de organismos e instituciones diversas. También hacia 1985, unas 400 Ha del sector Santa Rosa estaban en trámite de cesión.

POBLACIÓN O GRUPOS ÉTNICOS PRESENTES.

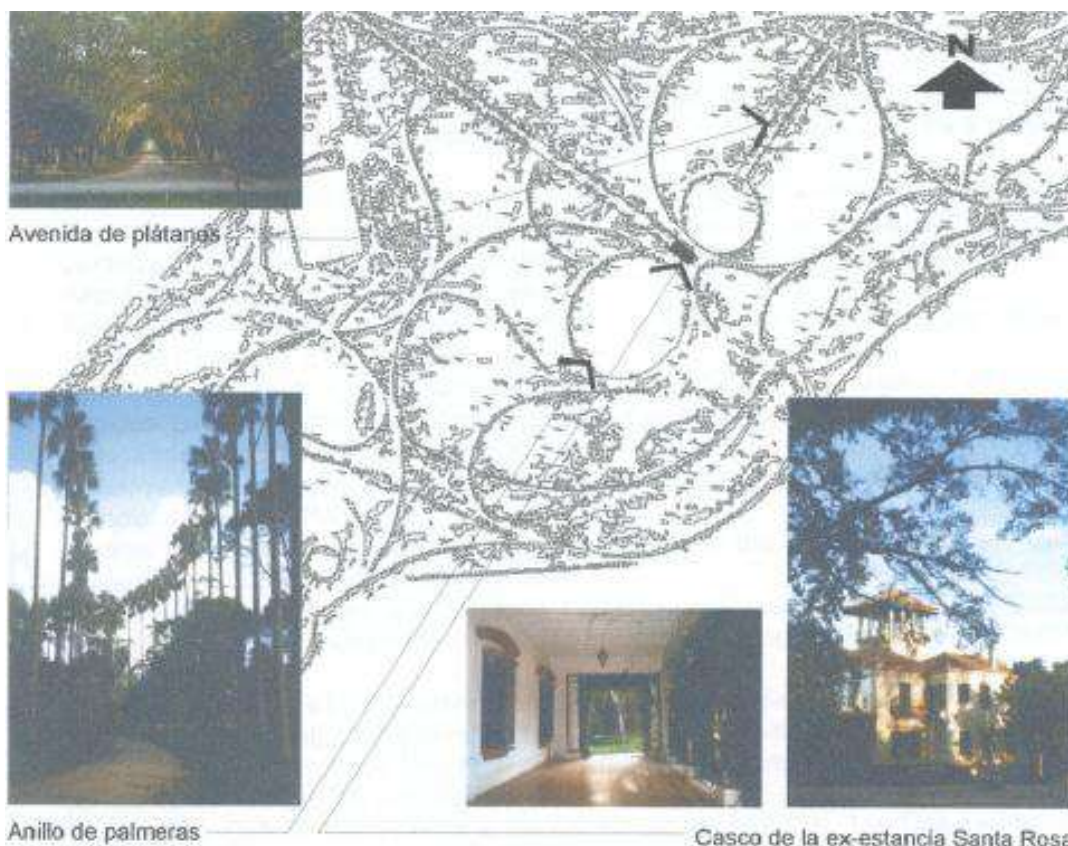
La población estable del área del parque está constituida por algunas familias encargadas de la explotación de quintas.

DESCRIPCIÓN DEL TIPO DE ITINERARIO AL QUE EN SU CASO, SE INTEGRÓ ESTE PAISAJE.

El concepto y la identificación de itinerarios culturales se hallan en un estado incipiente de desarrollo en nuestro país. Este trabajo tiene como objetivo el estudio del denominado Camino del Sur, que vinculaba en su origen a la ciudad de Buenos Aires con el pago de la Magdalena. El mismo tuvo su origen en las huellas definidas con anterioridad a la ocupación española, cuando el territorio ya contaba con asentamientos guaranícos, uno de ellos el llamado Tubichamini. En el siglo XVI cuando Juan de Garay repartió las tierras de la zona, transitó el mismo sendero que habrían surcado los naturales y desde entonces se lo llamó *Camino Real*.

Según la concepción religiosa de la conquista, los indígenas debían ser catequizados y quedaban declarados hombres libres, bajo la tutela de España. Razori cuenta que en el año 1615 bajo la iniciativa del Deán Fontán se funda ésta reducción, en el pago de la Magdalena, que albergaba indios pampa, bajo adoctrinamiento de los franciscanos y desde 1619, dirigida por *los dominicos*. Estos hechos determinan que originariamente el itinerario encuentra sus raíces en una obra de Evangelización. En años posteriores el camino iría experimentando cambios, ante las nuevas necesidades de la campaña irían localizándose a su vez diferentes tipos de establecimientos: defensivos, productivos, industriales, nuevos poblados y nuevas ciudades, que modificarían paulatinamente el carácter del itinerario hasta convertirlo en un hilo conductor de diversidad de sustancias materiales e inmateriales.

FOTOGRAFÍAS



BIBLIOGRAFÍA UTILIZADA PARA LA ELABORACIÓN DE LA FICHA MODELO

(Bibliografía a la que puede recurrir el interesado para obtener precisiones terminológicas o de metodología relativas a esta ficha)

- Añon Feliu Carmen . Garden and Landscape. Nara Conference on Authenticity. ICOMOS ,Nara, Japón 1994
- Birnbaum Charles and Christine Capella Peters. The Secretary of the Interior's Standards for the Treatment of Historic Properties with Guidelines for the Treatment of Cultural Landscapes. US Department of the Interior. National Park Service, Washington DC 1996.
- Convención Mundial sobre el Patrimonio Cultural y Natural . UNESCO, Paris 1972.
- Ferro Sergio. Fundamentos para elaborar el inventario de Paisajes Culturales y Jardines y Sitios Históricos en la Región de Centroamérica y el Caribe. Facultad de Arquitectura. ISPJAE, La Habana 1999.
- Fowler Peter. Cultural Landscapes of Britain. International Journal of Heritage Studies. Vol. 6, No.3 pp 201-212, UK. 2000
- Jardins et Sites Historiques. Journal Scientifique. ICOMOS-IFLA.. Madrid .1993
- Lapidus Luis. El Patrimonio Agroindustrial Cubano del Siglo XIX . Monuments and Sites Series. ICOMOS. Sri Lanka 1996
- Lineamientos Operacionales para la Implementación de la Convención del Patrimonio Mundial. UNESCO. Paris 1997
- Mitchell N. J. Cultural Landscapes. Current Issues in the US. Nara Conference on Authenticity. ICOMOS , Nara, Japón 1994
- Mujica Elias. Authenticity and Heritage Diversity. Archaeological Sites and Cultural Landscapes in the Andean Countries. Nara Conference on Authenticity. ICOMOS , Nara, Japón 1994
- Rigol Isabel. Caribbean Plantations as Cultural Landscapes. Report to the Experts Meeting on Plantations System in the Caribbean organized by UNESCO World Heritage Center and the Slaves' Route Project. Paramaribo , Surinam. 2001 (pendiente de publicación por UNESCO)
- Rigol Isabel. Cultural Landscapes in the Caribbean. pp 259-276. The Cultural Heritage of the Caribbean and the World Heritage Convention. Comité des Travaux Historiques et Scientifiques. UNESCO. Paris, France 2001.

ANEXOS 3



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E AMBIENTAL

BENS EDIFICADOS

MUNICÍPIO DE GRAMADO/RS

Ficha nº: 22	Denominação do Bem: Erzeletta do Caroba
--------------	------------------------------------------------

Localidade: Caroba		
Endereço/Localização:		
Situação:		Contexto:
<input checked="" type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural		<input checked="" type="checkbox"/> Isolado <input type="checkbox"/> Conjunto
Proprietário: Prefeitura Municipal de Gramado		Telefone: (54) 3285 4123
Contato: Secretaria Municipal de Cultura		E-mail:
Uso original: Escola		Uso atual: Espago cultural
Latitude: 29°26'58.53"S	Longitude: 50°49'21.48"W	Elevação: 595 m
Proteção Existente: Em trâmite tombamento estadual		
Bem Móvel:		Proteção Proposta (Ver definições em Metodologia):
<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Ver ficha		<input checked="" type="checkbox"/> P1 <input type="checkbox"/> P2 <input type="checkbox"/> P3 <input checked="" type="checkbox"/> Tombamento <input type="checkbox"/> Estadual

Cultural	Instâncias Morfológica	Funcional
<input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica	<input type="checkbox"/> Valor arquitetônico	<input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana
<input checked="" type="checkbox"/> Valor de antiguidade	<input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica	<input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reedificação
<input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo	<input type="checkbox"/> Raridade formal	<input type="checkbox"/> Uso tradicional
<input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	<input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Uso peculiar
<input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos		
Técnica	Paisagística	Legal
<input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem	<input type="checkbox"/> Proteção federal
<input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais	<input type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário	<input type="checkbox"/> Proteção estadual
<input type="checkbox"/> Risco de desaparecimento	<input type="checkbox"/> Estabelecimento do cenário do quadro	<input type="checkbox"/> Proteção municipal
<input checked="" type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Elemento referencial	

Estado de Conservação	Estado de Preservação	Estado de Ocupação
<input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	<input type="checkbox"/> Integro	<input type="checkbox"/> Ocupado
<input type="checkbox"/> Bom	<input checked="" type="checkbox"/> Pouco alterado	<input checked="" type="checkbox"/> Desocupado
<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Muito alterado	<input type="checkbox"/> Abandonado
<input type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Descaracterizado	<input type="checkbox"/> Invadido

Mapa de situação	Croqui de localização

Histórias

O prédio da escola, conhecida como 'brizoleta', foi construído em 1960, e está em processo de tombamento - SPI nº 2646-1100/11-1, iniciativa da Associação dos Moradores de Carahã, que se mobilizaram após disputas pela área. De um lado a Igreja desejava ocupar o espaço para ampliação do salão paroquial e de outro parte a comunidade com receio de perder o prédio e com intenções de transformá-lo em centro cultural.

Sem aulas desde a década de 1990, o espaço onde se encontra o prédio de 1960 tem espaço tem 552 m² e capacidade para 600 pessoas e pertencia a Família Bergamo que doou para a Prefeitura após a revitalização realizada com a ajuda da comunidade e empresas. É uma referência social e histórica para os moradores. A história da comunidade rural passou pelo prédio que era uma espécie de centro de convergência de todos.

Em 1959, quando assumiu o governo do Estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola destacava como um dos pontos fundamentais de suas propostas a educação e adotou como lema de governo "Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul". Decorreu desse programa educacional a construção de prédios escolares, com características peculiares, em todos os municípios do Estado que, mais tarde, se popularizaram como as brizoleta ou as escolinhas do Brizola. Entre 1959 e 1963 foram construídos 1.045 prédios, com 3.360 salas de aula e com capacidade para 235.200 alunos e planejados outros 258 prédios, com 866 salas e capacidade para 60.620 alunos. Com o tempo, as brizoletas se constituíram num símbolo e num evocador da memória do governo de Brizola no Estado e de um período de elevação do nível de alfabetização o qual se refletiu por várias gerações.

Fonte:

<https://pt.scribd.com/doc/17198553/Marcas-do-tempo-imagens-e-memorias-das-brizoletas>
http://www.lomadeogramado.com.br/_conteudo/2015/01/noticias/revitalao/120107-aluda-para-revitalizar-a-brizoleta-em-gramado.html

Castro, Claudemir. Marcas do tempo: Imagens e memórias das brizoletas. Santa Maria, UNIFRA, 2005.

Análise arquitetônica:

O lote em que esta Brizoleta foi implantada fica nas proximidades da Igreja de São Gotardo, ao lado de seu Salão Paroquial, a sete metros de distância deste. A construção fica em um terreno plano na cabeceira de uma elevação que está coberta por mata, compondo um panorama de destaque.

Originalmente tratava-se de um volume único com um uma varanda coberta, atualmente há um anexo onde ficam posicionados os banheiros da edificação. A construção é paralela a via de acesso, mas com o seu acesso voltado em direção a divisa com o lote de propriedade da Mitra. A construção é de apenas um pavimento, colocado sobre apoios de rochas que tiveram seus intervalos vedados com tijolos cerâmicos de seis furos não rebocados. O volume é um prisma retangular com uma cobertura de 02 águas de telha francesa e beiral. As paredes são de madeira duplada, com as réguas posicionadas na horizontal, na fachada sudoeste existem 05 aberturas compostas de 02 folhas do tipo guilhotina e calxinharia de 04 planos de vidros em cada folha. Na fachada sudeste já uma pequena varanda distante 40 centímetros do chão, esta varanda é fechada por balaustres de ripas madeira, posicionadas na posição vertical, esta varanda dá acesso a um depósito e a sala de aula. Na fachada nordeste não há aberturas, e ali está localizado o volume anexo dos banheiros, sendo este coberto por uma laje de concreto armado e tendo uma caixa da água de fibrocimento posicionada sobre. A fachada noroeste é cega. A arquitetura deste bem é austera sendo que a única ornamentação acontecia tradicionalmente no balaustre que costumava ser um painel muxarabi de madeira, além disso, as quatro cunhas da fachada de acesso e dos fundos não verticais e apresentam um ângulo obtuso, a composição aproximasse mais de uma linguagem de somatório de planos verticais.

A construção se encontra em bom estado de conservação, tendo sido reformada no ano de 2015.

Fotos



Fachada lateral esquerda



Fachada lateral esquerda



Fachada frontal

APÊNDICES


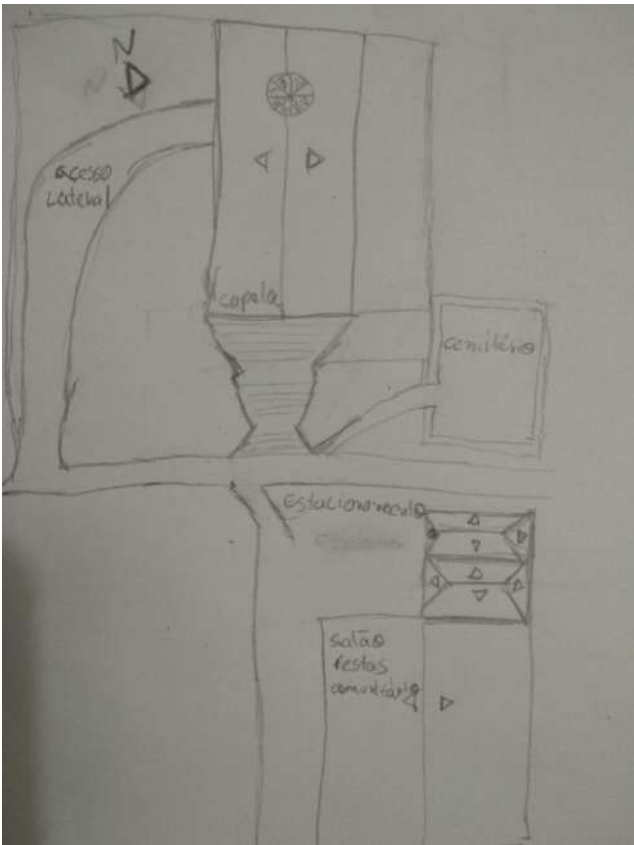


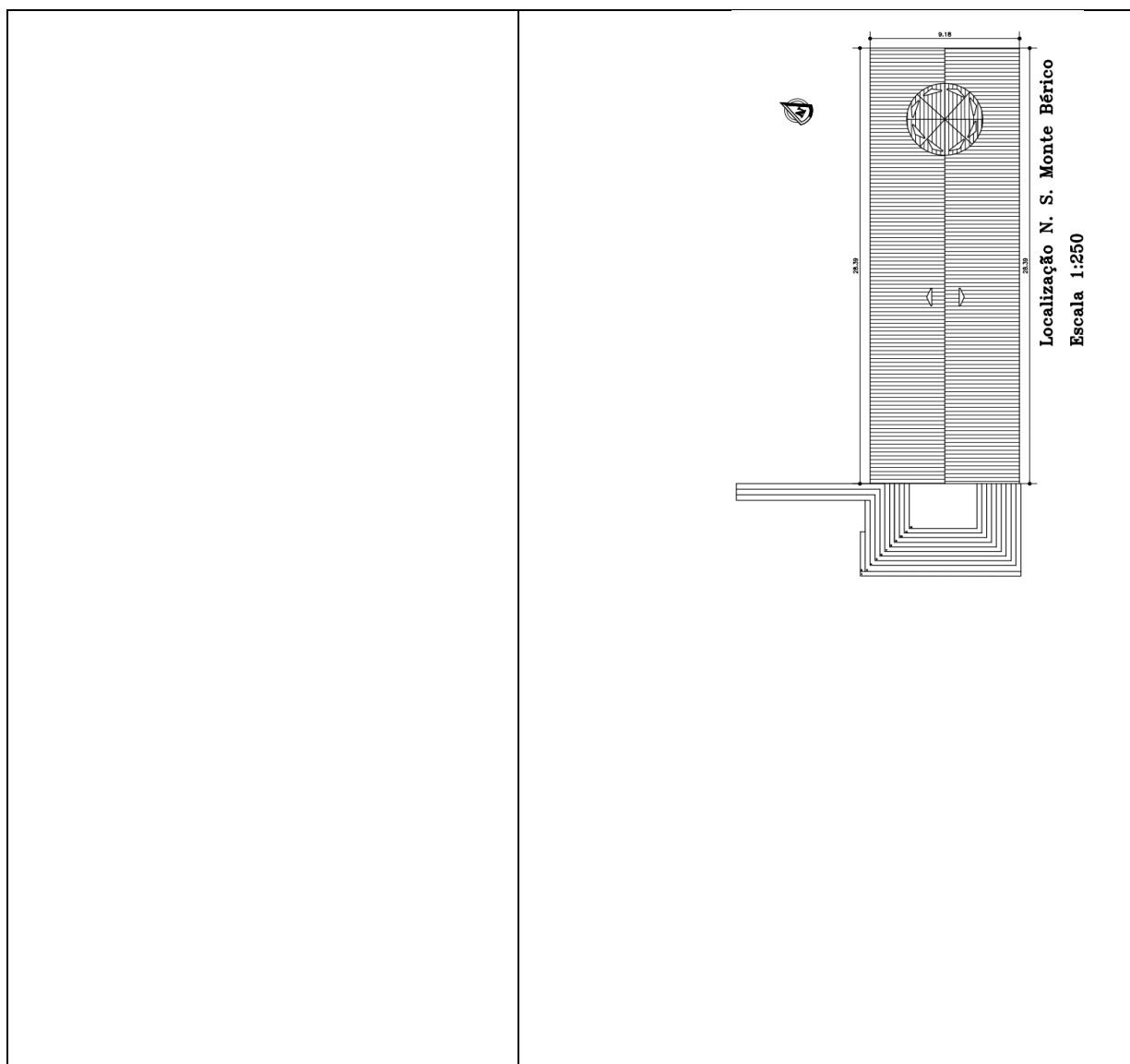
Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 1	Denominação do Bem: Capela Nossa Senhora de Monte Bérico	
País: Brasil	Município: Veranópolis - RS	Localidade: Monte Bérico
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria		
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural	Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Igreja Católica e Comunidade Monte Bérico.	Telefone:	Email:
Contato:		
Uso original: Religioso	Uso atual: Religioso e Lazer	Proteção existente:
Dados Geográficos:		
Latitude: -28,9968879	Longitude: -515594156	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos _____		

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input checked="" type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica	Paisagística	Legal

<input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input checked="" type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input checked="" type="checkbox"/> Ocupado <input type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input checked="" type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
	



Histórico

1901 a comunidade de Monte Bérico, construía espaçosa e imponente capela, introduzindo a imagem de “La Madonna de Monte Bérico”, trazida diretamente da Itália nos braços da matriarca da família Fracasso. O Quadro só tinha metade do corpo da santa e baseada na imagem foi feita escultura em madeira, posteriormente se descobriu que aos pés da santa, homens rezavam pedindo proteção. O terreno foi doado pela família Fracasso por que o terreno era em topografia acentuada e o Duomo de “La Madonna de Monte Bérico” em Vicenza fica no topo do monte. Segundo o conhecimento popular da região os sinos “abrem” os temporais da comunidade, foram abençoados para proteger as plantações.

A primeira construção data de 1901, da qual ainda resta à fachada o restante era de madeira e posteriormente foi substituída por paredes de alvenaria a segunda reforma data de 1949.

Análise da paisagem

Começando pelo entorno imediato nos jardins da capela, está localizada a cruz de ferro em frente á fachada principal, está data do ano de inauguração da capela em 1901. Também consta o monumento em homenagem ao cemitério da aparição de nossa senhora de Monte Bérico. E Placa fixada em bloco de basalto em homenagem aos primeiros Imigrantes que se estabeleceram em Monte Bérico.

O cemitério localizado a leste da fachada principal foi bastante descaracterizado, sendo que as cruzes de ferro que se localizavam no terreno foram substituídos por mausoléus, do outro lado da rua em frente a capela localiza-se o salão comunitário, sendo dividido em uma parte onde os homens se encontram nos finais de semana e que possui um bar e um ginásio onde ocorrem reuniões, festas e bailes.

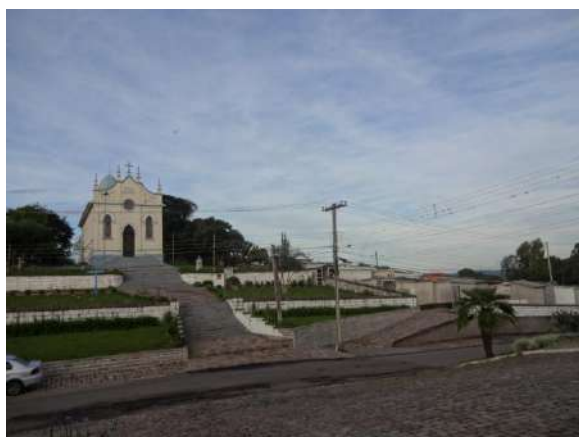
Fotos



Fachada Oeste



Fachada Norte



Entorno



Fachada Sul



Fachada norte



Entrada do Cemitério.

População ou Grupo étnicos Presentes
Descendentes de imigrantes italianos.





Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 2		Denominação do Bem: Casa Lunardi	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Monte Bérico
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Livia Maria Verardo Lunardi.		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Residência		Uso atual: Residência	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -28,9968879		Longitude: -515594156	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos _____			

Instâncias		
Cultural	Morfológica	Funcional
<input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	<input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	<input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input checked="" type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica	Paisagística	Legal
<input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input checked="" type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação

<input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input checked="" type="checkbox"/> Ocupado <input type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input type="checkbox"/> Integro <input checked="" type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Situação	Croqui de Entorno
	

Histórico

Segundo Livia Maria Verardo Lunardi atual proprietária, a edificação foi construída pela família Farenzena, a família Lunardi adquiriu a propriedade na década de 1970 onde residem até o ano de 2018 e pretendem continuar residindo, neste período da compra a residência como ela descreve “já era velha”, Livia não sabe exatamente o ano de construção da residência, mas imagina que foi em meados de 1900, como o restante dos casarões de imigrantes que estão às margens da antiga estrada velha da vacaria.

Análise da paisagem

A principal edificação da propriedade, onde reside a família, possui porão misto de pedra e tijolo, que segundo Lunardi eram somente encaixados, posteriormente colocaram concreto entre os vãos do porão para dar mais segurança na estrutura, a sustentação entre o porão e o segundo pavimento é somente uma viga de madeira de araucária de 30 cm escorada em um pilar de 15cm. O piso entre o porão e o segundo pavimento é original de tábuas de pinheiro araucária, as paredes da edificação possuem 35cm de largura, o terceiro pavimento também é sótão.

Ao lado da residência existe um poço de água, ainda utilizado pela família, logo ao lado da edificação antiga existe uma casa contemporânea onde reside o filho de Livia Lunardi, nos fundos da casa contemporânea e ao longo da propriedade existem muros de taipas (técnica onde as pedras de basalto são colocadas uma em cima da outra na altura de mais ou menos 80cm, com o intuito de formar um muro para a divisão das propriedades e para a separação dos animais. Existe ainda a 20 metros da residência um galpão de madeira, a proprietária lembra ainda que existia estrebaria, chiqueiro e galinheiro mas que eles foram eliminando as edificações da propriedade a medida que foram deixando de trabalhar com os animais.

Fotos



Fachada Leste



Fachada Oeste



Fachada Leste



Porão



Porão



Fachada Sul



Fachada Norte



Muro de Taipa



Muro de Taipa



Poço

População ou Grupo étnicos Presentes

Descendentes de imigrantes italianos.


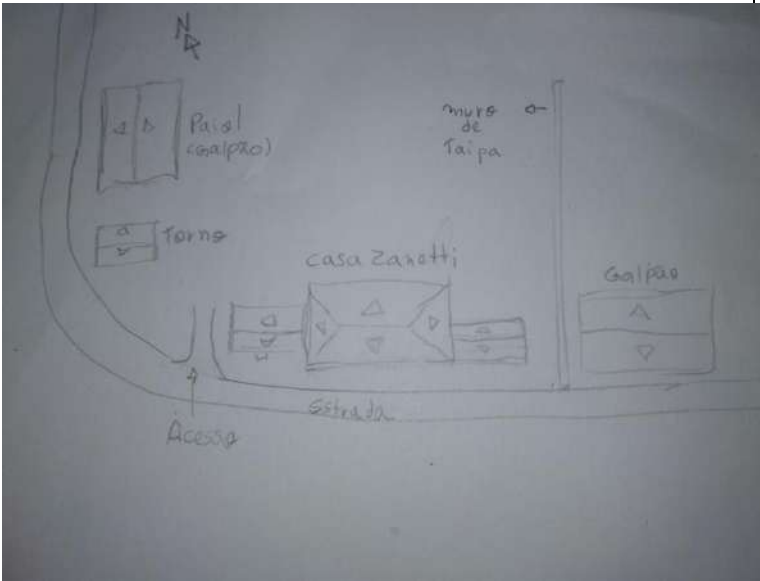
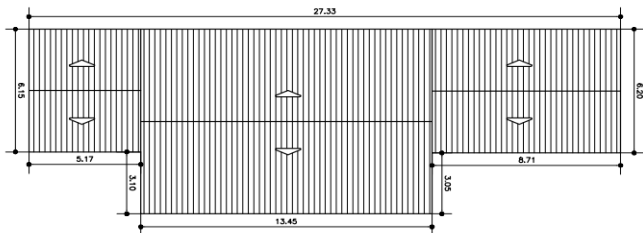


Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 3		Denominação do Bem: Casa Zanetti	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Monte Bérico
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Ênio Zanetti		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Residência e Comércio		Uso atual: Não utilizada	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -28,9968879		Longitude: -51,5594156	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos _____ 1 _____			

Instâncias		
Cultural	Morfológica	Funcional
<input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	<input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	<input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica	Paisagística	Legal
<input checked="" type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input checked="" type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação

<input type="checkbox"/> Muito Bom	<input type="checkbox"/> Ocupado	<input checked="" type="checkbox"/> Integro
<input type="checkbox"/> Bom	<input checked="" type="checkbox"/> Desocupado	<input type="checkbox"/> Pouco alterado
<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Abandonado	<input type="checkbox"/> Muito alterado
<input checked="" type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Invadido	<input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
	  <p>Casa Zanetti Escala 1:250</p>

Histórico

Foi comprada da família Giordani, depois virou residência e mercado. Foi também palco de uma emboscada feita a Paco o bandoleiro, um fora da lei conhecido por todos na região e no estado do Rio Grande do Sul, na ocasião ele matou dois policiais e fugiu pelos fundos da casa Zanetti.

Casa Zanetti é uma edificação muito famosa na cidade, foi primeiramente casa de pasto, edificação onde os tropeiros e carreteiros paravam para comer, dormir e dar descanso aos animais. Primeiro armazém da

cidade, também funcionou ali posto de gasolina e consultório odontológico.

Análise da paisagem

A residência principal possui porão de pedra com janelas em ferro fundido, primeiro e segundo andar feito com tijolos artesanais segundo Ênio Zanetti com barro pisado por porcos, a casa de madeira anexa foi na verdade a primeira construção, as paredes de tijolos da construção medem 35cm. O entorno da residência possui forno de pão com cobertura de telha e madeira, estrebaria e galpão em madeira.

Fotos



Conjunto



Fachada Oeste



Fachada Norte



Fachada Leste



Fachada Sul





Forno de pão.



Estrebaria e paiol (Galpão).

População ou Grupo étnicos Presentes

Anexo 1

Fotos valores estabelecidos ao Bem.

A edificação possui os moveis originais da residência e do armazém. Segue fotos.



No porão as pipas de vinhos utilizadas no armazém e também engradados de bebidas.



No primeiro pavimento onde funcionava a parte comercial, muitos móveis, este móvel era onde ficavam os objetos de perfumaria destinados as mulheres.



Cadeira de dentista.



Tacho para fazer comidas e no fundo móvel onde eram armazenados os produtos.



Balança.



Cristaleira em madeira de lei onde eram armazenados alguns produtos.



Uma cama no pavimento superior onde ficava a residência da família.


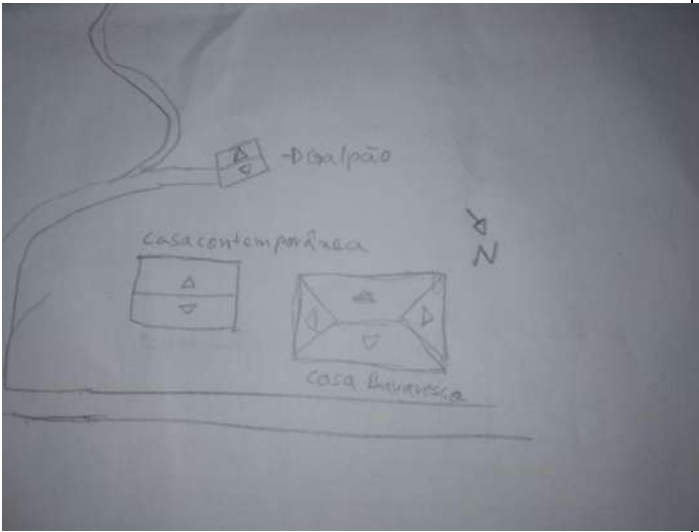
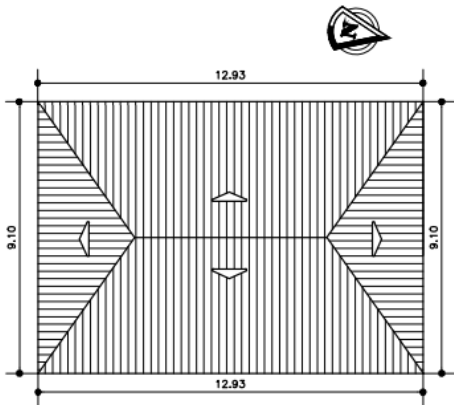


Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 4		Denominação do Bem: Casa Bavaresco	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input checked="" type="checkbox"/> Isolado <input type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Alzira Marta Bavaresco		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Residência		Uso atual: Não utilizada	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -29.015614		Longitude: - 51.581292	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos_____			

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica <input checked="" type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input checked="" type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	Paisagística <input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	Legal <input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação

<input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Ocupado <input checked="" type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input checked="" type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Situação	Croqui de Entorno
 <p>© Casa Bavaresco</p>	  <p>Casa Bavaresco Escala 1:250</p>

Histórico

A família Cavedon construiu a edificação, vendeu a Persinio Colau Melo, os atuais proprietários adquiriram a casa do filho de Persínio Colau Melo a proprietária acredita que a casa tenha em torno de 110 anos.

Análise da paisagem

Porão e primeiro andar feito de pedras encaixadas e tijolos, segundo pavimento feito de tijolos de barros artesanais, segundo andar foi removido e o telhado original recolocado. Janelas de porão em ferro fundido.

Casa contemporânea ao sul da Casa Bavaresco. Além da construção contemporânea, atual residência da família, não existe construções no entorno imediato.

Fotos



Fachada Leste



Fachada Sul



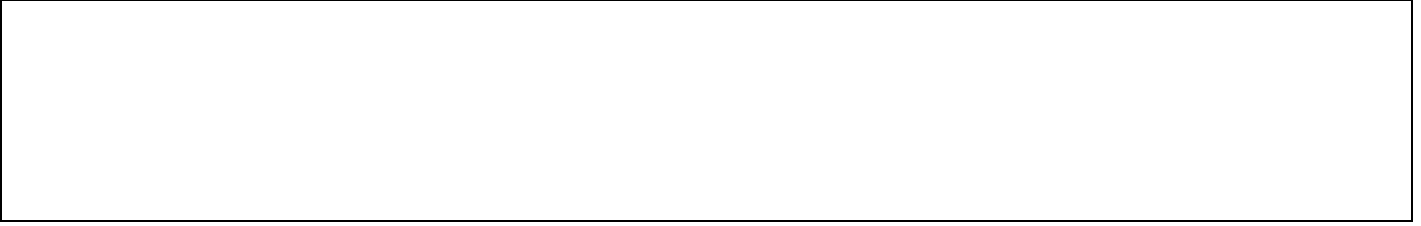
Fachada Oeste

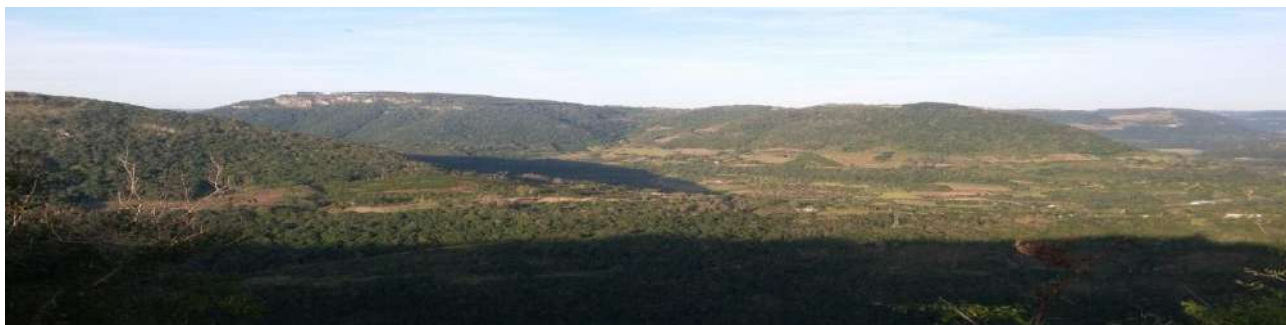


Fachada Norte



População ou Grupo étnicos Presentes





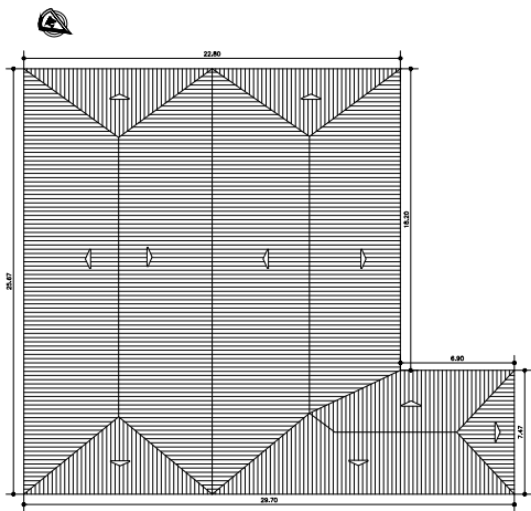


Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 5		Denominação do Bem: Cooperativa Aurora LTDA	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input checked="" type="checkbox"/> Isolado <input type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário:		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Cooperativa Vitivinícola		Uso atual: Não utilizada	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: - 29.016561		Longitude: -51.580489	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos _____			

Instâncias		
Cultural	Morfológica	Funcional
<input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	<input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	<input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica	Paisagística	Legal
<input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação

<input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Ocupado <input checked="" type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input type="checkbox"/> Integro <input checked="" type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Situação	Croqui de Entorno
	  <p>Cooperativa Aurora LTDA Escala 1:250</p>
Histórico	

Após o sucesso da cooperativa Aurora em Bento Gonçalves, os associados da cooperativa entenderam que com o movimento dos carreteiros e a produção vitivinícola de Veranópolis seria interessante implementar uma sede na área de Lajeadozinho, caminhos dos tropeiros e carroceiros. No entanto, a cooperativa faliu gerando desgosto aos sócios da região.

Análise da paisagem

A edificação é em alvenaria e possui um pé direito de 10 metros o pé direito alto servia para que fosse possível armazenar as pipas de vinhos. A estrutura do telhado era de madeira e telhas de cerâmica, porém foi feita substituição por telhado de zinco.

A edificação está isolada no lote, sem edificações no entorno imediato, fazendo parte da arqueologia industrial do município.

Fotos



Fachada Leste



Fachada Sul



Fachada Oeste**Fachada Norte****População ou Grupo étnicos Presentes**





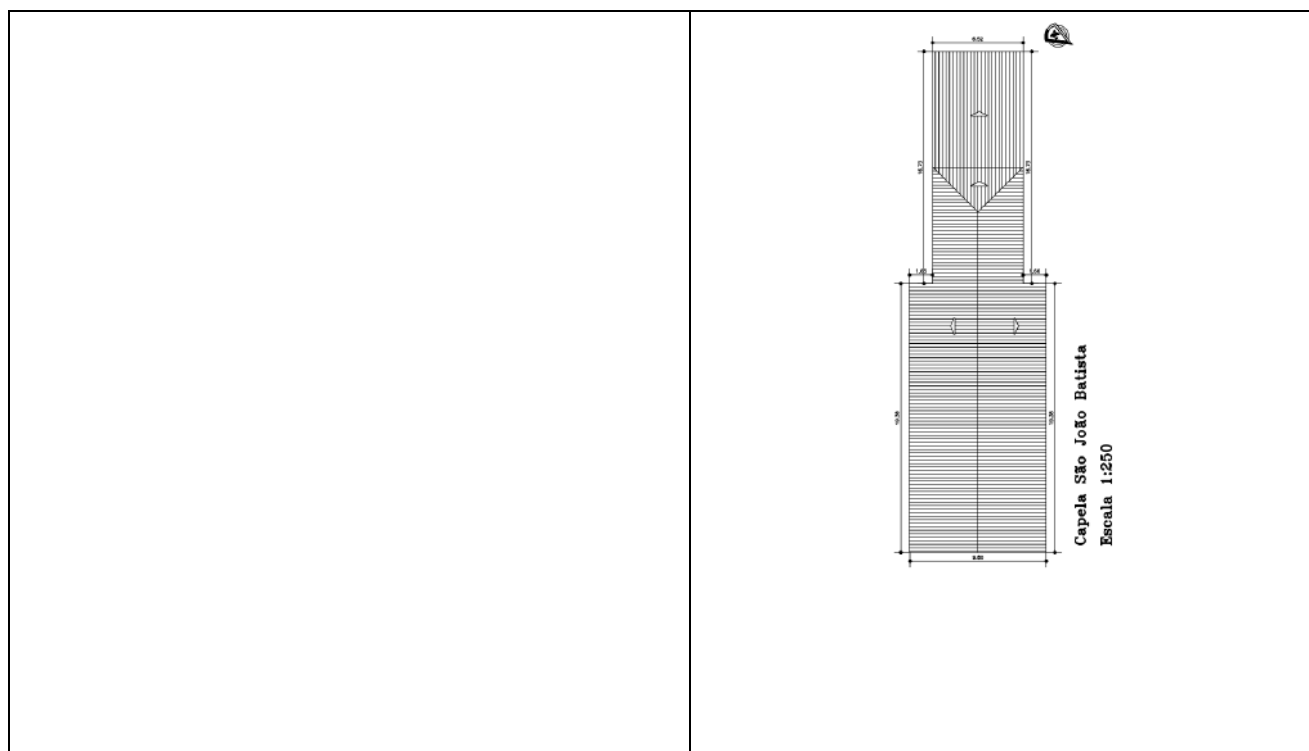
Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 6		Denominação do Bem: Capela São João Batista.	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Igreja Católica e comunidade Lajeadozinho.		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Templo Religioso		Uso atual: Templo Religioso	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -29.021465		Longitude: -51.582269	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos_____			

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input checked="" type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica	Paisagística	Legal

<input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input checked="" type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input checked="" type="checkbox"/> Ocupado <input type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input checked="" type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
 <p>Capela São João Batista</p>	 <p>Salão campanário capela combriso Busto José Bim estrada Mirante</p>



Histórico

Construída em 1910 é famosa por ter sido abençoada por Don Batista Scalabrini conhecido como sendo o apóstolo dos imigrantes. Está em perfeito estado de conservação, ao lado da igreja fica o Cemitério dos Imigrantes, o cemitério passou por muitas descaracterizações e muitas obras do escultor e marmorista José Soncini se perderam. Neste Cemitério está enterrado o poeta Mansueto Bernardi

Mansueto Bernardi (Pagnano di Asolo, 20 de março de 1888 — Veranópolis, 9 de setembro de 1966) foi um escritor, poeta e político ítalo-brasileiro. Veio recém nascido para o Brasil com sua família, que se instalou em Lajeadozinho, Veranópolis. De 1918 a 1930 foi fundador e diretor da Revista do Globo. Foi responsável pelo lançamento de nomes como Êrico Veríssimo. Participou no movimento que veio a culminar na Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas, de quem era amigo, à presidência. Em 1931, foi nomeado diretor da Casa da Moeda tendo elaborado o projeto da criação do sistema monetário nacional, que tinha por base o cruzeiro. A casa que construiu em 1946, a *Vila Bernardi*, onde residiu nas últimas duas décadas de sua vida, com sua biblioteca de 3500 livros, é hoje ponto turístico da cidade de Veranópolis. Foi sepultado no Cemitério dos Imigrantes, na comunidade rural de Lajeadozinho.

Mansueto Bernardi 1888-1966 compôs um poema em 1942, em homenagem aos imigrantes italianos

sepultados na comunidade rural de Lajeadozinho – Veranópolis/RS. Chamado Cemitério do Imigrantes. Seu amor pela paisagem cultural da comunidade rendeu o desejo de ser sepultado em Lajeadozinho, seu mausoléu tornou-se ponto turístico, mas o cemitério possui um segredo, Mansueto não está no mausoléu e sim enterrado na terra em uma lápide não marcada, pois assim ele quis. O poema Cemitério dos Imigrantes já foi vertido para a língua Alemã e Italiana.

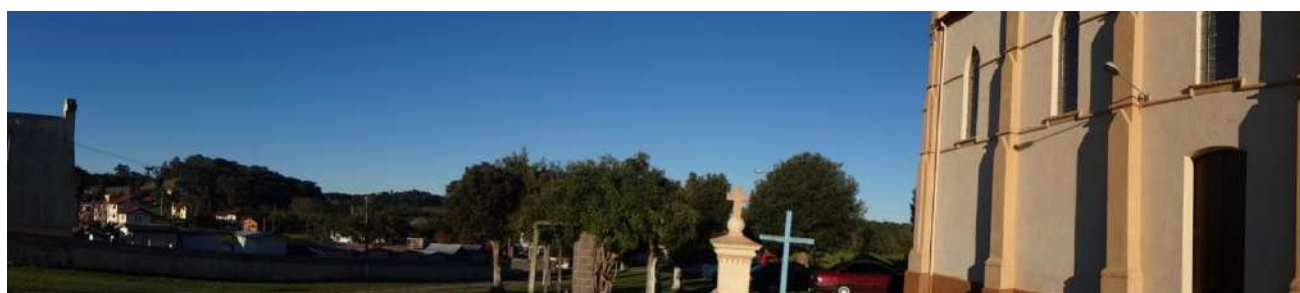
Análise da paisagem

A Capela São João Batista possui um conjunto arquitetônico típico de comunidades de áreas rurais, no conjunto existe capela, cemitério e salão comunitário, sendo dividido em uma parte onde os homens se encontram nos finais de semana e que possui um bar e um ginásio onde ocorrem reuniões, festas e bailes.

Nos jardins da capela existe o memorial aos primeiros imigrantes, a cruz missionária e ainda o busto de Antônio Bin, o primeiro a plantar um pé de maçã no Brasil, o que deu a Veranópolis o título de Berço nacional da Maçã.

Nos fundos da capela existe um mirante, neste mirante é possível ver as montanhas e os pomares de maçã das propriedades próximas a igreja.

Fotos



Entorno Imediato (Cemitério dos Imigrantes, Memórial dos Imigrantes)



Fachada Leste



Fachada Norte



Fachada Oeste



Interior da Igreja



Cemitério dos Imigrantes



Ossuário dos imigrantes



Busto Antônio Bin



Mirante

População ou Grupo étnicos Presentes

Descendentes de imigrantes italianos.


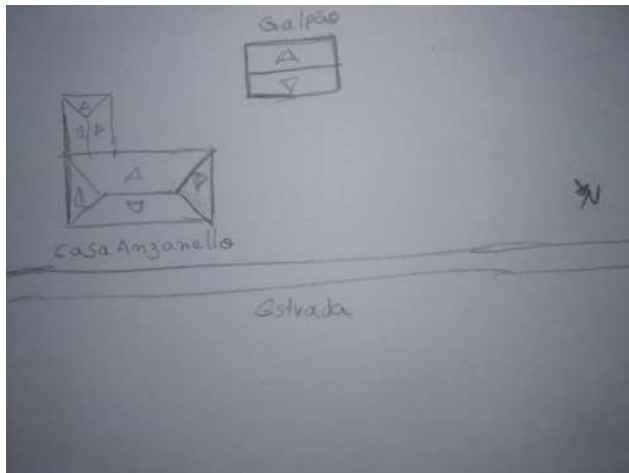


Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 7		Denominação do Bem: Casa Anzanello	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Descendentes de Anzanello		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Residência e comércio		Uso atual: Não utilizada	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -29.021465		Longitude: -51.582269	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos _____			

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica <input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	Paisagística <input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	Legal <input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal

Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Ocupado <input checked="" type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input checked="" type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
	

Histórico
<p>A Casa Anzanello foi construída por Giuseppe Anzanello em 1890. A casa Anzanello foi uma das primeiras casas de pasto da região, as casas de pasto eram ao mesmo tempo casas de negócio e posto de correio. Representavam também o elo entre a comunidade local com a sociedade brasileira e com as autoridades civis, fora das sedes municipais.</p>
Análise da paisagem
<p>A casa e o galpão foram construídas em madeira de pinheiro araucária, a casa principal possui dois andares e um sótão, servia como casa comercial e hotel, tinha na época a função que a rodoviária desempenha hoje. Nas casas de pastos e nas casas de negócios a atividade comercial desenvolvia-se na própria moradia do dono do estabelecimento.</p>
Fotos

**Fachada Leste****Fachada Norte****Entorno****Fachada Sul**

População ou Grupo étnicos Presentes


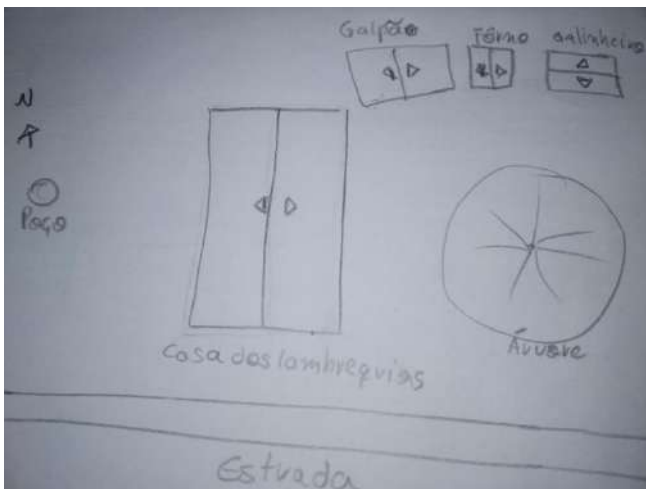


Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 8		Denominação do Bem: Casa Lambrequins.	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Descendentes de Anzanelo		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Residência		Uso atual: Não utilizada	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -29.021465		Longitude: -51.582269	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos _____			

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica <input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento	Paisagística <input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da	Legal <input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal

<input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	
Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input type="checkbox"/> Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Ocupado <input checked="" type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input checked="" type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
	

Histórico
<p>A Casa, conhecida como Casa dos Lambrequins, possui em sua fachada a data de 1934, era também propriedade da família Anzanello, assim como a casa de pasto Anzanello. Esta casa é muito famosa, pois os moradores da comunidade dizem que todas as suas paredes são pintadas a mão imitando um papel de parede. Não foi possível ter acesso a entrada da casa, pois a dona faleceu e os herdeiros não residem no município de Veranópolis.</p>
Análise da paisagem
<p>A residência possui a fachada principal em Alvenaria, porão de basalto e as paredes laterais e divisórias feitas de madeira. No entorno, forno de pão, galpão e galinheiro, além do poço.</p> <p>Também é notória a árvore ao lado da casa um pé de umbu, não se sabe a idade da árvore porém estima-se</p>

que ela tenha no mínimo 200 anos.

Fotos



Fachada Oeste



Fachada Sul



Fachada Norte



Entorno



Arvore Umbu



Entorno Imediato



Forno



Janela e data fachada principal



Poço

População ou Grupo étnicos Presentes





Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 9		Denominação do Bem: Casa Antônio Bin	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Descendentes de Antônio Bin		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Residência		Uso atual: Não utilizada	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -29.021465		Longitude: -51.582269	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos_____			

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input checked="" type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica <input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	Paisagística <input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	Legal <input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal

Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input type="checkbox"/> Ocupado <input checked="" type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input checked="" type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
	

Histórico

Esta propriedade possui muita importância para o município de Veranópolis, pois nela residiu o senhor José Bin, o primeiro a plantar um pé de maçã no Brasil em 1935. Antônio Bin escreveu uma carta relatando sua história. Segundo o site da prefeitura de Veranópolis o agricultor, que comprou uma maçã vinda da Califórnia, em 1935, plantou na comunidade de Lajeadozinho, em Veranópolis, cinco sementes e conseguiu que um pezinho sobrevivesse, o qual, após enxerto, produziu uma qualidade especial de maçã, que não murchava e não perdia peso depois de muito tempo guardado. Com o passar do tempo, José Bin foi multiplicando a macieira e dela fazendo novos enxertos, distribuindo para seus vizinhos, começando assim a surgir pomares desta variedade, denominada Maçã José Bin.

Em 1960, a comunidade de Lajeadozinho teve a iniciativa de realizar a 1ª Festa da Maçã, obtendo muito sucesso, já que o cultivo da maçã ganhava espaço no setor agrícola. Iniciando como festa local, que acontecia no Distrito, o evento cresceu e em 1976, com a presença dos então Presidente da República Ernesto Geisel e Governador do RS Sinival Guazelli, aconteceu a 1ª Festa Nacional da Maçã (Femaça).

Por ser pioneiro no cultivo da maçã no Brasil, hoje Veranópolis é conhecido como Berço Nacional da Maçã e a Femaça – hoje Feira Nacional da Maçã e Agroindústria de Veranópolis - tornou-se uma festa tradicional no calendário da região, mostrando para todo o Brasil o potencial turístico e empresarial do município.

A residência de Antônio Bin foi construída em um desnível, desta forma a fachada principal, é apoiada no solo, enquanto a fachada leste está apoiada em paredes e pilares de tijolos, o fechamento do porão é em madeira, assim como o resto da construção.

No entorno imediato em frente à casa de Antônio Bin existe uma edificação contemporânea, atual residência dos moradores da propriedade, ao sul da fachada principal, dois galpões onde é armazenado materiais e maquinários.

A propriedade se encontra no topo de uma montanha, desta forma possui um mirante natural em

que se visualiza o lado rural de Bento Gonçalves e a ponte Ernesto Dorneles.

Possui em frente à fachada principal da edificação um lago e ao sul uma nascente, e acima da nascente uma ponte primitiva feita de taipa (pedras encaixadas) para dar continuidade a estrada que segue pela propriedade.

Fotos

A história da minha maçã é a seguinte:
 Sempre como maçã no mercado tem-
 pleta em Trunçópolis no ano de 1935.
 Esta semente veio da Califórnia. Esta
 fruta era muito boa, saborosa. Eu plantei
 semente e comecei que sobrevivesse um
 filhote, o qual foi plantado, e começou uma
 produção especial. Especial porque
 não murcha e não perde o peso
 depois de muito tempo guardado.
 Fazia frutos que a maçã pequena e
 nova produz. Este seria o meu desejo,
 e creio que poderá ser atendido. Não
 é querer muito, mas gostava, pois
 por meus, como por muitos filhos, netos
 e bisnetos.
 Depois que fiz o meu plantio, que
 também começou uma quantidade de ti-
 go que acabou o nome de Tigo Tigo de
 1935 no ano de 1930 mais de 1000. Li-
 gou o Dr. Osório Carneiro, agrônomo. Que
 este tipo é a de maçã quadrada.
 José Bin



Carta escrita por seu Antônio Bin

Antônio Bin e esposa – Acervo Elígio Parise



Macieira José Bin – Acervo Elégio Parise



Fachada Oeste



Fachada Sul e Leste



Galpões





**Entorno
taipa**

Riacho próximo a edificação, protegido por



Vista da ponte Ernesto Dorneles



Vista montanhas de Bento Gonçalves

Descendentes de imigrantes Italianos.


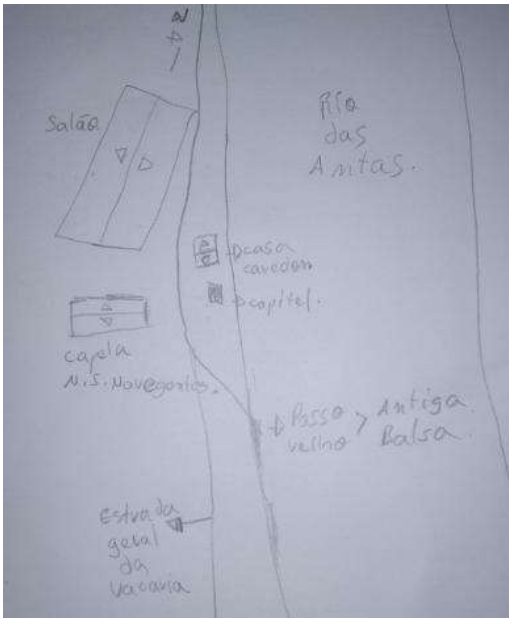


Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 10		Denominação do Bem: Casa Cavedon	
País: Brasil		Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria			
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural		Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Elza Rigoni.		Telefone:	Email:
Contato:			
Uso original: Hotel e Ferraria.		Uso atual: Residência e Depósito	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:			
Latitude: -29.021465		Longitude: -51.582269	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos_____			

Instâncias		
Cultural <input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	Morfológica <input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	Funcional <input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input checked="" type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica <input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	Paisagística <input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	Legal <input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal

Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input checked="" type="checkbox"/> Ocupado <input type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input checked="" type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Situação	Croqui de Entorno
	

Histórico
<p>As ferrarias e marcenarias eram muito importantes como apoio aos carreteiros, pois estes devido ao péssimo estado de conservação das estradas da época necessitavam de constantes reparos nas carroças e nas ferraduras dos animais.</p> <p>A ferraria da família Cavedon fica ao lado do Hotel Cavedon, as duas edificações são propriedades de Elza Rigoni. O hotel atualmente funciona como residência e a ferraria como depósito.</p>
Análise da paisagem
<p>A Edificação do antigo hotel Cavedon, hoje residência de Elza Rigoni foi construída em madeira e está localizada as margens do rio das antas, a norte da edificação está a antiga ferraria Cavedon também construída em madeira hoje sendo utilizada como depósito.</p>
Fotos



Fachada Oeste



Fachada Oeste



Fachada Norte



Forno de pão.



Ferraria Cavedon fachada leste.



Ferraria Cavedon fachada oeste.

População ou Grupo étnicos Presentes

Descendientes de inmigrantes Italianos.



Ficha de Inventário de Paisagem Cultural – Veranópolis.

Ficha nº: 11	Denominação do Bem: Capela Nossa Senhora de Navegantes.	
País: Brasil	Município: Veranópolis - RS	Localidade: Lajeadozinho
Endereço/ Localização: Antiga Estrada Geral da Vacaria		
Situação <input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural	Composição: <input type="checkbox"/> Isolado <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto	
Proprietário: Igreja Católica e Comunidade.	Telefone:	Email:
Contato:		
Uso original: Templo Religioso	Uso atual: Templo Religioso	Proteção existente: Nenhuma
Dados Geográficos:		
Latitude: -29.021465	Longitude: -51.582269	Elevação:
Bens Móveis: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Ver Anexos_____		

Instâncias		
Cultural	Morfológica	Funcional
<input checked="" type="checkbox"/> Referência histórica <input type="checkbox"/> Valor de antiguidade <input checked="" type="checkbox"/> Valor tradicional ou evocativo <input checked="" type="checkbox"/> Referência coletiva	<input checked="" type="checkbox"/> Valor arquitetônico <input checked="" type="checkbox"/> Referência historiográfica <input type="checkbox"/> Raridade formal <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial <input type="checkbox"/> Compatibilidade dos anexos	<input type="checkbox"/> Compatível com a estrutura urbana <input type="checkbox"/> Potencial de reciclagem <input checked="" type="checkbox"/> Uso tradicional <input type="checkbox"/> Uso Peculiar
Técnica	Paisagística	Legal
<input type="checkbox"/> Raridade na técnica construtiva <input type="checkbox"/> Raridade no emprego de materiais <input checked="" type="checkbox"/> Risco de desaparecimento <input type="checkbox"/> Bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Compatibilização com a paisagem <input checked="" type="checkbox"/> Conjunto de unidades - cenário <input type="checkbox"/> Estruturação do cenário da quadra <input checked="" type="checkbox"/> Elemento referencial	<input type="checkbox"/> Proteção Federal <input type="checkbox"/> Proteção Estadual <input type="checkbox"/> Proteção Municipal

Estado de Conservação	Estado de Ocupação	Estado de Preservação
<input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Precário	<input checked="" type="checkbox"/> Ocupado <input type="checkbox"/> Desocupado <input type="checkbox"/> Abandonado <input type="checkbox"/> Invadido	<input checked="" type="checkbox"/> Integro <input type="checkbox"/> Pouco alterado <input type="checkbox"/> Muito alterado <input type="checkbox"/> Descaracterizado

Histórico
<p>Todo mês de fevereiro é feita a festa de navegantes na capela onde a santa segue em um barco e desse um trecho do rio, seguida pelas embarcações dos moradores da região.</p>
Análise da paisagem
<p>A Capela de Nossa Senhora de Navegantes, é feita em madeira. Com base de pedras. Localizada as margens do rio das Antas, faz parte de um complexo típico de capelas da área rural, com salão de festas anexo.</p>
Fotos



Fachada Leste



Fachada Norte



Fachada Sul



Salão de Festas



Salão de Festas



Jardim em frente à capela

População ou Grupo étnicos Presentes

Descendentes de imigrantes Italianos.

Situação	Croqui de Entorno
